

LENDAS
E
CANÇÕES POPULARES

Governo do Estado do Ceará

Governador

Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador

Francisco José Pinheiro

Secretário da Cultura

Francisco Auto Filho

Secretária Executiva da Cultura

Alda de Oliveira

Coordenadoria de Políticas do Livro e de Acervos

Karine David

Raymundo Netto (Coordenação Editorial)

Coordenadoria de Patrimônio Artístico e Cultural

Otávio Menezes

Diretoria da Casa de Juvenal Galeno

Antônio Santiago Galeno Júnior

Coleção Nossa Cultura

Conselho Editorial

Ângela Maria R. Mota de Gutiérrez

Cristina Rodrigues Holanda

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

Jorge Pieiro

Maria Eleuda de Carvalho

Rafael Sânzio de Azevedo

Sarah Diva da Silva Ipiranga

Juvenal Galeno
— OBRA COMPLETA —

**LENDAS
E
CANÇÕES POPULARES**
5ª EDIÇÃO

Organização
Raymundo Netto

Seleção de Juízos Críticos sobre a Obra

Estudo Crítico e Biográfico de Juvenal Galeno
Dimas Macedo



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

Fortaleza - Ceará
2010

Juvenal Galeno: obra completa

Lendas e Canções Populares

5ª edição

Copyright © 2010 Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Todos os direitos desta edição reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19.02.1988 à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da SECULT/CE.

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n, 3º andar, Fortaleza, Ceará

CEP: 60.839-900

www.secult.ce.gov.br

Casa de Juvenal Galeno

Rua General Sampaio, 1128, Centro, Fortaleza, Ceará

Coordenação editorial

Raymundo Netto

Revisão de texto

Carlos Roberto Vazconcelos

Digitação do original

Remo

Capa

Mariano Souza e Raymundo Netto

Programação visual e diagramação

Francisco Batista

Ilustrações

Na capa: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela da poetisa e artista plástica Jane Blumberg

Na orelha: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela de Otacílio de Azevedo

A seguir: Capa e folha de rosto da 2ª edição de *Lendas e Canções...*; capa de Nearco Araújo para a 3ª edição; "Juvenal Galeno", óleo sobre tela de Vicente Leite, 1933, e capa com xilogravura de Stênio para a 4ª edição.

Foto de orelha: Cédula de votação de Eurico Facó para a eleição do "Príncipe dos Poetas Cearenses Vivos", da *Ceará Ilustrado*, de Demócrito Rocha, acervo da Casa de Juvenal Galeno (foto: Raymundo Netto)

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Catálogo na Fonte

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães- CRB 3 801

G 153 l Galeno, Juvenal (Obra Completa)
Lendas e Canções Populares. 5ª edição./ Raymundo Netto
[organizador]; Revisão Crítica por Dimas Macedo.- Fortaleza:
Secult, 2010.

584 p.: Ilust.

(Coleção Nossa Cultura)

ISBN: 978-85-7563-622-0

1. Galeno, Juvenal- 1836-1931- crítica e interpretação
2. Literatura Popular 3. Política Literária I. Raymundo Netto
II. Macedo, Dimas III. Título

CDD: 869.109



Juvenal Galvez

JUVENAL GALENO

LENDAS

E

CANÇÕES POPULARES

1859-1865

Segunda edição, augmentada com as novas lendas e canções
e precedida de novos estudos



CEARA

GUALTER R. SILVA -- EDITOR

AV. DA LIBERDADE, 100

FORTALEZA

1931

JUVENAL GALENO

LENDAS

R.

CANÇÕES POPULARES

1859 - 1865

Segunda edição, augmentada com as «Novas Lendas e Canções»
e precedida de juizos criticos



Handwritten notes in cursive script:
Xéyulis
Maciel
Lanencgen
de
Henriqueta
22-12-1936

CEARÁ

GUALTER R. SILVA — EDITOR

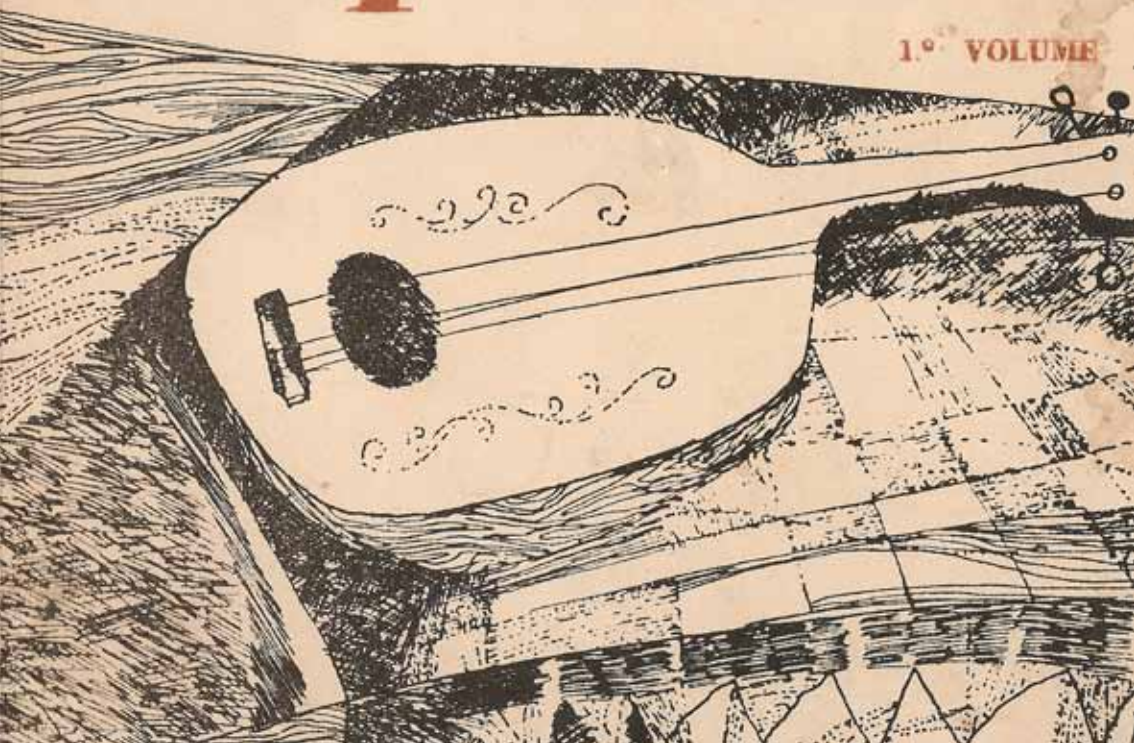
LIVRARIA E PAPELARIA

FORTALEZA

1892

Lendas e Canções Populares

1.º VOLUME





A Juliana Gotena
homenagem de
Vicente
1935

JUVENAL GALENO



Lendas e Canções Populares

CASA DE JUVENAL GALENO

ÍNDICE

Retorno às Origens	19
Juízos Críticos	23
1ª PARTE	59
História deste Livro	61
I – O Pobre Feliz	75
II – O Vaqueiro	80
III – O Velho Jangadeiro	84
IV – Amo-te Tanto	87
V – O Votante	90
VI – A Instrução	95
VII – A Esmola	99
VIII – O Filho do Patriota	101
IX – O Escravo	104
X – O Cajueiro Pequeno	107
XI – O Velho Caboclo	110
XII – O Pobre Cristão	117
XIII – O Beijo	119
XIV – A Vivandeira	121
XV – Tristão de Alencar	126
XVI – O Meu Roçado	129
XVII – O Sambista	133
XVIII – A Jangada	136
XIX – O Voto Livre	138
XX – Ai, Não Suspires!	141
XXI – O boiadeiro	142

XXII – Chiquinha.....	146
XXIII – Mistério do Mar	149
XXIV – O Escravo Suicida	151
XXV – A Esquecida	157
XXVI – Pranto Materno.....	158
XXVII – Antônio Carlos.....	160
XXVIII – O Anjinho	168
XXIX – A Reação	171
XXX – Teus Olhos	175
XXXI – A Graciosa	177
XXXII – A Mulatinha.....	180
XXXIII – Na Eira	183
XXXIV – Visão do Mar	186
XXXV – A Minha Casinha	189
XXXVI – José Bonifácio	193
XXXVII – O Trabalho	196
XXXVIII – Eu, Não!.....	199
XXXIX – O Rucinho	201
XL – O Pacto.....	204
XLI – A Filha do Pescador	210
XLII – Evaristo F. da Veiga	215
XLIII – À Isabel.....	221
XLIV – O Recruta.....	223
XLV – Arrufos	230
XLVI – O Rapaz da Guia	233
XLVII – A Noite na Senzala	235
XLVIII – Os Padres da Companhia	238
XLIX – O Primeiro Amor.....	242
L – A Cruz do Vale	245
LI – O Bom Pai	252
LII – As Formas do Governo.....	254

LIII – Recordações	257
LIV – Dirceu	260
LV – O Mal-Assombrado	261
LVI – A Infância	262
LVII – Às Urnas	267
LVIII – À Transviada.....	269
LIX – O Caipora	272
LX – A Guerra	274
LXI – Amor Conjugal	277
LXII – O Adeus do Soldado.....	282
LXIII – O Sapateiro.....	284
LXIV – A Amante do Soldado.....	288
LXV – Noite de Pranto	291
LXVI – A Escrava	297
LXVII – O Voluntário do Norte	308
LXVIII – A Cabocla.....	312
LXIX – Esta Noite	313
LXX – Ninando	315

2ª PARTE..... 319

I – Cantemos!	321
II – A Felicidade	323
III – Os Pescadores.....	328
IV – Meu Amor.....	333
V – A Desgraça	337
VI – A Costureira.....	339
VII – Não Sei!	343
VIII – Prelúdio.....	344
IX – Amanhecia.....	346
X – Os Dois Imperadores	348

XI – O Forasteiro.....	350
XII – Castelos ao Ar	357
XIII – Saudades do Sertão	361
XIV – A Flor Perdida.....	367
XV – Desconfiança.....	369
XVI – Viola.....	371
XVII – A Lavandeira	374
XVIII – Os Batalhões da Pátria	378
XIX – O Bem-te-vi.....	384
XX – Luciana.....	387
XXI – O Filho do Vaqueiro.....	393
XXII – O Coco	395
XXIII – O Bargado	398
XXIV – Cantiga Triste.....	412
XXV – A Casa de João.....	414
XXVI – Cativoiro.....	416
XXVII – A Engomadeira	419
XXVIII – O Medroso de Amor.....	422
XXIX – O Jornaleiro	424
XXX – A Vitória da Pátria.....	434
XXXI – Minh’alma	437
XXXII – O Topador	440
XXXIII – No Cafezal	445
XXXIV – Outrora e Hoje.....	449
XXXV – O Regresso.....	451
XXXVI – Sonho.....	455
XXXVII – O Vem-Vem	457
XXXVIII – Coração de Mulher	459
XXXIX – Ciúmes.....	463
XL – O General Tibúrcio.....	465
XLI – Leviana.....	467

XLII – Terra Alheia	469
XLIII – O Ciganinho	471
XLIV – Constância Sertaneja.....	474
XLV – As Flores	475
XLVI – O Mutilado	478
XLVII – A Sertaneja	482
XLVIII – Balada	485
XLIX – Os Sentidos.....	487
L – A Sorte	488
LI – As Moças.....	491
LII – A Penitência.....	494
LIII – A Seca do Ceará	496
LIV – O Abolicionista.....	502
LV – Ai de Mim.....	505
LVI – O General Sampaio.....	508
LVII – Alda	510
LVIII – Meu Coração	523
LIX – A Abolição	526
LX – O Emigrante	528
LXI – O Santo Bispo.....	531
LXII – Despedida.....	534
Notas	536
Apêndice: Estudo Crítico e Biográfico de Juvenal Galeno, por Dimas Macedo.....	561

RETORNO ÀS ORIGENS

A publicação, pela Secretaria da Cultura do Estado, de **Juvenal Galeno: obra completa** pretende iniciar uma nova fase na vida da famosa Casa que leva seu nome. Criada para preservar a memória do poeta, a Casa de Juvenal Galeno terminou por assumir, ao longo do tempo, outras funções que a levaram a pôr em plano secundário a política literária nacional-popular do autor de *Lendas e Canções Populares*.

Se essa política literária cumpriu, na origem, um papel decisivo na formulação de uma autêntica literatura nacional, como, na segunda metade do século XIX, buscou demonstrar o crítico Araripe Júnior em duas famosas cartas (a primeira, sobre a “literatura brasílica”, de 1869, e a segunda, sobre “A poesia sertaneja”, de 1875), agora, sob o impacto da “globalização” imperialista, ela readquire flagrante atualidade diante do avassalador “jugo de estrangeiras emoções”.

E foi o próprio Juvenal Galeno um dos primeiros a formular os fundamentos dessa então nova política literária. Na nota de introdução que escreveu para o livro *Lendas e Canções Populares* (1865), assim os exprimiu:

Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império – pugnan-do pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados, – em tudo servindo-me

da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos. Se consegui, não sei; mas para consegui-lo procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouvi e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias – aprendi seus costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos de sua alma, – com ele sorri e chorei, – e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava.

Não se limitou, porém, o nosso poeta a tratar a questão no terreno puramente antropológico. Sua concepção de política literária contempla a dimensão do engajamento sociopolítico, numa atitude que o singulariza entre os que, à época, propugnavam pela construção de uma literatura “brasílica”:

Chorei a sorte do povo, que nas ruas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhe expliquei; vendendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade, — e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores, — preparando-o assim para a reivindicação de seus foros, para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbítrio.

É a esses valores que se pretende fazer a Casa de Juvenal Galeno retornar agora, após a reforma e ampliação que o Governo do Estado promove. O novo programa da SECULT de apoio à

cultura popular cearense, cumprindo as diretrizes de governo do então candidato Cid Gomes, concretiza tais valores com a criação de uma rede de instituições que inclui, além da **Casa de Juvenal Galeno**, o **Memorial Patativa do Assaré**, restaurado e ampliado; o **Memorial do Poeta Agricultor Patativa do Assaré**, instalado na Serra de Santana; o **Memorial Cego Aderaldo**, em Quixadá; a **Lira Nordestina**, em Juazeiro do Norte, em parceria com a Prefeitura do Município e a Universidade Regional do Cariri; o **Centro Histórico-Cultural do Caldeirão**, em parceria com a Prefeitura do Crato; os **Memoriais das Culturas Indígenas**, o primeiro dos quais a ser instalado na Casa de José de Alencar, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará; o **Memorial dos Quilombolas**; os **Museus de Arte e Cultura Populares**, no Centro de Turismo de Fortaleza; **Arte Sacra Popular**, no Cariri, e do **Ex-Voto**, em Canindé; e, finalmente, a **Universidade Popular dos Mestres da Cultura Tradicional**. Outras instituições igualmente necessárias para a preservação e difusão das culturas populares do Ceará estão em estudo pelo corpo técnico da SECULT e entidades da sociedade civil local.

A necessidade da intervenção do poder público como suporte institucional dessa esfera de nossa cultura é não só obrigação constitucional do Estado, mas encontra respaldo na opinião de renomados estudiosos, como Tristão de Athayde, que, já em 1928, destacava: “Se o povo, mas que as gerações cultas, participa da natureza e das condições ambientes, nenhuma terra mais propícia à poesia popular que o Ceará”.

Auto Filho

Secretário da Cultura
do Estado do Ceará

JUÍZOS CRÍTICOS



O Brasil, nação novíssima, ramificação do velho tronco lusitano, parecia não poder encontrar uma literatura verdadeiramente nacional senão nas tradições dos seus primitivos habitantes, nas opulentas inspirações das suas florestas virgens. Mas o povo brasileiro não é o descendente direto dos índios: a raça conquistadora pouco se misturou com os selvagens, e principalmente substituiu-se a eles.

As tradições dos adoradores de Tupã estão muito longe de ser as tradições dos católicos devotos, que derrubaram as árvores majestosas dos bosques de Porto Seguro para fabricarem uma cruz. As suas tradições poéticas seriam, pois, as nossas; a sua literatura popular levar-lhe-ia de cá a nau dos Quintos, que voltava depois carregada com o ouro das minas brasileiras?

Não acontecia assim; os filhos de Portugal que iam residir nos países tropicais formavam lá nova família, diferente da família-mãe, e oprimida por esta, e com hábitos, simpatias, tendências e sentimentos modificados pela existência aventureira de colono, pela contemplação de uma natureza tão diferente, e pelos vexames que aqueles que lhes eram irmãos, enquanto viviam debaixo do mesmo céu, faziam chover sobre eles, apenas esses membros da família lusitana se viam separados uns dos outros pelas vastas solidões do Oceano.

A poesia impregnava-se, por conseguinte, de novas inspirações, e até a melodia das canções, afirmando-se pelos murmúrios dessa natureza voluptuosa, tomava, conservando a vaga

melancolia da cantiga européia, uma toada mais lânguida, uns requebros mais indolentes e queixosos, que formavam o encanto especial dessas *modinhas brasileiras* que enlevavam Beckford, o elegante inglês, o humorista aristocrata que residiu entre nós pelos fins do século passado.

O Sr. Juvenal Galeno, publicando o seu livro *Lendas e Canções Populares*, quis demonstrar a existência dessa poesia do povo brasileiro, e quis revelá-la ao mundo literário, dando-lhe uma forma um pouco mais cortesã, sem contudo se afastar da inspiração ingênua dos rudes trovadores. Foi plenamente feliz na sua tentativa; há no seu livro canções adoráveis de mimo e singeleza. A quadra popular:

Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor,
Eu também sou pequenino,
Carregadinho de amor;

Está admiravelmente desenvolvida nas estrofes do poeta brasileiro, que parecem continuação da cantiga com inspiração mais elevada, mas não menos singela. Senão, vejam as duas quadras:

Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor,
À sombra das tuas folhas
Venho cantar meu amor.

Acompanhado somente
Da brisa pelo rumor,
Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor.

O *Mistério do Mar* é um dramazinho legendário, sublime pela comovente simplicidade das suas estrofes. É um verdadeiro canto popular interpretado por um poeta de coração e de elevado talento. O jangadeiro fantástico passa ao longo do Oceano soltando às auras noturnas as suas lamentosas endechas:

“E a pobre gente da praia
Chora ouvindo este cantar;
Mais triste suspira a brisa,
Soluça a vaga do mar.”

Para ser sincero, como costume, direi que me parece não ser o Sr. Juvenal Galeno igualmente feliz nas poesias em que se afasta da musa do povo e tenta embocar a tuba da epopéia. Também devemos confessar que é uma ingratidão essa infidelidade, porque a meiga virgem das choças murmura bem doces inspirações ao ouvido do poeta que vai despreziosamente escutá-la. É essa a sua verdadeira vocação; não desdenhe a glória que daí lhe resultará e pense que a *Adozinda* é talvez o mais belo florão do poético diadema de Garret¹.

Pinheiro Chagas

* * *

¹ *Anuário do Arquivo Pitoresco*, de Lisboa, 1866.

JUVENAL GALENO

*Lendas e Canções Populares – Novas Lendas e Canções –
Ecos Silvestres – Folhas do Coração – Parangaba*

I

Quando a pena sabe traduzir os mais íntimos sentimentos, destituída de afetação e sóbria de imagens, ao mesmo tempo em estilo flutuante e sedutor, não pode restar dúvida de que aquele que a maneja é um dos privilegiados por Deus.

Há entre nós um poeta a quem só uma injustiça clamorosa se poderia negar a realidade do influxo dessa força pasmosa que produz os gênios e os artistas.

Espírito ardentíssimo e impressionável, entusiasta por tudo quanto lhe aparece revestido dos característicos do belo e do sublime, criado desde a sua mais tenra infância no meio dos majestosos espetáculos de uma natureza quase virgem apaixonou-se como verdadeiro filho das musas pela deusa que por seu mágico poder fora-lhe gradualmente fecundando o espírito, e o artista afinal consumou-se.

É ele o autor de um dos mais mimosos poemetos que se contam entre as nossas poucas produções verdadeiramente brasileiras.

Já bastante conhecido entre os fluminenses, que têm sabido devidamente apreciar as suas lindas poesias, não menos estimado pelos bons literatos de Portugal, onde por mais de uma vez hão sido transcritas produções suas, não necessitaria o distinto poeta cearense que eu, o mais carecedor de habilitações, lhe viesse tecer encômios, se o irrefletido espírito de crítica não procurasse tão frequentemente em nossa terra alçar o colo contra aquelas cousas que deveriam ser o primeiro objeto de suas atenções.

Hoje, o moço de quem me ocupo vive afastado das lidas mundanas, no silêncio do gabinete, completamente ignorado pela maior parte daqueles que se deleitam em folhear as suas obras; e aqui vai a razão pela qual mais me interessa em defendê-lo contra arguições falsas, que porventura poderão pesar na consciência de alguém que o não conheça.

II

Distante quatro léguas da cidade da Fortaleza ergue-se uma serra, que, desprendendo-se da cordilheira da Aratanha, vai extinguir-se nos arraiais dos tabuleiros, onde parece estacar ante a cólera do Oceano.

São tão elevadas estas montanhas, verdadeiros feudos do grande sistema orográfico de Ibiapaba, que, a despeito do calor sempre reinante na zona tórrida, vivem seus píncaros constantemente envoltos em espessos nevoeiros. Além disto oferece a formação destes acidentes terrestres um caráter tão excepcional, que impossível se torna ao viajante passar por semelhantes lugares, sem volver-se para os tremendos rochedos, que do meio das florestas circunvizinhas parecem precipitar-se sobre os abismos.

Entretanto, quem quer que se aproxime um pouco mais de suas faldas não se deixará tanto mover pela verde feição dessas paragens, como pelo risonho aspecto de alguns vastos cabeços adjacentes, onde se divisam aqui e acolá diversos pontos brancos em contraste perfeito com o verde-negro dos bosques.

Aí é onde se encontra a vida em antítese com a morbidez das selvas. São habitações em que imperam somente as tristezas ou alegrias humanas; são verdadeiros berços de inocências, suspensos alguns metros acima dos vales, até onde não pode chegar o rugido das populações corruptas.

E em geral só ao rude agricultor é dado auferir as vantagens de uma vida semelhante; ao agricultor, cujos horizontes não se dilatam além do círculo em que vive.

Não obstante, quantas almas poéticas não se destacam da proverbial selvaticidade desses lugares para contemplar a própria natureza, que lhes sói dar o alento.

Realmente não é possível imaginar um painel mais esplêndido do que o que se desenrola diante dos olhos dos habitantes de tão pitorescos recessos.

Aqui coleiam os regatos, descendo por entre as pedras, que povoam o lado da montanha; ali alargam-se as verdes plantações de café; acolá pendoam os imensos canaviais em roda das amenas locandas e engenhocas; mais ao longe azulam-se os açudes, repletos d'água; em seguida correm as alvas fitas das estradas, por onde desfilam os intermináveis comboios de algodão; afinal no horizonte lourejam os tabuleiros a par da escura linha do Oceano, que parece formar a moldura de tão majestoso quadro.

III

Foi em uma daquelas risonhas habitações onde cresceu o poeta da *Porangaba*. Foram estes os espetáculos que de mais perto lhe fecundaram a imaginação, e, criando-lhe uma fonte inexaurível de prazeres e inspirações, conseguiram revestir as suas produções de uma cor tão local, de tantos encantos e naturalidade.

Ali germinaram as *Primeiras Canções Populares*, publicadas de 1859 a 1864, que desde logo denunciaram o poeta do povo, concedendo-lhe o nome de que, com justo título, era carecedor.

A poesia intitulada – *Na Eira*, que se encontra na coleção de *Lendas e Canções Populares*, prova evidentemente quais tenham sido as primeiras impressões.

Foi necessariamente depois disto que o poeta desceu do seu ninho da montanha para divagar pela planície, alternando a contemplação dos espetáculos da criação com o estudo dos caracteres, convivendo com o povo e identificando-se com os seus costumes.

Quem porventura entre nós já conseguiu realizar no gênero popular o mesmo que Juvenal Galeno?

Entretanto, o poeta dominado pela excessiva modéstia que o caracteriza, julgando-se muito aquém do que realmente é, trepida em reconhecer o serviço prestado às nossas letras, e interroga ainda se os seus esforços hão correspondido às intenções que o dominaram.

Mas todos lhe respondem com o sorriso inocente que traduz nos lábios o gozo produzido pela leitura de tão simples quão engenhosas produções.

Ninguém melhor, nem com mais graça, tem pintado os costumes do rude lavrador, a vida do audaz e atrevido vaqueiro, ou a poética sorte do melancólico pescador; ninguém com mais delicadeza tem chegado a penetrar nos segredos do lar doméstico do pobre, e sabido com tanta destreza acompanhá-lo em suas felicidades ou torturas, em suas festas ou brinquedos; ninguém afinal já conseguiu esboçar com mais vivas cores as desgraças das ínfimas classes sociais, dessas vítimas inglórias da prepotência dos subdelegados, da ignorância das autoridades, e, mais que tudo, do nosso desastrado sistema eleitoral.

IV

Basta folhear rapidamente o volume supracitado para reconhecer-se a verdade das minhas expressões.

Que pureza! que naturalidade não encerra a canção do –
Pobre Feliz!

Onde já foram descritas com mais ingenuidade e doçura as emoções que se apoderam do homem trabalhador, quando

reputa-se feliz e protegido pelos carinhos da mulher que o
ameiga, e benefícios do bom Deus que o ajuda?

Eis como exclama o pobre lavrador da canção:

“Sou pobre, mas sou ditoso:
De ninguém invejo o fado;
Me falta, sim, o dinheiro!
Mas de Rosa minha ao lado,
Não me falta amor constante,
Sossego, mimos, o agrado.”

E, mais adiante, satisfeito de ver a pequena habitação, que
surgira pelo encanto de suas laboriosas mãos:

“Tem minha casa um alpendre,
Junto deste a camarinha,
Mais um puxado, que Rosa
Chama espaçosa cozinha;
Caritó, jirau e redes
Adornam toda a casinha.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa
Cercado dos filhos meus.”
E os amores conjugais?

“Ao meio-dia, o trabalho
Se largo pra descansar,
No colo de minha Rosa
Venho a cabeça deitar,
Vendo meus filhos contentes
No meu constante folgar,

.....
 À tarde com meus filhinhos
 Vai Rosa ver-me ao roçado,
 Vê meu serviço e me afirma
 Que devo estar bem cansado;
 E dá-me certo olharzinho
 Que me tira todo o enfado.”

Outra poesia de muito merecimento, por sua propriedade, linguagem, tecnologia e abundância de traços fiéis, é a do – *Vaqueiro*.

Aí descreve-se um tipo original de nossos sertões; é a vida do homem rústico por excelência, que não recua ante o perigo, ora saltando abismos, ora pulando por cima dos mais corpulentos galhos, contanto que nunca deixe de trazer o ginete escanchado em cima dos rastos da rês arisca – objeto de todas as suas apreensões.

Nada lhe falta para ser completo, nem mesmo o coração sensível, que quase sempre se oculta debaixo desses grosseiros coiros.

“De véstia e perneiras, chapéu, guarda-peito,
 De peles curtidas... que lindo trajar!
 Com minha guiada, – montando o ginete,
 Que rincha fogoso, que sabe pular...
 A vida que eu levo,
 Ouvi-me cantar,

Eu boto o cavalo... que sente as esporas
 E assopra e se escanha nos rastos da rês;
 Ardente, brioso, sedento de glórias,
 Por altos e baixos correndo por três!

A vida que eu levo
Ouvi-me esta vez.

Então nas caatingas, rompendo espinheiros,
Saltando os valados qual passa o tufão,
Que louca vertigem! que fogo no peito!
Té o céu desafio no meu campeão!
Da vida que eu levo
Ouvi-me a canção.

Que louca vertigem! Por entre mil troncos
Fugindo aos embates, irado, a gritar,
O galho do mato de um pulo salvando,
Caindo na sela sem nunca parar!
A vida que eu levo
Ouvi-me cantar, etc.”

Longo seria enumerar todas as poesias deste primeiro ensaio, todos os trechos que não merecido o elogio dos sensatos e entendidos na matéria.

Basta folhear as primeiras. Qualquer uma acha-se acima de toda a censura.

Em todas elas se encontra o cunho dessa poesia popular, ridente ou melancólica e quase sempre saudosa, tão difícil na verdadeira interpretação e tão fácil na aparência, cujo único representante entre nós é Juvenal Galeno.

Não é a poesia popular de tão simples compreensão como se pensa ordinariamente, e, para que se consiga os resultados felizes desse afamado Renter, cuja mesa, na frase de um crítico da *Revista dos Dois Mundos*, não passava de um *gardeuse de vaches*, é necessário uma vocação decidida, um gênio especial,

dotes raríssimos, e, o mais que é – o segredo da vida íntima que nem por todos pode ser sentido ou descoberto.

O grande Beranger não será o tipo que mais tenha influído no espírito do nosso poeta para a formação do artista.

Creio que as suas inscrições são virgens. Eco do povo, filha das suas dores e alegrias, suspirou sua lira e vibraram a nossos ouvidos os seus cantos suaves e melancólicos.

A lira de J. Galeno não quer a ilustração. Gerada nas selvas, criada no meio das cenas populares, só aspira ao ingênuo repetir das cantigas apreendidas no colo da cabocla e na jangada do pescador.

Beranger, se não me engano, aspirou esfera superior. Se bem que poeta popular, foi mais o sentimento revolucionário que o inspirou. Cantava os sofrimentos de um povo menos rude, e os cantava quase sempre nas ruas da mais populosa das cidades do mundo.

Bradava – república! e, buscando a frase do vulgacho, interpretava então os sentimentos de patriotismo que lhe refervilhavam a mente.

Era o intérprete das turbas. Foi, portanto, o poeta de uma crise popular, e não tanto o puro revelador dos segredos das criaturas do bom Deus.

V

Citaremos em abono da nossa asserção as poesias intituladas *o Escravo*, *o Beijo*, *o Boiadão*, *o Sambista* e *o Cajueiro Pequeno*, poesias onde só transpira o estilo popular, no ritmo próprio, e em que sabem tão bem modelar os seus cantos simpáticos os homens agrestes do campo.

O Cajueiro Pequeno, principalmente, é uma das canções de que nunca mais nos esquecemos. Reprodução, quase intacta,

da tão conhecida cantiga de nossas armas, o poeta não lhe fez mais do que dar colorido e perfumá-la de sua virgem inspiração.

O *Beijo* é no gênero das *Faceiras* de Bruno Seabra. Não lhe falta o chiste, nem a malícia natural; tem sobre estas a superioridade da cor local. O poeta soube com tanta graça harmonizar a fonte, os pés descalços da morena, seu cabeção rendado, o pote d'água, os *mongongos* da gentil heroína de seus versos, com a beleza da inspiração, que a cada passo nos julgamos em pessoa a lutar e arrebatrar beijos da formosa dos campos.

Não menos naturalidade se encontra em outra sob o título *Na Eira*. É a história também de um beijo furtado a uma apanhadeira de café.

Eu Não é também um mimo. Ainda as graças de uma sertaneja.

Ai gentes que tirania
Que tamanha ingratidão!
Água e fogo tu me negas
À porta do coração?!

São versos estes que não se comentam. Há tanta naturalidade nesta frase que lê-la é o mesmo que aplaudi-la.

E muitas neste gênero dulcíssimo ainda poderíamos apontar.

Não fecharemos entretanto o volume das *Primeiras Canções* sem falarmos na poesia *O Voluntário do Norte*.

É uma bravata sem igual. Aí, porém, é justamente onde o autor revela a maior riqueza do fraseado popular. Derramou-o em torrentes.

Conhecida é a propriedade com que os nossos homens do mato se exprimem na veemência de seus sentimentos.

Longe de ser olhado esse modo particular de falar com o resultado do erro da inteligência, da estupidez da gente rude, prova antes a sua argúcia e vivacidade em pintar os objetos e cenas, que em torno de si se passam, com todas as suas cores reais e segundo as suas genuínas impressões.

Tem graça esse falar pitoresco:

Ele diz: – Eu faço pouco
O Brasil não vence, não! –
Ai... cabra! porque não sabes
Que eu sou “corisco e trovão”.

Espera, espera que o fama
Vai ensinar-te, lá vai...
Cabra, não morras! me espera,
Dentro do teu Paraguai!

É preciso não conhecer o nosso povo dos sertões para que não se veja quanto não vai de natural e verdadeiro nestes impropérios de sertanejo.

VI

Contavam os Lésbios que sendo a cabeça de Orfeu lançada ao Hebro, arrastada pelas águas deste rio, fora um dia, no eterno convolver-se das ondas do grande mar, atirada às praias da ilha afamada. E a este fato queriam atribuir a formosura dos seus campos e bosques, a fragrância de suas flores, a doçura do canto de suas aves e afinal o gênio poético dos seus habitantes.

Com efeito foi em Lesbos que nasceram Terpandro, o criador da lira, Alceu, precursor de Horácio, e Safo, a bela poetisa apaixonada de Fáon.

Em a nossa fecunda terra deveria ter também enalhado alguma cabeça de Orfeu; porque a cada passo jorra a poesia com aquela mesma abundância e vigor com que sobrepujam sobre todo o mundo as alterosas águas do Amazonas, o rei dos rios.

A natureza é aqui tão pródiga em seus favores e benefícios!

Parece que não houve sacrário que a este Brasil aventurado não fosse aberto e desvendado.

Tudo respira grandeza; tudo é belo; tudo é poesia!

Os espetáculos da natureza mais esplêndida reproduzem-se com indizível facilidade por toda a parte. As sensações agitam os cérebros e os corações. Impossível torna-se deixar de ser poeta.

E aí a razão e a história da naturalidade e fluência dessa poesia, que felizmente vai arraiando nos lisonjeiros horizontes da cabrália terra.

O solo, irmão daquele, em cujas inspirações formando-se o gênio de Chateaubriand, derramou pela Europa os gérmenes dessa nova escola, de onde têm saído as mais brilhantes produções de Lamartine e Victor Hugo, não podia ser tão ingrato à imaginação ardente dos filhos do trópico, que não lhes desse o gênio de sua nacional literatura.

Juvenal Galeno acalentado aos estos do sol deste Brasil, será talvez o precursor de uma plêiade brilhante em gênero diverso ao do saudoso Dias, que recebendo as virgens inspirações do torrão onde nasceu, solidificará uma literatura própria e original.

Bem haja as luzes com que o Criador o quis prender.

Em si vemos graças ao Eterno, a obra fiel da natureza.

O prisma refletiu por esta vez a verdade em todo o seu esplendor.

Longe dessa poesia artificial, envenenadora de tudo quanto há de verdadeiramente belo e ideal, poesia a que deram o nome de *realismo*, soube-o Deus guiar em suas puras intenções, confirmando o pensamento de Sthendal, que, uma vez por

todas digamos, deveria ser a norma de toda a crítica à literatura nacional:

“O verdadeiro talento, como essa borboleta das Índias, a que seus filhos dão o nome de *vismara*, nunca deixa de tomar a cor da planta sobre a qual se alimentou e viveu”.

VII

Temos agora diante de nossos olhos as últimas produções de Juvenal Galeno.

Depois de tantos anos de silêncio apareceram afinal as *Novas Lendas e Canções*. E, cousa singular! dir-se-ia que o autor cada vez mais se deixa impregnar desse perfume dos campos, que sempre constituiu o *cachet* de suas composições.

Já nas suas antigas produções sob o título *Na Eira, O Meu Roçado, A Minha Casinha, A Noite na Senzala*, traíra ele, de um modo expressivo, a vida e profissão que o alimentavam.

Neste volume mais do que nunca veio provar quanto é exata a asserção de Dechanel, em seu livro sobre a *Crítica Natural*, no que toca à influência exercida pela profissão e costumes na vocação e estilo de certos autores.

Aos exemplos de Sócrates que foi estatuário, Balzac, estudante de direito, Walter Scott *altorney* em Escóssia, Gautier pintor, Sainte Beuve anatomista, exemplos estes citados muito a propósito por aquele escritor, no intuito de mostrar as causas das predileções dominantes nestes indivíduos, acrescentaremos o exemplo do nosso poeta Juvenal Galeno – agricultor.

Quem não encontrará em sua frase essa rusticidade agradável, esse *deshabillé* característico do lavrador, que sempre foi alheio aos torniquetes da vida dos salões?

É mais uma prova que levantamos em favor da espontaneidade deste talento que honra agora as nossas letras.

Daí todo o prazer que nos causa a leitura destes versos tão simples quanto mimosos e cheios de graça.

Por certo o nosso poeta não desdenharia repetir a formosa quadra de J. B. Rousseau:

Puis je ne sains: tous ces vers qu'on admire
Ont un défaut, c'est qu'on ne peut les lire;
Et franchement, quoique um peu censuré,
J'aime encore mieux être lu qu' admiré.

A primeira poesia com que deparamos neste volume, no gênero popular, intitula-se – *Os Pescadores*.

É uma cantilena descrevendo as vicissitudes da vida de um jangadeiro.

Cheia de sentimento e amor, não se perde uma estrofe. Só quem não tiver percorrido as nossas praias e entrado em alguma dessas palhoças, desconhecerá o mérito de semelhante composição.

O Forasteiro não é menos digno de nota. Não podemos deixar de ceder à tentação; citaremos desta vez alguns versos:

Menina, nos teus cabelos
Fui aprender a nadar;
Faltou-me a luz dos teus olhos,
Perdido entre os abrolhos...
Não pude mais navegar.

É o puro estilo dos improvisadores do sertão. Seus sentimentos estão estampados nestes cinco versos com a maior exatidão possível.

Não podia ser mais feliz a rapsódia.

VIII

O sinal do verdadeiro talento é a clareza – a naturalidade.

Acontece quase sempre, quando lemos um trabalho artístico de perfeito cunho, acabarmos dizendo:

– Seria capaz de realizar outro tanto.

Nestas palavras se encerra todo o elogio do autor.

Entretanto, só a alma do artista ou do poeta poderá dizer que de esforços não lhe foram precisos para chegar a esse resultado.

É justamente no parecer fácil que está a grande dificuldade. Nada mais insuperável do que a simplicidade dos versos de Homero, quando pinta o desespero de Andrômaca pela partida de Heitor: seus gritos parecem sair do íntimo da alma do próprio leitor que os aplaude.

Ao contrário não pode haver cousa mais fácil do que exibir *tour de force* à Ponson du Terrail, à primeira vista tão deslumbrante, quando não passam os seus *Rocamboles* de perfeitas ilusões de bastidores de teatro.

Uma canção talvez tenha custado ao poeta que a produziu muito mais horas de vigílias, muito mais lampejos, do que o volume *in 4º* do romancista piegas, que se apresenta ousado a nossos olhos.

Porque as nossas almas cantam, embalando, o – *Cajueiro Pequenino*, julgamos muita vez essa composição de pouco mais ou nada.

É um engano.

Não será porventura a misteriosa musa popular, a vaga musa, a mais fecunda, a mais original e imaginosa, a que mais frequentemente ministra assuntos ao escritor consciencioso?

Nesse elaborar da ideia, que atravessando as massas se desenvolve e frutifica, há um fenômeno maravilhoso digno da mais aturada observação.

Para dele apropriar-se o artista é fácil de conceber de quanta coragem não deve dispor aquele que empreende árdua tarefa.

A propósito das dificuldades da canção reproduzirei aqui uma anedota referida por Eugênio de Mirecourt em seus *Contemporâneos*, quando fala do grande poeta nacional Beranger, fazendo a apologia do gênero que ilustrou este gênio da França.

Estava o grande poeta em uma das células da *Force*, em consequência da publicação de sua terceira coleção de poesias, onde vinham sob os títulos *Révérènds Pères*, *Les Chantres de Paroisse*, *Les Missionnaires* e outros, pensamentos que não agradaram ao poder.

Todos os poetas, literatos e artistas apressam-se em visitar o mártir do despotismo.

Entre eles aparece M. Viennet, a quem Mirecourt não dedica por certo simpatias. Viennet é dramaturgo e autor do *Arbogasto*.

– Oh! meu amigo, diz o poeta apenas vê o cancionista encarcerado que lhe sai ao encontro. Trabalha-se? Rimas sobre rimas, não é assim?... Há perto de seis meses que estais aqui, se não me engano. Faço ideia... Havemos de ter menos um volume já prontinho?

– Que! respondeu Beranger. Tinha muito que vir! Pensa então o Sr. que uma canção se fabrica do mesmo modo que uma tragédia?

Beranger tinha razão. Não era veleidade sua.

A quantos poemas serão preferíveis aos quatro versinhos do *Roi d'Yvetot*, essa quase invisível obra-prima que mereceu do próprio Napoleão, objeto da sátira, tantas gargalhadas e aplausos?!

Oh! oh! oh! oh! ah! ah! ah! ah!
Quel bon petit roi c'était lá!
Lá lá.

Cousas tão simples! Entretanto só o talento as poderá fazer.
É o caso do ovo de Colombo.
Neste número estão os versos de Gonçalves Dias:

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá...

E estes outros de voga popular:

Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
Eu também sou pequenino
Carregadinho de amor.

Antes de sua aparição ninguém se tinha lembrado de tão fáceis ideias!

Um exemplo mais dos versos de Juvenal Galeno, que temos agora sob a vista.

Não sei o que possa haver de superior em simplicidade aos seguintes versos da canção intitulada *O Bem-te-vi*.

Tu foges? Medrosa corres
Me deixando aqui sozinho?
Espera, Rosa! – Fugiu-me...
Bem-te-vi, mau passarinho!
Fez com que ela fugisse
Me deixando aqui sozinho!

- Bem...te...vi!
– Viu o quê?... Tu nada viste...
Que aleivoso bem-te-vi!

Igual lembrança já tivera J. de Alencar, n’*O Guarani*, quando a mimosa e loura Cecília, desnudando-se sob a arcaria de verdura para banhar o lindo corpo nas águas do Paquequer, assusta-se ao ouvir o grito dessa ave original de nossa selva, e cobre-se toda de rubor, julgando ser a indiscreta ave um dos aventureiros do castelo de seu pai.

Não perde, porém, o nosso poeta, a sua originalidade².

T. A. Araripe Júnior

² *Constituição* (1872), nºs 174, 179, 187 e 199. Infelizmente, o distinto literato não escreveu a conclusão deste juízo crítico.

ESCRITORES DO NORTE DO BRASIL

O Sr. Juvenal Galeno

Por muito tempo figurou em o nosso mundo literário o Sr. Juvenal Galeno. Os seus versos admiráveis por seu cunho popular foram reproduzidos do norte ao sul. Faz isto uns vinte anos.

Pouco a pouco foi desaparecendo da imprensa o nome do grande poeta. A luz do astro ocultava-se no horizonte do jornalismo, juntamente com a de outros que com ele formavam a constelação – Casimiro de Abreu, Teixeira de Melo, Almeida Braga, Calazans, Bruno Seabra e outros discípulos de Gonçalves Dias, Porto Alegre, Magalhães, Macedo, Laurindo, Otaviano Rosa.

Muitos contemporâneos ignoram onde vive o gracioso assimilador da poesia do norte, aquela poesia que andava e anda na boca dos pescadores, *matutos e sertanejos*.

Juvenal teve talvez as mesmas razões que José de Barcelos para abandonar as letras.

Era preciso ganhar a vida, e as suas produções, apesar de serem muito apreciadas, longe de lhe servirem de auxílio só lhe traziam despesas. É mais produtivo o café do que a poesia, posto que se harmonizam perfeitamente estas duas ideias e muitas vezes uma faz surgir a outra.

Respondendo em 9 de maio de 1884 a uma carta, em que eu pedia os seus apontamentos para poder fazer este trabalho, escreveu-me o Sr. Juvenal:

“Vivo nas matas, empregado na agricultura, etc.”.

É, pois, mais outro que perderam as letras depois de haver trabalhado não pouco por elas.

Digo não pouco, porque publicar neste país, e particularmente em uma das províncias do norte, três livros é dar prova de valor. Juvenal publicou em 1865 as *Lendas e Canções Populares*, que formam um volume em 8º de 415 páginas, em 1872 a *Lira Cearense*, um volume in-fólio de 188 páginas, e as *Cenas Populares*, volume de 283 páginas. É preciso reunir a estas as *Canções da Escola*, coleção de versos de uma moral singelíssima, obra adotada pelo Conselho de Instrução Pública do Ceará para uso das escolas primárias.

Cada um destes livros é um monumento para a literatura do norte. As *Canções Populares* não são somente um livro brasileiro sem rival em seu gênero. Não é temeridade afirmar que, por agora, é o livro mais popular que possuímos, isto é, o livro em que mais entra o sentimento, a vida e a maneira de falar do povo; e se não é ainda o nosso *Cancioneiro*, quem o lê fica convencido de que aquele poeta seria atualmente o mais competente para colecionar e restabelecer a poesia do povo, seu amigo, hóspede, companheiro e inspirador.

No prólogo o poeta afirma, e ao ler a obra se adquire a certeza de que assegura a verdade, que antes de escrever esse livro “tratou de conhecer o povo e identificar-se com ele; acompanhou-o passo a passo em sua vida diária, e então nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouviu e colecionou os seus cantos, as suas lendas e profecias; aprendeu os seus costumes, hábitos e superstições, falou-lhe em nome da pátria e guardou consigo os sentimentos de sua alma. Com ele riu e chorou, e depois escreveu o que sentia, o que cantava, o que lhe dizia, o que lhe inspirava”.

Aquele prólogo deve ser todo inteiro. Desprende-se dele uma expressão de vontade, que convence e encanta.

Deve orgulhar-se a Província ou a Escola Literária que possui um talento tão espontâneo e assimilador, o que admira tanto mais quanto o Sr. Juvenal Galeno não cursou as academias, nem conhece talvez as grandes literaturas. Ao fazer esta observação não tenho outro fim senão tratar de pôr em relevo o privilegiado talento do Sr. Juvenal Galeno, e não de maneira alguma diminuir o seu merecimento. Que pena causa ver que uma vocação tão grande não dê todo o fruto que poderia dar!

Juvenal Galeno não acompanha só povo nas suas alegrias e divertimentos; acompanha-o também em suas aflições e dores, e seja no primeiro ou no segundo caso, é um copista fiel a quem não escapa nenhuma linha, nenhum raio de luz, nenhuma sombra das situações morais, psicológicas ou mesmo patológicas do seu grande irmão.

Passemos a demonstrá-lo. Na poesia *O Pobre Feliz* encontram-se estes versos de suma graça e verdade:

De manhã a minha Rosa
Traz-me a “paçoca” e o café;
Almoçamos sobre a esteira
De palma de catolé,
Rodeado dos filhinhos,
Maria, João e José.

À noite jantamos todos;
Depois, juntos do fogão,
Traz-me a Rosa o meu cachimbo,
Um filho dá-me o tição;
Eis do pobre a sobremesa;
– Fumaças que vêm e vão.

Não lhes são inferiores os do *Vaqueiro*:

...Se é tempo do inverno
Bem cedo nós vamos o leite tirar,
E após o almoço... que faça ela os queijos
Qu' eu saio a cavalo, qu' eu vou campear.

Se é tempo de seca, que longas fadigas
Abrindo as cacimbas pra o gado beber!
As ramas cortando, que a rês me suplica,
Num berro mais triste que o triste gemer.

Se é tempo das feiras... se levo a boiada,
Ai! quantas saudades, que prantos então!
Na volta... que mimos! Ao filho uma gaita,
À esposa uma saia com seu cabeção.

No *Meu Roçado*:

Vindo que fosse o inverno
Plantá-lo fomos um dia;
As covas eu preparava,
O resto a Joana fazia,
Punha a semente, e de terra
Com seu pé a cova enchia.

Bom inverno após a limpa,
Todo o milho apendoou;
A mandioca escurece...
O meu arroz cacheou;
Jerimum e feijão verde
Logo em casa se provou.
No Sambista:
Quando pisei neste mundo
Foi de viola na mão,

Tocando meu choradinho,
Dançando uma função.

Dançando numa função,
Me peguem senão desmaio,
Deem-me da branca um copinho
Qu' eu quando bebo não caio.

Na *Jangada*:

Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
De dia vento de terra,
De noite vendo do mar?

No *Voto-livre*:

– Viva a pátria! a liberdade!
Viva o livre cidadão!
– Ai, Rosa, não me supliques
Que não vá para a eleição.

.....

– Ai, Rosa, bem me dizias...
Não é do povo a eleição,
Triunfou a força bruta,
Gemo agora na prisão!
Eis como é livre este império...
Como é livre o cidadão!

No *Boiadeiro*:

Dizendo sentido adeus
Às várzeas do meu sertão,
Pra feira vou caminhando
Na frente do boiadeiro.

É cou... mansão,
É cou... é cão.

No *Eleitor*:

Por ser esperto capanga
Do partido vencedor,
Me deram por quatro anos
O diploma de eleitor.
Foi justiça, foi a paga
Dos serviços de valor.

Pois sou grande na cabala,
Das urnas viciador:
E por causa de partido
Serei tudo... até traidor!
Que honraria...
Sou eleitor, saibam todos,
Dão-me agora – senhoria.

Todos os temas das poesias do Sr. Juvenal são tirados de assuntos nacionais, porém sempre descreve e canta o lado mais natural e original, revelando o seu inequívoco patriotismo: – ora o *Recruta*, ou o *Soldado de Castigo*, ora o *Escravo*, ora o *Compadre Ministro*, ora o *Sapateiro*.

Há nos escritores do norte uma superabundância de compaixão para com o pobre. Daí resulta que o pobre é uma figura, por assim dizer, obrigatória dos seus romances, dramas e poemas. Nenhum escritor dali confirma mais evidentemente este rasgo característico do que o Sr. Juvenal Galeno.

Os seus livros estão cheios dessas figuras que vêm a ser a parte sentimental e comovedora das suas inspirações.

Entre os temas tomados de costumes da nossa sociedade aparece às vezes uma poesia amorosa, formosíssima por sua singeleza e naturalidade. Está neste caso a que se intitula *Recordações*:

Era no mato à tardinha,
Quando encontrei-a sozinha,
Com seu machado a cortar.
– Adeus, senhora Maria...
Ela baixinho sorria,
Sorrindo estava a corar.

Então cortei toda a lenha,
Depois levei-a à casinha:
Ai! que amor, quanta ventura
Naquele mato à tardinha!

Surgia doce alvorada
Quando encontrei-a sentada
Junto à lagoa a cuidar;
– Não enche d'água o potinho?
Ela sorriu-se baixinho,
Sorrindo estava a corar.

Então enchi o seu potinho,
Só por não vê-la molhada...
Ai que amor, quanta ventura
Naquela doce alvorada!

Na *Lira Cearense*, que não foi mais do que uma publicação semanal em forma de periódico, exclusivamente sustentada por ele, vibram as mesmas cordas simpáticas, às quais deve a popularidade de que goza entre as classes rústicas do Ceará.

Quantos assuntos, Deus meu! quantos temas, que todos conhecemos, da inspiração mais natural e sem pretensões que seja possível imaginar!

Riscaí da *Lira* o nome que a individualiza, espargi pelas plagas do Norte essas produções espontâneas, e os que as ouvirem da boca do sertanejo, ou do pescador, dirão sem a menor dúvida de equívoco:

“São poesias do povo. Pertencem à musa anônima”. Sim. A forma é a mesma. Os temas se não são idênticos, pertencem à mesma origem, à mesma natureza.

Para maior semelhança, o poeta adaptou suas poesias ao ritmo e toada das canções com que se deleitam os vaqueiros no campo, o agricultor trabalhando no seu roçado, o pescador cortando as ondas em sua jangada veloz.

Mas essa simplicidade de forma, essa harmonia, esses desenhos, esses pequenos poemas enfim são devidos à observação, ao bom gosto, à delicadeza do sentimento que com outros dotes meritórios constituem a riqueza deste feliz engenho.

Nas *Cenas Populares* o autor prefere a prosa.

São soberbos estes contos pelo que diz respeito à ficção étnica.

Com as descrições do povo entretece o escritor reflexões morais, notícias históricas e políticas.

Lugares, pessoas, costumes, tudo ali é cearense, ou melhor, nortista.

Ele conhece, na verdade, todos os assuntos de que se ocupa.

E pinta com a frescura e bondade que só pode ter o que sente uma verdadeira paixão por esse mundo popular, tão rico de gozos simples e de harmonias virgens.

Em todos esses pequenos ensaios só descubro uma falta: a imaginação tem ali um lugar por demais secundário.

Em todos eles falta arte.

Os acidentes e matizes da vida nos sertões e nas praias parecem ali fotografados.

Mas não basta reproduzir fielmente, é preciso tecer as cenas, uni-las umas com as outras, de maneira que delas resulte um drama, porque o drama é tudo nas produções artísticas.

Um quadro, se não representa uma ação, carece de vida ainda que transborde de colorido.

O Sr. Juvenal interpretou ultimamente o seu silêncio publicando em dois jornais cearenses – *A Constituição e o Município de Santana* – duas produções poéticas para glorificar o movimento abolicionista que na cruzada contra a escravidão acaba de dar ao Ceará o posto de honra na vanguarda das demais províncias do Império.

A primeira das indicadas produções é um hino encomiástico à Cidade da Fortaleza, Capital da Província.

Foi publicado no dia 24 de maio de 1884, data memorável que os habitantes da Fortaleza escolheram para realizar a abolição da escravidão no município da Capital.

A segunda produção, *A Escrava*, é uma espécie de lenda mui comovedora.

Ambas confirmam o sentimentalismo tradicional do poeta, e o seu nobre interesse pela sorte do pobre e do povo.

A literatura do Norte, queiram ou não os que lhe são hostis, está esboçada, digo mal, já tem dado frutos, aos quais em futuro não muito remoto se juntarão outros talvez mais sazonados, porém já precedidos pelos que deixa aqui indicados o autor destas linhas³.

Franklin Távora

³ *A Semana*, Rio de Janeiro, 1887.

SOBRE LENDAS E CANÇÕES POPULARES

I

Carta do Conselheiro José Feliciano de Castilho

– “Deliciou-me a leitura do seu livro. Hoje, que andamos gafos de versos abstrusos e estilos nevoentos, refresca-se a alma, como quando no meio do areal desponta um oásis de verdura, lendo estas linhas – tão artísticas no seu desalinho, – tão magistras na sua singeleza – tão intérpretes no pensar de nós todos – tão repassadas de sentimentos bons e honestos – tão afeiçoadoras ao lar, à família, à Pátria, à natureza, à amizade, ao reto e ao belo – tão descritivas dos prazeres puros que a sociedade ainda de todo não pôde corromper – tão suavemente irônicas ou censoras do vício – tão elevadas, tão amenas, ou tão joviais, como aos assuntos convém.

Dizer que o livro seja totalmente isento de incorreções, seria loucamente excetuá-lo das condições humanas, e injuriar um juízo tão reto como se reconhece ser o de V. Sia.; essas desaparecerão sem dúvida em ulteriores edições, que um livro assim não pode deixar de ter⁴.”

4 *O Cearense* (1886), nº 2078.

II

Carta do Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro

– “No meu fraco entender prestou V. Sia. um relevante serviço às letras pátrias e concorreu poderosamente para delir a pecha de pouco original que lhes assacam alguns críticos estrangeiros, como acabo ainda de ler nos interessantes estudos sobre a literatura hispano-americana que recentemente publicou Tôres Caicedo. Sinto, porém, que V. Sia., levado por sua musa, eminentemente patriótica, se ocupasse de assuntos alheios ao que tinha em vista, deixando por isso de dar-nos maior número dessas ingênuas canções, repassadas de melancolia e ungidadas pelas auras do deserto.

Avante, meu ilustre poeta, inspire-se nas tradições pátrias, interrogue e preste atentos ouvidos à grande voz do povo e sua será a glória de haver iniciado um gênero que jazia esquecido, ou ignorado. Pois são sinceros votos de quem por simpatia confessa-se seu admirador, etc⁵.”

⁵ Idem, nº 2134.

III

Carta do Dr. A. Marques Rodrigues

– “Li e reli tão formoso livro porque no seu autor contemplo um belo talento, e um poeta verdadeiramente nacional. Há nas *Lendas* poesias, que, na imaginação fantástica, na censura do disfarçamento político, e nos tipos populares e cor local da nossa natureza, não são inferiores a muita cousa boa que admiramos nos poetas alemães, e nos cantos de Beranger e Pierre Dupont.

Na *Visão do Mar* a tainha a crescer, a crescer imitando o tubarão, indo, voltando, ligando-se à jangada, e tomando-lhe o tamanho, é concepção fantástica e arrojada, como a dos poetas alemães; o *Eleitor* nos faz lembrar em muitos pontos a musa cáustica e acerada de Beranger; e no *Meu Roçado* há tanta propriedade na descrição da nossa vida rural, na plantação do feijão, no preparar as covas, no apendoar do milho, no escurecer da mandioca, no cachoar do arroz, que torna-se palpável aos nossos olhos o que o poeta nos pinta em lindos versos, como Pierre Dupont nos pintou os grandes e vagarosos bois, na ocasião da lavra:

*Creuser profond et tracer droit
Bravant la pluie et les tempêtes;*

ou quando nos diz pela boca do singelo camponês:

*Lorsque je fais hatte pour boire,
Un brouillard sort de leus naseaux,
Et je vois leus corne noire
Se poser les petits oiseaux.*

É este ligeiro juízo que faço do formoso livro, etc⁶.”

6 *O Cearense* (1866), nº 2079.

IV

SEMANA LITERÁRIA

.....
.....

As canções populares do Sr. Juvenal Galeno são um ensaio feliz em muitos pontos; o autor mostra ter a qualidade especial do gênero; algumas das canções são bem escritas, e todas originais; o que o autor não parece cuidar com zelo e rigor é a versificação e a língua; e se muitas das suas canções primam pela ingenuidade e verdade da expressão, outras há que, postas na boca dum tipo imaginado, exprimem apenas os sentimentos do autor. Tal é, por exemplo, a canção do *Deputado. O Senador*, de Beranger, devia estar presente aos olhos do autor do *Deputado*. Não sabemos se o gênero poético escolhido pelo Sr. Juvenal Galeno terá muitos imitadores; a Canção é um gênero especial; para alcançar uma conveniente superioridade torna-se preciso ao Sr. Juvenal Galeno estudar mais profundamente a língua, e a versificação e os modelos: o seu talento é um filho da natureza; cumpre à arte desenvolvê-lo e educá-lo. Tais são os nossos sentimentos; aplaudindo a tentativa presente, aguardamo-nos para louvar-lhe as suas obras futuras⁷.”

Machado de Assis

⁷ *Diário do Rio de Janeiro* (1866), nº 79.

**LENDAS E
CANÇÕES POPULARES**

1ª PARTE



HISTÓRIA DESTE LIVRO

PRÓLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

I

Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império, – pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados, – em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos.

Se o consegui, não sei; mas para consegui-lo procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouvi e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias, – aprendi seus usos, costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos de sua alma, – com ele sorri e chorei, – e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava.

II

Acompanhei-o ao trabalho.

De enxada ao ombro e cachimbo ao queixo, encaminhava-se o pequeno lavrador ao roçado, ao cultivo dos duzentos passos de terreno que arrendara ao rico. Que prazer sentia ele nos

bons invernos, contemplando a verdura das plantas; quanta esperança; quanta satisfação planeando o emprego dos lucros que contava auferir! Manejando a enxada o pobre homem trabalhava de sol a sol, entoando de vez em quando a sua copla ao som da ferramenta, ajudado muitas vezes da mulher e dos filhos na *limpa*, na plantação ou na colheita, até à hora em que voltava à choça, ele carregando a lenha, ela e as crianças com o milho verde, o feijão, o jerimum.

Na praia, no alpendre da frágil cabana, a mulher do fangadeiro o esperava rodeada de seus filhinhos. Todos fitavam o mar procurando na linha o ponto branco que anuncia a aproximação da jangada. Desde a manhã, nada deixando para a refeição, partira o pescador em sua jangadinha, e fora naqueles quatro paus mal seguros pedir ao oceano o pão quotidiano. Que lhe importava o furor do mar e do vento? Embalado pelas ondas, e pela esperança de uma boa pescaria, passara o dia, enquanto a morena de seus amores, saudosa de seus afagos como a flor do areal saudosa dos orvalhos da manhã, pedia ao bom Deus, que não consentisse que as traidoras vagas lhe roubassem o pai de seus filhos. Entretanto mergulhava-se o sol nas ondas... e ela não desesperava, porque confiava na Misericórdia Divina, porque em qualquer lugar morreria ele se a Deus aprouvesse. Eis que alfim as criancinhas, batendo palmas, gritavam apontando a jangada no horizonte; pouco a pouco aproximava-se o arrimo, o fanal, a ventura daquela família; pouco a pouco, ouvia-se depois o canto melancólico do homem do mar:

“Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
De dia vento da terra,
De noite vento do mar?...”

Era ele que vinha, ora triste por ter sido infeliz na pescaria, ora alegre e ditoso por ter adquirido o necessário para matar a fome dos entes que mais amava no mundo. Aproava à terra, em breve encalhada, a família rodeava o miserável batel, com ele o empurrava sobre os *roletes* para fora do alcance das ondas, com ele encaminhava-se à choça conduzindo o peixe, com ele assentava-se à esteira de palmas no frugal banquete, e, após a prece, pernoitava para no seguinte dia repetir a mesma cena. Meu Deus! que vida pitoresca, quanta poesia nos cantares da pobre gente das praias, quanta originalidade!

No sertão, ouvindo os gemidos da rês deixando os seus campos, o sertanejo acompanhava a boiada em sua viagem ao mercado. Gado e condutores levavam saudades do torrãozinho natal. O rapazinho da guia arrancava de sua gaita sons tristes e melodiosos, que as reses ouviam muitas vezes em completa mudez, e outras vezes acompanhando-os com o seu mugir compassado e repassado de indizível ternura. Os *tangedores*, o *passador*, o vaqueiro, cada um de per si, cantavam suas canções de suave tristeza comemorando seus amores e a felicidade doméstica, ou alegres e cavalheirescas como as aventuras que historiavam. Um lutara com o novilho irado que escarvava o chão desafiando o sertão inteiro! Outro correria por montes e vales, no matagal espesso, entre rochas e espinheiros, resguardando o corpo apenas com sua roupagem de peles curtidas, campeando a rês bravía que zombava das valentias sertanejas!

Enquanto nas oficinas, os artesãos aos sons dos instrumentos do trabalho, cantavam também os sentimentos de sua alma, os feitos de seu viver.

Então, com o pequeno lavrador saudei a abundância da colheita, com o *criador* o aumento e boa venda do gado, e com o artesão a prosperidade de sua arte ou indústria; e com todos eles lamentei as secas, as epidemias, as perseguições policiais,

que lhes obstavam o trabalho, e profligui os onerosos tributos que pagavam – essa parte do suor do povo, que o Estado arranca para com ela encher a bolsa dos filhos do patronato!

III

Entrei no lar, e contemplei a família em sua vida íntima.

Ali o esposo sorria à singela mulher que lhe dera a Igreja, gozando de seus carinhos, embevecido com seus mimos e rodeado dos filhos, – contente, feliz, descansado, porque ganhara a refeição do dia, porque não tinha ambições, nem remorsos e nem cuidados sequer! E o mancebo, nos ardores da juventude, sonhava com o seu amor: naquela mesma tarde encontrara-se com a morena de seu querer, na devesa, à beira do caminho, ou na vereda da floresta, e lhe falara nos cismares e nas ânsias de seu afeto – ele de olhos baixos e corado como a virgem – e ela inocente, meiga, e casta como o anjo, e em ambos a veneração recíproca, o amor verdadeiro! E a adolescente sonhava também, anelando cada um o dia em que deixariam o lar da infância, para erguerem novas cabanas, criarem novas famílias.

Ali, a criança crescendo... crescendo sem aprender a ler! que não podiam seus pais, os quais também ignoravam as primeiras letras, levá-la à escola: esta não existia no lugar, ou se existia era-lhe vedada pela indigência; não tinham meios de vestir o filho, de comprar-lhe o livro, pois que as sobras de seus rendimentos entregavam, na paga dos impostos, à câmara municipal, para ela desperdiçá-las como bem lhe aprouvesse, sem realizar jamais a lei que lhe ordena o socorro à indigência na aquisição da instrução; pois que com as sobras de seus rendimentos pagavam ao padre por alto preço o batismo, o casamento, a missa ao domingo... ao padre, que assim negociava, que assim enricava, e que jamais lhes explicara a doutrina, dando-lhe o exemplo da avareza, do

egoísmo e dos vícios! Pois que as sobras de seus rendimentos mal chegavam para a farda da Guarda Nacional e para outras sanguessugas, que sem trégua, que impiedosamente chupam até a última gota o sangue do pobre, o sangue do povo!

Ali... a perdida, vivenda de suas amarguras; a rapariguinha, que fora deflorada pelo filho do rico, ou pelo subdelegado... ou que, por morte de seu pai, sendo arrancada ao materno colo, e entregue ao poderoso pelo juiz dos órfãos, tivera depois de muitos anos de cativo, como quase todas, por soldada a – prostituição! sendo o delinquente o filho de seus amos – e ela a castigada, porque fora a iludida, porque cedera talvez à violência! A perdida que não encontrara justiça nos tribunais, porque não tinha dinheiro para o processo; porque a lei escrita para crime de tão funestos resultados é a mais fraca de todas, é a que nunca se cumpre, principalmente quando o ofensor é rico, quando ele é o próprio juiz!

Encontrei também o escravo... que fugira aos seus opressores... que gemia com fome, frio, sem uma alegria n'alma, sem esperança, sem consolação! Abjeto... autômato... coisa! Reduzido a esse estado... ele também brasileiro... também filho de Deus... por essa lei bárbara que desonra o Império, que se diz civilizado, que se diz cristão!

Ali, finalmente, a família com suas felicidades e sorrisos, com seus pesares e prantos!

Nas horas da prece, à noite, todos ajoelhados ante o pequeno registro, pendurado à forquilha da choça, entoava seus hinos de verdadeira unção, rogando ao bom Deus o perdão de suas culpas, o descanso eterno para a alma do finado, e fortaleza para as lutas da vida; e aquelas preces assim entoadas, sob quatro palhas, à luz de uma candeia, falavam mais ao coração do que os cantares que nas grandes festas ressoam nos suntuosos templos, onde por entre o ouro, a ostentação, e o aparato, reina muita vez a hipocrisia!

Após a prece, começava o serão. Então o velho, o mancebo e a criança, conchegados ao redor da fogueira, contavam uma história, liam uma página da própria vida, ou da de outrem. Se era triste o serão, como eu chorava ouvindo o veterano alquebrado contar suas façanhas, comemorar os serviços prestados à Pátria, atentando-os com as cicatrizes que lhe cobriam o corpo... magro pela miséria! enquanto o histrião, o covarde, o corruto enchia seus cofres com a renda da nação! Como eu chorava, ouvindo aos velhos as suas saudades a história do passado das lutas, dos heróis, das desolações, e de mil cenas dolorosas que haviam presenciado no correr dos tempos!

Às vezes adormecia a dor, e então que terror na roda quando a velha contava as proezas do arteiro *caipora*, que montado num *caititu* e pedindo fumo, aparecera aos transviados na floresta; ou as *endemoninhações* do saci em noites de sexta-feira, nas porteiras do caminho; ou as cavilações do *maldito*; ou as histórias de miserandas almas vindas ao mundo para *purgar* pecados, pedindo orações que haviam prometido e não rezado, mostrando tesouros enterrados, e perseguindo aqueles que lhe haviam sido algozes na vida! Que terror quando o forasteiro contava a lenda da cruz do vale, do que ali presenciara à noite, antes de cantar o galo a terceira vez... e de outros muitos *malassombramentos*!

E que sorrisos, que admiração, quando o moço vaqueiro contava a história da rês afamada que lhe fizera perder tantas carreiras, e que só se rendera na grande seca, na *gangorra* da única cacimba que nos arredores havia! Ou da onça matreira, que impiedosa devastara os campos, ocultando-se durante o dia nas grotas das serranias vizinhas, e descendo à noite em procura do bezerro, que às vezes arrancara da porteira do curral! Ou do rapazinho amarelo, que sorrindo topava o mais arisco novilho do sertão... porque tinha *pautas* (pacto) com o demônio!

E que prazer no lar, quando voltava o jornaleiro de sua longa viagem! Por falta de trabalho rendoso, o filho das praias ou do sertão, de surrão às costas, fora às povoações agrícolas, e por lá demorara-se meses, trabalhando à jornal dos fazendeiros, economizando os ganhos, e aguardando saudoso o dia em que devera voltar; chegara esse dia ardentemente almejado, e viera ele oferecer à família o fruto de seu penoso trabalho. Ah, e como sorrindo e chorando de prazer o abraçavam seus pais, sua esposa, seus filhinhos! Todos em redor, ouviam-no depois contar a história da sua peregrinação; contava ele como cultivavam o cafezeiro nas montanhas, o que lhe acontecera de mais curioso nos seus labores, no caminho, na ida e na volta, e após abria a bolsa cheia de gotas de seu suor transformadas em metal, prometendo recompensar a família de tanta saudade que houvera curtido, de tanta privação que em sua ausência houvera sofrido: a cena tocante, que todos os dias se repete nos lugares onde a agricultura se arrima no braço do livre, e não do escravo, que esteriliza a terra com o suor da aflição, com os prantos da agonia!

Outras noites eram votadas à festa, motivada por um casamento, ou batizado, ou pela morte da criancinha – pois o povo festeja a partida do anjo, como a igreja a festeja nas cores com que se traça, e no repicar de seus sinos.

Então, varria-se o alpendre, afinavam-se os instrumentos – a viola e a rabeca – convidavam-se os vizinhos e os poetas, tendo-se previamente preparado potes de *aluá*, *cauim* ou vinho de mandioca, e comprado algumas botijas de aguardente; reuniam-se os convivas; as mulheres assentavam-se ao chão formando uma roda; junto delas os homens, quase todos em pé; em frente o banco dos tocadores da rabeca e da viola; e por trás os dois poetas que deviam cantar ao desafio durante a noite, e que aos primeiros prelúdios da matuta orquestra rompiam a festa entoando um deles esta ou semelhante copla:

“Nas horas de Deus, amém,
Não é zombaria, não,
Desafio o mundo inteiro
Pra cantar nesta função!”

O outro sem demora aceitava a luva, e respondia:

“Pra cantar nesta função,
Amigo, meu camarada,
Aceita teu desafio
O fama deste sertão!

Toda a noite no terreiro,
Ao toque deste baião,
Porque deu-me este destino
A Virgem da Conceição.”

Nada mais era preciso para travar-se a contenda. Logo um dos galãs, ou o galhofeiro dono da casa saía e dançava atirando na morena que melhor sapateava.

Animava-se a festa. Cuias de *alúá* ou *cauim* passavam de mão em mão entre os convivas, e em seguida o copinho ou a xícara de aguardente. A viola chorava no baião, a rabeça acompanhava-a com seus gemidos, e os poetas lutavam na arena poética, batendo ao colo da viola e assim compassando seus cantos, ora louvando a mulatinha que serena e lânguida dançava:

“O amor da mulatinha
É como a pomba ferida,
Nos ares perdendo o sangue,
Na terra acabando a vida!”

Ou a cabocla que *saracoteava* no baião:

“Morena, minha morena,
Não tenhas pena do chão;
Tomara achar quem me diga
Onde viu mais perfeição.”

Ou o rapaz que habilmente *sapateava* certo com os toques;

“Nesta viola do norte
A prima disse ao bordão,
Que o rapaz que está dançando
Veio lá do meu sertão;

Por isso é cabra de fama,
Por isso sabe dançar,
Por isso eu digo cantando
Só lá se sabe baiar!”

Ou a generosidade dos festeiros, – desgarrando-se às vezes
para contarem aventuras de amor:

“Amei-te enquanto me amaste,
Quis-te enquanto me quiseste,
Tu me deixaste, eu deixei-te,
Fiz o que tu me fizeste!”

Sendo um pelo outro respondido em tom filosófico:

“Não te lembres do passado,
O passado... já passou!
Só te lembres do futuro,
Qu’inda não principiou!”

Ou para cumprimentares os amigos:

“Antônio da Piraoca,
Raimundo do Lagamar,
Eu louvo junto à viola
No céu, na terra, no mar!”

Ou para perderem-se em mil conjeturas, em mil epigramas... passando do canto variado e sempre novo do desafio, para a canção com seu repetido estribilho.

Quanta animação na festa, que verdadeiro prazer! Ali não se sentia esta frieza, não se via este cinismo dos bailes aristocráticos, não! Era tudo singelo, tudo chão, tudo franqueza e alegria. Cansados de dançar o *baião*, passavam ao *coco*, depois ao *bagaço*, a *viuvinha*, a *bênção de Deus*, ou a outra das danças populares; todos sorriam satisfeitos; a poesia casada à música afervorava a festa; de vez em quando uma cantiga arrancava um sorriso da rapariga, uma gargalhada do rapaz, ou um suspiro do apaixonado. De vez em quando uma pilhéria dos convivas; um, invejoso da felicidade de outro, pretendia comprar-lhe o chapéu, a calça ou a sobrecasaca, que supunha seu talismã; outro rogava à morena que dançava que dele se lembrasse... então que comoções! ela se aproximava... procurava-o talvez... chegava a sua vez... já ele se preparava para saltar na roda... quando, oh, decepção! ela *atirava* noutro!...

Se descansavam os tocadores, ou se afinavam os instrumentos, cessava por momentos a dança, mas não se interrompia o prazer. Apareciam os poetas improvisadores, e percorrendo sobre diversos assuntos, recitavam, de copo na mão, a *décima*, o *abc*, o soneto, ou glosavam motes que lhes ofereciam os espectadores, ou narravam casos, que todos aplaudiam com frenesi.

E assim corria a festa até que pela madrugada, quase manhã, ao apagar-se o último tronco da fogueira do alpendre, retiravam-se os convivas, fartos de prazer, – e eu repetindo os cantos que ouvira, que decorara, que me inspirara a vida do lar – o amor conjugal, os costumes da família, os contos do serão, e as folias, – chorando com o desventurado nos seus pesares, e sorrindo com o feliz em suas alegrias.

IV

Acompanhei o povo em sua vida política. Era um dia de eleição. Segundo a letra da lei o cidadão devia naquele dia exercer o direito de votante, o direito de livre, o direito de governar por meio de seus representantes.

Mas o homem do povo não pôde exercer esse direito, não pôde votar! Contra o disposto na lei, a urna estava cercada pelas baionetas do poder, a polícia coagia o povo com ameaças, a corrupção poluía os juízes do pleito, – reinava a cabala, a traficância, o cinismo! O cidadão não pôde votar, porque a Mesa desconheceu a identidade da sua pessoa; porque os chefes acordaram entre si uma partilha de votos que não lhes haviam dado; porque teve de sofrer a vingança exercida pelas autoridades, pelos comandantes da Guarda Nacional, pelo potentado!

Acompanhei-o ao cárcere. Lá chorava recrutado o filho único da viúva, enquanto esta, abandonada, sem alimento, sem arrimo, sem consolo, ficara à beira do túmulo! Lá chorava a vítima do capricho, o inocente preso para – *indagações policiais!* privado de requerer *habeas corpus* pela distância em que estava o juiz, pela falta de dinheiro para pagar o advogado e as exorbitantes custas judiciais... privado da lei, porque a lei entre nós não se exerce senão ao influxo do ouro... porque as garantias legais são

para o rico, e não para o pobre, que não pode comprá-las... porque no Brasil a lei é uma quimera entre o povo: só o despotismo é uma realidade!

O despotismo exercido por essa política insidiosa, como a serpe, que se estende por todo o Império, tentando dominá-lo ou destruí-lo!

O despotismo exercido desde o estúpido inspetor de quartirão, máquina eleitoral, capanga dos opressores, até o corruto ministro de estado; o despotismo ovante apesar da – Constituição do Império – desse evangelho inspirado pela liberdade, quando em vez dela não existia entre nós a indiferença, o egoísmo, e a prostituição política; quando a Pátria possuía varões briosos, que em defesa de seus foros de livre dariam até a última gota de seu sangue!

Chorei a sorte do povo, que nas urnas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhos expliquei; vendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade, – e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores, – preparando-o assim para a reivindicação de seus foros, para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbítrio!

V

Assim escrevi este livro.

Foi no trabalho, no lar, e na política, – na vida particular e pública, – na praia, na montanha e no sertão, – que ouvi os cantos do povo, que reproduzi-os, que ampliei-os, sem desprezar a frase singela, a palavra do seu dialeto, a sua metrificacão, e até o seu próprio verso.

Foi no seio do povo que conheci e cantei os seus sentimentos; que pude conhecer essa poesia, que segundo Herder – “É o tesouro da ciência do povo, de sua religião, de sua teogonia, de sua cosmogonia, da vida de seus pais, dos feitos de sua história. A expressão de seu sentir, a imagem de seu interior na alegria, na tristeza, junto ao leito das núpcias, ou da sepultura!”

E que, segundo Marmier, – “É uma linda donzela que se nos queixa d’amor, ou se carpe de saudade... Uma sibila com seu ramo d’ouro na mão, uma mágica senhora das lendas históricas do cristianismo, dos sucessos mais patéticos do mundo real, e de todas as fantasias do mundo ideal. A poesia flexível e variada, que adapta-se a todos os acontecimentos, que reflete no seu espelho o espírito de todas as épocas... a imagem do povo”.

E assim continuarei a escrever outros livros, procurando fazer conhecidos os nossos cantos populares, dos quais este volume é uma pequena parte.

Sei que mal recebido serei nos salões aristocratas, e entre alguns críticos que, – estudando nos livros do estrangeiro o nosso povo, – desconhecem-no a ponto de escreverem que o Brasil não tem poesia popular! Esquecidos de que a poesia nasceu com o homem e só com o homem morrerá; – de que não há povo que não tenha a sua lenda, a sua canção, a sua poesia, bela, original, toda filha de sua alma, e que não exprima a sua saudade, o seu amor, a sua mágoa; – de que no estado selvagem, o Brasil teve essa poesia no canto das tribos, que comemoravam seus feitos guerreiros e as aventuras de seu viver errante, entoando aos sons da *inúbia*, do *torém*, do *murmuré* ou do *maracá*, a canção íntima, a tradicional, a da guerra, e a de seus costumes; – de que nos tempos coloniais o povo cantava a opressão que sofria, as suas aspirações à liberdade, o cativo de seus filhos, a devastação de suas florestas; de que na Independência o brasileiro cantou

as peripécias da luta, a vitória, os heróis, os hinos do livre; – de que hoje, ilaqueado por sua boa fé, lendo na lei - liberdade, e nos fatos – despotismo, canta não só os seus amores e as lendas do passado, como também os seus pesares de cidadão! E de que o povo sabe cantar, como sabe chorar, gemer e suspirar, – nasceu cantando, como os passarinhos, como tudo que tem voz, porque o bom Deus assim o quis, assim o fadou poeta!

Continuarei, pois; desprezado dos salões, encontrarei bom gasalhado na oficina, na choça, no seio do povo; o operário entoará no trabalho estas canções, as crianças repeti-las-ão no lar, e o veterano, o recrutado, o escravo, o oprimido... derramarão muitas lágrimas ao escutá-las.

E assim cumprirei minha missão.

Fortaleza, junho de 1864

Juvenal Galeno

I

O POBRE FELIZ

Sou pobre, mas sou ditoso,
De ninguém invejo o fado.
Me falta, sim, o dinheiro,
Mas, de minha Rosa ao lado,
Não me falta amor constante,
Sossego, mimoso agrado.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

Quando vi a minha Rosa,
Mais que depressa fiquei
Todo, todo apaixonado,
Banzando como... nem sei!
Depois... por via das dúvidas,
Eu com ela me casei.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

Era então como hoje, pobre,
Pois nunca fui abastado,
Rosa apenas trouxe em dote
Duas saias de riscado,

Dous cabeções, um rosário,
E seu crucifixo doirado.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

O meu dote foi bem pouco!
De meu tinha a bezerrinha,
Que de festas me foi dada
Por minha gentil madrinha;
Hoje tenho um bom roçado,
Esta espingarda e a casinha.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

Tem minha casa um alpendre,
Junto deste a camarinha,
Mais um puxado, que Rosa
Chama espaçosa cozinha;
Caritó, jirau e redes
Adornam toda a casinha.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

De manhã a minha Rosa
Traz-me a paçoca e o café;
Almoçamos sobre a esteira
De palmas de catolé,
Rodeados dos filhinhos,
Maria, João e José.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

Que belo almoço! Sorrindo
Comigo conversa Rosa,
José pede mais paçoca,
A filha chora dengosa,
Ri-se o Joãozinho dos outros...
Que vida deliciosa!

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

Findo o almoço começam
Nossas lides – ao roçado
De foice ao ombro, ou enxada,
Marcho a cantar entoado;
Cá, nos arranjos caseiros,
Deixo Rosa sem cuidado.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

Ao meio dia, o trabalho
Se largo pra descansar,
Ao colo de minha Rosa
Venho a cabeça deitar,
Vendo meus filhos contentes
No seu constante folgar.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

À tarde com meus filhinhos,
Vai Rosa ver-me ao roçado,
Vê meu serviço e me afirma,
Que devo estar bem cansado;
E dá-me certo olharzinho,
Que me tira todo o enfado!

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

Volvemos logo pra casa
Sobre o trabalho falando;

Rosa traz as macaxeiras,
Eu a lenha carregando,
Os filhos com milho verde
Sempre a rir, sempre brincando!

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

À noite jantamos todos;
Depois junto do fogão,
Traz-me Rosa o meu cachimbo,
Um filho dá-me o tição;
Eis do pobre a sobremesa:
– Fumaças que vêm e vão!

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

Conta Rosa aos nossos filhos
Histórias que fazem rir,
Té que vindo o sono a todos,
Vão pras tipóias dormir,
E eu de minha Rosa ao lado
Sem lembrar-me do porvir.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!

Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

Na pobreza, eis a ventura,
Vo-la agradeço, meu Deus!
Nada invejo junto a Rosa
Os mimos gozando seus,
De ninguém invejo a sorte,
Cercado dos filhos meus.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

II

O VAQUEIRO

Ai, vida qu'eu levo por montes e vales,
Catingas e grotas se vou campear;
E após descansando, cercado dos filhos,
E junto à consorte nos gozos do lar!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

De véstia e perneiras, chapéu, guardapeito,
De peles curtidas... que lindo trajar!
Com minha guiada, – montando o ginete,
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

Eu vou-me às campinas, por entre os mocambos,
Saltando os barrancos não torço o correr!
Assim campeando meu gado visito,
Sorrindo aos perigos sem nunca os temer!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me dizer.

Assim campeando... se encontro, se vejo,
A rês mais arisca de todo o sertão,
Eu boto o cavalo... fechada a carreira,
Veloz o ginete mal pisa no chão!...
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me a canção.

Eu boto o cavalo... que sente as esporas,
E assopra e se escancha nos rastos da rês...
Ardente... brioso... sedento de glórias...
Por altos e baixos correndo por três!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me esta vez.

Então nas catingas, rompendo espinheiros,
Saltando os valados... qual passa o tufão,
Que louca vertigem... que fogo no peito...
Té o céu desafio no meu campeão!
Da vida qu'eu levo,
Ouvi-me a canção.

Que louca vertigem! Por entre mil troncos,
Fugindo aos embates... irado a gritar...
O galho do mato de um pulo salvando...

Caindo na sela... sem nunca parar!

A vida qu'eu levo,

Ouvi-me a cantar.

Por fim na carreira, se a rês derrubando,

É minha a vitória... que doce prazer!

Peada ou laçada... vencida a contemplo;

Quem tudo duvida... que venha isto ver!

A vida qu'eu levo,

Ouvi-me dizer.

Assim nestes campos campeão orgulhoso,

Por entre os perigos, – que fero lidar!

Depois – quase sempre ferido e rasgado,

A casa procuro... lá vou descansar.

A vida qu'eu levo,

Ouvi-me a cantar.

A casa voltando... que doce carinho

Da meiga consorte do meu coração!

A história do campo lhe conto soberbo,

E ela me escuta... qu'extrema afeição!

A vida qu'eu levo,

Ouvi-me a canção.

E ela me escuta... dizendo: – “Que louco!

Feriu-se, rasgou-se... Me queres matar!”

Talvez lá consigo dizendo: – “Que bravo!

Não há quem te vença... mas sei eu te amar!”

A vida qu'eu levo,

Ouvi-me cantar.

E junto à morena, meu sonho, minh'alma,
Os filhos saltando, contentes a rir!
– Papai, também quero correr lá no campo...
– Papai, a Mimosa queria fugir...
A vida qu'eu levo,
Ai, vinde-me ouvir.

Depois, descansado, me traz a consorte
O queijo... e a coalhada, que apraz-me cear;
Depois, a seu lado na rede... ditoso,
Ou a onça matreira no campo a esperar.
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

Assim esta vida!... Se é tempo de inverno,
Bem cedo nós vamos o leite tirar,
E após o almoço... que faça ela os queijos,
Qu'eu saio a cavalo, qu'eu vou campear.
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me cantar.

Se é tempo de seca, que longas fadigas,
Abrindo as cacimbas pra o gado beber!
As ramas cortando, que a rês me suplica
Num berro mais triste que o triste gemer!
A vida qu'eu levo,
Ouvi-me dizer.

Porém que ventura no dia da ferra!
Marcando os bezerros que eu soube ganhar,
Ai, pelos filhinhos reparto os melhores...

E o amo sorri-se... talvez a invejar!

A vida qu'eu levo,

Ouvi-me cantar.

Se é tempo das feiras... se levo a boiada,

Ai, quanta saudade, que prantos então!

Na volta... que mimos! Ao filho uma gaita,

À esposa uma saia com seu cabeção!

Da vida qu'eu levo,

Ouvi-me a canção.

Assim esta vida no ermo dos campos,

As lidas, os gozos do meu bem querer;

Aqui eu sou livre, não sinto cuidados,

Aqui tenho glórias, amor e prazer!

A vida qu'eu levo,

Deixai-me viver!

III

O VELHO JANGADEIRO

Velho... fraco... quase cego...

Meus dias passo no mar,

Sobre a minha jangadinha

À noite volto ao meu lar,

Às vezes rindo contente,

Muitas vezes a chorar!

Sorrindo se fui ditoso...

Chorando se não pesquei...

Eia, vamos, jangadinha,

Sobre estas vagas correi!

Eia, vamos.. que na choça,
Perdida no areal,
Ai, pelo vento rasgada,
Desfeita pelo terral...
Me esperam pobres filhinhos
De quem sou triste fanal!

Quase nus... curtindo fome,
Lá na palhoça os deixei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Quase nus, ao abandono,
Das praias na solidão,
Sem um consolo na vida,
Sem um pedaço de pão...
Fitando as ondas traidoras,
Que rugem... sem compaixão!

Meus filhos... e Mariana,
Que sempre fiel amei!
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Ai, sorte! não a esperava
Quando ao meu país natal
Servi como marinheiro...
Marinheiro imperial!
Qual servi em Toneleros,
Que aos olhos foi-me fatal!

Aos olhos... pois quase cego
De Toneleros voltei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Quase cego... me expulsaram
Lá da corveta – União! –
Que valiam meus serviços?
Nem deles fez-se menção!
E eu vim erguer minha choça
Nas praias... chorando então!

Que a miséria foi a paga
Dos serviços que prestei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

A miséria! não sei como
Nesse tempo não morri...
Quando a esposa, quando os filhos
Gemendo de fome ouvi!
Então fiz esta jangada,
E uma esmola ao mar pedi!

Mas, cruel... impiedoso,
Nesse dia, o mar achei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Nada... nada... Alucinado...
Lembrei-me... bom Deus, perdão!

De trazer toda a família
Na jangada, e logo... então...
Morrermos todos nas ondas,
Morrermos sem confissão!

Mas valeu-me a Virgem Santa,
A quem depois implorei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Desde esse dia... assim vivo...
Se pesco tenho o comer...
Se nada levo das ondas,
Ouço da fome o gemer!
Eis o presente... o futuro
Só Deus o pode saber!

Mas, confio em Deus... É suma
Sua clemência... bem sei!
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

IV

AMO-TE TANTO!

Amo-te tanto!... É imensa,
É pura minha afeição;
Tu vives dentro em minh'alma,
Reinas no meu coração:
Ai, e entretanto

Não te lembrás que extremoso
Amo-te tanto!...

Se durmo, – tu és meu sonho,
O meu constante sonhar;
Se velo, – só em ti penso,
És o meu doce cismar:
Ai, e entretanto
Não te lembrás que extremoso
Amo-te tanto!...

Se o riso me enfeita os lábios,
Ai devo-te o meu sorrir;
Se o pranto me orvalha as faces,
És causa do meu carpir:
Ai, e entretanto
Não te lembrás que extremoso
Amo-te tanto!...

Se calmo me torno às vezes,
Ai, devo-te o repousar;
Se a febre me queima a fronte,
És causa do meu penar:
Ai, e entretanto
Não te lembrás que extremoso
Amo-te tanto!...

Se deliro, – é o teu desprezo,
Que me leva a delirar;
Se gemo... tem piedade...
São zelos do teu olhar:
Ai, e entretanto

Não te lembras que extremoso
Amo-te tanto!...

Se toco da lira as cordas,
És a minha inspiração;
Se canto, – são os teus mimos
Sempre o tema da canção:
Ai, e entretanto
Não te lembras que extremoso
Amo-te tanto!...

Se descoram minhas faces,
Tenho saudades de ti:
Se coram depois risonhas;
É porque teu rosto vi:
Ai, e entretanto
Não te lembras que extremoso
Amo-te tanto!...

Se leda vejo a natura,
É porque leda sorris:
Se triste, – porque tu choras,
Sou então muito infeliz:
Ai, e entretanto
Não te lembras que extremoso
Amo-te tanto!...

Se vivo, – é que ainda espero
Teu afeto merecer;
Se ingrata fores... tem pena
Vendo o teu bardo morrer:

Ai, e entretanto
Não te lembrás que extremoso
Amo-te tanto!...

Vem pois, ó virgem querida,
Ao lado do teu cantor,
Venturosa, entre as delícias,
Ouvir meus cantos d'amor...

Ai, e entretanto
Não te lembrás que extremoso
Amo-te tanto!...

V

O VOTANTE

Me afirmam que sou votante,
Cidadão qualificado,
Olé!
Por isso já não descanso,
Dia e noite atormentado
Com pedidos,
Que respondo: – Só eu voto,
Só vou lá
Se me derem boa roupa,
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

Destas terras, onde planto,
Vem o dono, e diz-me altivo...

Olé!
– Se você não der-me o voto,
Fora, fora! – Se eu me esquivo,
Ralha muito,
Que ameaças!... Todavia
Só vou lá
Se me der roupa e dinheiro,
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

Aparecem meus credores,
O lojista, o taverneiro,
Olé!
E me dizem: – Tome a lista,
Ou pague o nosso dinheiro
Sem demora! –
Eu respondo: – Só eu voto,
Só vou lá
Se deixar dinheiro em casa,
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

Dos guardas nacionais
Me visita o meu sargento,
Olé!
E me diz: – Do comandante
Hoje vi-o num assento
Sem dispensa...
Eu respondo: – Só eu voto,

Só vou lá
Se me der o que preciso
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

Do quarteirão, onde moro,
O inspetor dá-me aviso,
Olé!

Que o meu voto ao delegado
Muito e muito ora é preciso...

Que vexame!
Eu respondo: – Só eu voto,
Só vou lá

Se me der uma jaqueta,
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

Se não voto, – o potentado,
Da terra me lança fora,
Olé!

Onde irei plantar legumes
Para o meu filho que chora
Na miséria...

Oh, que sorte!... todavia
Só vou lá

Se me der camisa e calça,
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

Se não voto, – meus credores
Penhoram meu possuído,

Olé!
Fico à toa, sem a choça,
Sem meu legume e despido,
Santo Deus!...
Oh, que sorte... todavia
Só vou lá
Se me derem bom chapéu,
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

Se não voto, – o comandante
Não me esquece na revista,
Olé!
Me destaca e me persegue,
Me atropela, me contrista
Com serviços...
Oh, que sorte... todavia
só vou lá
Se me derem bom calçado,
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

Se não voto, – o delegado
Me processa sem delito,
Olé!
Sofro algemas, e cadeias...
Se não tenho um rapazito,
Sou recruta...
Oh, que sorte... todavia
Só vou lá

Se me derem muita cousa,
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

Se votar no delegado
Sofrerei do comandante,
Olé!
Se votar nos meus credores
Sofrerei, pobre votante,
Doutro as iras...
Oh, que sorte! Meus amigos,
Só vou lá
Se ganhar algum dinheiro,
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

E se vou dar o meu voto,
Lá da mesa o Presidente,
Olé!
Se me chamam, me rejeita,
Diz ser outro... logo a gente
Se alvoroça...
Há pancadas... que perigo!
Só vou lá
Se me derem muita cousa,
Tá, – rá, – lá...
Sem o que, palavra d'honra,
Não vou lá.

– Setembro de 1860 –

VI

A INSTRUÇÃO

A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos. (Constituição)

Além dos males que padece o corpo,
Medonha fome, o desarrimo, as dores,
Mortais angústias que o cidadão deplora,
Sem da justiça, sem da lei favores,
Do povo o espírito ignorante perde-se
Em noite umbrosa, oh, do poder senhores!

Dai ao povo, dai aos pobres
Embora parca a instrução;
Não lhe negueis d'alma o gozo,
Não lhe negueis d'alma o pão;
Real se torne a promessa
De nossa Constituição!

Nem ler ao menos do Evangelho as letras,
Doutrinas santas que a virtude geram,
O povo sabe! Nem sequer os pobres
O nome leem que à lustração tiveram!
Assim nas trevas – que destino ingrato!
Sombrios vícios na multidão imperam!

Dai ao povo, dai aos pobres
Embora parca a instrução;
Não lhe negueis d'alma o gozo,
Não lhe negueis d'alma o pão;

Real se torne a promessa
De nossa Constituição!

Ai, pode o cego, encanecido e débil,
Andar seguro? – Miseranda sorte!
Ai, pode o barco no alto mar, sem leme,
Fugir às fúrias da procela forte?
Assim o povo, como o cego e o barco,
Seus dias passa sem fanal, sem norte!

Dai ao povo, dai aos pobres
Embora parca a instrução;
Não lhe negueis d'alma o gozo,
Não lhe negueis d'alma o pão;
Real se torne a promessa
De nossa Constituição!

Oh, e entretanto da virtude as provas
Pedis aos néscios – desprezados entes?!
Das artes frutos, a moral nos usos,
Afeto à Pátria – de quem são serventes?
Horror aos crimes, e a protervos vícios,
E ideias puras, corações de crentes?!

Dai ao povo, dai aos pobres
Embora parca a instrução;
Não lhe negueis d'alma o gozo,
Não lhe negueis d'alma o pão;
Real se torne a promessa
De nossa Constituição!

Vede-os nas urnas – eleger não sabem...
Reina a cabala – escravidão cruenta!
Vede-os nos lares... a criancinha cresce
Sem luz... do vício muita vez se alenta!
Vede-os nos campos à rotina presos,
Na sua indústria que jamais aumenta!

Dai ao povo, dai aos pobres
Embora parca a instrução;
Não lhe negueis d'alma o gozo,
Não lhe negueis d'alma o pão;
Real se torne a promessa
De nossa Constituição!

Doai primeiro educação ao povo,
Se bom, se nobre o desejais agora;
Pois que seria da loucura um parto
Pedir sorrisos a quem dorido chora;
Pedir riquezas ao terreno inculto;
Pra o morto corpo suplicar melhora!

Dai ao povo, dai aos pobres
Embora parca a instrução;
Não lhe negueis d'alma o gozo,
Não lhe negueis d'alma o pão;
Real se torne a promessa
De nossa Constituição!
Sem luz o povo, ao despotismo acerbo
Curva-se dócil? Receais que um dia,
Ilustre, quebre da cadeia os elos,
Que o arbítrio calque que a gemer sofria?

Tremei, tiranos! A ignorância é fera...
Mata... arruína... impetuosa, ímpia!

Dai ao povo, dai aos pobres
Embora parca a instrução;
Não lhe negueis d'alma o gozo,
Não lhe negueis d'alma o pão;
Real se torne a promessa
De nossa Constituição!

Oh, sim, se acordam as ignaras hostes,
Quantos horrores! qual furacão fremente
Passam levando a toda parte a morte,
Calcando tronos... com furor ingente!
Tremei, tiranos... a ignorância é fera...
Dai luz ao povo se o quereis clemente.

Daí ao povo, daí aos pobres
Embora parca a instrução;
Não lhe negueis d'alma o gozo,
Não lhe negueis d'alma o pão;
Real se torne a promessa
De nossa Constituição!

– Julho de 1862. –

VII

A ESMOLA

Uma esmola, irmão, ao velho,
Que para comer não tem;
Pobre velho neste mundo
Sem arrimo, sem vintém:
 Uma esmola... Deus vos pague,
 Como paga a quem faz bem.

Eu sou pobre, não da graça
De Jesus, o Redentor;
Não tenho mais o meu filho
Que roubou-me um malfeitor!
 Que roubou-me... vou contar-vos,
 Contar-vos com muita dor.

Depois de muitos reveses
D'austera sorte cruel
Na terra fiquei sozinho
Com meu filho, o Manuel...
 Bom rapaz, probó, excelente,
 Trabalhador, e fiel!

Nós então éramos juntos
Na choupana qu'ele fez,
Gozando doce remanso
Todo o dia, todo o mês,
 Não sentindo d'alimentos
 E nem de roupa escassez.

Eu rezava em minhas contas
Na velhice a descansar,
Enquanto gozava fama
Manuel em trabalhar;
Toda a gente lhe queria,
Toda a gente do lugar.

Mas, um dia... oh! que não posso
Sem muito pranto dizer!
Mas, um dia... o delegado
Meu filho mandou prender!
Ai, prendeu-o para recruta
Sem pena do meu sofrer!

Lancei-me a seus pés gemendo,
Clamando com dissabor:
– Oh! soltai-o... é arrimo
Do pobre velho, Senhor!...
Maltratou-me o delegado
Com semblante aterrador.

E fiquei ao desamparo,
Doente, quase a morrer,
Sem forças para segui-lo,
Sem ninguém pra me valer!
E fiquei morrendo à fome,
Chorando, sempre a gerar.

Mas, Deus é pai do aflito,
Deus é bom, tem compaixão;
Apesar de tantos males

Meus lábios dizem – perdão!
Inda espero ver meu filho
Junto de meu coração.

É por isso que vos peço
Uma esmola, meu irmão:
Reparai no pobre velho,
Que vos estende ora a mão!
Vossa esmola recompense,
A Virgem da Conceição.

– Ceará, 1859. –

VIII

O FILHO DO PATRIOTA

Dorme, filho de minh'alma,
Filho do meu coração,
Que serás um dia bravo,
Soldado desta nação.

Meu filho, dorme – crescendo
Para a Pátria defender,
Tendo sempre por divisa:
– Independência, ou morrer!

Amor da pátria o teu peito,
Oh, deve sempre habitar,
Pela honra e liberdade
Deves forte batalhar!

Meu filho, dorme – crescendo
Para a Pátria defender,
Tendo sempre por divisa:
– Independência, ou morrer!
És filho dum patriota,
Que não sabe se humilhar,
Jamais te esqueças, meu filho,
De os seus feitos imitar.

Meu filho, dorme – crescendo
Para a Pátria defender,
Tendo sempre por divisa:
– Independência, ou morrer!

Se fores livre e brioso,
Amante do teu Brasil,
Serás um filho estimado,
Serás meu filho gentil!

Meu filho, dorme – crescendo
Para a Pátria defender,
Tendo sempre por divisa:
– Independência, ou morrer!

Mas, se um dia tu perderes
A liberdade o amor,
Eu direi cobrindo o rosto:
– Não és meu filho, és traidor!

Meu filho, dorme – crescendo
Para a Pátria defender,

Tendo sempre por divisa:
– Independência, ou morrer!

– Não és meu filho, és infame,
Não és meu filho, eu direi,
Seguindo rumo diverso
Daquele qu'eu te ensinei!

Para a Pátria defender,
Meu filho, dorme – crescendo
Tendo sempre por divisa:
– Independência, ou morrer!

Quem despreza a sua Pátria,
Quem adora a escravidão,
É monstro, é fera, é perverso
Indigno de compaixão.

Meu filho, dorme – crescendo
Para a Pátria defender,
Tendo sempre por divisa:
– Independência, ou morrer!

Oh! permita Deus Eterno,
Oh! permita o Redentor,
Que sejas livre e honrado,
Patriota de valor!

Meu filho, dorme – crescendo
Para a Pátria defender,
Tendo sempre por divisa:
– Independência, ou morrer!

IX

O ESCRAVO

Vou cantar a minha vida,
Nos ferros da escravidão...
Calai-vos, celestes auras,
Rugi com força, oh, tufão!
 Que é filha do desespero
A minha rude canção,
 Como a dor que m'apunhala,
Nos ferros da escravidão!

Minha mãe era cativa,
No cativeiro nasci;
Neste mundo a f'licidade
Não gozei, não conheci...
 Que ainda bem pequenino
A minha sorte senti!
 Chorando o meu infortúnio
No cativeiro nasci!

Minha mãe! oh, quantas vezes
Por minha causa sofreu!
Sob os golpes do chicote
Ai, quanto sangue perdeu...
 Té que um dia a miseranda
Tanto penou que morreu!
 Minha mãe! que mil torturas
Por minha causa sofreu!

Oh, sim, morreu! Chorei tanto
Quando morta a vi no chão...
O magro corpo estragado
Pelo azorrague e grilhão...
Que o meu senhor castigou-me
Mandando calar-me então!
E entretanto eu não podia...
Quando morta a vi no chão!

Sozinho fiquei sofrendo,
Quando minha mãe perdi;
Mais açoutes, fome e sede,
Mais angústias padeci...
Que eu não tinha mais aquela
Que se acusava por mi!
Bem pequeno... sem consolo...
Quando minha mãe perdi!

Bem pequeno... inda criança
Começou o meu penar!
Duas três vezes por dia
Vinham-me o corpo açoutar...
Que o filho de meus senhores
Chorara no seu brincar!
Oh, que destino, tão cedo
Começou o meu penar!

Fui crescendo – a minha infância
Gastou-me no padecer;
Quase nu, ao sol e chuva
Trabalhava eu sem poder!

Qu'embora pequeno o escravo
Sofre e chora... até morrer!

Ai, que infância foi a minha...
Gastou-se no padecer!

Cresci... agora sou homem...
Homem, não! escravo sou!
Não é homem quem liberto
Neste mundo não entrou!

Que o meu corpo é do chicote
Daquele que me comprou...

Que neste inferno em que vivo
Homem, não!... escravo sou!

Sempre escravo... Dia e noite
Ao mando do meu senhor!
Sem descanso, sem ao menos
As delícias dum amor...

Que minh'alma, como o corpo,
No mundo tem opressor!

Desgraçado... é tua sorte
O mando do teu senhor!

Se tu amas... quase nua,
Sob o chicote a chorar,
Vês tua esposa querida
Ai, sem podê-la salvar!

Que o escravo, o miserável
No mundo não pode amar!

Sua esposa... ou o seu filhinho
Sob o chicote a chorar!...

Desgraçado! Assim nasceste
Sem ventura... sem razão!
Se adoeces... se te queixas
Teu algoz grita que – não!
Que não sente o pobre escravo
Quando o não quer o mandão:
Trabalha... sofre calado,
Sem ventura... sem razão!

Desgraçado... oh, quanto custa
Esta vida suportar!
Carrascos... cruéis demônios
Acabai de me matar!
Qu'eu possa, qu'eu possa um dia
O meu tormento acabar!
Oh, que sorte! Oh, quanto custa
Esta vida suportar!

X

CAJUEIRO PEQUENINO

Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
À sombra das tuas folhas
Venho cantar meu amor,
Acompanhado somente
Da brisa pelo rumor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor.

Tu és um sonho querido
De minha vida infantil,
Desde esse dia... me lembro...
Era uma aurora d'abril,
Por entre verdes ervinhas
Nasceste todo gentil,
Cajueiro pequenino,
Meu lindo sonho infantil.

Que prazer quando encontrei-te
Nascendo junto ao meu lar!
– Este é meu, este defendo,
Ninguém m'ó venha arrancar! –
Bradei e logo cuidadoso,
Contente fui te alimpar,
Cajueiro pequenino,
Meu companheiro do lar.

Cresceste... se eu te faltasse,
Que de ti seria, irmão?
Afogado nestes matos,
Morto à sede no verão...
Tu que foste sempre enfermo
Aqui neste ingrato chão!
Cajueiro pequenino,
Que de ti seria, irmão?

Cresceste... crescemos ambos,
Nossa amizade também;
Eras tu o meu enlevo,
O meu afeto o teu bem;

Se tu sofrias... eu, triste,
Chorava como... ninguém!
Cajueiro pequenino,
Por mim sofrias também!

Quando em casa me batiam,
Contava-te o meu penar;
Tu calado me escutavas,
Pois não podias falar;
Mas no teu semblante, amigo,
Mostravas grande pesar,
Cajueiro pequenino,
Nas horas do meu penar!

Após as dores.. me vias
Brincando ledó e feliz
O-tempo-será-e outros
Brinquedos que eu tanto quis!
Depois cismando a teu lado
Em muitos versos que fiz...
Cajueiro pequenino,
Me vias brincar feliz!

Mas um dia... me ausentaram...
Fui obrigado... parti!
Chorando beijei-te as folhas...
Quanta saudade senti!
Fui-me longe... muitos anos
Ausente pensei em ti...
Cajueiro pequenino,
Quando obrigado parti!

Agora volto, e te encontro
Carregadinho de flor!
Mas ainda tão pequeno,
Com muito mato ao redor...
Coitadinho, não cresceste
Por falta do meu amor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor.

XI

O VELHO CABOCLO

I

Um velho caboclo, bem velho e pendido
Aos anos e afãos,
No apendre da choça, cercado de filhos,
Queridos, louçãos,
Cantava o passado, chorava o presente
À luz do luar,
Dizendo ao começo da lenda sentida:
– Ouvi meu cantar!

– Ouvi-me, meus filhos, a voz deste peito
De fraco arquejar;
Dos nossos maiores vos conto ora a lenda,
A história do lar,
Da terra cativa que foi já liberta,
De paz e folgar...
Ouvi-me, chorando, cruentos destinos
Ouvi meu cantar.

Sou filho de bravos, guerreiros tapuias,
Da raça gentil,
Que o sul habitava e as plagas do norte
Do vasto Brasil,
Da tribo valente por todas temidas,
Nos feitos sem par:
Meu sangue é sem casta, sem casta maldita:
Ouvi meu cantar.

Meu pai, o tapuia, na briga era fero,
Qual tigre a rugir;
Minha mãe, a cabocla, era bela, era terna,
Qual rola a carpir:
Na luta eram fortes, na paz eram mansos
Seu grato passar;
Amavam-se muito, seus filhos prezavam:
Ouvi meu cantar.

Então eram livres, e livres as tribos,
Quais vagas do mar;
O jugo nefando de brancos estranhos,
Estranho era ao lar;
Não tinham senhores, só tinham seus chefes
De justo mandar:
Assim neste solo viviam contentes...
Ouvi meu cantar.

As longas florestas, frondosos palmares
Aqui deste chão,
Os lagos, os rios, as várzeas formosas,
E tudo de então,

Ah, deles só eram, pois Deus aprouvera
A eles doar:
Assim desfrutaram as águas, as terras...
Ouvi meu cantar.

Seu rito singelo, seu culto fervente,
De nome mudou,
Apenas em nome! O – Deus – que adoramos
– Tupã – se chamou:
E o mais, oh, qu'importa? Qu'importam palavras?
Que vale o falar?...
Só vale a virtude, só vale ima crença:
Ouvi meu cantar.

Assim esses troncos, de que somos galhos
De escasso vigor,
Viviam, meus filhos, na caça, nas lides,
Nos gozos de amor...
Até esse dia em que brancos algozes
A nós cospe o mar...
Algozes aos centos, arteiros e fortes!...
Ouvi meu cantar.

Chegando eles mostram mil cousas bonitas,
Que causam prazer
Aos simples tapuias, qu'então não poderam
Os maus conhecer!
Depois nos roubando os metais e as pedras
De vivo brilhar,
Das tribos a morte, sem pena, preparam...
Ouvi meu cantar.

E então, oh, meus filhos, após crua guerra
Pra nós tão ruim...
Após muitos crimes, nos roubam... nos tornam
Cativos... e assim! –
Aqui o caboclo, cobrindo o seu rosto,
Começa a chorar;
Depois entre os filhos, que atentos ouviam,
Prossegue o cantar.

II

– E agora, meus filhos,
Qual nossa ventura
Perante a natura,
Que viu-nos nascer?...
Que fado cruento!
Agora esta vida
Nos corre aborrida,
Sem paz, sem prazer.

Já não escutamos,
Aos sons da cascata,
No meio da mata,
Os tons do boré;
Já o pobre caboclo
Não ri-se dançando,
Seu canto entoando
Em torno o pajé.

Nem vê prazenteiro,
Na roda tapuia,

O pote ou a cuia
Do forte cauim;
E a flecha emplumada
Do arco voando,
A onça matando,
Qual mata o saguim.

Já não escutamos
Da tribo as façanhas,
Vitórias tamanhas,
Ao som do torém
As tribos morreram
Nas duras algemas,
Nas dores extremas
E aos golpes também!

Bem poucos restamos!
Meus filhos choremos,
Já nada mais temos...
Que sorte fatal!
Choremos os mortos
Na taba deserta,
Outrora liberta,
Sorrindo no val.

E o pobre caboclo,
Que vê-se humilhado,
Que vê-se esbulhado,
Daquilo que é seu;
Sem terra em que plante,
Pagando até renda

Do chão da vivenda,
Dizendo – Era meu!

Pagando tributos
Do curto roçado,
Que dá-lhe o bocado,
Preciso ao viver:
Qu'importa que o filho,
Soltando gemidos,
Lhe grite aos ouvidos,
– Eu quero comer?!

E sempre curvado
Ao dono da terra,
Que às vezes encerra
Maldade e rancor;
Que às vezes expulsa-o,
Roubando-lhe a roça,
Das leis sem temor!

Sofrendo os caprichos
De imana polícia,
Medonha sevícia,
Injustas prisões;
E vendo com pranto,
O filho algemado,
Ouvindo baldões!

Qu'importa que o velho
Um filho só tenha,
Que a prole mantenha?...

Não há compaixão;
É pobre... é caboclo...
O branco entretanto,
Não sofre outro tanto,
Tem ele isenção!

Que duro destino,
Que vida mesquinha!
Ai, qual da rolinha
Que em verde vergel
É preia da serpe,
Que infame se dobra,
Tocando a manobra
No seu cascavel.

Que duro destino!
Sem bem, sem direito,
Aos tratos sujeito
Da vida servil!
Cativo... aviltado
O índio brioso...
Outrora ditoso
No pátrio Brasil!

III

É certo, meus filhos, além de esbulhados,
Sofremos assim!
Já nada mais temos, já livres não somos...
Que fado ruim! –
O velho caboclo dizia chorando...

Que amargo chorar!
No meio dos filhos que tristes soluçam
No alpendre do lar.

XII

O POBRE CRISTÃO

– Louvado seja e pra sempre
Jesus Cristo, o Redentor:
Senhor Padre, à sua porta
Está batendo um pecador,
Que suplica a confissão,
E sua absolvição
Para um pecado mortal!
– Traz dinheiro?
– Não Senhor...
 Não possuo um só real...
 Não dê-me as costas... escute,
 Senhor Padre... compaixão!
 Não ralhe, escute... ó, que o pobre
 Já não pode ser cristão!

– Louvado seja para sempre
Jesus Cristo, o Redentor:
Senhor padre, veja o fruto
Do mais puro e santo amor;
É meu filho, o meu filhinho,
Não está engraçadinho?
Vim batizá-lo... é pagão!
– Traz dinheiro?
– Não senhor...

Não possuo um só tostão...
Não dê-me as costas... escute,
Senhor padre... compaixão!
Não ralhe, escute... oh, que o pobre
Já não pode ser cristão!

– Louvado seja e pra sempre
Jesus Cristo, o Redentor:
Senhor padre, eis minha noiva
A quem amo com fervor;
Quero unir-me em santos laços...
Receio os gozos devassos,
E imoral vida também.
– Traz dinheiro?
– Não senhor...

Não possuo um só vintém...
Não dê-me as costas... escute,
Senhor padre... compaixão!
Não ralhe, escute... ó, que o pobre
Já não pode ser cristão!

– Louvado seja e pra sempre
Jesus Cristo, o Redentor:
Senhor padre, não repare
Neste choro atroador...
Aqui trago um meu parente,
Que morreu... era bom crente,
Que o digam estes fiéis...
– Traz dinheiro?
– Não senhor...

Não possuo um só dez-réis...

Não dê-me as costas... escute,
Senhor padre... compaixão!
Não ralhe, escute... ó, que o pobre
Já não pode ser cristão!

– Louvado seja e pra sempre
Jesus Cristo, o Redentor:
Oh, que os padres deste tempo
Desprezam Nosso Senhor;
Adoram só o dinheiro,
Este rei do mundo inteiro,
Que aos templos veio reinar!
Nada tenho?...

Assim não posso
Um sacramento gozar...
Que o padre não me confessa,
Não batiza o meu pagão...
Nem morrer já pode o pobre,
Já não pode ser cristão!

XIII

O BEIJO

Maria, linda Maria,
Minha flor,
Que bela vai ser esta tarde...
– Sim, senhor.

Pela estrada passeando
Com langor,
Teu moço esperas saudosa?
– Não, senhor!

Suspiras, linda Maria?...

Que rubor!

Tu sofres... coitada, sofres?

– Sim, senhor...

Amas talvez, ai, morena,

Com fervor,

A quem de ti vive ausente?...

– Não, senhor!

E porque suspiras terna?

Tua dor

É sem causa... não suspires!

– Sim, senhor...

Desprezo cruel, teimoso...

Que palor!

Tão bela... veio ferir-te?...

– Não, senhor.

Maria... linda Maria!

Meu amor!...

Ai, queres fugir... tens medo?...

– Sim, senhor...

Tens medo?... Maria, escuta

Sem temor;

Sei amar-te... dá-me um beijo...

– Não, senhor!

Um beijo... somente um beijo...

Que terror!

Não estamos nós sozinhos?

– Sim, senhor...

Tu choras... de mim fugindo,

Que rigor!

Pois tu não gostas dum beijo?...

– Não, senhor!...

XIV

A VIVANDEIRA

Acompanho o meu soldado

Para dentro do meu sertão,

Com sua farda vestida...

Debaixo meu cabeção.

De boné...

E granadeira...

Acompanha o meu soldado,

De quem sou a vivandeira.

Quase sempre destacada,

Ora, aqui, ora acolá,

Qu'importam longos caminhos?

Tão doce vida não há!

De boné...

E granadeira...

Acompanho o meu soldado,

De quem sou a vivandeira.

No rancho lavo a marmita,
E ponho-a ao fogo a ferver;
Vem ele depois comigo
Na mesma cuia comer.

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira

Que importam duras fadigas,
Se o vejo perto de mim,
Contando suas façanhas,
Sua bravura sem fim?...

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

Jurei amá-lo constante
Nas bandeiras do amor,
Eia, marcha! Não deserto,
Sofra embora muita dor!

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

Não deserto! O meu tenente
A pedra bateu-me já;
Mas, calando baioneta,
Eu lhe bradei – alto lá!

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

Não deserto! Rondo a praça,
Se me parece infiel...
Se não estou de faxina,
Ou de plantão no quartel...

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

Se vamos bem... eu lhe ajudo
O correame lustrar,
Té que possa na patrona
O meu semblante mirar.

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

Faço o pó e limpo as armas,
Na farda prego o botão,
Sem lembrar-me dos rigores
Muita vez do cinturão!

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

Ao vê-lo limpo na forma,
O meu soldado gentil,
Digo ufana: – Está na ordem,
Ninguém o vence entre mil!

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

Às vezes nos falta o cobre...
É completa a privação;
Mas chega o dia do soldo,
Põe-se a marmita ao fogão.

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

Se o comandante pretende
O meu soldado arranchar,
Corro à rua... falo às donas,
Quem pode às donas faltar!...

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

Assim mesmo, às vezes fala
O tirano em me deixar!
Se a cousa é graça... me rio,
Se não é... eis-me a chorar.

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

Todo o dia, em toda a parte,
Eu provo minha afeição;
Junto dele, em debandada,
Ou seguindo o batalhão.

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.



Assim a vida que levo
Com meu soldado, meu bem;
Se uma bala destacá-lo...
Pois eu destaque também!

De boné...
E granadeira...
Acompanho o meu soldado,
De quem sou a vivandeira.

XV

TRISTÃO DE ALENCAR

I

As glórias, os feitos dum bom patriota
Contai aos vindouros, lembrai-os, irmão;
Foi ele um luzeiro das praias do norte,
Seu sonho o do livre; seu nome – Tristão.

Da Pátria era um filho dos mais extremosos,
Dos bravos o bravo, nas armas um rei!
No meio das lutas clamava inspirado:
– “Morrer, ou ser livre... irmãos, aprendei!”

E nunca medrosos disseram seus lábios:
– “As armas deponho, não posso... cansei!”
Oh, não, que de bravo seus feitos só foram,
Dum bravo daqueles que mais não verei!

– “Brasil, liberdade!” – foi este o seu brado
Constante nos prélios enquanto viveu!
– “Brasil, liberdade!” – foi santa divisa,
Que em sua bandeira valente escreveu!

Brasil, sua pátria, seu solo querido,
Ainda colônia do luso mandão:
Gentil liberdade, sua alma, seu nume
Rompendo as cadeias de férreo grilhão!

E o povo o buscava no tempo das lutas,
Ele era o seu chefe nas horas d’ação!
Dizer o contrário não vejo quem possa:
Do norte era um gênio; seu nome – Tristão.

II

Eu vi-o cismando na sina da pátria
Levar noite inteira sem sono e prazer:
Uma hora sorrindo com doce esperança,
Outrora deixando seu pranto correr!

E vi-o falando co’o forte Filgueiras,
E os filhos do Crato no pátrio porvir;
Ardentes discursos ouvi de seus lábios,
Que nunca souberam ao povo mentir.

E vi-o com outros gritar: – Liberdade!
No dia em que finda do luso o poder;
E junto a Filgueiras seguindo garboso
À vila de Oeiras que vai defender.

E vi-o, animoso, do povo cercado,
Cuspindo num trono, rasgando um pendão!
E ardente, e sentindo dos régios caprichos,
Bradando: – “Eia, às armas! Ressurja a nação!”

Depois... oh, que dia... qu’infrausto combate!
No meio dos campos... a sós... sem ninguém,
Debalde procura... procura salvar-se!
Por causa dos Chaves, dos Cunhas também!

Então, cai ao golpe de torpe assassino...
D’infames sicários da imiga facção!
Ai, foi um luzeiro que breve apagou-se...
Do norte era um gênio; seu nome – Tristão!

III

Morreu como mártir! Nas lutas da Pátria
Gastou sua vida, seu sangue verteu!
Sonhava-a liberta do jugo nefário,
Sonhava-a ditosa... lutando morreu!

E quando ferido da bala homicida,
– “Brasil, liberdade!” – expirando bradou:
Cumpriu seu destino! Coberto de louros
Qual astro brilhante no ocaso tombou.

E os ares fendendo sua alma divina
Filgueiras espera na santa mansão.
E Andrade e Gonçalo, cantor inspirado,
E outros... os mártires do pátrio torrão.

E os livres choravam ao vê-lo partir-se
Da pátria..., esse esteio de tanto vigor!
Assim como choro... Lutei a seu lado,
E a frente beijei-lhe... sem vida, sem cor!

Morreu! Mas seu nome luzente de glória
Jamais esquecido de todos será;
Seus feitos heróicos escritos ficaram
Nas lendas do povo, nos cantos de cá.

E agora os repito... chorando saudoso...
Vindouros, ouvi-me; contai-os, irmão:
Foi ele um luzeiro que breve apagou-se,
Do norte era um gênio; seu nome – Tristão!

XVI

O MEU ROÇADO

Que belo está! Feito em regra,
Bem limpinho, bem plantado,
Algum milho e feijão verde
Vai-me dando o meu roçado;
Já tirou-me dos apertos
De quem trabalha alugado.

Outro sou com meu roçado...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Bem a Joana me dizia
Nas horas de privação:
– Homem, faz um roçadinho,
Planta arroz, planta feijão,
Que esta vida de alugado
Ao pobre não serve, não!

De Joana tomo o conselho...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Duzentos passos de terra
Arrendei para o roçado,
E empurrei no mato a foice,
E depois de broqueado,
Fui à derruba e picá-lo
Espanando o meu machado!

Suei muito, mas qu'importa?
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Seco o mato, fiz a cama
E acabando de aceirá-lo,
Pus-lhe fogo... que buraco!
Não custou encoivará-lo!
Fazia Joana as coivaras,
E eu tratava de cercá-lo.

Assim fiz o meu roçado...

Ventura!

Fugiu-me a fome de casa,

Agora vejo a fartura!

Vindo que fosse o inverno,

Plantá-lo fomos um dia,

As covas eu preparava,

O resto Joana fazia,

Punha a semente, e de terra

Com seu pé a cova enchia.

Plantamos todo o roçado...

Ventura!

Fugiu-me a fome de casa,

Agora vejo a fartura!

Bom inverno! Em pouco tempo

Meu legume vi nascer!

Chamei Joana para vê-lo...

Tudo então era prazer!

Que alegria sente a gente

Vendo o que planta crescer!

Tudo viçoso sorria...

Ventura!

Fugiu-me a fome de casa,

Agora vejo a fartura!

Bom inverno! Após a limpa

Todo o milho apendoou;

A mandioca escurece...
O meu arroz cacheou;
Jerimum e feijão verde
Logo em casa se provou!

Como é bom ter-se um roçado!
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Agora nosso alimento
Tiramos lá do roçado,
Comemos tão satisfeitos
Do que foi por nós plantado...
Mesmo lembrando as fadigas,
Que nos custou o bocado!

Comemos todos os dias...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Se é preciso, a minha Joana
Com dois paus de mandioca
De milho faz um angu;
No caco faz um beiju;
Se mais quer... traz do roçado
De macaxeira um uru.

Assim passo com meus filhos,
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Sempre aqui a mesa posta,
Em breve, em breve o dinheiro!
Qu'importa pesada renda,
Que m'importa o dizimeiro?
Inda assim! Hei de ter milho
Para mais dum estaleiro!

Muito espero na colheita...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Mais doce me corre a vida
Por causa do meu roçado:
Ai, Joana, bem me dizias,
Que um taco de chão plantado,
É melhor do que a penúria,
De quem trabalha alugado!

É assim Joana, assim mesmo...
Ventura!
Hei de ter sempre um roçado,
Sempre em casa esta fartura!

XVII

O SAMBISTA

Quando pisei neste mundo
Foi de viola na mão,
Tocando o meu choradinho,
Dançando numa função,

Dançando numa função...
Me peguem senão desmaio;
Deem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não caio!

Sonhando passo meus dias
Nas delícias do baião,
À noite passo cantando
Nas asas da inspiração.
Nas asas da inspiração...
Me peguem senão desmaio;
Deem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não caio!

Sou alegre e venturoso
Mesmo dentro da prisão,
Também lá, por entre as grades,
Canto e toco o meu baião.
Canto e toco o meu baião...
Me peguem senão desmaio;
Deem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não caio!

Que entusiasmo no samba...
Mostra o pó que sai do chão;
Não faça feio menina,
Qu'eu feio não faço, não.
Qu'eu feio não faço não...
Me peguem senão desmaio;
Deem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não caio!

Que certo sapateado...
Que morena de feição!
Tomara achar quem me diga
Onde viu mais perfeição.
Onde viu mais perfeição...
Me peguem senão desmaio;
Deem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não caio!

A viola está dizendo,
Que a prima sente uma dor;
Aproveite minha gente
Este baião gemedor!
Este baião gemedor...
Me peguem senão desmaio;
Deem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não caio!

Atirem nesta viola,
Que não posso mais tocar,
Senão vou-me desta terra
Para nunca mais voltar.
Para nunca mais voltar...
Me peguem senão desmaio;
Deem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não caio!

Se não me der um codório,
Amigo, não canto mais,
Vou armar a minha rede
Entre suspiros e ais.

Entre suspiros e ais...
Me peguem senão desmaio;
Deem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não caio!

Vou armar a minha rede,
Onde corra a viração,
Nos braços duma morena,
Junto de seu coração.
Junto de seu coração...
Me peguem senão desmaio;
Deem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não caio!

XVIII

A JANGADA

Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
Tu queres vento de terra,
Ou queres vento do mar?
 Minha jangada de vela,
 Que vento queres levar?

Aqui no meio das ondas,
Das verdes ondas do mar,
É como que pensativa,
Duvidosa a bordejar!
 Minha jangada de vela,
 Que vento queres levar?

Saudade tens lá das praias,
Queres n'areia encalhar?
Ou no meio do oceano
Apraz-te as ondas sulcar?
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Sobre as vagas, como a garça,
Gosto de ver-te adejar,
Ou qual donzela no prado
Resvalando a meditar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Se a fresca brisa da tarde
A vela vem te oscular,
Estremeces como a noiva
Se vem-lhe o noivo beijar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Quer sossegada na praia,
Quer nos abismos do mar,
Tu és, ó minha jangada,
A virgem do meu sonhar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Se à liberdade suspiro,
Vens liberdade me dar;
Se fome tenho – ligeira

Me trazes para pescar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

A tua vela branquinha
Acabo de borrar;
Já peixe tenho de sobra,
Vamos à terra aproar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?

Ai, vamos, que as verdes ondas,
Fagueiras a te embalar,
São falsas nestas alturas
Quais lá na beira do mar:
Minha jangada de vela,
É tempo de repousar!

XIX

O VOTO LIVRE

– “Viva a pátria! A liberdade!
Viva o livre cidadão!
– Ai, Rosa, não me supliques,
Que não vá para a eleição...
Pois não vês ovante o crime?
Pois não sentes a opressão?...”

E Rosa
Chorava
Enquanto o marido
Desta'arte falava.

“Não vês o povo curvado,
Sob o tributo a gemer?
Sem direitos... perseguido
No seu humilde viver?
Dizem que o voto hoje é livre...
Que pode o voto vencer!”

E Rosa
Chorava
Enquanto o marido
Desta'arte falava.

“Dizem que o povo governa
Das urnas toda a nação...
Pois, abaixo os opressores...
Castigada a corrupção!
Que triunfe o ilustre honrado
Por nossa livre eleição!”

E Rosa
Chorava
Enquanto o marido
Às urnas marchava

E foi o filho do povo
Às urnas... para votar;
Mas, ai, não pôde... que a força
Fê-lo o pleito abandonar:
Lembrou então seus direitos...
Não pode o pobre falar!

E Rosa
Chorava
Enquanto o marido
Às urnas clamava!

Velava a porta do templo
O soldado do poder...
E dentro o bando corruto
A sua farsa a escrever!
Em nome de todo o povo
Torpe eleição a fazer!

E Rosa
Chorava
Enquanto o marido
Das urnas voltava.

Voltava... mas algemado,
Pois lá ousara clamar,
Defendendo seus direitos...
E pretendendo votar!
Voltava... para a cadeia...
Para ver-se processar!

E Rosa
Chorava
Enquanto o marido
N'algema passava.

“Ai, Rosa, bem me dizias...
Não é do povo a eleição!

Triunfou a força bruta...
Gemo agora na prisão!
Eis como é livre este império...
Como é livre o cidadão!”

E Rosa
Chorava
Enquanto o marido
No cárcer’... pensava.

XX

AI, NÃO SUSPIRES!

Maria, por que suspiras?
Não estou perto de ti?
Não sabe que teus pesares
Infeliz tornam a mi?
Ai, não suspires!
Não estou perto de ti?

Por que triste ora te vejo?
Não vivo por te adorar?
Por ver-te assim, não escutas
A minha harpa soluçar?
Ai, não suspires!
Não vivo por te adorar?...

Por que meu rosto não fitas?
Meus olhos fogo não têm?...
Não vês que tanta tristeza,
Me torna triste também?

Ai, não suspires!
Meus olhos fogo não têm?...

Por que não mostra-me afeto?
Não é teu o meu viver?
Não ouviste meus lamentos,
No ermo por te não ver?...

Ai, não suspires!
Não é teu o meu viver?...

Por que foges suspirando?...
Não tens dó do meu amor?...
Não sabes quanto é ardente
O peito do trovador?...

Ai, não suspires!
Não tens dó do meu amor?

XXI

O BOIADÃO

Dizendo sentido adeus
Às várzeas do meu sertão,
Pra feira vou caminhando
Na frente do boiadão.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

Pois sou vaqueiro de fama,
Com minha vara na mão,
Como ninguém sou temero
Na frente do boiadão.

É cou... mansão,
É cou... é cão!

Nos campos sou destemido,
Alegre numa função,
Como um guerreiro, orgulhoso
Na frente do boiadao.
Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

As raparigas me estimam,
Pois rapaz sou de feição;
Todas correm para ver-me
Na frente do boiadao.
Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

Não tenho medo de nada,
Sou Ferrabraz, sou Roldão,
Encourado, em bom ginete
Na frente do boiadao.
Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

Derrubando um bravo touro,
Tenho forças de Sansão,
Quem duvidar, que me fale
Na frente do boiadao.
Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

Ao deixar meus velhos pastos,
Julguei-me sem coração,
E até sem alma este corpo
Na frente do boiadeiro.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão...

Mas vendo formosa dona
Lá perto do Riachão,
Eis que sinto doces chamadas
Na frente do boiadeiro.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão...

A menina ao divisar-me
Ficou muda, e logo então
Eu parei, já todo amores,
Na frente do boiadeiro.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão...

Esqueci-me que saudosa
Eu deixara a obrigação,
Esqueci-me que marchava
Na frente do boiadeiro.
 Ê cou... mansão,
 Ê cou... ê cão...

Esqueci-me que d'afetos
Eu já tinha uma porção,
Pois via travessos olhos
Na frente do boiadeiro.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

E saltando do ginete,
Largo a vara de ferrão,
E falo à dona formosa
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

E lhe disse: – Bela moça,
É de fada o seu condão,
Pois me sinto aqui estrangeiro
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

Ela sorriu-se... ó diabo!
Que riso, que tentação!
Fiquei louco, fiquei brasas,
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

E lhe disse: – Bela moça,
Tenha de mim compaixão,
Se não quer ver-me sem vida
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

Ela disse: – Vá-se embora...
Respondi-lhe: – Não vou, não!

Por minh'alma há de seguir-me
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

– “Olhe que tenho defesa
Nas balas de meu irmão...”
Eu tornei-lhe: – Sou temero
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão!

– Dou-lhe, dona, o boi Espaço,
Boi de minha estimação,
Que marcha aqui tão formoso
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

Ela aceitou... oh, má língua,
Nada mais nesta canção,
Sobre outro assunto discorre
Na frente do boiadao.

Ê cou... mansão,
Ê cou... ê cão...

XXIII

CHIQUINHA

Encontrei-a no caminho
Do rio para o seu lar,



Trazia seu pote d'água...
Ao ver-me pôs-se a corar.

– Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...
– Tenha modo... vá-se embora...
Deixe o pote... deixe estar...

Sorrindo com singeleza,
A vista logo baixou;
Fazendo que não me via
Bem perto de mim passou...

– Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...
– Tenha modo... vá-se embora...
Deixe o pote... deixe estar...

Seu cabelo em desalinho,
Molhado seu cabeção,
Mostrando... guardo segredo,
Que m'ordena o coração

– Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...
– Tenha modo... vá-se embora...
Deixe o pote... deixe estar...

Nunca achei-a tão formosa
Como então, nessa manhã,
Com suas faces morenas,
Coradas como o romã.

– Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...
– Tenha modo... vá-se embora...
Deixe o pote... deixe estar...

Cresceu-me n'alma o afeto,
Que Chiquinha me inspirou;
Por isto talvez corava...
Quando uma vez me fitou.

– Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...
– Tenha modo... vá-se embora...
Deixe o pote... deixe estar...

– Chiquinha! tornei-lhe amante,
Por vida de nosso amor!...
– Olhe a gente... tenho medo
Deste mundo falador!

– Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...
– Tenha modo... vá-se embora...
Deixe o pote... deixe estar...

Procurei tomar-lhe o pote...
Ela sorrindo correu;
Quando trás d'ela eu corria
Sua mãe apareceu.

– Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...

– Tenha modo... vá-se embora...
Deixe o pote... deixe estar...

Vendo a luta, disse a velha:
– Não gosto da mangação –
Mas ouvindo a minha história,
Calou-se... deu-me a razão.

– Chiquinha, dá-me este pote,
Quero agora te ajudar...
Sorrindo, disse corando:
– Tome o pote... e deixe estar!

XXIII

MISTÉRIO DO MAR

– Jangadeiro, jangadeiro,
Que fazem cantando assim,
Embalado pelas vagas
No seio do mar sem fim?

E o jangadeiro nas ondas
Cantava triste canção:
Solto o remo, presa a vela
De sua jangada então.

Ai de quem amou na vida...
Ai de quem sentiu amor...
Ai de quem sonhou constante
Um peito falso... traidor!

E o jangadeiro cantava
No frio leito do mar,
Ao murmúrio da brisa,
Das vagas ao soluçar!

– Amei-o com doce extremo,
Com firmeza... e devoção...
Té que um dia o seu desprezo
Esmagou-me o coração...

E o jangadeiro cantava...
Era noite de luar:
Ao longe... na choça, a festa...
Gemidos, prantos no mar.

Ao longe, ao som da viola,
Mais se animava a função,
Que Maria, a flor da praia,
Era noiva... dera a mão!

E o jangadeiro chorando
Cantava triste a gemer...
Deserta a praia... e na choça
O riso, a festa, o prazer.

No outro dia... à luz da aurora,
Na areia viu-se encalhar
O corpo do jangadeiro,
Que a onda trouxe do mar!

E a jangadinha sem vela,
Sem remo... veio também...

Ah! como morrera o triste
Ninguém o soube... ninguém.

Desde esse dia... nas ondas,
Quando a noite é de luar,
Vê-se ao longe a jangadinha
Por sobre a face do mar.

E o jangadeiro cantando
A sua triste canção...
Embalado pelas ondas...
Ao gemer da viração...

– Ai de quem amou na vida...
Ai de quem sentiu amor...
Ai de quem sonhou constante
Um peito falso... traidor!...

E a pobre gente da praia
Chora ouvindo este cantar,
Mais triste suspira a brisa,
Soluça a vaga do mar!

XXIV

O ESCRAVO SUICIDA

Liberdade!... Liberdade!...
Já diviso a tua luz!
Neste mundo de maldade
Vou deixar a minha cruz!
Vou ser livre! À luz d'aurora,

Da raça que me devora
Cativo já não serei!
E sim livre, e sim ditoso
Da liberdade no gozo,
Noutro mundo, noutra grei!
Que só vive aqui o livre,
O escravo não!
Pois não há pior inferno
Do que o seu – a escravidão!

Vou ser livre... não é crime
Esta cadeia quebrar;
A quem da infâmia s'exime
Não pode Deus condenar!
E quando fosse um delito?...
Perdoaria ao aflito
O meu divino Jesus!
– Pai do céu! Quanto eu sofria...
Não era Deus, não podia
Carregar tamanha cruz!
Não pude mais!... Vive o livre,
O escravo não!
Pois não há pior inferno
Do que o seu – a escravidão!

Fugi dos brancos algozes,
Daquela taça de fel!
Além de açoutes atrozes
A objeção mais cruel!
Oh, sim, meu Deus! Mais um dia
A sorte que me oprimia

Foi-me impossível sofrer!
Fome, sede, insultos, dores...
Do meu senhor os rigores...
Sem tréguas o padecer!
Perdoai-me, pois! Não vive
O escravo não!
Pois não há pior inferno
Do que o seu – a escravidão!

Assim ao Deus de bondade
Direi gemendo a chorar,
Ele, a suma piedade,
O meu pranto há de enxugar;
Serei salvo... em santo abrigo,
Bem longe deste jazigo,
Que me causa tanto horror!
Feliz então meu destino
Sem o chicote ferino
Com que me açouta o feitor!
Vivendo... pois vive o livre,
O escravo não!
Que não há pior inferno
Do que o seu – a escravidão!

Livre... salvo... perdoado...
Em breve, em breve serei!
E se fosse condenado
Nada eu perdia... bem sei!
Pois do inferno os tormentos
Não podem ser mais cruentos
Quais os que sofro eu aqui;

Mas o meu Deus é clemente...

Se me julga delinquente,

Sabe quanto eu padeci!

Serei salvo... vive o livre,

O escravo não!

Pois não há pior inferno

Do que o seu – a escravidão!

Livre... e salvo! Adeus, torturas

Que neste mundo provei!

Adeus, cruéis amarguras,

Adeus, campos que eu lavrei...

Suando suor de sangue,

Açoutado, vil, exangue...

Chorando mudo e feroz!

Adeus, adeus, ó, parceiros,

Na desgraça companheiros...

Rogarei no Céu por vós...

Que não viveis... pois não vive

O escravo não!

Que não há pior inferno

Do que o seu – a escravidão!

Adeus, sol que me queimavas

No campo sem compaixão,

Que minhas chagas secavas

Do chicote e do grilhão;

E tu, lua traiçoeira,

Que a minha afeição primeira

Descobriste ao meu senhor...

Que escarneceu-a nefando,

Ao mesmo tempo açoutando,
A virgem do meu amor!
Adeus, adeus... Vive o livre,
O escravo não!
Pois não há pior inferno
Do que o seu – a escravidão!

Vento ingrato... tu que irado
Meus trapos vinhas rasgar,
E depois quase gelado
Me fazias tiritar...
Adeus, pra sempre! E tu, noute,
Que me livraste ao açoute
Em teu véu de minha cor!
Adeus, humana fereza,
Adeus, mundo de torpeza,
Vergonha, prantos e dor!...
Qu'eu vou ser livre... não vive
O escravo não!
Pois não há pior inferno
Do que o seu – a escravidão!

Adeus, mundo! À luz do dia
Bem longe... longe estarei;
Aqui na mata sombria
Este corpo deixarei:
Neste galho pendurado
Ficará para legado
Do branco que me comprou!
Ferido, magro, mirrado...
Assim o deixo ao malvado,

Que sem pena o maltratou!
Que legue melhor o livre,
O escravo não!
Pois não há pior inferno
Do que o seu – a escravidão!

É pobre, sim, o legado...
Magro corpo... quase nu!
Quem o tornou neste estado?
Foi tu, ó branco, foi tu!
Assim, pois, recebe-o agora...
É teu, compraste-o... devora
Aquilo que te custou!
Devora... corvo funesto,
Devora... consome o resto,
Que o teu chicote deixou!
Qu'eu vou ser livre... Não vive
O escravo não!
Pois não há pior inferno
Do que o seu – a escravidão!

É tempo... desponta a aurora...
Fiz o laço... pronto estou!
Em menos de um quarto d'hora,
Grande Deus, convosco sou!
Mundo torpe... cativo...
Ímpio branco e carniceiro...
Vinde ouvir-me: – maldição!
E tu, salve, ó liberdade!
Vou entrar na eternidade...
Santo Deus... Vosso perdão!

É tempo... só vive o livre,
O escravo não!
Eis-me salvo deste inferno...
Já não sinto... a escravidão!

XXV

A ESQUECIDA

Em rios singelos tu passas a vida,
Ai, sempre esquecida – de teu trovador!
Cruel, não aumentes meus agros tormentos,
Meus ternos lamentos – suspiros d’amor:
Maria, tem pena
Do pobre cantor.

Lembrei-te gemendo o afeto constante
Dum peito anelante – com forte calor;
Lembrei-te a saudade d’ausência aborrida,
“Eu sou – esquecida –”, disseste sem dor!
Maria, tem pena
Do pobre cantor.

Acaso não sentes nos meus tristes cantos
Orvalhos de pratos, – fatal dissabor?...
E neste suspiros do peito escapados
Não são repassados – de mágoa e langor?...
Maria, tem pena
Do pobre cantor.

Que és esquecida jamais me recordes,
Ouvindo os acordes – do firme amador!

Ai, corre a meu seio, completem-se os anos
De tantos enganos, – de tanto amargor!...
 Maria, tem pena
 Do pobre cantor.

XXVI

PRANTO MATERNO

Que noite comprida e triste,
 Que penar!
Meu peito geme cansado
De gemer... ao Deus, que fado!
Quanto pedaço a pensar
 Neste vida
 Dolorida...
Quanto padeço a pensar!

Tinha um filho – meu encanto,
 Era um só!
Me dava roupa e sustento,
Era o meu contentamento!
E um soldado sem ter dó
 Recrutou-o
 Desgraçou-o
 Desgraçou-o
Um soldado sem ter dó!

E ficou deserta a choça
 Sem rumor!
E fiquei desamparada,
Sem arrimo e desgraçada...

Tão sozinha entregue à dor!...
Antes morte,
Que tal sorte,
Tão sozinho entregue à dor!...

E velha, pobre viúva...
Ai de mim!
Que o meu filhinho roubaram-me!
Nesta miséria deixaram-me!
Que sorte tenho ruim...
Suspirando,
Definhando...
Que sorte tenho ruim!

Tenho fome, e já não tenho
Que comer!
Água há longe e bem custosa:
Não fui vê-la – desditosa!
Que doença... que sofrer!
Que secura!
Desventura...
Que doença... que sofrer!...

Meu filhinho, não mais posso
T'escutar!
Quando feliz te julgavas,
Veio a polícia onde estavas,
E vi prender-te e amarrar!
Aí, pedi,
Aí, por ti,
E vi prender-te e amarrar!

E a polícia contemplou-me,
Viu-me assim!
Quem tem entranhas, por certo,
Não deixa à velha o deserto,
Com fome, da vida o fim!
É maldita!
Oh, que dita...
Com fome, da vida o fim!

Onde está meu filho? Aonde?...
Onde está?
Foi recruta... foi soldado...
Embarcou... foi-se fardado...
Que de mim feito será?
Ai, sem vê-lo,
Ai, sem tê-lo,
Que de mim feito será?

XXVII

ANTÔNIO CARLOS

Três vezes o Mirabeau brasílio,
O grande liberal!
Brasileiros, chorai-o – ele era um astro,
Dos livres o fanal!
Era o tributo da liberdade – salve,
Da Pátria o imortal!

I

Antônio Carlos de Andrada
Foi um herói da cruzada,
Que formou-se denodada
Para a Pátria libertar;
Ouvi-me pois sua história,
A sua vida de glória,
E guardai-a na memória
Para os vindouros contar.

Que estas lendas consolando
Ao velho que está falando,
Ao moço vão preparando
Para as lutas do porvir:
Ouvi-m'as, pois, com cuidado!
E que as memórias do passado
Vos tornem brasílio honrado
Pra nossa Pátria servir.

Gemia no cativoiro
Este Império brasileiro,
Sem um poder sobranceiro,
Que lhe quebrasse o grilhão!
Quando uma voz destemida
A independência convida
O povo... mas em seguida
Abafa-a fera opressão!

Era um plano que abortava...
De facção que se alentava,

Que uma luta preparava
Para livrar o Brasil;
Então o luso tirano
Algema os bravos... e imano
Manda-os ao cárcer' baiano...
Da iniquidade ao covil.

Entre eles vai algemado
O moço Andrada ilustrado,
Inculpe embora... esfaimado
Bramia o avaro mandão!
Ao cárcer' chegam... não gemem,
Não são covardes... não tremem,
O algoz sangrento não temem
S'animam... qu'exemplo então.

Em um liceu transformando
O cárcere... ei-lo ensinando...
Todos eles estudando,
Que acrisolado fervor!
Este ensina... aquele aprende,
O talento ali resplende...
A desgraça o gênio acende...
Que heroísmo... quanto ardor!

Cada qual em si prepara
Um arrimo à Pátria cara,
Uma cabeça preclara,
Um bom soldado para a ação!
Que nobre exemplo! Que feito!
Me infunde tanto respeito,

Que em recordá-lo... no peito
Me estremece o coração!

II

Findaram-se os quatro anos
Da pena e curso também;
Andrada saudoso abraça
Na cadeia aqueles 'quem
Dera luz, dera a ciência,
Abundante sapiência,
De seu talento o festão;
Pela glória mais acesos,
Partem todos, ora presos
Por laços do coração.

Partem, sim. E que saudades
Dos colegas da prisão...
Frei Caneca, o patriota,
O Alencar, e o Tristão!...
Sendo logo Andrada eleito
Vai defender o direito
Do povo que tanto amou:
Vai às cortes portuguesas,
Onde brilha e faz proezas,
Onde louros conquistou!

Não teme os punhais ferinos
Dos cruentos opressores,
Nem receita as suas tramas,
Nem a luta com traidores;

Na tribuna fala ousado
Como o arcanjo inspirado,
Deste solo tutelar!
Em prol da Pátria se afana,
Golpeia a nação tirana,
Era um raio a trovejar!

Depois deixa a Lysia ingrata
Voa à Pátria com prazer,
Pois de lá ouvira o brado:
– Independência, ou morrer!
É chegando laureado,
Toma assento, é deputado,
Desprende eloquente voz!
E fazendo a lei primeira
Desta terra brasileira,
Sustentá-la vai após.

Que tribuno! Qu'eloquência,
Que vigorosa expressão!
Sua frase tinha o selo
De celeste inspiração!
Da liberdade o atleta,
Quando orava, era um profeta
Bafejado do Senhor!
Ao povo que o escutava
Falando subjugava,
Oh, que foi grande orador!

Escutai-o – admirando
Esse tribuno altaneiro,

Quando o luso ofende o estado
Ofendendo um brasileiro:
“Como lê-se o ultraje feito...
Brada irado o livre eleito;
Aos brios desta nação,
E do povo os escolhidos
Ora vejo emudecidos,
Nem ao menos comoção!...

Morno silêncio de morte,
Nascido da coação...
Frios risos... Nós que somos?
Representantes?... oh, não!
Nada somos, néscios vendo
Acerbo insulto e tremendo
Sem prontos dele curar!
Oh, meu sangue s’escandece,
Tamanho ultraje enlouquece,
– Vingança! anelo bradar!

Se não podemos, senhores,
Do povo a honra salvar,
Digamos: – Ó brasileiros,
Da vida, honra e do lar,
Tomai agora a defesa
Contra a gente portuguesa,
Que vos cobre de baldão!
Mas, a nós cabe este feito?
Como livre, nesse preito,
Lutarei... embora em vão!

Qu'importa caia ao ferido,
Sob o punhal homicida?
Não é novo, um patriota
Dar à Pátria a sua vida!
Porém caindo eu exangue,
Bradará – vingança! – o sangue,
Troando como o fuzil!
E o filho da liberdade
Será da posteridade
Qual vingador do Brasil!”⁸

Calou-se... qual cedro anoso
Ao bater forte do vento,
Treme o poder escutando
Essa voz no parlamento!
Não podendo sopeá-la,
Covarde, vai abafá-la
Nas trevas duma prisão;
E depois, depois decreta
Ao patriota atleta
Odiosa proscricção!

III

Quase um lustro vagou em plaga estranha,
Dos livres o tribuno, Antônio Carlos,
Saúdoso a suspirar;
E voltando por fim... oh, que na pátria
É-lhe a porta de entrada um calabouço,
Que dorido penar!

⁸ Discurso pronunciado na sessão de 10 de novembro de 1823.

Seus imigos cruéis na treva imersos,
Tecem c'roas d'espinhos venenosos
Para o herói coroar!
Debalde o tentam, mas não podem eles
Com infame ferrete à fonte excelsa
Do gênio nodoar!

Abdica o monarca, e ao novo império
Cabe a sorte dos erros no decênio
Duma infausta regência,
E uma luta gloriosa na tribuna,
E também na imprensa ao gênio ilustre
De nossa independência.

Como bravo na luta ele triunfa,
A regência caiu – Pedro Segundo
No trono s'assentou,
E chama ao ministério o sábio Andrada
E depois do Senado uma cadeira
Contente lh'ofertou.

Era tarde de mais, de força exausto
Ao entrar no Senado o patriota
Na campa tropeçou...
Era tarde de mais... estava escrito!
O tempo era completo – em seu ocaso
O astro se apagou!

Era tarde de mais Encanecido,
Sob o peso dos anos e das lides,
Voá à santa mansão!

Contudo não morreu!... Não morre um gênio!
Ele vive na glória de seus feitos,
E da livre nação!

* * *

Três vezes salve o Mirabeau brasílio,
O grande liberal!
Brasileiros, chorai-o – ele era um astro,
Dos livres o fanal;
Era tribuno da liberdade – salve,
Da Pátria o imortal!

XXVIII

O ANJINHO

CANTIGA A DESAFIO

– Nós que somos cantadores
Da função junto à viola,
Enquanto dançam, cantemos
Ao soar da castanhola:
Louvemos da casa o dono,
Cantemos nosso louvor,
A quem mandou um anjinho
Para os pés do Redentor.

– Para os pés do Redentor,
Por seu pai e mãe pedir:
Como são eles ditosos,
E mais serão no porvir;

Por isso agora se inflama,
Nesta função o meu estro;
Haja aluá e aguardente,
Ai, senão, senão, não presto!

– Ai, sendo, senão, não presto,
Não é zombaria, não,
A roqueira não estoura,
Sem carrego, e sem tição;
Por isso sou atendido,
Já sou outro, a voz se afina;
Vivam os pais do belo anjinho,
Enfeitado de bonina.

– Enfeitado de bonina,
O anjo pra o céu subiu,
Um adeus dizendo ao mundo,
Quando a morrer se sorriu!
Por isso agora o louvamos
Nesta tão bela função,
Enquanto na igreja o sino,
Toca o bom sacristão.

– Toca o bom sacristão,
É o sinal da alegria,
De Jesus foi para o seio,
O anjinho neste dia
Por isso o louvo contente,
Contigo meu companheiro
Enquanto lá toca o sino,
Dança o povo no terreiro.

– Dança o povo no terreiro,
Onde corre a viração,
Pois o riso e f'licidade
Tem aqui habitação;
Por isso agora louvamos,
Ao som da corda dourada,
Do anjo o pai venturoso,
Do anjo a mãe estimada.

– Do anjo a mãe estimada,
Ouça atenta o meu dizer:
Como a rola vi seu filho
Voar ao céu com prazer;
Por isso cantando eu louvo
O anjinho que fugiu
Deste vale só de prantos,
Onde a dor talvez sentiu.

– Onde a dor talvez sentiu,
Senti-la não pode mais,
Na terra passou ligeiro,
Qual brisa dos laranjais;
Por isso louvando, eu digo
Da viola ao camarada:
– Brademos três vezes – vivam
Os donos desta morada!

– Os donos desta morada,
Pai e mãe do belo anjinho,
Que por entre frescas flores
Voou como um passarinho;

Por isso meu camarada
Brademos na ocasião:
Salve o anjo, os donos vivam
Desta casa e da função!

XXIX

A REAÇÃO

Chorava o velho, chorava...
Como dizer-vos não sei!
Quando por vê-lo gemendo
Seus males lhe perguntei.

– Ai de quem no mundo esquece
Os preceitos do cristão!
Ai do rico e potentado,
Que não teve compaixão!

Que sedento da riqueza
O pobre aflito calcou,
Fazendo degraus das gotas
Do pranto que lhe arrancou!

Que cego... desconhecia
Da orfandade o penar...
Que surdo... não escutava
Da pobreza o soluçar!

Ai de quem nos seus palácios
A sua porta fechou
Àquele que tinha fome
Qu'uma esmola suplicou...

De quem riu-se da desgraça...
De quem vive a fazer mal...
Que podendo ser um anjo,
É um açoute infernal!

Sem lembrar-se que na terra
Só nos dá felicidade
A primeira das virtudes,
A divina caridade!

Dizia o velho... chorando,
Como dizer-vos não sei!
Quando por vê-lo gemendo
Seus males lhe perguntei.

– Fui rico... sim, muito rico...
Meus cofres um dia enchi,
Roubando o suor daquele,
Que se valia de mi...

Roubando do pobre a jóia,
Qu'ele me dava em penhor,
Se eu lhe emprestava dinheiro,
Que o salvava à fome... à dor!

Comprando... se cruel seca
Devastava o meu país...
Quase por nada os haveres
Do povo... do infeliz!

Exercendo sempre a usura,
Com cinismo e malvadez...

À pátria roubando, como
Eu roubava à viuvez!

Assim fui rico, assim tive
Palácio para morar,
Criados e carruagens,
O mais faustoso solar.

Dizia o velho... chorando,
Como dizer-vos não sei!
Quando por vê-lo gemendo
Seus males lhe perguntei.

– Era rico... dei mil bailes,
Mil jantares ao poder...
Ostentando a caridade,
Que jamais eu soube ter.

Tive em paga muitos hinos
Na boca da adulação,
Muitos tit'los e medalhas,
Muita honra e distinção!

Todos, todos me invejavam,
No meu carro a salpicar
De lama a face do pobre,
Que passava a mendigar!

E assim todos se orgulhavam
Apertando a minha mão,
Até mesmo em conhecer-me
Em falar comigo então!

Subi... subi... já não tinha
Quase nada a desejar!
Era grande... era ditoso
Minha riqueza a gozar.

Eis que um dia... a minha sorte
Mudou-se... quanto pesar!
Perdi, como por encanto,
Meus prazeres... meu solar!

Dizia o velho... chorando,
Como dizer-vos não sei!
Quando por vê-lo gemendo
Seus males lhe perguntei.

– Perdi tudo... sem descanso
Para a miséria tornei!
Quis segurar-me... de balde
Com a Providência lutei!

De balde... que fiquei pobre...
Sem uma consolação...
Velho... enfermo... miserando...
Ludíbrio da multidão!

Senti fome... senti frio...
Do remorso ouvi a voz...
Todos rindo me apontavam
Nesse meu penar atroz!

Todos rindo... os convidados
Do meu faustoso folgar!

A minha história contando...
Sua moral a pregar!

Todos rindo... e eu chorando
Sem consolo... e sem morrer!
Vendo aqueles qu'eu calcara,
No mais ditoso viver!

E assim padeço... até quando
Deus me der o seu perdão!
– Ai do mau... ai do perverso...
No dia da reação!

Dizia o velho... chorando,
Como dizer-vos não sei!
Quando por vê-lo gemendo
Seus males lhe perguntei.

XXX

TEUS OLHOS

– Não fites assim teus olhos
Sobre os meus com tanto ardor...
– Que lhe importam meus olhares?...
– Ai, não vêς?... Morro d'amor?

– Pois bem, agora
Fito-os assim...
– Ai, como os fitas?
Triste de mim!

– Ai, que assim são dois abismos
De ternura, de langor...

– Como quer então que os fite?...

– Ai, não sei... Morro d'amor!

– Pois bem, agora

Fito-os assim...

– Ai, como os fitas?...

Triste de mim!

– Ai, não m'os volvas queixosos,
Santo Deus, que dissabor!

– Que mal lhe fazem meus olhos?...

– Oh, não vês? Morro d'amor!

– Pois bem, agora

Fito-os assim...

– Ai, como os fitas?

Triste de mim!

– Que mal te fiz? Oh, perdoa...

Nos teus olhos que furor!

– Que lhe importa? Estão zangados

– Mas não vês?... Morro d'amor!

– Pois bem, agora

Fito-os assim...

– Ai, como os fitas?

Triste de mim!

– Não chores... quem pode vê-los
Chorando... sem grande dor?!

– Não acusou os meus olhos?

– Não chores! Morro d'amor...

– Pois bem, agora
Cerre-os assim...
– Misericórdia...
Triste de mim!

– Não cerres teus olhos... volve-os,
Ai, volve-os para o cantor!
– Se eu não sei como fitá-los...
– Sem eles... morro d'amor!

– Pois bem, agora
Fito-os assim...
– Meu Deus, meu Deus...
Triste de mim!

– De qualquer modo me matam
Tens olhos de negra cor...
– Não fale mal de meus olhos...
– Mas, s'eles matam d'amor!

– Quer os meus olhos
Mesmos assim?...
– Se os quero! embora
Triste de mim!

XXXI

A GRACIOSA

Amigo, amigo meu, não encontrastes
Minha vaca alvaça, a Graciosa?
Não se esconde ela agora em vosso gado,
Ou pasta na caatinga essa manhosa?

Dizei-me, amigos, se a vistes
Quando fostes campear;
Oh, dai-me... dai-me notícias
Que me venham sossegar,
Pois passei a noite inteira
Sem os olhos fechar.

Há três dias que vivo campeando
Nestes campos daqui sem dar com ela...
Já do rasto não sei... nem ouço novas
Dessa lisa alvaçã, ingrata e bela!

É de balde que a procuro
Nos campos do logrador;
Inda não veio à cacimba
Matar da sede o calor:
Talvez se oculte calada
Na caatinga, ou tombador!

– Ingrata, ingrata, rês! Porque fugiste
Quando eras de meu gado a mais mimosa?!
Quando tinhas meu amor, os meus desvelos
Minha lisa alvaçã, no prado airosa?

Não era lá da fazenda
Linda estrela, linda flor?...
Não te olhava o meu filhinho
Com afagos, com amor?
Ai, com tudo o abandonaste
Me deixando o dissabor!

Quando à tarde cantava a sariema
Não vinhas ao curral sempre com jeito?
E do sol ao raiar, com doce agrado
O leite não tirava eu no teu peito?...

Não dava-te assim alívio
Sem teus peitos molestar?
Teu leite não destinava
Pra meu filho alimentar?
E deixei acaso um dia
Outro o teu leite tirar?...

Se berravas... sorria o meu filhinho,
A tua vinda o tornava prazenteiro;
E conhecia-te já... por causa dele
Que bem eu te queria verdadeiro!

Por que deixaste meu filho,
Oh, lisa, sem compaixão?
Aos seus mimos inocentes
Tu fugiste sem razão!
Ai, vem matar a saudade
Qu'ele tem no coração.

E embalde te procuro! O meu ginete
Por tanto caminhar vai já suando!
– Não vistes, meu amigo, a Graciosa
Quando andaste há pouco campeando?...

Talvez esteja ela morta...
Impossível! morta, não!

Que seria do meu filho,
E de mim, de mim então?
– Dai-me novas, meu amigo,
Terminai esta aflição!

XXXII

A MULATINHA

Ai, vida de minha vida,
Meu lindo sonho d'amor,
Minh'alma por ti se abrasa,
Por ver-te... sou trovador!

Mulatinha brasileira,
Amor!
De todo perco o sentido...
Perdido,
Perdido por teu langor,

Quem por teus olhos não morre,
Se os fitas embevecida?...
Com tristeza... com ternura...
Ai, vida de minha vida?!

E também se os vejo ardentes,
Amor!
De todo perco o sentido...
Pedido,
Perdido por seu ardor.

Ai, vida de minha vida,
Quem pode vê-los assim?

Como brilham... como os volves
Sem piedade de mim!

Quem pode, quem pode vê-los,
Amor!
De todo perco o sentido...
Perdido,
Perdido por seu fulgor.

Se falas... grata harmonia
Ao longe, no ermo ouvida:
Que delícias, quanto afeto...
Ai, vida de minha vida!

Se falas... que voz divina,
Amor!
De todo perco o sentido...
Perdido,
Perdido por seu dulçor.

Ai, vida de minha vida
Quem pode ver-te sorrir?
Meiga e terna... ou prazenteira,
Sem de paixão não carpir?

Se desfolhas um sorriso,
Amor!
De todo perco o sentido...
Perdido,
Perdido por seu sabor.



Da mimosa cor de jambo,
Cor morena... enrubescida...
Que faces, que lindo colo,
Ai, vida de minha vida!

Teu colo! Se o vejo arfando,
Amor!
De todo perco o sentido...
Perdido,
Perdido por seu calor.

Ai, vida de minha vida,
Quisera nele morrer,
Que doce morte em teu colo...
Já não quero mais viver!

Ai, nele quanto mistério
Amor!
De todo perco o sentido...
Perdido,
Perdido por seu primor.

E sobre o colo as madeixas...
O cacho... a trança esquecida...
Quem não deseja beijá-las,
Ai, vida de minha vida?...

Teus cabelos cor da noite...
Amor!
De todo perco o sentido...
Perdido,
Perdido por seu odor.

Ai, vida de minha vida,
Quem mais terna, mais leal?
Suspiras... morres amando,
Amando não tens rival!

Mulatinha delicada,
Amor,
De todo perco o sentido...
Perdido!
Perdido... quanto fervor!

Quem mais sabe amar no mundo,
Que a mulatinha querida?
Que feitiços... Me enlouqueces...
Ai, vida de minha vida!

Mulatinha brasileira,
Amor!
De todo perco o sentido...
Perdido,
Perdido... sou teu cantor!

XXXIII

NA EIRA

– Formosa serrana
De rosto fagueiro,
Por que tu me queres
Lá junto ao terreiro?...

– Eu quero que vejas
Medir meu café,

– Vai, mede sozinha,
Me diz quanto é.

– Ai, não tenho medo
De brigas até...
Senhor, venha logo
Medir meu café.

– Acaso algum dia
De ti duvidei?...
– Receio os enganar,
Não posso... não sei...

– És muito teimosa!
– Teimoso quem é?
Senhor, venha logo
Medir meu café.

– Pois bem, não precisa
Que ralhes comigo,
Eu vou ao terreiro
Serrana, contigo.

– Ai, pesa o meu cesto,
Me ajude, senhor...
– Que dizes serrana?...
– Eu peço um favor...

– Chegamos, agora,
Formosa, inocente...
– Enchi a medida,
Em seu rol assente.

– Oh! falta inda muito,
Assim me enganais...
– Senhor, o que é isto?
Ali tem demais!...

– Serrana, o que dizes,
É falso, não vejo;
Se queres que assente,
Completa co'um beijo.

– Não posso, pois nunca
Tiveste-me amor...
– Ingrata, não fujas!
– Me largue, senhor!

– Não cores, serrana,
Co'a cor do café,
– Teus braços m'apertem...
São laços d'imbé.

– Tu és minha aurora,
Tu és meu feitiço...
– Ficar não querias?
Entenda eu lá isso!

Cruel, não duvides...
Escuta... tem fé...
– Adeus, que vem gente
Medir o café...

XXXIV

VISÃO DO MAR

– Ninguém no mundo duvide
Das visões, que tem o mar;
Ninguém sorria escutando
O que passo a relatar;
Pois das almas d'outro mundo
Também sorri-me jucundo,
Também gostei de zombar...

Dizia medroso e grave
Um pescador,
Que viera lá dos mares
Com terror.

– Eu que muito duvidava
Dos fantasmas e visões,
Eu, que até queria vê-los,
E do demo as tentações,
Agora acredito em tudo,
Pois há pouco fiquei mudo,
Tremendo como em sezões!

Dizia medroso e grave
Um pescador,
Que viera lá dos mares
Com terror.

– Oh! que vi com estes olhos,
Que esta terra há de comer,

Na jangada, à meia-noite,
Feia cousa aparecer;
A princípio era um peixinho,
Foi depois monstro marinho,
Que fazia medo ver!

Dizia medroso e grave
Um pescador,
Que viera lá dos mares
Com terror.

– Eu botara bem iscado
Meu anzol para pescar,
Quando vi à tona d'água
O peixinho se chegar;
E tocando na jangada,
Qu'estava já fundeada,
Vi-o ligeiro voltar.

Dizia medroso e grave
Um pescador,
Que viera lá dos mares
Com terror.

– Pareceu-me uma tainha,
Tão pequeno ele era então,
Depois veio mais crescido,
Imitando o tubarão;
Ele vinha, ele voltava,
À jangada se ligava,
Crescendo na dimensão.

Dizia medroso e grave
Um pescador,
Que viera lá dos mares
Com terror.

– Conheci com muito susto
Que a jangada ele media;
Tomando dela o tamanho
Eu não sei o que faria;
Sim, não sei, porém suponho
Que aquele peixe medonho
Algum mal fazer queria!

Dizia medroso e grave
Um pescador,
Que viera lá dos mares
Com terror.

– Frio suor me banhava,
Tinha os cabelos no ar;
Qu'era o demo, ou algum feitiço
Não podia duvidar;
Por isso vim-me largando,
Até na vela soprando
Para mais depressa andar!

Dizia medroso e grave
Um pescador,
Que viera lá dos mares
Com terror.

– E cheguei... e cheguei salvo,
Graças a Nosso Senhor;
Agora creio em feitiços,
Creio neles com horror...
Pois há cousas neste mundo,
Té mesmo do mar no fundo,
Que fazem muito pavor!

Dizia medroso e grave
Um pescador,
Que viera lá dos mares
Com terror.

XXXV

A MINHA CASINHA

Num vale verdoso e belo,
Eu fiz a minha casinha,
Levantei-a em poucos dias,
É pobre mais bonitinha:
Não semelha-se à do nobre,
Cal ou telha não a cobre,
É a choupana dum pobre,
Bem pequena e singelinha.

Como está bela a casinha,
Qu'eu levantei!
Dentro dela não invejo
Nem os palácios dum rei!

É no vale, à fresca sombra
De frondosa cajazeira,

Não longe geme um riacho
Aos pés de grande palmeira:
É cercada de mil flores
Que lhe dão os seus odores,
Oh, que jardim de primores,
Que natura feiticeira!

Como está bela a casinha,
 Qu'eu levantei!
Dentro dela não invejo
Nem os palácios dum rei!

Tem na frente um bom terreiro
Varridinho a mais não ser,
No quintal uns pés de ateira
Começam ora a nascer,
E também um mamoeiro
Junto dum catolezeiro
Aonde um bom estaleiro
Pra o milho quero fazer.

Como está bela a casinha,
 Qu'eu levantei!
Dentro dela não invejo
Nem os palácios dum rei!

Gastei bem duas semanas
Em fazer minha casinha,
Mas fi-la tão graciosa,
Mas fi-la tão bonitinha!
Limpei primeiro o terreno

Neste vale tão ameno,
Soquei-o, mesmo ao sereno,
Ficando a terra certinha.

Como está bela a casinha,
 Qu'eu levantei!
Dentro dela não invejo
Nem os palácios dum rei!

Fiz os buracos precisos
Depois de pronto o lugar,
E palhas, forquilhas, caibros
Não longe fui eu buscar;
Que forquilhas!... d'aroeira;
Que palhas!... são de palmeira;
Os caibros são de madeira
De mui custoso acabar!

Como está bela a casinha,
 Qu'eu levantei!
Dentro dela não invejo
Nem os palácios dum rei!

Armei a minha casinha,
Pus em cima a cumeeira
Do tronco bem direitinho
De boa carnaubeira;
Logo depois encaibrei-a,
Fiz a coberta, envarei-a,
Em seguida enxameei-a,
E pus-lhe as portas de esteira.

Como está bela a casinha,
Qu'eu levantei!
Dentro dela não invejo
Nem os palácios dum rei!

De frente tem uma porta,
Junto desta uma janela,
Tem um alpendre pra sala,
Um outro para a panela;
E no meio a camarinha
Onde dormirá Chiquinha,
Em nossa branca redinha,
Quando casar-me com ela.

Como está bela a casinha,
Qu'eu levantei!
Dentro dela não invejo
Nem os palácios dum rei!

Nada me falta, – portanto
Agora vou-me casar,
Chiquinha ontem me disse
Que está farta de esperar...
Oh! que vida a minha!
Tendo dentro da casinha
A minha bela Chiquinha
O que posso eu invejar?...

Como está bela a casinha,
Qu'eu levantei!
Dentro dela não invejo
Nem os palácios dum rei!

XXXVI

JOSÉ BONIFÁCIO

E todos ouviam
Do velho o cantar
Sorrindo com ele,
Com ele a chorar;
Ufanos das glórias
De nossas vitórias...
Chorando as tristezas
Das lendas do lar.

.....

– Ah! sempre que me recordo
Daquele gênio imortal,
Sinto orgulho em ter nascido
Nesta terra sem rival;
Pois ele, – rei na ciência,
Foi de nossa independência
O patriarca, o motor!
Foi um arcanjo inspirado,
Como tutor desvelado
Do segundo imperador!

Que patriota! Constante
Seu cuidado era o Brasil,
Por quem dera a própria vida,
Por quem dera gozos mil;
Esse afeto verdadeiro,
Junto de Pedro Primeiro,
O exímio Andrada provou...

Quando herói, e quando lhano
Ao lado do soberano
– Independência! – bradou.

Nas ciências... fale a Europa,
Que por sábio o aclamou,
O povo culto que sempre
Com justiça o aquilatou;
O povo que o admirava
Se ele escrevia ou falava
Em ciências naturais!
Que atestem suas vitórias
Seus escritos e memórias,
Vivas provas eternas!

Como estadista, guiando
A nau do Estado nascente,
Salvou-nos de mil procelas,
Foi hábil nauta e prudente;
Se a pátria então perigava,
Como a seu leme velava...
Que perícia, que vigor!
Como ao filho um pai amante,
Do Brasil ainda infante,
Foi incansável tutor!

E que poeta! Na lira
Com melodia trovou,
De sua pátria o destino
Com sentimento cantou;
E esta virgem natureza,

E de sua alma a tristeza,
Cantando, que inspiração!
Na lusa Arcádia um renome
Teve brilhante o seu nome
Naqueles tempos de então!

Sem dó, sem pena exilado
Foi como o nosso Dirceu;
Nas plagas da terra estranha
Quanto chorou e gemeu!
Sofrendo, solta o seu canto...
Quem pode lê-lo sem pranto,
Quem pode lê-lo sem dor?...
Lá chora da pátria o erro,
Que deu-lhe longo desterro
Em paga de muito amor!

E passou... qual meteoro,
Que deixa um rasto de luz,
Aquele estrela divina
Do grande império da Cruz!
E passou... ó, brasileiros,
Honrando sede os primeiros
Da liberdade o fanal!
Honremo-lo, sim... que não temos
Outro igual ao que perdemos
Em nosso Andrada imortal! –

.....
E todos ouviam
Do velho o cantar,

Sorrindo com ele,
Com ele a chorar;
Ufanos das glórias
De nossas vitórias...
Chorando as tristezas
Das lendas do lar.

XXVII

O TRABALHO

Eia, acorda, deixa, a rede,
Perto o sol clareia o mar,
Já desperto o passarinho
Pôs-se terno a gorjear;
Tudo agora, após a prece,
Começa no seu lidar:
Eis o tempo do trabalho,
Perto o sol clareia o mar.

Raia o dia... As avezinhas
Procuram-se alimentar;
Entre as flores voa a abelha,
Doce mel a fabricar,
E a formiga enche o celeiro,
Sem descanso a caminhar:
Raia o dia... As criaturas
Procuram-se alimentar.

Raia o dia... Toma a enxada,
Corre à roça o lavrador;
Tira o leite, pensa o gado

No sertão o criador,
Enquanto sobre a jangada
Sulca a vaga o pescador:
Raia o dia... Já nos campos
Corre à roça o lavrador.

Na cidade os artesanos
Despertam no seu labor,
Rompe a orquestra do trabalho,
Que vida nesse rumor...
Na oficina do ferreiro,
Do carpina, ou serrador!
Eia, acorda! O povo agora
Desperta no seu labor.

Eia, às lidas! que trabalho
É a f'licidade do lar,
Nele a prole reunida
Todo o dia a trabalhar
É feliz, é virtuosa,
Não cessa de prosperar!
Eia, às lidas... Que o trabalho
É a f'licidade do lar.

Ai daquele que o despreza...
Que pesar, que abjeção!...
Sua esposa, seu filhinho,
A chorar pedindo pão,
E entretanto o miserável
Por seus crimes na prisão!

Ai daquele que o despreza...
Que pesar, que objeção!

Eia, às lidas... Que o trabalho
Dá saúde, dá vigor;
Ele é fonte da virtude,
Dos sorrisos, do amor;
Que no ócio nasce o vício,
Neste a infâmia, o crime, a dor!
Eia, às lidas... Que o trabalho
Dá saúde, dá vigor.

Eia, às lidas... Que o trabalho
Nos caleje sempre a mão!
Ela assim é sobre a terra
O mais honroso padrão;
Prova a nossa independência
E brios de cidadão:
Eia, às lidas... Que o trabalho
Nos caleje sempre a mão!

Eia, às lidas! Deixa a rede,
Perto o sol clareia o mar,
Já desperto o passarinho
Pôs-se terno a gorjear;
Tudo agora, após a prece,
Começa no seu lidar:
Ao trabalho! Rompe a aurora...
Perto o sol clareia o mar.

XXVIII

EU, NÃO!

Ai, gente, que tirania...
Que tamanha ingratidão!
Água e fogo tu me negas
À porta do coração!

Ela me disse zangada:
– Eu, não!

Ai, nunca tantos rigores
Encontrei no meu sertão;
Té um ranchinho me negas
Dentro de teu coração!

Ela me disse mais branda:
– Eu, não!

Me foges, – morre de sede
Minh'alma neste verão:
Nem sequer um refrigerio
Dentro de teu coração!

Ela me disse mais doce:
– Eu, não!

Ai, vou-me morrer bem longe,
Sem uma consolação;
Novas de mim não procures,
Tem culpa teu coração!

Ela me disse:

– Eu, não!

Quase choraste? Não chores,
Tudo pode um beijo então...
Mata a sede que me mata,
Junto de teu coração...

Ela me disse chorando:

– Eu... não!

Pois fica, – que o mundo saiba
De minha morte a razão:
Uma ingrata assassinou-me
Com seu fero coração!

Ela me disse medrosa:

– Eu... não!

Caminheiros... deixo a terra
Por causa duma paixão...
Amei-a... qual foi a paga?
Matou-me seu coração!

Deu-me o beijo... mas dizendo:

– Eu... não!

Não morri... Em tempo ainda
Tu me deste a salvação!
Que beijo! Se desses outro...
Por amor do coração...



Corando e sorrindo disse:

– Eu... não!

Não morri... Em tempo ainda
Tu me deste a salvação!
Que beijo! Se desses outro...
Por amor do coração...

Corando e sorrindo disse:

– Eu... não!

Que doce beijo... eu te adoro
Com firmeza e devoção!
Com teus beijos tu me salvas,
Mulher do meu coração!

Fugiu-me, – dizendo sempre:

– Eu... não!

Fugiu-me! Quem mais formosa
Mesmo lá no meu sertão?
Ai, vida de minha vida,
Tu levaste meu coração!

Ao longe... me disse ainda:

– Eu não!

XXXIX

O RUCINHO

Onde aquele cavalo, o rucinho,
Cujas crinas voavam no ar,



Quando forte, valente, brioso,
Se apressava no seu baralhar...
Certo e firme nos passos da marcha,
Ou no campo o ribeiro a pular?
Onde aquele cavalo, o rucinho,
Cujas crinas voavam no ar?...

Quando o sol no horizonte surgia,
Eu o levava ao riacho a beber,
E lavando o seu corpo roliço...
Oh! que saltos de imenso prazer!
E eu dizia contente: – Meu ruço,
Como agora tu hás de comer!...
Onde aquele cavalo, o rucinho,
Qu'eu levava ao riacho a beber?

E voltando do rio, o seu milho
Quantas vezes comeu-me na mão!
Do capim mais verdoso do prado,
Findo o milho passava à ração;
Sempre, sempre nos olhos mostrando
Por meu zelo fiel gratidão;
Onde aquele cavalo, o rucinho,
Que mil vezes comeu-me na mão?...

Quando à tarde eu saía o ruço,
Qual mais lindo? Não tinha um rival!
Penteadas as crinas... e ao vento,
Dos arreios brilhando o metal...
Todo mundo gostava de vê-lo,
Quanta inveja na gente do val!

Onde aquele cavalo, o rucinho,
Que tão lindo não tinha um rival?...

Se marchava nas ruas da vila,
A morena dizia: – É sem par!
E um sorriso tão doce de dava,
Qu'eu me punha feliz a cismar...
E depois no meu ruço garboso,
Eu passava no mesmo lugar:
Onde aquele cavalo, o rucinho,
Que a morena dizia – sem par?!

E se à noite, eu saía a passeio...
Como o ruço pisava sutil!
À vereda sombria da mata,
Perto à choça da moça gentil...
Parecia entender-me! – chegava
Tão de leve, qual brisa de abril:
Onde aquele cavalo, o rucinho,
Que à noitinha pisava sutil?...

Que mistérios então... porém ele
Aos segredos não era traidor,
Em silêncio ficava, e murchando
As orelhas, se ouvia rumor...
Me avisava de todo o perigo,
De meu ruço que provas d'amor!
Onde aquele cavalo, o rucinho,
Que aos segredos não foi-me traidor?...

E se vinha o perigo... o meu ruço,
Quantas vezes salvou-me a correr!

Ou por montes, ou vales, ou prados,
Nada havia sobre ele a temer...

Que topar e cair não sabia,
Nem tais cousas quisera saber:
Onde aquele cavalo, rucinho,
Que mil vezes salvou-me a correr?...

Meus passeios... adeus para sempre!
Ó, morenas do prado, chorai!
Ó, verdoso capim destes campos,
E águas limpas do rio, secai!
Ai, que mágoas qu'eu sinto! Não vedes
Como o pranto na face me cai?!
Onde aquele cavalo, o rucinho?..
Ó, morenas do prado, chorai!

Esse amigo qu'eu tinha na vida,
Esse amigo... o meu ruço, morreu!
Uma noite... que noite maldita!
Jararaca feroz o mordeu...
E ele então, em tremenda agonia,
Ai, fitou-me, coitado, e gemeu!
E depois... Onde está o rucinho?..
Oh! que sorte!... Meu ruço morreu!

XL

O PACTO

I

– Minha mãe, eu vou-me embora,
A sorte vou melhorar,
Que viver desta maneira

É penoso labutar,
Vou a miséria, que sofro,
Pela riqueza trocar.

– Onde vás, meu filho, dize
Por Jesus dize onde vás!
Qual teu desejo, teu rumo?...
Não queres viver em paz?...
Não me escutas, não descansas,
Acaso tu louco estás?...

– Minha mãe, eu vou-me embora,
Que não vá, não peça... não!
Chegou a noite aprazada,
A noite de São João;
Em breve, que partir devo,
Me dirá a viração.

– Onde vás, meu filho, dize
Pelo leite que eu te dei;
Tem pena de mim já velha,
Não renegues santa Lei;
De joelhos reza, ó filho,
O Credo que eu te ensinei.

– Minha mãe, eu vou-me embora,
Qu'eu não vá, não peça mais:
Vou agora à encruzilhada
Dar meu sangue a Satanaz,
Por muito dinheiro e artes,
Que me tornem bom rapaz.

– Onde vás, meu filho, dize..
Não temes a maldição?
Meu Jesus, dai-me sossego,
Escutai minha oração;
Oh! livrai meu filho amado
De medonha tentação!...

– Minha mãe, eu vou-me embora,
Não me posso demorar;
Devo estar na encruzilhada
Antes do galo cantar;
Vou ser rico, adeus, té quando
Muito rico aqui voltar.

II

E partiu!... Ficou a velha
Em soluçar aflitivo,
De joelhos suplicando
A Jesus um lenitivo.

– Valei-me Jesus divino,
Valei-me, Virgem Maria!...
A triste dizia em pranto,
Em pranto também gemia.

E o povo todo brincava
Contente nos seus dançares
À luz de muitas fogueiras,
Ao rumor d'almos cantares.

Meia noite! Eis canta perto
A coruja pavorosa,
E a noite linda e serena
Ai, viu-se então procelosa.

Os trovões, raios, relâmpagos,
O povo tornam medroso;
Finda a festa, todos rezam
Temendo um fim horroroso.

Enquanto, na choça, a velha
Assim rezava e gemia;
– Valei-me, Jesus divino,
Valei-me, Virgem Maria!

III

Tempos depois – na procela
Já ninguém mais conversava,
Senão a pobre da velha,
Que morto o filho julgava.

Quando surge de repente
Sem fazer-se anunciar,
Um comboio de muitas cargas,
Um lindo carro a rodar.

Das malas ao sol cintila
A dourada pregaria:
Que vêm cheias d'ouro fino,
Se espalha na freguesia.

– De quem são, todos perguntam,
De quem é riqueza tanta?
Do carro salta um mancebo,
O luxo que traz espanta!

Procuram ver-lhe o semblante,
Ao vê-lo que vozeria!...
O rapaz... é ele!... é ele!...
O povo junto dizia.

E de fato, era ele mesmo,
Porém vem mui desmudado,
Da face fugiu-lhe o sangue,
Qual não era, é descorado.

Do lugar a melhor casa
Torna a sua moradia;
Muda o traje, e s'apresenta
Coberto de pedraria.

E depois, sempre sorrindo,
Faz proezas a brincar;
Além de rico, é arteiro,
Tem astúcias de espantar.

O pobre povo o contempla,
E vendo tal valentia,
Diz medroso e murmurando:
– Valei-nos, Virgem Maria!

IV

– Senhora mãe, eis-me vindo,
riqueza tenho e poder!

– Vai, maldito, és do demônio,
Vai longe de mim viver.

– Senhora mãe, tenho ouro
Para grande casa encher!

– Não és meu filho, és maldito,
Eu não quero mais te ver.

– Senhora mãe, não me fuja,
O mundo vamos gozar.

– Vai, maldito. Eu sou de Cristo,
Por Cristo quero penar.

– Senhora mãe, dê-me ouvido,
Sou rico, nobre e sem par!

– Vê a Cruz, estoura e vai-te!
E não me queiras tentar.

V

À vista do santo Lenho,
Ressou medonho estouro,
E o maldito então s'arreda
Transformado num besouro.

Com ele, nesse momento,
Tudo o mais desaparece,

S'espalha cheiro de enxofre,
Que a gente logo entontece.

Enquanto murmura o povo,
Junto à Cruz com devoção:
– Divino Jesus, livrai-nos
Do demônio e tentação.

E vós qu'agora m'ouvistes,
Comigo dizei também:
– Do demo, livre-nos Deus,
Nesta vida e noutra. Amém.

XLI

A FILHA DO PESCADOR

Na praia deserta, que tarde formosa,
Meu Deus e Senhor!
E dentro em minh'alma, que doce saudade;
No peito que chamas; na mente, que cismas;
Que sonhos d'amor!

Sozinho eu vagava
Juntinho do mar,
Ouvindo sentido da vaga os soluços
D'eterno chorar.

Então, – era um sonho, dos ermos miragem,
Loucura ou visão?
Eu vi-a correndo na praia deserta...
E as auras puxavam seus negros cabelos,
Seu alvo roupão.

– Não corras, donzela,
Não fujas assim!
E ela corria, descalça na areia,
Fugindo de mim.

Por fim segurei-a; meu peito arquejava
D'amor e de afã...
E a virgem da praia, morena e donosa,
Ai, cora e pranteia, qual chora corando
D'inverno a manhã.

– Escuta, eu lhe disse,
Não queiras fugir,
Que é imenso o afeto que tenho em minh'alma
D'extremo sentir!

Eu sou como a vaga, que rola sem dono
No frio areal...
E a planta marinha, que nasce nas rochas,
E vê-se arrancada... que as ondas agita
Cruel temporal.

Se tu me quiseres
Morena louçã,
Sou teu... sou escravo... serás tu senhora...
Das fadas irmã! –
E ela cativa num laço em meu peito,
Ouvia a chorar,
E após me fitando murmura em soluços:
– Eu era tão livre nos montes de areia,
Na borda do mar...

Assim como a concha
Na praia a brilhar,
E às vezes, no dorso das ondas altivas,
Contentes a brincar...

E vens e sem pena me tornas escrava
Num laço d'amor?
De mim o que sonhas?... Sou virgem, sou pura,
Embora morena; sou filha do povo,
Sou d'um pescador.

A filha mimosa
Do pobre ancião...
Ai, dele a ventura... seu doce sorriso...
A sua oração!

Agora nas ondas o velho procura
Sustento nos dar...
Em sua jangada, cantando as cantigas
Que alegre cantava, ai quando eu criança
Me punha a chorar...

E lá na choupana
Minha mãe deixei...
E vim pela praia... que nunca eu viesse...
Cativa fiquei!

E agora... assim presa... de mim que pretendes...
Me queres matar?
E a fraca velhinha que espera na choça...
E o velho dos mares, ai quando a jangada
Na areia encalhar?

Ai, deles, coitados,
Também morrerão!
Qu'eu sou o consolo da fraca velhinha...
Do velho a oração! –

– Oh! não! eu lhe disse, soltando-a dos braços:
Já livre tu és...
Qu'eu morra sozinho! – E a virgem dizia:
– Que mal me fizeste! – E triste chorava,
Gemendo a meus pés.

Que ternos gemidos
E prantos os seus...
E eu delirava... Fugindo matava-a...
Ficando... ó, meu Deus!

E eu delirava... que fogo em meu sangue,
No peito qu'ardor!
Depois eu lhe disse: – Que a sorte se cumpra!
Sou teu, serás minha... ai, amemos, vivamos
Nos gozos d'amor! –

E a noite caía
No branco areal...
E as ondas bramiam no meio dos mares
Qual o gênio do mal.

E o vento fremia no morro, no vale,
Qu'estranho fremir!
E o céu toma o luto d'irada procela...
E o raio fuzila, bramindo nos ares...
Qu'horrente bramir!

E a filha do povo
Não ousa falar...
Gelada em meu colo... gentil criancinha,
Talvez a sonhar.

– Desperta, eu lhe disse, que a noite nos foge,
Qual foge o bulcão...
Ainda me restam mais chamas nos lábios,
E vida em minh'alma... que o fogo labora
No meu coração! –

Debalde a desperto...
Não pode acordar;
E a noite fugia... fugia a procela...
E o dia a voltar.

Então como louco, correndo na praia...
Eu triste a chorar,
Bradava: – Maldito... Maldito... Matei-a...
Calquei a florinha mimosa dos ermos
No seu desbrochar! –

Que a per'la dos mares,
Das ribas a flor.
Na praia deserta morrera em meu seio,
Morrera d'amor!

E as ondas se elevam, se engrossam rugindo
Com todo o furor...
E a murcha florinha da areia arrebatam...
E eu vejo-a boiando no colo da vaga...
Sem viço, sem cor!

E a aurora desponta
Da noite ao morrer...
E eu louco vagava sentido chorando...
Bradando a gemer:

– Ai, sou como a vaga, que rola sem dono
No frio areal...
E a planta marinha, que nasce nas rochas,
E vê-se arrancada, que as ondas agita
Cruel temporal!

Ai, sorte mesquinha
Do pobre cantor...
Nos ermos da vida... romeiro perdido,
Nos transe da dor! –

.....

Desperto... cismava... Que tarde formosa,
Meu Deus e Senhor!
E, dentro em minh'alma, que doce saudade...
No peito, que chamas... na mente qu'enlevos,
Que sonhos d'amor!

XLII

EVARISTO F. DA VEIGA

Um pobre e velho soldado
Do dia sete de abril
Muita vez saudoso à noite
Contava a lenda gentil

De seu chefe – d’Evaristo,
Glória de nosso Brasil.

– Evaristo! Que brasílio,
Que distinto cidadão!
Onde um filho mais amante
De sua pátria nação?
Nas lutas era prudente,
No jornal – astro luzente,
Era um tribuno eloquente,
Falando... que erudição!

Do povo, de quem nascera,
Era amigo e defensor:
Na procela o seu santelmo,
Na bonança o seu mentor;
No seu jornal o educava,
Doutrina pura explicava,
Na sua Aurora⁹ lhe dava
As provas de firme amor.

Quando foi que a nossa imprensa
Deu mais luz, mais instrução?
Quando foi que um jornalista
Cumpriu melhor a missão?
Como o rócio que vigora
Franco arbusto, que descora,
No Brasil a sua Aurora
Alentava o povo então!

⁹ *Aurora Fluminense*, jornal de Evaristo.

A Aurora! Eis o meu livro,
Na velhice o meu prazer;
Quando leio-o... num enlevo,
Vejo o meu chefe a escrever...
Vejo-o – os erros combatendo,
A virtude engrandecendo,
E o meu Brasil defendendo,
O solo do seu nascer.

Ali... pela liberdade,
De sua vida fanal;
Pelos direitos do povo
De sua pátria natal...
Devotado ele pugnava,
Devotado se esforçava,
Por isto Deus inspirava
Seu talento liberal!

O mesmo no parlamento
Como distinto orador,
Fazia o chefe, qual sempre,
Com denodo, com vigor:
Dos mineiros deputados,
Dos talentos rodeado,
Ele falava inspirado,
Qual um anjo do Senhor.

Aqui o velho soldado
Do dia sete de abril,
Respirava, e prosseguia,
Ora triste, ora febril,

A lenda do nobre chefe,
Glória de nosso Brasil.

– Nas lutas da Independência,
Nesse feito tão gentil,
Não entrou... se preparava
Pra o dia sete de abril;
Então – foi ele o primeiro,
O amigo verdadeiro,
Deste povo brasileiro
Deste Império juvenil.

Então – os loucos desvios,
Loucos erros do poder,
Despertam do povo as iras,
Do povo que sói vencer;
Das turbas o movimento,
Um geral excitamento
Começa a todo momento
Com rapidez a crescer.

Corre a Minas o imperante,
E volta sem proteção,
Sentindo fundo desgosto
Da cruel decepção,
Enquanto o rumor, avulta
Entre a classe néscia e culta
O luso à nossa nação.

Tornou-se logo iminente
A revolta popular,

Brasília gente e famosa
Quer morrer ou triunfar;
Destemido põe-se à frente
Do povo, chefe prudente,
Evaristo, o bravo ingente,
Quando em paz, quando a lutar.

Eis a revolta triunfa,
Que o tribuno dirigiu,
Ele então falando ao povo
O sossego difundiu;
Com sangue não mancha a história,
Nem mareia a sua glória,
Nem os louros da vitória,
Vingança ninguém sentiu!...

Sete de abril, será sempre
Em nossa história um padrão;
De Evaristo um monumento
De infinita duração:
Da liberdade almo dia,
Da luta, paz e alegria,
Tu firmaste a monarquia
No brasileiro torrão!

E o velho e pobre soldado
Do dia sete de abril,
Aqui cismava bem triste...
Té que falava febril,
Contando a lenda do chefe
Glória de nosso Brasil.

– Era um gênio! As leis ditava
Mesmo lá de seu balcão,
Onde bebera nos livros
Abundante ilustração;
O País tanto amava,
Que mal então caminhava,
Com desvelo ele guiava,
Foi anjo de salvação!

Quem na prudência igualou-o,
Quem no talento o venceu?...
Quem mais útil foi à pátria,
Por ela quem mais sofreu?...
Por vê-la mal dirigida,
Quase de todo perdida,
A padecer deixa a vida...
O patriota morreu!

Morreu, sim; porque salvá-la
Segunda vez não podia;
Morreu, sim, o bravo ilustre,
Que salvou a monarquia!
Morreu, sim, o brasileiro,
Este modesto livreiro,
Que foi da pátria o luzeiro,
Que nos foi seguro guia!

Mas, que importa que seu corpo
Repouse no frio chão?
Que sua alma haja voado
À do céu santa mansão?...

Do povo será lembrado,
Dos vindouros venerados,
Como um gênio sublimado,
Como herói desta nação! –

Aqui o velho soldado
Do dia sete de abril,
Findava a lenda – chorando...
Era o seu pranto gentil!
Tinha saudade do chefe,
Glória do nosso Brasil.

XLIII

À ISABEL

Morena, morena... espera!
Não te escondas a correr;
De meu amor ouves as falas,
Do coração o gemer:
Eu te adoro... Não te escondas,
Não te escondas a correr!

Belu... Beluzinha...
Meu afeto, meu encanto,
Vida minha.

És medrosa como a rola,
Que vê perto o caçador,
Ai, enquanto eu sou a vaga
Sem descanso animador,
Procurando a rola esquiva,
Que vê perto o caçador.

Belu... Beluzinha...
Meu amor, ai, não me fujas,
Vida minha.

És ingrata como o vento,
Que torna seco este chão,
Ai, enquanto eu sou o solo
Sem verde vegetação,
Por causa do vento estivo,
Que torna seco este chão.

Belu... Beluzinha...
Não maltrates quem te adora,
Vida minha.

És formosa qual novilha
Pelas várzeas a brincar;
Eu sou o pobre campista,
Que estremece ao teu passar,
Entretanto tu me esqueces
Pelas várzeas a brincar.

Belu... Beluzinha...
Ai, não seja tão arisca,
Vida minha.

És saudosa, és meiga e terna,
Qual gemente juriti,
Não por mim... Talvez por outro,
Que não padeça por ti;
Enquanto tristonho canto,
Qual gemente juriti.

Belu... Beluzinha
Paga afeto com afeto,
Vida minha.

A brisa do meio-dia
Sabe incêndio atear;
És igual pois n'alma sinto
A fogueira crepitar;
Até mesmo o teu desprezo
Sabe incêndio atear.

Belu... Beluzinha...
Não seja cruel tirana,
Vida minha.

Tu me escutas! Te apiedas
Deste meu imo penar!
Ao som de minha guitarra
Eis-te agora a meditar...
Enquanto modulo as queixas
Deste meu imo penar.

Belu... Beluzinha...
Corre a mim, dá-me tua alma,
Vida minha.

XLIV

O RECRUTA

Em noite trevosa no rancho da tropa,
Eu vi o recruta saudoso a chorar,

Fitando a fogueira do meio da estrada,
Co'os pés já feridos por longo marchar.

Nas rugas da face contei-lhe os invernos,
Inda era ele moço – bem moço talvez:
Na fronte espaçosa brilhava o talento,
No belo semblante do gênio a altivez.

E a corda de embira com força apertada
Os braços doridos lhe estava a cortar,
E a algema execranda seu punho cingia,
E do malfadado, que era seu par.

Dest'arte ele estava sem crime, sem culpa!
De mais segurança da tropa é dever...
Da lei quem se ocupa, qu'importa a clemência?
Não sofrem tiranos, causando o sofrer.

E os outros recrutas calados cismavam,
Talvez do futuro lembrando o passar,
E o triste e choroso, limpando o seu pranto,
Sua lenda penosa começa a cantar.

Que ternas endeixas – que trovas sentidas!
Jamais esqueceu-as o meu coração;
Encerram verdades, verdades singelas,
Atento escutai-m'as – são elas de irmão.

I

Ai de mim, desventurado,
Ai de mim que sofro tanto,

Que já me falta esse pranto,
Qu'ardente febre secou!
Por vingança criminosa,
Duma facção caprichosa

Perseguido fui sem culpas,
E deste modo aqui estou!

E contudo – sendo esteio
De velha mãe – era isento
Do feroz recrutamento,
Segundo as letras da lei:
Nada valeu... a intriga
D'iníqua gente inimiga,
Ai de mim! teve o triunfo,
Eis-me a engrossar esta grei.

Em minha choça fui preso
Por um poder violento,
E minha mãe sem alento
Lá ficou – fora de si!
Lá deixei ao desamparo,
Tudo que pra mim é caro...
Lá ficou pobreza e fome,
Eu a morte trouxe em mi!

E ora vou como um escravo,
Em breve jurar bandeira,
Longe da várzea fagueira
De meu formoso sertão;
Ai, dessa terra querida,

Onde deixei alma e vida,
Só trazendo o desespero
No fundo do coração!...

Ora preso e torturado,
Qual se fora um delinquente,
Qual rola fraca e trememente
Nas unhas do gavião;
Ora preia da polícia,
Que me leva pra milícia;
Ora infeliz, ora aflito
Em mortal consternação.

Em breve do sul na praias,
D'escura farda coberto,
Já pisando muito certo
A chibata a reçar;
Já, meu Deus! não divisando
A verde relva brotando
No sertão, por essas várzeas,
Que hei de sempre suspirar.

II

E depois sem esperança
De, nesse tempo invernos,
Ver o campo, em que ditoso
Eu colhia a bela flor!
De ver jamais a campina,
Onde corre cristalina
A pura linfa entre seixos,
Dizendo frases de amor.

A campina aonde infante
Eu brinquei sempre contente,
E depois adolescente
Em transporte um anjo vi!
A virgem que muito adoro,
A virgem, por quem eu choro,
Que tem as cores d'aurora,
Ternuras da juriti.

Ai, que a sós ali com ela
Quantas vezes divagando,
Senti alma transbordando
De prazeres, que gozei.
Vendo perto o nédio gado,
Ou mirando o terno alado
Naquela linda oiticica,
Onde o meu amor jurei!...

Nesse dia – que saudade!
A paixão jurando extrema,
Dos meus braços – como a ema
Pelo prado – ela fugiu!
Depois veio apaixonada,
Com sua face corada,
Ouvir o hino inspirado,
Que de meus lábios saiu.

Santo Deus! Que duras mágoas,
E que dor, pensando nela!
Ai, que tão terna donzela
Ia esposa minha ser!

Do consórcio desejado
Estava o dia marcado,
Quando veio a fera tropa
Com algemas me prender!...

E depois desse martírio
Inda piso estas areias?
Inda sinto nestas veias
O meu sangue pulular?!
Ai, que desprezo esta vida,
Que tornou-se dolorida
Desde quando me roubaram
O amor, a mãe, o lar.

III

Minha mãe! que soluçava
Quando preso viu-me assim;
Suplicando pra velhice
Proteção que tinha em mim;
Minha mãe! viúva enferma,
Que deixei da vida ao fim!

Minha mãe! tronco mirrado,
Que depressa acabará,
Ausente o filho querido,
Que lhe rouba a sorte má!
Pobre velha, abandonada
Lá chorando morrerá!...

Minha mãe!... que mais não tinha
Que um filhinho, que era eu!

Aquela a quem dei sustento
Té que a tropa me prendeu!
Pobre mãe, andando a custo,
Ai, só tinha o braço meu!...

Pobre mãe!... Neste momento,
Quem sabe se vida tem?...
Talvez de fome ou de sede,
Morra só, sem mais ninguém...
Minha mãe, perto da campa
Sem o socorro de alguém!...

IV

Agora nestes caminhos,
Amarrado, escarnecido,
Sem minha mãe, sem meu anjo,
Sem o meu campo querido,
Vou-me longe – enlanguecido
Sem o ar do meu sertão!
Vou-me longe... Enquanto vivo
Da chibata sou cativo,
Sou soldado da nação!...

Vou-me longe! Que vos diga
Deste punho a algema dura...
Sou recruta, ó, céus, recruta,
Sou um triste sem ventura!...
Vou viagem da amargura,
E do mar as ondas ver!...
Num desterro acabrunhado,

Ai, sem dita, desvairado,
Sem amor, sem mãe, morrer!...

.....

E um choro abundante lh'estorva o seu canto,
A voz lhe fenece, faltando o vigor;
E os outros recrutas chorando cismavam
Imersos n'angústia, nos transes da dor;
Enquanto os soldados soltavam risadas,
Zombando dos prantos... que cena d'horror!

XLV

ARRUFOS

Achei-a! Estava cismando...

Chorando

No meio do cafezal...

– Que é isso?

Criança!

Descansa...

Que o pranto faz tanto mal!

– Bem me dizia a Francisca...

Foge de amor, foge, Rita,

Que infeliz é quem no mundo

Nos homens hoje acredita!

Ai de mim...

Foge de amor... foge... Rita! –

Zelosa! Estava arrufada...

Coitada...

Bem triste de si... por mim!

– Que enredo...

Criança!

Descansa...

Pois queres fugir-me assim?

– Quem o chamou cá? Vá-se embora,

Com ela vá tomar chá...

Não achou-a tão formosa?

Formosa... tanto... não há!

Ai de mim...

Com ela vá tomar chá! –

Chorava! Triste morena...

Que pena,

Quando ouvi-a a soluçar!

– Não creias...

Criança!

Descansa

Eu disse aquilo a brincar!

– Não disse, não; ai, que sorte...

Deu-lhe um beijo... por sinal!

Viu tudo a Rosa... ela estava

No meio do cafezal!

Ai de mim...

Deu-lhe um beijo por sinal! –

Era certo... O vil enredo

Sem medo...

Fora o caso lhe contar!

– A Rosa?

Criança!

Descansa...

A Rosa mente a faltar!

– É verdade... deu-lhe o beijo...

Deu-lhe o beijo... tem-lhe amor!

Quem mandou-me acreditá-lo?

Bem feito... qu'eu sinta a dor!

Ai de mim...

Deu-lhe o beijo... tem-lhe amor! –

Que lindeza! Como estava...

Sulcava

O pranto a face gentil!

– Não chores...

Criança!

Descansa...

Dou-te meus beijos a mil.

– Saia daqui... vá beijá-la...

Seus beijos não quero mais!

Guarde lá os seus abraços...

Os seus suspiros, seus ais!

Ai de mim...

Seus beijos não quero mais! –

Venci-a! Quanta doçura

Ternura...

Nos beijos que lhe roubei!

– Eu t'amo...

Criança!
Descansa...
Sempre a ti... sempre amarei!

– Mais esta vez lhe perdoo...
Não tenho mau coração!
Mas, olhe... se outra fizer-me...
Não lhe darei mais perdão!
Ai de mim...
Não tenho mau coração!...

XLVI

O RAPAZ DA GUIA

Pobre rapaz da fazenda,
Nos campos do Ceará,
Foi-me sorte ser guieiro,
Oh, meu Deus, que sorte má!
M'escolheram por esperto,
Em susto contínuo vou;
Seguiu-me, gado formoso,
Ó boiada, ê cou... ê lou...

Vou cantando aqui na frente
Deste gado, a caminhar,
Onde terei certa a morte
Quando a boiada arrancar;
Pois o gado sequioso,
Se uma fonte adivinhou,
Corre todo – eu fico morto;
Oh, que sinal! ê cou... ê lou...

Oh, que sina! No perigo
É meu dever aboiar;
Dão-me sempre um bom ginete,
Em qu'eu me possa salvar.
Ai, qu'apenas me consola,
Nesta vida em que estou,
Toadas de minha gaita...
Ó Espaço... ê cou... ê lou...

Eu, por isso sou humilde
E por isso canto assim...
Se minha voz a boiada
Não escutar... ai de mim!
Mas, uma voz entoada
Sempre a boiada escudou,
Até mesmo a mocambeira
Vai direito – ê cou... ê lou...

Quando guieiro saudoso
Sabe seu canto dizer,
Marcha o gado reunido,
Como que chora a gemer!
Pois ele conhece o canto
Que terno choro molhou!
Ama a rês a voz saudosa...
Eia, avante... ê cou... ê lou...

Mas, a catinga receio,
Que pode gado esconder;
E nas pontas dum novilho,
Tenho medo de morrer!

E contudo eu sou sozinho,
 Minha mãe já se finou...
 É minha família o gado...
 Eia, avante... ê cou... ê lou...

Minha vaca Noite-escura,
 Nada, nada de parar!
 Meu Surubim, meu boi Liso,
 Cor de noite de luar;
 Toca, toca para a feira,
 A viagem não findou:
 Adiante, ó Pintadinho,
 Ó bargado... ê cou... ê lou...

XLVII

A NOITE NA SENSALA

Maldição sobre aquele que imano
 Em seus lares sustenta a opressão;
 Sobre aquele que a pátria envilece...
 Traficando... vendendo um irmão!
 Oh, que nódoa na história Brasília...
 Maldição... maldição... maldição!...

.....
 Que noite... que noite aquela,
 Que na senzala passei!
 Que cenas... que horrível quadro
 Ai, chorando contemplei!
 Desde então tornei-me imigo
 Dos malvados opressores...

Carpindo tantos horrores,
O pobre cativo amei.

Amei-o sim... deplorando
As dores do meu irmão,
Que por lei a mais infame
Morria na escravidão;
Qu'eu via então miserável,
Pelo trabalho alquebrado
Quase nu... ali deitado
Sobre trapos, sobre o chão!

Amei-o... pois padecia;
Amei-o... senti-lhe a dor:
Amo o fraco, odeio o forte
Quando exerce o seu rigor:
Amo o gemido, o queixume
Do cativo desditoso.
Como odeio impiedoso
O desumano senhor!

Pobre irmão! Vinde, tiranos,
Alta noite o contemplar;
Vede... dorme o desgraçado
Sem da ventura o sonhar...
O cristão... o brasileiro...
O cativo miserando...
Té que venha o algoz nefando
Com chicote o despertar!

Aqui fraco delirando
Aquele que não comeu,

Perto a mãe, a desgraçada,
Que todo o dia gemeu...
Vendo o filho de sua alma
Sob os açoutes gritando...
O sangue seu derramando...
Té que os sentidos perdeu!

Ali o velho que chora
Com tristeza e dissabor,
Apesar de escravo, honrado,
Dá largas a sua dor...
Pois viu a filha donzela,
À sua filha querida,
Que rola imbele... perdida...
Nos braços de seu senhor!

Além a esposa aviltada
Aos olhos do esposo seu;
A triste mãe sem o filho,
Que o fero branco vendeu!
O pobre filho que aflito
Viu sua mãe açoutada...
O quadro da lei malvada
Da pátria que Deus me deu!

Ó, vinde, vinde, tiranos,
Contemplai-os sobre o chão,
Enquanto da meia-noite
Geme a fria viração...
Chorando talvez sentida
Tantas dores e torturas,

Desta vida as amarguras,
As mágoas da escravidão!

.....

Maldição sobre aquele que imano
Em seus lares sustenta a opressão;
Sobre aquele que a pátria envilece...
Traficando... vendendo um irmão!
Oh, que nódoa na história Brasília...
Maldição... maldição... maldição!...

XLVIII

OS PADRES DA COMPANHIA

Houve um tempo, meu menino,
Pobre velha me dizia,
Em que vi santo colégio
Dos padres da Companhia.

Eu era então muito nova,
Bem poucos anos contava,
Quando a santa Companhia
No Aquirás habitava.

Ali teve o seu colégio,
Que mãos de incréus derrubaram;
De sua igreja as imagens
Para outra igreja mudaram.

Para outra... quando a sua
Era rica e majestosa,

Com portais de fina pedra,
Em tudo bela e pomposa!

Pois aqueles santos padres
Mostravam ter muito ouro,
Como tinham de virtude
No coração um tesouro.

Agora ouvi-me, menino,
A pobre velha dizia,
Que vou contar-vos a história
Dos padres da Companhia.

Viviam sempre rezando,
Como reza o penitente,
Entre o povo difundindo
Da sã virtude a semente.

Às crianças ensinavam
Doutrina pura e severa,
Eram mestres, eram guias
Dos pobres naquela era.

E muitos se dispersavam
Pelos desertos sertões,
Convertendo muita gente
Nas suas santas missões.

Não tinham sede nem fome
A combater a heresia,
Os filhos de Santo Inácio,
Os padres da Companhia.

O tapuia os procurava,
Depois do longo sermão,
Pedindo santo batismo,
Pedindo a lei do cristão.

E nada temiam eles,
Só armados da humildade;
Tinham mel em suas falas,
E nas ações – santidade.

Contudo – ouvi-me, menino,
A obre velha dizia,
Foram presos de repente,
Os padres da Companhia.

Todos presos de repente,
Sem faltar aqui um só!
E nas praias do Iguape
Embarcam deixando o dó.

Não sei por que, não atino!
Foi talvez negra heresia,
Que ditou ao rei a ordem
Contra aquela Companhia.

– Adeus, adeus, santos padres!
Dizia o povo chorando;
Pelas praias divagavam
Tapuias gemendo em bando.

– Adeus, adeus, santos padres,
Prometei aqui voltar,

Quando Jesus, vosso mestre,
Estas cadeias quebrar!...

– Adeus, meus filhos, adeus...
Diziam com paciência;
Não deixeis de ser devotos,
Vivendo na penitência.

– Orai sempre a Santo Inácio,
Nosso patrono divino...
Em prantos todos ouviam,
O moço, o velho, o menino!

Assim, meu filho, embarcaram,
A pobre velha dizia,
Os santos missionários,
Os padres da Companhia.

Desde então aquele porto,
É crença da antiguidade,
Tornou-se funesto aos barcos,
Por tamanha iniquidade!

Nem o mais ousado nauta
Se atreve ali fundear,
Pois veria o seu navio
Sem demora naufragar.

Agora, menino, agora,
A pobre velha dizia,
Roguemos ao Ser Supremo,
Pela santa Companhia.

– Padre, Filho, Esp’rito Santo,
José, Jesus e Maria,
Dai descanso em vosso reino
Aos padres da Companhia! –

XLIX

O PRIMEIRO AMOR

Inda eu era um rapazinho,
Inda jogava o pião,
Quando Rosa com seus olhos
Pôs-me fogo ao coração;
Inda eu era rapazinho,
Inda jogava pião.

Com meu chapeuzinho novo
Todo de fita enfeitado,
Vi-a um dia ouvindo missa
E fiquei apaixonado,
Com meu chapeuzinho novo
Todo de fita enfeitado.

Que linda saia era a sua...
De casa seu cabeção;
Rosa estava tão bonita
Como... como... não sei, não!
Que linda saia era a sua...
De casa seu cabeção!

Fitou-me, toda faceira
Com seu dourado colar,

E com suas arrecadas,
Reluzentes de matar...
Fitou-me, toda faceira
Com seu dourado colar.

Vendo-a assim... a santa missa,
Ai, ouvir não pude mais,
Vendo-a assim, voltei pra casa
A cismar, soltando ais;
Vendo-a assim... a santa missa,
Ai, ouvir não pude mais!

Fiquei outro, ninguém viu-me
Mais o meu pião jogar,
E nem o João-galamarte
No terreiro ao bom luar;
Fiquei outro, ninguém viu-me
Mais o meu pião jogar!

E um dia, quando à lagoa
Rosa o seu potinho enchia,
Fui contar-lhe o meu afeto,
Fui dizer-lhe qu'eu morria,
Um dia quando à lagoa
Rosa o seu potinho enchia.

Quis falar... disse bem pouco,
O mesmo lhe aconteceu,
Ela corava e tremia,
Tremia e corava eu...
Quis falar... disse bem pouco,
O mesmo lhe aconteceu.

Desde esse dia ditoso
Adoro-a com mais fervor,
Oh, amo-a como o orvalho
Ama do prado uma flor,
Desde esse dia ditoso
Adoro-a com mais fervor.

Agora, quando à lagoa
Ela vai água buscar,
Vou eu mesmo encher-lhe o pote,
E os meus sonhos lhe contar,
Agora, quando à lagoa
Ela vai água buscar.

Se à tarde vamos à lenha
Na mata verdosa e bela,
Eu não sei por que, oh, sempre,
Lá me encontro a sós com ela,
Se à tarde vamos à lenha
Na mata verdosa e bela.

Se temos alguma festa;
No fadinho ou no baião,
Ela me atira e me larga
Olhar de tanta afeição...
Se temos alguma festa,
No fadinho ou no baião.

Quanto amor, meu Deus, eu sinto...
Não posso mais esperar,
Já não sou mais rapazinho,

Com Rosa vou-me casar;
Quanto amor, meu Deus, eu sinto...
Não posso mais esperar!...

L

A CRUZ DO VALE

– A caminho, viandantes,
Que lindo vai o luar,
A beleza desta noite
Nos convida a caminhar.

Mas todos ficam – não querem,
Não querem mais caminhar;
Preferem perder seu tempo
Lá no rancho a conversar.

Que está perto a cruz do vale...
Quem se atreve lá passar
Antes que dê meia-noite,
Antes do galo cantar?...

Ninguém, ninguém – todos ficam
Lá no rancho a conversar;
– A caminho, viandantes,
Que lindo vai o luar!

Sentados junto à fogueira
Quase todos a fumar,
Enquanto os cavalos pastam,
Ouvem a história do lugar.

Na cansada voz do velho
Ouvem cousas de assombrar;
Entre os sustos, os terrores,
Do cachimbo ao fumegar.

II

– Velha já e carcomida,
A pequena cruz do val,
Serve de exemplo a nós todos
No meio do ervaçal.

Ali num dia tremendo
Cometeu-se um crime atroz...
– Virgem santa, tende sempre
Misericórdia de nós!

Antônio, guapo mancebo,
Valente, brioso, audaz,
Amava a linda Francisca...
Fazia bem o rapaz.

Mas a bela se esquivava,
Como a ema ao caçador,
Medrosa de seus afagos,
Medrosa talvez d'amor.

Às vezes dando-lhe provas
Da mais constante afeição;
Às vezes com tirania
As provas da ingratidão.

E chorava o pobre Antônio,
Ai, sem podê-la entender;
Ora ditoso... ora triste...
Ai, sem podê-la esquecer!

Assim viviam – que vida!
E o povo todo a esperar,
Vendo as torturas do moço,
Constância de seu amar.

Eis senão quando... aparece
O dedo de Satanaz,
Impelindo a bela moça
Para longe do rapaz!

Era a calúnia – a intriga
Que surgia senhoril,
Aos ouvidos de Francisca
Enredando o seu arдил...

Dizendo que o triste Antônio
Andava pelo lugar...
À virgem de seus amores
Com torpeza a difamar!

Francisca logo raivosa
Acredita no baldão...
E escarnece-o desumana...
Ai dele... quanta aflição!

Vai longe chorar seus males...
O seu destino infeliz;
Era orgulhoso... por isso
Defender-se nunca quis!

E Francisca... em breve.. um dia
Ai, doutro se enamorou...
Foi de um moço de Lisboa,
Que nesta terra chegou.

E casou-se... todos falam
Deste ingrato proceder,
Ouvindo ao longe... bem longe
O pobre Antônio gemer!

III

Assim passou muito tempo...
Té que torpe Satanaz
Lembrou-se deles um dia,
Nos seus planos infernais.

Francisca tornou-se outra...
Que doçura em seu olhar
Antônio procura vê-la...
Louco... amante... a suspirar!

Esquecem tudo... e se entregam
Ao mais funesto fervor...
Entre os desejos e ânsias...
Ai, cegos... cegos d'amor!

Lá no sombrio arvoredado,
No lugar da cruz do val,
Falavam-se... a sós... guiados
Pelos arcanjos do mal.

E ao mesmo tempo o demônio,
Que acendera essa paixão,
Ao marido de Francisca
Leva as novas da traição.

Ele então, aceso em ira,
Descobre-os juntos no val...
Zeloso... louco de raiva...
Avança com seu punhal.

Travou-se a luta medonha...
Aquela luta cruel...
Caindo ao primeiro golpe
Francisca... a esposa infiel.

Lutaram muito... lutaram.
Como touros no sertão,
Até que exaustos de forças...
Caíram ambos no chão.

E morreram, que as feridas
Eram feridas mortais;
E morreram... De contente
Lá pulava Satanaz!

No outro dia, à luz d'aurora,
Um caminheiro talvez,
Os encontrou todos mortos
Lá no vale... todos três!

Ao saber-se... o povo logo
Numa cova os enterrou,
E para sinal da campa
Uma cruz ali deixou.

Hoje ainda o viandante
Passando junto da cruz,
Reza e triste vai dizendo;
– Perdoai-os, meu Jesus!

IV

Desde esse dia, alta noite,
Quando geme a viração,
No vale se escuta um brado,
Um brado de compaixão.

E depois o som das armas,
De fera luta o rumor,
Da vingança irados gritos,
Da morte logo o estertor.

O que ali então se passa,
Quem pode presenciar?
Três vultos brancos... dois homens,
Formosa dona a expirar...

Três vultos que representam
Sem descanso a cena atroz,
Um deles bradando – infame!
Naquela luta feroz.

Té que o galo bate as asas,
E canta terceira vez...
Todos logo desaparecem...
De repente... todos três.

É então que o viandante
Bota as cargas, põe-se a andar
Já não quer perder seu tempo
Lá no rancho a conversar.

V

– Carga acima, ó, comboeiros,
Nada mais a recear,
Que o galo cantou três vezes,
E começa a miudar...

Que as visões da noite fogem
Se o galo põe-se a cantar,
Fogem as almas miserandas,
Que no mundo vêm penar.

Carga acima! Longe o medo
De passar do val na cruz,
Pois aquela triste cena,
Já não se vê, meu Jesus.

Eia, pois! Que noite clara...
Que lindo vai luar:
Carga acima, viandantes,
Carga acima, a bom andar!

LI

O BOM PAI

Vamos, Helena, que do pobre é sorte
Banhar a terra com o suor do rosto,
Se a honra preza, se o filhinho estima,
De quem no mundo se tornou encosto;
Vamos, Helena, toma a enxada, vamos
Banhar a terra com o suor do rosto.

Temos um filho, do consórcio fruto,
Primeiro fruto de um amor tão santo,
O nosso filho! que não sofra a fome...
E da miséria assolador quebranto!
Vamos, Helena, trabalhar sem trégua,
Ai, para o filho de um amor tão santo.

Antes de tê-lo, descansamos muito,
Quase em prazeres nos corria a vida,
Mas hoje a voz do meu dever escuto,
Na voz do filho que me lembra a lida;
Vamos, Helena, do trabalho é tempo
Que dos prazeres escoou-se a vida!

Eia, cumpramos o dever primeiro,
– Dar pão ao filho... de nossa alma encanto!

Que o manda Aquele que nos deu ao mundo,
Que o manda a honra... e do filhinho o pranto!
Vamos, Helena, que é dever primeiro,
– Dar pão ao filho... de nossa alma encanto.

Que a nossa vida de lição lhe sirva!
Demos-lhe o exemplo do trabalho honrado,
Da sã virtude, e de um amor sem termo
Ao Pai celeste – nosso Deus amado:
Vamos, Helena, toma a enxada, vamos
Dar-lhe o exemplo do trabalho honrado.

Assim um dia... que ventura a nossa!
No filho vendo um cidadão prestante,
Um pai querido... um adorado esposo,
Feliz nos lares... do trabalho amante!
Vamos, Helena... que ventura a nossa...
No filho vendo um cidadão prestante!

E então à prole ele dirá mil vezes,
Que aos pais seus deve do viver a dita:
Que amor... oh, como nos quererão seus filhos,
E ele, e ele que esse amor excita!
Vamos, Helena... pra que o filho diga,
Que aos pais seus deve do viver a dita.

Que é mau aquele que seu filho entrega
À lei do acaso, sem fanal, sem norte...
Ao ócio, ao crime, e à descrença infausta,
– Miséria ao corpo, de sua alma a morte!
Vamos, Helena... que não fique o filho
À lei do acaso, sem fanal, sem norte.

Junto aos altares, conjugais preceitos
Cumprir juramos, ao bom Deus perante;
Hoje os cumparamos... Seja o nosso filho
O nosso sonho, e meditar constante!
Vamos, Helena... conjugais preceitos
Cumprir juramos, ao bom Deus perante.

LII

AS FORMAS DE GOVERNO

Logo após a independência
De minha pátria nação,
Sobre as formas de governo
Versou forte discussão:
Um queria monarquia
Sujeita à Constituição,
Outro – um rei absoluto,
e outro mais resoluto
Pedia a – federação!

Então, então
Não podia eu, como agora,
Dizer minha opinião!

Palavra puxa palavra...
Té que se escuta o canhão;
As balas voam ferinas...
De mortos cobrem-se o chão”!
Quando o brado da vitória
Solta uma forte facção...
E gemidos consternados

A prole dos fuzilados
Aos olhos da multidão!

Então, então
Não podia eu, como agora,
Dizer minha opinião!

Como infante, a minha pátria
Não sabia o que escolher;
Era novel – só por isso
Ninguém deverá morrer;
Pois é próprio das crianças
O querer e não querer;
Hoje, não – mestra experiência
Nos mostra a conveniência
Do que devemos fazer!

Então, então
Não podia eu, como agora,
Dizer minha opinião!

Assim pois com toda calma,
Após muito meditar,
Vejam qual dos governos
É o mais fácil de aturar:
A república?... Excelente!
Só ela vem-nos salvar!
Mas... se o chefe, ou presidente,
Como o Lopes, é ingente
No despotismo sem par?...

Então, então
Já não sou republicano...
Já mudei de opinião!

O governo absoluto,
O rei não sendo cruel,
Sendo das letras esteio
Do povo amigo fiel...
Este sim... é excelente!
Mas, se como a cascavel,
Mau se torna e desumano...
E também fero tirano
Ódio todo.. e todo fel?...

Então, então
Eu não quero tal governo,
Já mudei de opinião!

Monarquia, qual nós temos,
Com boa legislação...
Isto sim: é excelente!
Mas se reina a corrupção?
Se os nossos representantes
Se vendem como em leilão?
Se as nossas leis não vigoram,
Se a morte todos deploram
De nossa Constituição?...

Então, então
Eu não quero tal governo,
Já mudei de opinião!

Nenhum governo me serve,
Tenha o nome que tiver,
Se entre o povo, com desvelo,
Educação não houver;
Se imperar o patronato,
Se a corrupção se exercer;
Se não houver liberdade,
E também moralidade
Nas figuras do poder!

Em conclusão:
Eu quisera ler nos fatos
A nossa Constituição.

LIII

RECORDAÇÕES

Era no mato à tardinha,
Quando encontrei-a sozinha
Com seu machado a cortar:
– Adeus, senhora Maria...
Ela baixinho sorria,
Sorrindo estava a corar:
Então cortei toda a lenha,
Depois levei-a à casinha...
Ai, que amor, quanta ventura
Naquele mato à tardinha!

Surgia doce alvorada,
Quando encontrei-a assentada
Junto à lagoa a cuidar;

– Não enche d’água o potinho?...

Ela sorriu-se baixinho,

Sorrindo estava a corar:

Então enchi seu potinho,

Só por não vê-la molhada...

Ai, que amor, quanta ventura

Naquela doce alvorada!

Um dia passando à toa...

Encontrei-a na lagoa

Sua roupinha a lavar;

– Adeus, gentil lavandeira...

Ela sorriu-se faceira,

Sorrindo estava a corar:

Ao sol então ponho a roupa,

Que jeitosa ela ensaboa...

Ai, que amor, quanta ventura...

Um dia passando à toa!...

Era uma tarde de agosto,

Quando encontrei-a ao sol posto,

Perto de casa a chorar:

– Não chore... que dor infinda...

Sorriu-se chorando ainda,

Sorrindo estava a corar:

Enxuguei-lhe então o pranto

Que deslizava em seu rosto...

Ai, que amor, quanta ventura

Naquela tarde de agosto!

Que noite, que noite aquela!

Toda airosa, toda bela,

Na festa vi-a dançar;
– Senhora Maria... bravo!
Ela atirou-me... era um cravo
Seu ledro rosto a corar:
Saí então... dancei muito...
Somente por causa dela...
Ai que amor, quanta ventura,
Que noite, que noite aquela!

Era uma noite de lua,
Quando junto à face sua,
Eu lhe disse a suspirar:
– Não sabes? sou teu amante...
Que sorriso inebriante...
Sorrindo estava a corar:
Então lhe disse enlevado:
– Maria, minh'alma é tua!
Ai, que amor, quanta ventura
Naquela noite de lua!

.....

Agora?... ferina sorte!
Agora, junto ao consorte,
Té fogue de me fitar!
– Adeus, senhora Maria...
Não sorri-se qual sorria...
Já não se põe a corar!
Já se esqueceu desse afeto,
Que lhe votei com transporte!
Em paga de meus extremos...
Agora?... Ferina sorte!

LIV

DIRCEU

– Onde vais chorando aflito,
Onde vais, poeta, assim?
– Vou às plagas africanas,
Ao exílio vou sem fim.

– Qual teu crime? – Amei a pátria.
– Só por isso?... – Por mais não!
Era escrava, quis salvá-la
Da lusitana opressão.

Era escrava, quis doar-lhe
O gozo da liberdade...
– Qual a paga? – No desterro,
O martírio da saudade.

– Teus afetos... – Oh, silêncio!
Não despertes minhas dores;
Lá deixei minha Marília,
Para sempre os meus amores!

Deixei-a, quando eu bordava
Seu vestido do noivado,
Com ela minh'alma e lira.
Sendo o corpo desterrado.

– Quanto sofres! – Desfaleço,
Rigorouso é o fado meu!
– Donde vens? – Do Brasil venho...
– Qual teu nome? – Sou Dirceu.

LV

O MALASSOMBRADO

– Em que pensas, meu homem, me conta,
Por que fitas teus olhos no mar?
Não quiseste comer um bocado,
E nem queres a rede buscar!
Por que vejo espantado o teu rosto,
Por que fitas teus olhos no mar?...

– Tu não vês, mulher, as vagas
Como estão ora a gemer?
Da praia não vês n'areia
Um fantasma a espairecer?..
Não vês a lua vermelha,
E a candeia entristecer?...

– Oh, não vejo, meu Deus, nada vejo!
É a vaga quieta a rolar...
E o fantasma que vês é a vela
Da jangada, que vens de encalhar;
Mas te benzes suado de medo!
Porque fitas teus olhos no mar?

– Tenho medo... Santa Virgem,
Valei-me nesta aflição!
Ei-la, ali!... eu vos prometo
Um terço com devoção...
Santo Deus, dai-lhe conforto...
Dai-lhe a paz... a salvação!

– Tu me assustas agora... deliras!
Tu me queres de susto matar?...
Eu bem disse – marido, não saias,
E tu foste ao domingo pescar!
Não trouxeste um só peixe... e medroso
Por que fitas teus olhos no mar?...

– É qu'eu vi, mulher... escuta,
Um vulto no mar crescer!
Era uma alma doutro mundo,
Pobrezinha... a padecer!...
Não a vê's?... Me pede um terço
Para o céu ganhar poder.

– Meu divino Jesus, condoei-vos
De quem anda na terra a penar!
Vem, marido, rezemos o terço,
Vamos, vamos uma alma salvar...
E depois haverás o descanso,
Já sem medo co'os olhos no mar!...

LVI

A INFÂNCIA

Ai, quanta saudade sinto
De minha querida infância,
Que findou depressa, como
Da rosa finda a fragrância.

Aqueles, sim, foram tempos
De alegria e de candura!

Então brincava eu contente
Entre os mimos de ventura.

Agora que já sou homem,
Que tenho barba no rosto,
Choro o tempo de criança
Sentindo n'alma o desgosto.

Choro as noites encantadas,
Que passei junto à candeia,
Ouvindo as longas histórias
Duma velha após a ceia.

Ai, que histórias tão bonitas
Escutei na minha infância,
Que findou depressa, como
Da rosa finda a fragrância.

E eu então ouvindo a velha
Todo cheio de atenção,
Pedia a Deus que me desse
A varinha de condão!

Inda me lembro do conto,
que a boa velha cantava,
Do caipora valente,
Que o caititu cavalgava!

E o da mãe-d'água formosa,
E o do gigante encantado,
Que me tornava medroso,
E quase malassombrado!

Mais não gozo essas delícias,
Que tanto gozei na infância,
Que findou depressa, como
Da rosa finda a fragrância.

Ao menos me seja dado
Recordar aqueles dias,
Que passei na meninice
Em brinquedos, em folias.

Recordar aquelas horas
De fagueira devoção,
Junto do meu oratório
Enfeitado de galão.

E aquelas santas novenas,
Batizados, casamentos
Das bonecas das meninas,
Daqueles divertimentos!

Que risonhas companheiras
Nesses folguedos da infância,
Que findou depressa, como
Da rosa finda a fragrância.

Eu era o padre da festa,
O padrinho, o convidado;
E com o meu oratório
Era um rei, um potentado!

Logo depois começavam
Os brinquedos inocentes,

O tempo-será e outros,
Que nos tornavam contentes.

Assim brincava eu sorrindo
No terreiro do meu lar,
Nos dias santos à tarde,
Noutros dias ao luar.

Ai, que tempo deleitoso,
O tempo de minha infância,
Que findou depressa, como
Da rosas finda a fragrância.

E quando chegava o dia
Das festas de São João?...
Que saltos sobre a fogueira,
Que mimos qu'eu tinha então!

E depois... no fim do ano
Os presepes, os bailados;
Pelo Reis – do boi a dança,
E também dos mascarados

E eu de ledó estremecia,
Todo ufano, assoberbado...
Porque tinha um bom casaco,
Um chapeuzinho enfeitado!

Ai, que vida de sorrisos
Eu tive na minha infância,
Que findou depressa, como
Da rosa finda a fragrância

Agora que a vida é outra,
De trabalho e dissabor,
Já não tenho meus brinquedos,
Nem às festas mais amor.

Já não sinto a f'licidade,
Nem a doce comoção,
Qu'eu gozava quando, rico,
Tinha de meu um tostão.

Já não sinto mais delícias,
Quando ouço a voz do sino;
Já não tenho mais prazeres,
Nem os sonhos de menino.

Tudo acabou-se, oh, bom Deus,
Como minha feliz infância,
Que findou depressa, como
Da rosa finda a fragrância.

Já não tremo de contente,
Quando passa a procissão,
Nem quando chega o domingo,
O Natal, ou São João!

Meu oratório perdeu-se,
Como os amigos de então;
Se estes vejo... que mudança!
Já não me conhecem... não.

E as meninas? São senhoras,
Que não se lembram de mim!

Estranho sou hoje a todos...
Tudo o mais perdi assim!

Apenas me restam n'alma
Saudades de minha infância,
Que findou depressa, como
Da rosa finda a fragrância

LVII

ÀS URNAS

Eia, avante; é tempo; às urnas!
Salvemos nosso Brasil
Do nefasto despotismo,
Do arbítrio infame e vil!

Eia, avante; é tempo; às urnas!
Chama a Pátria aos filhos seus!
Eia, ao pleito, e por divisa:
– Liberdade, Lei, e Deus!

Que do povo os opressores
Não triunfem no Brasil,
Que não vença o filho ingrato,
Que não vença o seu ardil!

Eia, avante; é tempo; às urnas!
Chama a Pátria aos filhos seus!
Eia, ao pleito, e por divisa:
– Liberdade, Lei, e Deus!

Eia, às urnas! Nos garantem
Os poderes do Brasil!
Eia, ao pleito, e que a vitória,
Cidadãos, seja gentil!

Eia, avante; é tempo; às urnas!
Chama a Pátria aos filhos seus!
Eia, ao pleito, e por divisa:
– Liberdade, Lei, e Deus!

Que se infame a gente infausta,
Inimiga do Brasil;
Nosso voto seja livre,
Nosso pleito senhoril!

Eia, avante; é tempo; às urnas!
Chama a Pátria aos filhos seus!
Eia, ao pleito, e por divisa:
– Liberdade, Lei, e Deus!

Nossa luz é a liberdade,
Nossa vida a do Brasil:
Glória ao livre, ao patriota!
Maldito seja o servil!

Eia, avante; é tempo; às urnas!
Chama a Pátria aos filhos seus!
Eia, ao pleito, e por divisa:
– Liberdade, Lei, e Deus!

Eia, ao pleito, ao som do hino
De nosso império, o Brasil!

Eia, sus! Irmãos, às urnas!
Que não vença o bando hostil!

Eia, avante; é tempo; às urnas!
Chama a Pátria aos filhos seus!
Eia, ao pleito, e por divisa:
– Liberdade, Lei, e Deus!

LVIII

A TRANSVIADA

Não chores, coragem, filho,
Pobre criança sem pai;
Ouvindo contar a vida,
Que sofro como perdida,
Não chores, coragem, filho!

Coragem para a vingança
Do que sofre a desgraçada;
Mas antes aprende, filho,
A lenda da transviada.

Ai de mim... formosa, incauta,
Vivia leda e feliz,
Quando amei... e fui traída,
Pelo malvado iludida...
Ai de mim... formosa, incauta!

Ouvindo-lhe os juramentos
Julguei-me por ele amada...
Ai de mim! aprende, filho,
A lenda da transviada.

Depois do crime, o perverso
Sem pena me desprezou!
Em paga de amor tão santo,
Deixou-me vergonha e pranto,
Depois do crime, o perverso;

Fugiu-me... D'amargo choro
É minha história banhada;
Jamais esqueças, meu filho,
Da lenda da transviada.

Procurei-o... abandonou-me,
Impeliu-me ao lupanar!
Quanta afronta, infâmia e dores...
Sentindo tantos horrores
Procurei-o... abandonou-me!

Fiquei só... de casa expulsa,
Por meus pais maldiçoada!
Ora escuta, aprende, filho,
A lenda da transviada.

Na rua... só... em delírio,
Sob o insulto e maldição!
Quase nua... sem alento,
Sem casa... sem alimento,
Na rua... só... em delírio!

Quis matar-me... estremeceste
No seio da malfadada;
Ouve pois agora, filho,
A lenda da transviada.

– Socorro! – pedi ao mundo,
Tive em resposta baldões!
Só encontrei o cinismo,
Quando a cair no abismo
– Socorro! – pedi ao mundo!

A minha face cuspiram...
De muito pranto sulcada!
Com fereza... Escuta, filho,
A lenda da transviada.

Caí... caí no prostíbulo...
Dos vícios no tremedal!
Vendi meu corpo ao devasso...
Da miséria no regaço,
Caí... caí no prostíbulo!

Assim quis o mundo ingrato,
Assim quis a gente honrada
Eis-me outra... Escuta, filho,
A lenda da transviada.

Sou prostituta... meu filho,
Não maldigas tua mãe!
Maldiz o mundo nefando,
Que faz-me dizer chorando:
– Sou prostituta... meu filho!

Àqueles que hoje me cercam,
Pois veem-me assim aviltada...
Malditos!... Meu filho, escuta
A lenda da transviada.

Malditos!... Vingança, filho,
Contra essa gente cruel...
Que abandona a seduzida,
Malditos!... Vingança, filho,

E também contra o perverso,
Por quem fui envenenada...
É teu pai, porém... escuta
A lenda da transviada.

Não chores... vingança, filho,
Pede a nossa infâmia e dor;
Vendo morta a mãe perdida,
Horrível! sentindo a vida,
Não chores... vingança, filho.

Ódio, ao mundo, ódio de morte
Ao algoz da desgraçada!
– A vingança! – Eis o legado
Do filho da transviada!

LIX

O CAIPORA

– No meio da mata, menino, não corras,
Que o vil caipora
Agora,
Nesta hora
Passeia montado no seu caítitu;
E arteiro e malino
Se encontra o menino...
Ai dele! que o leva no seu grande uru!

Menino, não corras
Na mata a brincar,
Que o vil caipora
Te pode levar.

Seus olhos pequenos são negros, e feros,
Quais d'onça, luzentes,
Ardentes...
E os dentes
São como os do mero, ferinos, cruéis;
E o duro cabelo,
Assim como o pelo
Dos bravos queixadas, que são-lhe fiéis.

Menino, não corras
Na mata a brincar,
Que o vil caipora
Te pode levar.

Qu'ousado e valente o tal caboclinho,
De penas coberto,
Esperto...
Decerto
Se vê-te quer fumo, pedir-t'ó lá vem;
Se acaso lho negas,
Se não lho entregas,
Quem é que te salva? Lá vais ao moquéim!

Menino, não corras
Na mata a brincar,
Que o vil caipora
Te pode levar.

Se acaso te encontra... lá vais para a grota
Debalde lutando,
Gritando,
Chorando,
Na embira amarrado do seu grande uru!
Não corras menino,
Que o índio malino
Na mata passeia no seu caititu!

E o louco menino
Não quis escutar;
Fugindo de casa
Não pode voltar.

LX

A GUERRA

– A guerra! Eis o brado que solta hoje a Pátria,
Que soltam no Prata seus filhos gentis,
Sofrendo os ultrajes de imbeles Estados,
Ingratos selvagens, traidores e vis;
À guerra e de morte! Que a Pátria aviltada,
Lá vê-se agredida por novos ardis!
Às armas! À luta! Aos campos da glória,
Soldados brasílios, guerreiros gentis!

Às armas! À guerra! – Brasil, ó gigante,
És forte, qual vasto – que imenso poder!
Tens ferro no seio pra armar os teus bravos,
E matas pra os mares de esquadras encher;
Assim quem te vence, quem pode curvar-te?

Só Deus, minha Pátria, te pode vencer:
À guerra, ó gigante! Aos campos da glória!
És forte, qual vasto – que imenso poder!

És forte, qual vasto, nas tuas campinas,
Os povos da terra que o venham negar;
Teus filhos são bravos – Flamengos e Lusos
E os filhos da França, que o venham provar;
Outrora, inda infante, na luta os venceste,
Assim te salvaste d'estranho reinar:
Às armas, que és forte! Nos campos da glória,
Os povos da terra que o venham negar!

Teus filhos são bravos; que o atestem seus efeitos,
O brio, o denodo, que viu – Toneleros;
Lá mesmo nos campos da luta d'agora
Tens glórias, ó Pátria: venceste em Caseros:
Lá mesmo teu hino saudou a vitória,
Teus louros virentes, teus nobres guerreiros!
Às armas! À guerra! Aos campos da glória,
Ao brio, ao denodo, que viu – Toneleros!

Que agora lá saibam, que a Pátria dos livres,
Se vê-se aviltada, – precisa lutar;
Se ultrajam-lhe os filhos, – precisa vingança,
Com sangue os ultrajes na guerra lavar;
E, pois, ó guerreiros, aos campos da glória,
Que a honra nos chama, nos manda marchar!
Às armas, brasílios! Que a pátria querida,
Se vê-se aviltada, – precisa lutar!

Avante! Eia, á guerra, leais brasileiros,
À sombra marchemos de nosso pendão,
Ao som destes hinos, que o sangue dos livres
Inflamam nas veias, nas horas de ação;
E a pátria vingemos firmando os seus foros,
No pó dos combates, ao som do canhão:
Avante! Eia, à guerra! Aos campos da glória,
À sombra marchemos de nosso pendão!

Avante! Eia, à luta, que certa a vitória
Espera os guerreiros, que sabem vencer;
A paz é desonra com tantos ludíbrios...
Mil vezes a morte que infame viver;
Mil vezes a morte que torpe existência...
É o brado de todos cumprindo o dever:
Avante! Eia, à luta, que certa a vitória
Espera os guerreiros, que sabem vencer.

Às armas, avante! Que os bravos d'outrora
Do céu nos contemplam pra ver-nos gentis:
Às armas, avante! Salvemos os nossos
De novas injúrias, de novos ardis:
Salvemos a Pátria, que feras insultam
D'Aguirre e do Lopes as hostes servis:
Salvemos a Pátria nos campos da glória,
Brasílios soldados, guerreiros gentis!...

– Ceará, 1865 –

LXI

AMOR CONJUGAL

A minha Joana! Que mimos...
Oh, como lhe quero bem;
Que bondade tem sua alma...
Que lindeza o rosto tem!
Eu ditoso ao lado dela,
Vejo-a ditosa também.

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

Ainda rapaz... um dia
Ao vê-la me apaixonei:
Ela deu-me o seu afeto,
Como isto foi, eu não sei...
Que me senti de tal modo,
Que sem demora a furtei.

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escutas as cantigas
De nosso amor.

Em breve, junto aos altares,
Ela deu-me a sua mão;
Enquanto rezava o padre...
Nos batia o coração;

Pois em mim e também nela
Era a primeira afeição.

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

Casei-me... faz muito tempo,
E nunca me arrependi,
Pois antes não me sorria
A ventura, qual sorri;
Casei-me... moramos juntos
Na casa qu'eu fiz aqui.

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

Que destino ao lado dela...
Entre nós que bem querer!
Se choro, – como ela chora...
Se feliz sou, – que prazer...
Sempre a minha companheira
Em tudo do meu viver...

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

De manhã, deixando a rede,
Cuidamos em trabalhar,
Contentes, pois do trabalho
Tiramos com que passar;
Enquanto estou no roçado,
Ela em casa a labutar.

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

A nossa roupa ensaboa,
Vai depois enxaguar,
Bota a panela no fogo,
Faz o almoço, o jantar;
Ai, que roupa a que ela lava...
De suas mãos que manjar!

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

Às vezes carrega a lenha,
Qu'eu costume carregar;
Varre a casa e o nosso alpendre,
Põe-se a roupa a arremendar,
De modo que a roupa toda
Custa muito a se acabar.

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

Se de casa a grande lida
Cedo acaba... muita vez
Vem-me ajudar no roçado...
Apesar do que já fez:
Cantando nossas cantigas
Trabalhamos nós por três!

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

Se adoeço... se o meu sono
À noite me rouba a dor...
Santo Deus! Quanto cuidado,
Que mimo consolador!
Dá-me o xarope e não dorme
Té que me volta o vigor.

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

Se querem prender-me os homens
Da guarda nacional...

Ai, quem resiste a seus rogos?
Ela me livra do mal,
Como, casando, salvou-me
Do pega... tão desigual!

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

E os filhos?... Os nossos filhos
Tão pequenos, tão gentis?
Se eu digo – são tua imagem...
– O seu retrato... ela diz;
Os filhos de nosso afeto...
Por tê-los sou bem feliz.

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

Que vida, meu Deus, que vida
Daquele que se casou,
Que neste vaivém do mundo
Boa mulher encontrou,
Que lhe deu toda a sua alma
Tornando-o feliz qual sou.

Ai, Joana, querida esposa,
Minha flor,
Escuta, escuta as cantigas
De nosso amor.

LXII

O ADEUS DO SOLDADO

O Brasil ora chama seus filhos...
É dever de seus filhos marchar;
Que os inimigos são vindos nos dizem
O tambor e a corneta a bradar:
– Eia, alerta! Eia, aos campos do prélio,
Pela pátria valente lutar!

Não é tempo de sono e descanso,
Não é tempo de festa e gozar;
Pois a guerra começa tremenda,
Pois é tempo de bravo lidar:
Eia, alerta, soldado, pois deves
Pela pátria valente lutar!

Adeus, pobre casinha dos campos,
Onde a infância passei a brincar;
Adeus, várzeas fagueiras, risonhas,
Brando rio... da rola o cantar...
Que o soldado partir vai à guerra,
Pela pátria valente lutar!

Adeus, pai, tu que velho e sem forças,
Foste à tropa por ti me entregar;
Adeus, mãe carinhosa, meu anjo,
Que ao Brasil me ensinaste prezar:
Que o soldado ora vai para a guerra,
Pela pátria valente lutar

Vou à guerra levando estas armas,
Que meu pai me ensinou manejar,
em minh'alma levando a nobreza,
Que tu, mãe, me soubeste inspirar;
Adeus, pai, adeus mãe... vou à pugna,
Pela pátria valente lutar!

E tu, linda mulher, minha esposa,
Companheira do riso e chorar,
Ai, não gemas, não peças qu'eu fique,
Não me queiras infame tornar!
Não me peças... não chores, pois devo
Pela pátria valente lutar!

Toma alento, mulher! Tu não sabes,
Qu'eu seria covarde em ficar?
Tu não vês nossa pátria em perigo?
Tu não sabes a honra estimar?
Sou soldado! ora parto, pois devo
Pela pátria valente lutar!

E meus filhos queridos... ah, filhos,
Do soldado o mais doce sonhar,
Eu vos deixo pequenos – crescendo
Para heróico e futuro lidar;
Eu vos deixo, meus filhos, pois devo
Pela pátria valente lutar!

E, se lá, na campanha, meus filhos,
Minha vida uma bala cortar,
Não esqueçais o Brasil, nosso solo,

Nunca a honra saibais olvidar:

Oh, jurai-me, meus filhos jurai-me
Pela Pátria valente lutar!

Imitai vosso pai, o soldado,
Em renhido e gentil batalhar;
Se o monarca e o império esquecerdes...
Que vergonha... qu'infâmia sem par!

Adeus, filhos... lembrai-vos! Eu vou-me
Pela pátria valente lutar!

É preciso partir; sou soldado;

Lá escuto a corneta tocar:

Adeus, entes amados, té quando
Houver paz, s'eu por lá não ficar...

Sou brasílio, por isso vou prestes
Pela pátria valente lutar!

LXIII

O SAPATEIRO

Enquanto puxo estas linhas
Dois cabos na sola-e-vira,
Vou cantar umas cantigas,
Que a minha vida me inspira.

Ai, vida, vida tirana,

Sem lé, nem cré,

Que a sorte prende à miséria,

Como prende este sapato

O tira-pé.

Houve um tempo de ventura

Na vida do sapateiro...

Então era patriota

O cidadão brasileiro.

Era farta então a vida,

Sem lé, nem cré,

Que a sorte prende à miséria,

Como prende este sapato

O tira-pé.

Rendia muito este ofício,

As obras davam dinheiro,

A fôrma não descansava,

E a sovela no bezerro.

Era farta então a vida,

Sem lé, nem cré,

Que a sorte prende à miséria,

Como prende este sapato

O tira-pé.

Todos calçavam somente

Sapatos feitos na terra...

Ai, tempo de f'licidade,

Ninguém nos fazia guerra,

Era farta então a vida,

Sem lé, nem cré,

Que a sorte prende à miséria,

Como prende este sapato

O tira-pé.

E eu trabalhava contente,
Finas palmilhas lambendo,
Gaspeando a obra fina,
Batendo a sola, batendo.

Era farta então a vida,
Sem lé, nem cré,
Que a sorte prende à miséria,
Como prende este sapato
O tira-pé.

Mas, hoje... dentro da tenda
É raro ver-se um freguês
Pois o pé dos brasileiros
É monopólio francês!

Ai, vida, vida tirana,
Sem lé, nem cré,
Que a sorte prende à miséria,
Como prende este sapato
O tira-pé.

Hoje é moda dos patrícios
Calçar a obra estrangeira,
Deixando a nossa à parede,
Deixando a nossa à poeira!

Ai, vida, vida tirana
Sem lé, nem cré,
Que a sorte prende à miséria,
Como prende este sapato
O tira-pé.

Só nos procura o matuto,
O pobretão, o soldado;
Quem pode mais ocupar-se
Fazendo o fino calçado?

Ai, vida, vida tirana
Sem lé, nem cré,
Que a sorte prende à miséria,
Como prende este sapato
O tira-pé.

Se o rico por um capricho
Uns chinelos encomenda,
Quase por nada os entrego,
Se os quero fora da tenda!

Ai, vida, vida tirana
Sem lé, nem cré,
Que a sorte prende à miséria,
Como prende este sapato
O tira-pé.

Como pois o sapateiro
Chegará à perfeição,
Se apenas vende na tenda
O que é – carregaço?!

Ai, vida, vida tirana
Sem lé, nem cré,
Que a sorte prende à miséria,
Como prende este sapato
O tira-pé.

Acorda, patriotismo
Desta nação brasileira...
Calça os sapatos da terra,
Despreza a obra estrangeira!
Acorda... melhora a vida.
Sem lé, nem cré,
Que a sorte prende à miséria,
Como prende este sapato
O tira-pé.

LXIV

A AMANTE DO SOLDADO

Avezinha das campinas,
Deixei sem pena o sertão,
Pra acompanhar o soldado,
A quem dei meu coração:
E à noite, quando suspiro,
Aos sons de nosso tambor,
Canto assim, para agradá-lo,
As canções do meu amor.

Dizem que a vida é suave
Nas sombras da solidão,
Que há ventura nos palácios,
Sorrisos na multidão:
Mais ditosa eu sou à noite,
Aos sons de nosso tambor,
Cantando... para agradá-lo,
As canções do meu amor.

Não troco seus longos beijos,
Seus afagos, o seu bem,
Pelos tronos, pelas glórias,
Por tudo que o mundo tem:
E o prazer que sinto à noite,
Aos sons de nosso tambor,
Cantando... para agradá-lo,
As canções do meu amor...

Nem as chamas que m'abrasam
Quando, ao sol deste verão,
O meu soldado me abraça
Nos transportes da afeição...
E à noite... quando sentida,
Aos sons de nosso tambor,
Canto assim... para agradá-lo,
As canções do meu amor.

Dizem que todos suspiram
Em sua pátria a pensar,
Também eu... é o meu soldado
A pátria do meu sonhar;
A pátria que ora me escuta,
Aos sons de nosso tambor,
O canto que vai dizendo
As canções do meu amor.

O meu passado qu'importa,
Que m'importa o meu porvir?
Só penso nele... só quero
O seu afeto fruir!

Só nele penso... sorri-se,
Aos sons de nosso tambor,
Ouvindo nesta toada
As canções do meu amor.

Creio até que arrostaria
O martírio mais atroz,
Pra salvá-lo... pra vivermos,
Como aqui vivemos nós...
À noite, meigo e cismando,
Aos sons de nosso tambor,
Ouvindo no meu regaço
As canções do meu amor.

E dizem que as criaturas
Têm um destino a cumprir...
O meu destino é amá-lo,
Pra toda parte o seguir:
Hei de sempre acompanhá-lo,
Aos sons de nosso tambor,
Cantando nesta toada
As canções do meu amor.

Quando ele for para a guerra,
Ao seu lado marcharei...
Se for preciso... me alisto,
Junto dele lutarei!
E à noite, no acampamento,
Aos sons de nosso tambor,
Cantarei, para agradá-lo,
As canções do meu amor.

Se for preciso... sou forte,
Posso uma arma engatilhar...
Também sei aos inimigos
A minha bala mandar!
E à noite, no acampamento,
Aos sons de nosso tambor,
Cantarei... para agradá-lo,
As canções do meu amor...

E lembrarei os seus feitos
Ao meu lado no lutar,
Louvando sua coragem,
Suas façanhas sem par;
Depois... depois, suspirando,
Aos sons do nosso tambor,
Cantarei, para agradá-lo,
As canções do meu amor.

Dizem que um dia esta vida
Se apaga... que morrerei...
Se finir-se o meu soldado,
Acompanhá-lo jurei!
Mas, se ele ficar... ai, mágoa!
Aos sons de nosso tambor,
Virei à terra... cantando
As canções do meu amor.

LXV

NOITE DE PRANTO

Era uma noite tempestuosa e triste.
De mau sonhar;

E eu chorava sem saber a causa
Do meu chorar...

Qu'eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que de balde procurava
Não chorar!

Eis que do mundo m'arrebata um silfo...
Ao céu voou,
E em negra nuvem, soluçando ainda,
M'abandonou.

E eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que de balde procurava
Não chorar!

E sobre a nuvem devassando a terra,
Pus-me a carpir
Torvo presente de minha pátria amada
E o seu porvir.

Qu'eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que de balde procurava
Não chorar!

Torvo presente... submerso o povo
Na escuridão...
Sem luz, sem dia... e na senzala o pranto
Da escravidão.

Qu'eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que debalde procurava
Não chorar!

E a prima indústria, – a agricultura ainda
Sem proteção...
Presa à rotina... abandonada... balda
De animação.

Qu'eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que debalde procurava
Não chorar!

E o patronato flagelando o mérito,
Calcando a lei,
E a virtude perseguindo... como
Imiga à grei.

Qu'eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que debalde procurava
Não chorar!

E sempre ovante, endeusando o crime...
O histrião...
Vendendo a pátria... prossequindo afouta,
A corrupção.

Qu'eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...

Que de balde procurava
Não chorar!

E a áurea bandeira do gigante império
Rojada ao pó...
E luta inepta dizimando as turbas
Sem trégua e dó.

Qu'eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que de balde procurava
Não chorar!

E a descrença arrefecendo infausta
A multidão...
E a indiferença adormecendo os brios...
Triste nação!

Qu'eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que de balde procurava
Não chorar!

Oh, tudo, tudo prostituído... em tudo
Profanação!
Mas, eis que a pátria já descer não pode
Na objeção...

E eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que de balde procurava
Não chorar!

Então, qu'escuto? A tempestade em fúria...
Ei-la, a bramar...
E o povo acorda do marasmo e s'ergue
A trovejar!

Desperta o cego... arrebatando os elos
De seu grilhão;
Fero qual néscio... que privado fora
De educação.

E eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que de balde procurava
Não chorar!

E brada: – As armas! Qu'esta terra suba,
Sendo de graus
Montes de mortos.. que suas nódoas lave
Sangue dos maus! –

E eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que de balde procurava
Não chorar!

Trava-se... qu'horrorosa luta
De irmão a irmão...
Por toda parte o vaquejar da morte...
Desolação...

E eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...

Que debalde procurava
Não chorar!

Por toda parte da vingança o grito...
Da morte o ai...
Ruína, incêndio... Deste povo as iras
Oh, Deus, sustai!

E eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que debalde procurava
Não chorar!

E lá prossegue a fratricida pugna
Sempre a rugir...
Ai, minha pátria, que tremendas cenas
No seu porvir!

E eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que debalde procurava
Não chorar!

Oh, que não posso do futuro o quadro
Mais contemplar!
Eis que desperto... Era um sonho... Acordo
A soluçar...
Que'eu sentia tanta angústia,
Tal pesar...
Que debalde procurava
Não chorar!

LXVI

A ESCRAVA

À Exma. Sra. D. Maria B. G. S. Gayoso

Uma velha muitas vezes
À noite junto à fogueira,
Nos contavam a triste lenda
Duma escrava brasileira.

– Não posso lembrar-me dela,
Sem logo os olhos molhar...
Pois neste vale de lágrimas
Sem trégua foi seu penar;
Não pude nunca esquecê-la
Nas horas do recordar!

Seu pranto correndo em fio,
Seus gritos no padecer,
Aquele doce toada
De seu dorido dizer...
Me ficaram dentro d'alma
Com seu penoso gemer!

Inda a escuto... quando chora
Alta noite a viração,
Como ouvi-a na senzala
Com profunda comoção,
Quando a infeliz recordava
Seus males... presa ao grilhão!

Coitada dela, coitada...
No cativeiro cruel!
Nascera livre na pátria,
Como as auras do vergel...
E depois quantos espinhos...
Que amarga taça de fel!

Vou contar-vos sua história...
Francisco, dá-me um tição;
Antônio, traz-me o cachimbo,
Tira o fumo no surrão:
Silêncio agora... escutai-me,
Meus filhos, muita atenção.

E fumando a pobre velha
Sentada junto à fogueira,
Nos contava assim a lenda
Duma escrava brasileira.

– Era Maria – a cativa
De atribulado viver –
Filho do Congo, portanto
Livre fora o seu nascer,
Como o vento do deserto
Nas terras do seu prazer.

Passara ditosa a infância
Na sua pátria natal,
Ora gozando os carinhos
Do regaço maternal,
Ora brincando contente
À sombra do bananal.

Ficou moça... veio a cisma,
Com ela veio o amor...
Que doce afeto o primeiro...
Que sonhos... quanto langor!
Maria amava extremosa...
Amava com muito ardor.

Quando um dia... passeando
Sozinha pelo palmar,
Viu-se preia dos infames,
Viu seu destino mudar...
Não gritou... que o não podia...
Chorando viu-se amarrar!

Chorando viu-se embarcada...
Vendida em breve também...
Curtindo extrema saudade
De suas terras d'além...
Contar-vos seus sofrimentos,
Ai, quem poderá? Ninguém!

Que o diga porém o canto,
Aquele triste canção,
Que muita vez escutei-lhe,
Quando à noite, no grilhão,
Seu destino lamentava
Ao gemer da viração:

.....
"Adeus, ó terras de Congo...
Adeus!

Que nas asas da desgraça,
Bem longe dos ares teus...
Vou morrer no cativoiro...
Nos ferros seus...
Para sempre... adeus, ó Congo,
Adeus!

Tinha um pai que me adorava...
Onde está?
Tinha uma mãe carinhosa...
Ficou lá!
Meu amante... de saudades
Morrerá...
Nunca mais a desgraçada
Terras de Congo verá!
Adeus, ó terras de Congo...
Adeus!

Que sou cativa dos brancos
Sem crença, sem fé, sem Deus...
Que jamais serei liberta
Entre os meus...
Para sempre... adeus, ó Congo,
Adeus!

Em paga da f'licidade...
O rigor!
Em troco dos meus sorrisos...
Esta dor!
Que fiz eu? Qual o meu crime?
Esta cor!
Por causa dela o suplício...

A escravidão... um senhor!
Adeus, ó terras de Congo...
Adeus!
Que a miseranda roubada
Da pátria sua, e dos seus...
Vai morrer... perdida a esp'rança
Dos gozos teus...
Para sempre... adeus, ó Congo...
Adeus!..."

.....

E cantando a pobre velha,
À noite junto à fogueira,
Prosseguia assim a lenda
Duma escrava brasileira:

– Chegando a infeliz Maria
Às terras de Santa Cruz,
Foi no mercado vendida
A quem mais deu... meu Jesus!
Depois escrava de brancos
Tão rigorosos... tão crus!

Depois... depois, que tormentos...
Ai, que terrível viver!
Sem um sorriso nos lábios...
Sem um consolo... um prazer...
Quase nua exposta ao frio...
Muitas vezes sem comer!



Se fitava o branco rosto
Do seu austero senhor,
Baixava os olhos transida
Por desumano rigor...
Só via o seu infortúnio
Quando os fitava ao redor.

Se o senhor moço, o menino,
Chorava... quando a brincar...
Se o marido da senhora
Com ela vinha ralhar...
Ai de Maria... que inferno
Devia tudo pagar!

De vez em quando o chicote
Seu corpo vinha ferir,
A todo o instante a senhora
Na sua face a cuspir
Mil escárnios... mil injúrias,
Ora a ralhar, ora a rir.

Assim passou muito tempo...
Maria sempre a sofrer;
À noite... findo o trabalho,
Deixava o pranto correr
Por suas faces cavadas
Por tão cruel padecer.

Chorava a velha contando,
Sentada junto à fogueira
Esta lenda dolorosa
Duma escrava brasileira.

– Um dia... por um capricho
Mandou casá-la o senhor;
Foi seu consorte um escravo...
Seu companheiro na dor:
Depois de um ano... vendido
Foi o consorte... oh, que horror!

Já a desgraçada o amava,
Quando o caso aconteceu...
Já dele tivera um filho,
Que trazia ao colo seu...
Toda entregue ao desespero,
A chorar... adoeceu.

Adoeceu... era imensa
Aquela sua aflicção;
Que a julgue quem neste mundo
Tenha n'alma doce afeição...
Que a julgue a esposa extremosa...
Que a julgue seu coração!

Adoeceu... teve febre
Tão ardente, que secou
Em pouco tempo o sue leite...
Seu filho à fome chorou!
Agora a mãe carinhosa
Que a julgue... quanto penou!

Ai, dor sem termo!... seu filho
Precisava alimentar...
Nem uma gota de leite

Nos peitos para lhe dar...
Ai, dor sem termo! seu filho
Começava a definhar!

Então quis no desespero
As próprias veias romper,
E dar ao ente querido
Todo o seu sangue a beber...
Quando do filho a separaram...
Deixando-a só... a gemer!

Ficou só... ardente em febre,
Só... no leito... a delirar...
Se ao longe chorava o filho,
Ela com força a gritar:
– Meu filho! Corre, filhinho...
Vem nos meus peitos mamar!

De enfermo... talvez de fome...
Um dia o filho morreu;
Ninguém lho disse... mas tudo
Ela soube... e emudeceu;
Não falou um dia inteiro...
Noutro dia... enlouqueceu!

Quem lho dissera? É mistério...
Houve quem visse um clarão
No seu leito... e no momento...
Cousa a modo de visão;
O que eu digo é que adivinha
Duma mãe o coração!

E chorava a pobre velha,
À noite junto à fogueira,
Quando contava esta lenda
Duma escrava brasileira.

– Eu mesma, com estes olhos
Que esta terra há de comer,
Vi-a louca... na senzala...
Sempre a gritar, a gemer:
– Ai, filho destas entranhas...
Tenho leite.. vem beber!

Causava dó seu estado;
Preso num duro grilhão...
Só tinha na pela os ossos...
A carne fugira então;
E nos olhos... dois buracos...
Em cada um... um tição!

Quando estava furiosa
Levava o tempo a gritar
Pelo esposo... pelo filho...
Por seu querido palmar...
Depois calma e dolorida
Levava o tempo a cantar:

.....

– Era um dia de amarga tristeza...
Eu sozinha no bosque a cismar...
Quando vejo... que susto... que mágoa...

Sou escrava!... podia eu lutar?...
Sou escrava do branco perverso...
Ai, que sorte... que infausto penar!

Congo... adeus! já não sou livre...
Adeus!
Terna mãe... meu pai... sorrisos...
Doce amor dos sonhos meus...
Não mais... não mais... sou escrava...
Adeus!

E casei-me... onde foi meu esposo?
Por que tardas nos matos assim?
E chorava... por isso hoje o amo...
Era escravo... que penas sem fim!
Onde foi meu esposo? Vendido!...
E sozinha fiquei?... ai de mim!

João, adeus... ai, volta... escuta...
Adeus!
Não tardes, não... olha, esposo...
O pranto nos olhos meus...
Manda o branco... agora partes...
Adeus!

Tive um filho... meu filho? Ele chora...
Ai, quem foi que o meu leite secou?!
Bebe pois o meu sangue... Meu filho!
Onde está? oh, quem foi que o roubou?!
Ai, mataram meu filho! Vingança!
Eia... brancos! quem foi que o matou?

Que lindas asas... tu voas?

Adeus!

Vais ao céu? Pois pede à Virgem,

Que termine os prantos meus...

Não voltas... não é... filhinho?

Adeus!

Ai dores eu sinto... Malditos...

Quero o esposo... e meu filho... e meu lar!

Quero a minha ventura... Ai que morro...

Neste ferros de tanto pesar...

Oh, vingança do céu... que não vejo...

Quem me possa na terra vingar!

Malditos brancos... vingança,

Meu Deus!

Filho, espera... meu filhinho...

Que vou dar-te os beijos meus,

E tu, João, esposo... ai, morro...

Adeus!

.....

– Ai, quem poderá escutá-la

Sem muito pranto verter?

Ai, quem fitá-la poderá

Sem muito se condoer?

– Homens das leis... vinde ouvi-la,

E vê-la no padecer!

Uma noite, após o canto...

Para sempre se calou...

Morreu só... morreu à míngua...
Quem jamais dela cuidou?
– Homens das leis... vinde vê-la,
Ai, vê-la... como expirou!

Oh, vinde... e dizei comigo:
– Ai de quem vive servil
Sob o jugo desumano
Dessa lei ferrenha e vil...
Que envergonha... que desdoura
O nosso lindo Brasil!

Dessa lei que nos avilta...
De grande infâmia padrão!
Só própria da barbaria...
E não dum povo cristão!
– Homens das leis... brasileiros,
Salvai do opróbrio a nação!...

Assim, a velha, inspirada,
Chorando junto à fogueira,
Sempre finda esta lenda
Duma escrava brasileira.

LXVII

O VOLUNTÁRIO DO NORTE

Adeus, gente desta terra,
Campinas do meu sertão,
Que a corneta está chamando
Os caboclos da nação;

Vou-me embora para a guerra:
Comigo quem é que vai?
Que sou um cabra de fama
Vou mostrar no Paraguai!

Sou galo neste terreiro,
Quando me ponho a cantar;
Também na guerra sou galo,
Quando estou a pelejar;
E o galo batendo as asas
Lá vai cantando, lá vai...
Com seu biquinho afiado
Vai picar o Paraguai.

Quando bolem nesta terra,
Comigo bolem também;
O cacete relampeja,
Quando cai derruba cem!
Troveja pancadaria...
Maçaranduba lá vai...
Qu'atrevido está ralhando
O Lopes no Paraguai!

Ele diz: – Eu faço pouco...
O Brasil não vence, não! –
Ai... cabra! por que não sabes,
Qu'eu sou corisco e trovão!
Espera, espera, que a fama
Vai ensinar-te, lá, vai...
Cabra, não morra! m'espera
Dentro do teu Paraguai!

Quem for valente me siga,
Quem não for não venha, não!
Qu'arranco pau com raiz
Sem deixar marca no chão;
Que sou bala, que sou onça,
Que sou cabra famanaz;
Quando estou no meu destino
Venço até mil Paraguais!

Se no mundo houver um homem
Que duvide o meu valor,
Almoça pau, janta peia,
Merenda chiquerador!
Que sou filho de tapuia,
É curiboca meu pai...
Que sou mau, sou topetudo
Vou mostrar no Paraguai!

Adeus, prados e rochedos,
Florestas de piquiá,
Adeus, mulatas faceiras,
Adeus, ó meu Ceará!
Marrequinha da lagoa...
Teu cantador já se vai...
Vai pisar, brado e corado,
Nos troços do Paraguai!

E tu, Joanhinha Balaio,
Não admitas ninguém...
Espera, tem paciência,
Qu'eu mesmo serei teu bem!

Adeus, adeus quem se fica...
Vamos nós, vamos quem vai
Castigar o atrevimento
Do perverso Paraguai!

A viola está dizendo
Que o Lope' está derrotado,
E a rabeça confirmando
A derrota do malvado;
Se for assim mato o resto,
Ao menos arranco um aí...
Se não for, eu mato o Lopes,
Esmago seu Paraguai!

Vamos, vamos, tenho pressa...
Mulatas, não chorem mais!
Sou cabra destabocado,
Sou fama destes gerais!
Hei de vencer o tirano...
Minha viola espera!
Até qu'eu volte cantando
Dos campos do Paraguai.

Hei de voltar triunfante,
Me diz o meu coração,
Deixando o vil inimigo
Ciscando... morto no chão!
E gritarei: – Viva a Pátria
De quem cantando lá vai!
Que já não pia... está morto
O maldito Paraguai!

LXVIII

A CABOCLA

Cabocla faceira, requebros, encantos
Doou-te a natura! Que porte garboso...
Tu és feiticeira!
Teu seio danoso,
Me enleva... me perde,
Cabocla faceira!

Teus olhos, teus cílios têm cores da noite...
Teu colo é veludo... teu braço, roliço...
Tu és feiticeira!
Me mata o feitiço,
Que bebo em teus olhos,
Cabocla faceira!

É um jambo teu rosto... auroras, as faces...
Teus lábios são bagos de fresca romã...
Tu és feiticeira!
Tu és tão louçã...
Me encantas... me perdes,
Cabocla faceira!

Teus longos cabelos são negros, lustrosos;
Os pés, pequeninos; as mãos, delicadas...
Tu és feiticeira!
Que gestos de fadas...
Me encantas... me perdes,
Cabocla faceira!

Que ardentes enleias... que doces cismares,
Mirando teus mimos, que poucos não são...
Tu és feiticeira!
Possuis um condão...
Me encantas... me perdes,
Cabocla faceira!

LXIX

ESTA NOITE

Esta noite, meus amigos,
Meia-noite já seria,
Chorava um triste cantando
Como quem se despedia
Não perguntes quem chorava,
Quem na viola gemia.

Era eu, que o meu destino
Neste mundo assim cumpria,
E que vou-me desta terra,
Onde achei o que temia...
Esse desprezo sem causa,
Que na viola eu gemia.

Era eu – o desprezado...
Eu que tanto amar sabia,
E trocado fui por outro,
Que tanto não merecia...
Ah, por isso soluçava
Quando a viola gemia.

Ai de mim, triste e coitado,
Perdido sem alegria;
Ai de quem dá seu afeto
Àquela que o não queria...
De ledor torna-se como
Quem na viola gemia.

Ai de mim, feliz outrora,
Quando não a conhecia...
Nas festas – quem mais cantava?
Cantando – quem mais sorria?
Era então leda criança
Quem na viola gemia!

Amei-a com desespero
Pensando que casaria;
Adorei-a como adoro
A Virgem Santa Maria!
Este pecado eu chorava,
Quando a viola gemia.

Era o seu sorriso orvalho,
Que todo me enverdecia;
Veio depois uma seca...
Aquilo qu'eu maldizia!
Inda choro, qual chorava
Quando a viola gemia.

Ora as noites passo em claro,
Como em claro passo o dia;
Vou-me pois daqueles olhos,

Que reinam com tirania;
Vou chorando sem consolo
Como a viola gemia.

Vou-me embora desta terra,
Sem amor e simpatia,
Levando n'alma a saudade,
No peito melancolia...
Chorando nesta viola,
Que à noite tanto gemia!

LXX

NINANDO
CANÇÃO MATERNA

Dorme filhinho querido,
Ao som de minha canção.
É tarde, já na folhagem
Geme a fria viração:
Dorme, dorme, meu menino,
Filho do meu coração.

Embalando a tua rede,
Eis-me, meu filho, a cantar,
Acompanhada somente
Por teu penoso chorar:
Dorme, dorme, meu filhinho,
Já basta de soluçar.

Tu és o filho primeiro
Da mais constante afeição,

És minha doce esperança,
És minha consolação:
Dorme, dorme, meu menino,
Filho do meu coração.

És meu filho e deste homem,
Que está perto a rressonar,
Que trabalha o dia inteiro
Para um bocado nos dar:
Dorme, dorme, meu filhinho,
Qual teu pai a descansar.

Dorme, filho, sob a guarda
Do teu anjo tutelar,
Trocando por belos sonhos
Este penoso chorar:
Dorme, dorme, meu filhinho,
É tempo de sossegar.

Se aproxima a meia-noite,
A hora da tentação;
A hora em qu'ò feiticeiro
Busca o menino chorão:
Ai, dorme, filho querido,
Ai, dorme, não chores, não!

Meu filhinho, os caiporas
Passam na frente a escutar
Procurando quem não dorme
Para a seu mato levar:
Ai, dorme, dorme, menino,
Que não ouçam teu chorar.

Livra-te Deus dos maus olhos,
Desse quebrando fatal,
Que emagrece, e rouba a vida
Daquele que não faz mal:
Ai, dorme, filho, sonhando
Em teu anjo, teu fanal.

Caiporas, feiticeiros
De medonha sedução,
Eu nada receio agora,
Pois o meu filho é cristão:
Dorme, dorme descansado,
Filhinho do coração.

Louvado seja o Divino,
E a Virgem Santa também,
O meu filhinho já dorme,
O meu menino, o meu bem;
Anjos do céu, embalai-o
Nas horas de Deus. Amém.



**LENDAS E
CANÇÕES POPULARES**

2ª PARTE



I

CANTEMOS!

Eia, cantemos! que me resta vida
Bastante ainda pra soltar o canto!
Que importa a pena, se me fere o peito...
A dor que importa – pelo rosto o pranto?

A luz da mente
Não bruxuleia...
E quente o sangue
Corre na veia...
Portanto, embora com a voz dorida,
Bardos, cantemos! que me resta vida!

Oh, sim, cantemos! – Solitários bosques,
Lindos arroyos, inspirai-me um hino!
Cantor alado, descantai comigo...
Meu Deus, um canto com fervor divino!

Da rude lira
Já vibro a corda...
– Oh lira, oh lira,
Desperta... acorda...
E dá-me as notas da canção querida...
Bardos, cantemos! que me resta vida!

Além gorjeia o sabiá na rama,
No colmo canta a criancinha rindo,
E ruge o vento nos desertos antros...
Oh, como o dia despontou-me lindo!

Tudo se anima,
Também minh'alma...
O rosto a brisa
Me sopra a calma...
Salve, ó natura, neste val florida!
Bardos, cantemos! que me resta vida!

Quero alegria... muita luz e risos...
Doce harmonia do festim ruidoso!
Quem geme e chora?... Para longe os prantos!
Feliz... risonho... como sou ditoso!

Formosas virgens,
Castos amores,
Trazei grinaldas
De frescas flores...
E ornai-me a lira, na afeição mais fida...
Bardos, cantemos! que me resta vida!

Deliro acaso? Não delira o bardo...
Tem vida, sente... sua voz desata;
É cedo ainda pra calar-se... é cedo:
Somente a campa a inspiração lhe mata...

E quando a ira
Emudecer...
Ai quem o chora
No seu morrer?
Ninguém o chore... que isentou-se à lida.
Bardos, cantemos! que me resta vida!

É cedo ainda!... Minha vida na alva
Nublou-se, é certo... se ilumina agora...
Mas, ai que o canto se tornou gemido...
Que mágoa intensa... minha lira chora!

Ó felicidade,
És ilusão...
Descanta, escravo
Da inspiração...
Embora a lira a soluçar sentida...
Bardos, cantemos! que me resta a vida!

II

A FELICIDADE

Porque chora o triste bardo
Sentado à porta do lar?
– F’licidade... f’licidade...
Cansado estou de esperar,
O pó do longo caminho
Com meus prantos a molhar! –
E o desditoso gemia,
Às vezes a soluçar!

– Por que choras, triste bardo,
Assim à porta do lar?
– Caminheiro, a f’licidade
Prometeu-me visitar...
Tenho medo que ela passe
Pela estrada sem parar.

E o caminheiro passava
Sorrindo, sem mais falar;
A folha secava e outra
No ramo vinha brotar;
E o bardo chorando sempre
A vida sua a cantar:

– Ai sorte... mesquinha...
Ai vida sem alegria!...
A natureza, sombria
Chorava quando nasci!
A doce brisa gemia,
E o regatinho carpia
No meio da penedia.
Ali nas selvas, ali...
Ai triste, bem triste o dia
Em que nasci.

“Dorme, dorme, criancinha,
Coitadinha!...”
E eu no berço a padecer!
Pobre ama se afligia,
E eu sofria
Já na autora do viver.

E como arbusto enfezado
Na verde e alta floresta,
Entre os robles fui crescendo
Sempre estranho ao riso, à festa.

E o vento forte soprava:
– Não me quebres, ó tufão!



E a chuva me regelava:
– Duro inverno, compaixão!
E ardente sol me crestava:
– Ai basta, basta, verão!
E a selva me sufocava;
– Ao menos... respiração!
E se tudo enverdecia,
 Eu crescia
Devagar... faltava seiva
 Ao coração.

.....

– Que lindo canto, poeta,
Interrompeste a chorar!
– Caminheiro, a f'licidade,
Cantando, vivo a esperar;
Tenho medo que ela passe
Pela estrada sem parar! –
O caminheiro sorriu-se,
E o bardo pôs-se a cantar:

– Ai, não ames, pobre louco...
 Amei!
Não cantes por entre as turbas...
 Cantei!
Não busques doce amizade...
 Busquei!
É fel a glória mundana...
 Provei!
O sonho é falsa miragem...
 Sonhei!
E após no leito da angústia
 Chorei...



E a virgem que eu adorava,
De meus amores zombou...
E a turba que me escutava,
Chamou-me – louco – e passou...
O amigo que me prezava
Logo a morte mo roubou...
A glória que me acenava,
Era vã – se dissipou...
O sonho que me embalava,
Era sonho, me enganou...
Procurei o que restava,
Somente o pranto ficou!

Oh, pranto! corre, meu pranto,
Assim...
És do bardo o companheiro
Sem fim!

.....

– Por que choras tanto, ó bardo,
Deste modo a soluçar!
– Caminheiro, a f'licidade.
Onde existe... em que lugar?
– Lá no céu... atrás das nuvens,
Dos anjos no santo lar,
Junto ao trono do Eterno,
Por ti, ó triste, a esperar! –
E o caminheiro não riu-se,
Era noite – pôs-se a andar...
E o bardo, no chão deitado,
Fitando o céu a cantar:

– Coragem... eia, coragem,
Do infortúnio romeiro!
Findou-se a senda espinhosa...
Falta um passo... o derradeiro!
Coragem, eia, coragem...
Raia o dia prazenteiro.

Entre as estrelas brilhantes
Daquele anilado manto...
É certo que tu me esperas
F’licidade, doce encanto:
Oh, vem tirar-me da terra
Molhada pelo meu pranto!

Arredai-vos, brancas nuvens...
Dispersou-se o nevoeiro:
Ei-la... desce... minha noiva...
F’licidade... meu luzeiro!...
Adeus mundo das angústias...
Exulta... exulta, romeiro!”

.....

No outro dia – já sol fora,
O caminheiro ao passar
Viu deitado junto à estrada
O triste, sem acordar:

– Desperta e canta, inspirado! –
E o bardo sem despertar...
Que morrera o pobre louco,

Ai, cansado de esperar
Neste mundo a f'licidade...
No céu fora a procurar!

– Verde mata, dá-me um tronco
Para a cova assinalar! –
E o caminheiro chorava,
O cadáver a sepultar:
Na tarde do mesmo dia,
Uma cruz só no lugar.

III

OS PESCADORES

O sol desponta nos mares,
As vagas pulam contentes,
E as auras brandas, gementes,
Resvalam pelo areal;
Alegre voa a gaivota,
Ligeira foge a jangada
Na onda crespada e dourada,
Da sombra do coqueiral:
 Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual!

E o jangadeiro entoando
A sua trova singela:
“Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?
De dia vento de terra...”
De seu batel namorado,

Prossegue depois pausado:
“De noite vento do mar?”
Ai vida de pescadores...
Quem me dera igual passar!...

E na palhoça a consorte
Os bilros bate, lidando,
Sem um cuidado, cismando
À sombra do coqueiral;
Os seus meninos lá brincam
Com pequeninas jangadas
Nos maceiós encalhadas,
Ou sobre o longo areal:
Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual!

E o dia passa a morena
Fazendo renda, ou fiando,
O seu caçula ninando...
Que venturoso cantar!
E as criancinhas risonhas
À sombra da verde ubaia,
Ou lá no morro da praia,
Ou lá juntinho do mar!
Ai vida de pescadores...
Quem me dera igual passar!

E o pescador nos desertos
Do lago infindo e salgado,
A lida enceta, ancorado,
Fazendo o – “pelo sinal”...

Cai o anzol, vai ao fundo,
Surpreende o pargo ligeiro;
Já não verás, jangadeiro,
A fome no teu casal!
Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual!

E o sol descai no poente,
Na longe serra azulada...
Quem de seus filhos cercada
Divaga junto do mar?
É ela, é ela... é Maria...
Descalça, na fulva areia
Entre suspiros passeia,
Por seu marido a esperar!
Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual passar!

Eis que na linha dos mares
Desponta a vela nitente;
Que ledto grito inocente
Das crianças no areal!
Todos a fitam sorrindo,
Maria a fita enlevada,
Enquanto proa a jangada
À praia do coqueiral,
Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual!

Marinha brisa repete
A rude trova singela:

“Minha jangada de vela,
Que vento queres levar?”
Depois encalha a Faceira;
Todos a puxam pra fora,
E em menos de meia hora
Com peixe volvem do mar.
Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual passar!

Que risos, quanta ventura,
Que excelente pescaria!
Escama o peixe, a Maria;
À sombra do coqueiral;
José acende o cachimbo,
E seus filhinhos afaga,
Qual beija serena vaga
À tarde o branco areal!
Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual!

– Papai, Rosinha agastou-se...
– Mentira, papai, mentira...
– O João tirou sua embira,
Com ela foi vadiar! –
E o pai murmura bondoso:
– Não quero saber de nada...
– Me dê, papai, a jangada...
– Papai, eu quero pescar!
Ai vida de pescadores...
Quem me dera igual passar!

E com as faces coradas,
Maria logo aparece:
– Ó homem, basta; carece
Mudar a roupa... faz mal...
Ouvindo estes meninos
Ia-me, gente, esquecendo! –
E a panelinha fervendo
Debaixo do coqueiral
 Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual!

No chão estende-se a esteira,
O peixe vem fumegando,
E em derredor se sentando,
Vai a família cear:
Que apetitoso banquete!
A panelinha de banda
Dá caldo após a vianda...
Na roda a cuia a girar.
 Ai vida de pescadores...
Quem me dera igual passar!

E finda a ceia – mãos postas:
– Bendito e louvado seja
O Pai celeste... e proteja
Os pobres deste areal! –
– Bênção, papai! – Deus te ajude! –
Do fumo vem o saquinho:
– Vai ver, Antônio, um foguinho
Debaixo do coqueiral. –
 Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual!

E então no mesmo cachimbo
Fuma José e a consorte,
Pois ambos têm uma sorte,
Um só afeto a pensar!
Conversam... pedem seus filhos,
Que deem serviço à memória;
Maria conta uma história;
José, um caso do mar.
 Ai vida de pescadores...
Quem me dera igual passar!

Depois... o sono, a tipóia!
O jangadeiro descansa!
Oh, quanto amor e bonança
Naquele branco areal!
Que importam fúrias do vento?
Seu filho ali... sua esposa...
Perto a jangada repousa
À sombra do coqueiral.
 Ai vida de pescadores...
Quem me dera vida igual!

IV

MEU AMOR

Meu amor é a menina feiticeira
Que na sua casinha de palmeira
Entoa no trabalho uma canção...
 A sua saia cosendo,
 O seu vestido engomando,
 Ou sua renda fazendo,

E sempre, sempre sonhando
Os sonhos do coração.

Meu Deus, eu amo-a
Com todo o ardor...
– Ai, Rosa, escuta-me:
És meu amor! –

Amei-a quando a vi... Era pequena,
Brincava no pomar da tia Helena,
Nas águas do riacho a se mirar...

E o riacho suspirava,
Ai, decerto apaixonado
Do rosto que desmaiava,
Bonitinho e bem suado
Depois de muito brincar.
Meu Deus, eu amo-a
Com todo o ardor...
– Ai, Rosa, escuta-me:
És meu amor! –

Adoro-a desde então do fundo d'alma,
No singelo viver, na doce calma
Que o seu riso traduz – sempre infantil,

Naquele sonhar sereno,
Naquela branda existência,
No colmo do prado ameno,
Aonde é flor de inocência
Seu alvo rosto gentil.
Meu Deus, eu amo-a
Com todo o ardor...

– Ai, Rosa, escuta-me:
És meu amor! –

Como a vida lhe corre! Na alvorada
Vem a face banhar, sempre corada,
Num pocinho do fio de cristal...

E falando aos passarinhos,
Ou colhendo frescas flores,
No meio dos irmãozinhos
Descanta puros amores,
Enlevando todo o val!

Meu Deus, eu amo-a
Com todo o ardor...
– Ai, Rosa, escuta-me:
És meu amor! –

E enfeita o seu cabelo já lustroso...
Ei-lo em tranças no colo perfumoso,
Sobre o santo rosarinho da oração!

E volta logo à casinha,
Aonde lhe espera a lida,
Porque Rosa é pobrezinha,
E à sua mãe bem querida
Ajuda a ganhar o pão!

Meu Deus, eu amo-a
Com todo o ardor...
– Ai, Rosa, escuta-me:
És meu amor! –

E trabalha a cantar suas cantigas,
Muitas vezes no meio das amigas;
E se a sombra nos deixa e foge o sol,
Vem ela, sempre a meu lado,
Passear junto da fonte...
Ai que falar encantado!
Mistérios do verde monte,
Hinos de mago arrebol!

Meu Deus, eu amo-a
Com todo o ardor...
– Ai, Rosa, escuta-me:
És meu amor! –

E de noite, e de noite? A reza santa...
Ninando seus irmãos suave canta,
E volve para mim sua alma então...
Com sorrisos de criança
Sempre nos lábios formosos,
Onde suspira a esperança,
E passa aos olhos donosos,
Que brilham de comoção.

Meu Deus, eu amo-a
Com todo o ardor...
– Ai, Rosa, escuta-me:
És meu amor! –

E assim eu amo-a, suspiroso e terno,
E será este amor... oh, sim, eterno;
Pois que imenso o senti no coração!

Que Rosinha é minha dita,
Meu pensamento risonho...
A minha prece bendita,
De minhas noites o sonho,
De minha lira a canção!

Meu Deus, eu amo-a
Com todo o ardor...
– Ai, Rosa, escuta-me:
És meu amor! –

V

A DESGRAÇA

Você me diz: – Vamos, vamos... –
Para onde havemos de ir?
Quem nasceu para a desgraça,
Para onde há de fugir?

Maria, vamos, Maria,
Por esses mundos d'além,
Que nos persegue a desgraça...
Ferinas dores também!
Vamos, vamos esconder-nos,
Onde não saiba ninguém.

– Você me diz: - Vamos, vamos... –
Para onde havemos de ir?
Quem nasceu para a desgraça,
Para onde há de fugir?

– Nova terra, nova sorte...
Acharemos a ventura;
Com estes nove filhinhos
Fujamos em noite escura...
Que nos não veja a desgraça...
Da f'licidade em procura.

– Tenho fome, tenho sede...
Para onde havemos de ir?
Os filhos sem roupa e carnes...
– Maria, vamos fugir! –

E fugiram... Pobres velhos,
Por esses mundos d'além,
Com seus filhos tão magrinhos,
E com seus trapos também:
– Vamos, vamos esconder-nos
Onde não saiba ninguém

– Descansemos... que desmaio...
Para onde havemos de ir? –
Morre o filho pequenino...
– Maria, vamos fugir! –

Caminharam toda a noite,
Caminharam todo o dia...
Sem alento... descansaram
Quando o sol esmorecia...
E viram, com sua trouxa,
Feia velha que os seguia.

– Adeus, velha! – Adeus, ó filhos...
– Para onde havemos de ir?
– Sou a desgraça.. fugistes...
Convosco quero fugir!

Sempre em vossa companhia
Por esses mundos d'além;
Outras penas vão na trouxa...
Na trouxa prantos também;
Vamos, filhos, não vos deixo...
Ninguém me foge, ninguém!

– Voltemos mulher? – Voltemos...
Para onde havemos de ir?
Quem nasceu para a desgraça,
Para onde há de fugir?...

VI

A COSTUREIRA

Coitada da costureira!
A vida levo a coser,
Que se não fora a costura,
Quem me daria o comer?
Minha agulha, minha amiga,
Foi nossa sorte coser!

Neste mundo de amarguras,
Que fora de mim sem ti?
Pobre moça, abandonada,
Sem roupa, sem pão me vi...

Minha agulha, minha amiga,
Que fora de mim sem ti?

E tu bem cedo vieste,
Companheira do lidar,
Que Deus do céu te mandava
A pobrezinha salvar...
Minha agulha, minha amiga,
Companheira do lidar!

E me disseste: – Trabalha...
Quem trabalha ganha o pão!
A ociosidade é miséria...
A miséria... perdição!
Minha agulha, minha amiga,
Quem trabalha ganha o pão!

E meus prantos enxugando,
Contigo pus-me a lidar,
Aos céus pedindo conforto.
O bom caminho a trilhar...
Minha agulha, minha amiga,
Contigo pus-me a lidar.

Contigo, sim, agulhinha,
Ai de quem te desprezar,
Quantas moças não se perdem
Por não quererem te amar!...
Minha agulha, minha amiga,
Ai de quem te desprezar!
Agora já não receio...

Contigo me acostumei;
Ganho o pão que me sustenta,
Os meus vestidos ganhei...
Minha agulha, minha amiga,
Contigo me acostumei.

Cosendo a roupa do rico
Nada invejo, alegre estou;
Bendigo a quem dá serviço
A pobrezinha qual sou...
Minha agulha, minha amiga,
Nada invejo, alegre estou.

Se os ricos amam seu ouro,
À virtude tenho amor,
Amo a Deus, ao Pai bondoso,
Que me guia no lagor...
Minha agulha, minha amiga,
À virtude tenho amor.

E assim vivendo à costura,
Tu me escutas na canção
Certos segredos que tenho
Dentro de meu coração...
Minha agulha, minha amiga,
Tu me escutas na canção.

Sim, tu sabes meus amores...
E a Virgem do céu também...
Pois dela espero a ventura
De me casar muito bem...

Minha agulha, tudo sabes...
E a Virgem do céu também.

E solteirinha, ou casada,
Ai, nunca te largarei:
Se casar... de meus filhinhos
Contigo a roupa farei:
Minha agulha, minha amiga,
Ai, nunca te largarei.

Tendo filha, inda pequena
Ensinarei a te amar;
Contarei que me salvaste...
Tudo, tudo hei de contar:
Minha agulha, à minha filha
Ensinarei a te amar.

Que pensamentos risonhos,
Que f'licidade entrevi...
Ai, como a doce esperança
No futuro nos sorri!
Minha agulha, minha amiga,
Que f'licidade entrevi.

Eis a hora do descanso...
Vamos, vamos descansar;
Boa noite, minha amiga,
Voltarei cedo ao lidar:
Minha agulha, minha amiga,
Vamos, vamos descansar.

VII

NÃO SEI

Ai, não sei por que me foges,
Porque te escondes não sei!
Enredos, talvez, enredos
De quem nunca os esperei...
Ou de meu amor te enfadas?
Ai, não sei, não sei, não sei!

Sei, porém, que hoje de tarde
Na casinha não te achei!
Tem buraco a camarinha...
Num, teus olhos avistei!
Por que me fitas oculta?
Ai, não sei, não sei, não sei!

Sei também que ao retirar-me,
Quando longe me voltei,
Vi-te à porta da casinha
Me espreitando... e suspirei!
Por que longe me apareces?
Ai, não sei, não sei, não sei!

E contudo noutros dias
Sempre meiga te encontrei;
Tinham fogo teus olhares...
Nas chamas eu me abrasei!
E agora porque mudaste?
Ai, não sei, não sei, não sei!

Nesse tempo venturoso
Frias mãos eu te apertei...
Me esperavas à janela,
Corando... como te amei!
E agora por que me foges?
Ai, não sei, não sei, não sei!

Talvez, talvez as más lágrimas,
Sem piedade e sem lei,
O que eu não fiz te disseram,
Ou cousas que não falei...
Por que logo acreditaste?
Ai, não sei, não sei, não sei!

Sim, não sei! Acaso, ingrata,
Me desprezas? – Morrerei...
Porém, não, que me espreitavas...
Muito amor adivinhei!
E me foges... Por que foges?
Ai, não sei, não sei, não sei!

VIII

PRELÚDIO

Padre, Filho, Esp'rito Santo,
Nas horas de Deus, amém,
As cantigas principio,
Pois eu vim cantar também.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva a flor d'Alexandria,

Viva quem de mim se lembra,
Todas as horas do dia!

Viva o dono desta casa,
Viva a dona da função,
Viva a rabeca... a viola,
Que geme neste baião!

Viva a menina faceira
Que me larga seu olhar,
Que me sacode um sorriso,
Com sua face a corar.

Viva a festa, viva a dança,
Viva o prazer, viva amor;
Senhores, dai um cantinho
Deste samba ao cantador...

Que sou cabra destalado
Quando me ponho a cantar,
Quando a poeira levanta
Neste terreiro o dançar.

E quando minha goela,
Ardente chuva molhou,
Quando a mulata serena,
Serena... já serenou.

Ó da viola, comigo
Aguenta este rojão...
Senhores, eu principio,
Senhores, peço atenção.

IX

AMANHECIA

Vaguei à noite no vale,
Vaguei à noite, ao relento...
Sem um amor no meu seio,
Sem amor no pensamento...

Mas, era de madrugada,
Do baião os sons ouvi...
Ai de mim... Amanhecia
Quando de amores morri.

Chorava terna a viola,
E a rabeca suspirava;
Dos cantores a cantiga,
A moreninha exaltava.

E a moreninha dançando,
Fitou-me os olhos... eu vi...
Ai de mim... Amanhecia
Quando de amores morri.

O colo das donzelinhas
Ardente talvez pulava...
Os olhos, de amor desmaiam...
A linda face corava...

E me atirou a morena,
Saí dançando... saí...
Ai de mim... Amanhecia

Quando de amores morri.

Fugiram minhas saudades,
Saudades de longos anos,
As mágoas adormeceram...
Acordam doces enganos...

E a moreninha sorriu-me,
No sorriso me perdi...
Ai de mim... Amanhecia
Quando de amores morri.

Ao longe os galos, ao longe,
Amiudavam seu canto,
Gemia a brisa nas folhas,
Rolava da folha o pranto...

E a moreninha chamou-me,
Estremecendo corri...
Ai de mim... Amanhecia
Quando de amores morri.

O povo todo brincava,
Do terreiro o pó se erguia...
E minh'alma, a pobre louca,
No meio do pó sorria.

E minha mão a morena
Apertou... que eu bem senti...
Ai de mim... Amanhecia
Quando de amores morri.

Mas, o dia vem correndo,
Vai correndo a madrugada...
Os cantadores emudecem,
Que a viola está calada.

E a moreninha fugiu-me...
Ai, meus amigos, ouvi...
Desde então choro de amores,
Que então de amores morri.

X

OS DOIS IMPERADORES

REVOLUÇÃO DO MÉXICO

Nas trevas dá-me a luz... do tempo ó gênio
Que me fazes voar no espaço infindo...
– Que vês, que vês daqui? – Imenso vácuo,
E rolando num canto a terra... É lindo!
– E na terra o que vês? – A triste lágrima,
Que dos olhos de Adão seus filhos têm...
Oh, da noite do tempo gênio, leva-me
Além... além!

.....

– Que vês naquela selva? – Um grande império
Que desfaz-se, meu Deus, qual fraca espuma!
Carlos Quinto triunfa, e morre mártire
O vencido monarca, Montezuma!
Da Europa a legião rouba à gentílica

O ouro, vida, e lar... nada a sustém!
Oh, da noite do tempo gênio, leva-me
Além... além!

– Que vês na mesma selva? – Um outro império
Entre as armas de França... oh, glória suma!
Carlos Quinto, teu neto, o nobre Austríaco
Ora os netos venceu de Montezuma!
De seu cetro-punhal baqueiam vítimas
Ortega e Salazar... Quem o detém?
Oh, da noite do tempo gênio, leva-me
Além... além!

– Que vês na mesma selva? – O novo império
Aos pés de Juarez... desfeita a bruma!
Ortega e Salazar, é cinza a púrpura
Junto ao cárcere fatal de Montezuma!
E no franco pendão eterna nódoa...
Quem a pode levar? – Certo, ninguém
Oh, da noite do tempo gênio, leva-me
Além... além!

.....

– Que vês por toda a parte? – A represália...
Já o prêmio da virtude após a lida.
Já o livre calcando a lei tirânica...
A mão que ontem feriu – hoje ferida!
Ah, sempre a reação! Quanto mistério
Nessa luta sem fim do mal e bem!
Oh, da noite dos tempos, basta, gênio...
Dançamos... vem!

XI

O FORASTEIRO

– Rapazes, vamos, é tarde,
Já basta de loação!
Meio dia quase em ponto...
Se remancharem desconto
Nos salários um tostão!

– Vamos, vamos, não precisa
Descontar, meu capitão,
Que a farinha é de pataca...
Nossa paga muito fraca,
Para tal diminuição!

Diz o Chico da Tapera,
Nas prosas o famanaz;
Riu-se Antônio da Luzia,
Zé Braúna também ria
Da lembrança do rapaz.

– Você, Chico, só tem prosas! –
Foi resposta do patrão:
– Está pronta toda gente! –
O feitor grita na frente
Com sua foice na mão.

– Ó compadre João Pequeno!
Vá bater o cafezal
Do cabeço da palmeira;
Faça a gente andar ligeira;
Corte bem o bamburral.

– Senhor, sim... Topam serviço!
Ó compadre... está ruim! –
E uns cantando, outros sorrindo,
O feitor lá vão seguindo...
Trabalho livre é assim!

E o senhor dono do sítio
Entrando vai almoçar;
E ao meio-dia, contente,
Sai pra ver a sua gente
No mato a foice espanar.

Cantava o Galo-da-Serra
– Velacho do cantador –
E respondia o Pimenta,
Ao toque da ferramenta,
Do batimento ao rumor:

“Menina, nos teus cabelos
Fui aprender a nadar;
Faltou-me a luz dos teus olhos,
Perdido entre os abrolhos...
Não pude mais navegar!

A luz não tive duns olhos...
Farol não tive no mar...
Na rocha da tirania,
Por isso perdi-me um dia...
Não pude mais navegar!”

– Goste! Goste! – Gritam todos:
– O Pimenta despachou...

– Arriba, cabras, arriba! –
Grita Antônio Parnaíba –
Que minha vez não chegou!

“Eu cantei; ela escutou-me
Para meu canto pagar:
Abraço... beijo... e carinho...
Interrompido o caminho,
Não pude mais navegar!

Ai de mim! Nasci chorando,
É minha sina o chorar:
Só encontrei falsidade...
No meio da crueldade
Não pude mais navegar!”

A cantiga do Pimenta
Era assim, e triste a voz;
Entre os outros não se ria...
A causa ninguém sabia
De sua tristeza atroz.

Chegara há pouco no sítio,
Trazendo às costas surrão;
Era um pobre jornaleiro,
Vinha ganhar seu dinheiro...
Deu-lhe serviço o patrão.

Entretanto murmurou-se
Daquele estranho viver:
– Este diabo... tem cousa! –

Dizia Manoel de Sousa...
Se à noite ouvia-o gemer.

Ama sempre ao cantador,
Mas, como a gente do mato
Deixou em paz o Pimenta
Com sua vida cruenta...
Mistérios de sua dor.

E o serviço prosseguia...
– Puxemos para acabar!
– Ó, patrão, estou suado...
Não mate seu alugado,
Que inda pode precisar!

– Ó, Mendonça, na carreira
A gitirana ficou...
– Batam bem lá no aceiro...
No guarda-vento fronteiro,
Que de volta breve estou.

E subiu pela lombada
O patrão a passear;
Os rapazes não pararam,
Novos eitos começaram,
Continuando a cantar:

“As cantigas dão alívio
Nas penas do coração;
Se tu sofres, não te cales...
Amigo, canta teus males,
Que as penas logo se vão!”

Cantara o Galo-da-Serra,
Tudo em roda emudeceu;
Pimenta esteve calado...
Porém depois, entoado,
Desprende a voz... respondeu:

“Eu sou das bandas do Crato,
Sou filho do Cariri;
A minha sorte inimiga
Tornou-me triste a cantiga,
Amigos, trouxe-me aqui.

Qual meu passado? É segredo...
Caiu no fundo do mar;
Em mar de chuvas e ventos...
Quem afrontar os tormentos
Arrisca-se a naufragar.

Por isso se cai a noite,
Na face meu pranto cai...
E quando o dia desponta
A minha angústia reponta,
Minh'alma solta seu ai!

Quem viu amar nesta vida,
Tornar a vida um amor...
Amar com mil sacrifícios...
E em paga dos benefícios...
Enganos, traições e dor?!

Igual a tanta amargura,
Minha amargura senti!

E como quem vê a amada
Na rede infame deitada...
Em desespero tremi.

E como quem não tem forças
Para a perjura matar...
E ama-a... e foge chorando...
Meus dias passo vagando,
As noites passo a chorar.

Não foi esta a minha história...
É simples comparação:
Assim, amigos, na vida,
Minh'alma sofre dorida...
Padece meu coração!

Que do passado o segredo
Perdi no fundo do mar;
Em mar de chuvas e ventos...
Quem afrontar os tormentos
Arrisca-se a naufragar!"

Aqui Pimenta calou-se,
Não se falava ao redor:
Apenas resmunga o Sousa:
– Este diabo... tem cousa...
Tem cara de matador!

Metia-se o sol na serra,
Apareceu o patrão...
– Rapazes, sempre cantando,

O dia foram gastando
Num vagaroso rojão!

– Ora, patrão... Quem vadia
Não pode tanto suar...
– Qual suor? Isto é orvalho! –
Largaram logo o trabalho,
Que era tempo de largar.

E desceram prazenteiros
Para casa, a descansar...
À rede o sono chamava...
Mais tarde, quem não roncava,
Ouviu ao longe cantar:

“Vou-me embora, vou-me embora,
Degredos levo na mão:
Adeus, tristezas da serra...
Vou procurar noutra terra
Ao menos consolação.”

.....

De manhã, em toda casa
O Pimenta não se achou:
A ralhar o amo pôs-se...
– Furtou talvez minha foice...
– Não, senhor; nada levou!

E todos falam no caso...
Cada qual mais falador;

Enquanto resmunga o Sousa:
– Eu bem dizia... tem cousa...
O diabo é malfeitor!

XII

CASTELOS AO AR

Ai, Rosa, meu doce afeto,
Vem agora atenta ouvir,
Gratos planos venturosos,
Mil delícias a fruir;
Ora, escuta: – a f'licidade
Nos acena do porvir!

Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!
Esses planos de ventura
Não são castelos ao ar.

Meu amor será eterno,
Eterna a tua afeição,
Nossas almas sempre unidas
Pelos laços da paixão;
Eu reinando no teu peito,
E tu no meu coração.

Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!
De nosso amor as venturas
Não são castelos ao ar.

Assim amantes esposos,
Fugindo da multidão,
Buscaremos um retiro,
Uma grata solidão,
Sobre as montanhas verdosas,
Ou nos vales do sertão.

Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!
De nosso amor as venturas
Não são castelos ao ar.

Será num vale frondoso
Que faremos nosso lar,
Onde passe um regatinho
Sempre, sempre a suspirar,
Aonde mil passarinhos
Venham ternos gorjear.

Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!
De nosso amor as venturas
Não são castelos ao ar.

Num vale sombrio e belo,
Que nos convide a cismar;
Que tenha matas anosas
Que nos façam meditar,
Onde os euros venham meigos
As florinhas namorar.



Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!
De nosso amor as venturas
Não são castelos ao ar.

Sozinhos habitaremos...
Que inocentinho casal!
Que vida, meu Deus, que vida...
Eis o éden terreal!
Vou contar-te como os dias
Nos correrão lá no val.

Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!
De nosso amor as venturas
Não são castelos ao ar.

Ao romper da fresca aurora,
Comigo despertarás...
Aos gorjeios das graúnas,
Aos carmes dos sabiás;
Despertando – a Deus um hino
Tu comigo entoarás.

Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!
De nosso amor as venturas
Não são castelos ao ar.

Depois juntos gozaremos
Dum passeio no jardim;

Far-me-ás um ramalhete
De cravos com alecrim,
Dar-te-ei uma grinalda
De rosa, dália e jasmim.

Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!
De nosso amor as venturas
Não são castelos ao ar.

Durante o dia suspiros,
À tarde doce cismar,
Passeios pelas campinas
Desse formoso solar;
À noite lendas de amores,
À noite mago sonhar.

Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!
De nosso amor as venturas
Não são castelos ao ar.

Nem ao menos um cuidado
Nos turbará o viver;
Tu serás minha somente
Teu somente eu hei de ser,
Bem longe do mundo ingrato,
Onde não vejo prazer.

Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!

De nosso amor as venturas
Não são castelos ao ar.

E que ternura nas cismas
Em noites de almo luar!
Os olhos fitos na lua,
Nossa mente a vaguear...
Minh'alma casada à tua,
Procurando ao céu chegar!

Ai, não sorrias
Do meu ingênuo sonhar!
De nosso amor as venturas
Não são castelos ao ar.

Que vida deliciosa...
Não rias sem compaixão!
É quimera essa ventura?
Pois não me tens afeição!
É quimera quando falta
Firmeza no coração.

Pois que! sorrindo
Chamas louco o meu sonhar?
Ai, que os sonhos tão bonitos...
Foram castelos ao ar!...

XIII

SAUDADES DO SERTÃO

Inverno! Rasgam-se as nuvens,
Já se alaga todo o chão...

Ai, que tempo venturoso
Nas campinas do sertão!
Cai a chuva no telhado,
O rio corre no prado,
Salta alegre e berra o gado,
Ouvindo o som do trovão!

Ai, que saudades eu sinto
Da vida do meu sertão!

Quem me dera neste instante
Voar nas asas do vento...
Àqueles campos formosos
Onde está meu pensamento!
Onde o mimoso, o panasco,
Crescem debaixo do casco
Da rês que foge ao carrasco,
Da que procura alimento.

Ai, que saudades dos campos
Onde está meu pensamento!

Que vida! Que doces sonhos...
Que noites as do sacal!
Ouvindo mugir as vacas
De quando em vez no curral;
Urrando pelo terreiro,
O novilho mocambeiro...
Bezerrinhos no chiqueiro,
Boiotes no capinal!

Ai, que saudades dos sonhos...
Das noites lá do casal!

Mal desponta o dia ainda,
Bela moça, sem enfeite,
Eis corada e graciosa
No curral tirando o leite;
Enche a cuia, e toda enleio,
Cabelos soltos no seio,
Vai ofrecê-la e quem veio
Contemplá-la por deleite!

Ai, que saudades da moça
No curral tirando o leite!

E perto o moço vaqueiro
Naquele mesmo lidar...
Cheio o pote, solta as vacas,
Se arruma pra campear,
Enviando da porteira
À morena feiticeira
Uma palavra faceira,
Brando riso, ardente olhar!

Ai, que saudades do moço
Saindo pra campear!

E encourado, no ginete
Correndo pelas ribeiras,
Aos vizinhos pede campo
Para as reses catingueiras;
Ou vai curar os garrotes,
Ou vai juntar os boiotes,
Que dispersos, em magotes,
Só bebem nas ipueiras.

Ai, que saudades do moço
Correndo pelas ribeiras!

Reunidos os vaqueiros,
Que vaquejadas então!
Derruba-se o boi sagonho,
Que não conhece ferrão;
E ao touro mais atrevido,
Se ao curral é conduzido,
Topa o rapaz destemido,
Saltando do campeão!

Ai, que saudades eu sinto
Das vaquejadas de então!

E pelas vargens o rio
Convidando os nadadores:
E as crumatãs nos açudes
Provocando os pescadores!
Combinam-se as pescarias...
Que traíras luzidias!
Quantos risos, que alegrias,
Afugentam dissabores.

Ai, que saudades da pesca,
E também dos nadadores!

Ou limpando as lazarinas,
Quem não gosta de caçar
As marrecas na lagoa,
Jaçanãs a mergulhar?...
Ou se é princípio de maio,
Nos matos o papagaio,
Que ligeiro e sempre gaio
Em bandos passa no ar?

Ai, que saudades agora
Dos rapazes a caçar!

E em casa tomando o caco
No cornimboque lavrado,
O velho pensa, ou conversa
No batente acorado,
Em seu cachimbo fumando,
O pós do chão alisando,
E nele um ferro amostrando
De boi seu recomendado.

Ai, que saudades do velho
No batente acorado!

Enquanto a dona da casa
Cozinha o seu requeijão,
O soro tira à coalhada,
Faz queijos de prensa e mão...
Dá comer ao caroara...
Filho que a mãe enjeitara,
E que toda noite urrara
Se lembrando do pirão.

Ai, que saudades da dona
Cozinhando o requeijão!

E no terreiro os meninos
Fazendo seus curraizinhos,
Os perus, galinhas, patos,
E não longe os carneirinhos;
Aqui relincha o melado,
Ali dorme o cão de gado,
Além o canto entoado
Do rapaz, e passarinhos.

Ai, que saudades dos patos,
Dos perus e carneirinhos!

E de tarde, que passeios
Nos arredores, no vall!...
Eu nos moirões me sentava
Da porteira do curral,
Vendo a vaca que voltava
Vagarosa e logo entrava,
E o menino que aboava
Com seu tom sentimental.
 Ai, que saudades das tardes
Na porteira do curral!

Eis que o sol desaparece,
Já da noite desce o manto...
Longe canta a sariema...
Longes sons... que doce encanto;
Fecha os currais o guieiro,
Pede rancho o boiadeiro,
À casa volta o vaqueiro,
E os arreios põe no canto.
 Ai, que saudades das horas
De tão doce e mago encanto!

E se ajuntando a família
Para a coalhada cear,
Se não reza logo o terço,
finda a ceia e vai rezar;
E depois perto à fogueira,
Fia aqui a fiandeira,
Fuma o velho numa esteira,
E todos a conversar.
 Ai, que saudades do terço,
Que a família vai rezar!

Conta o moço uma proeza
Das vaquejada do dia,
O velho recorda um caso
De quando se divertia;
A velha conta uma história...
O vaqueiro uma vitória...
Cada qual tem sua glória,
Seu feito de bizarria.
 Ai, que saudades dos casos
Das vaquejadas do dia.

Té que o sono se intromete
Para acabar o serão...
Ai, que vida de inocência,
A vida do meu sertão!
Quem lá deseja a cidade?...
Entre o amor, entre a amizade,
Ali tudo é f'licidade...
Pureza do coração!
 Ai, que saudades eu sinto
Da vida do meu sertão!

XIV

A FLOR PERDIDA

– Criança... linda Silvana,
 Meu amor,
Sozinha corres no prado?
 Cuidado!
Não percas a tua flor. –

E a bonita Silvaninha,
Sem temor,
Ri-se e foge leviana.
– Silvana!
Não percas a tua flor.

Que fazes pelos caminhos,
Meu amor,
Passeias no povoado...
Cuidado!
Não percas a tua flor. –

E a bonita Silvaninha,
Sem temor,
Vagueia brincando insana...
– Silvana!
Não percas a tua flor:

Que dos céus a flor é mimo,
Meu amor,
É tesouro o mais sagrado...
Cuidado!
Não percas a tua flor. –

E a bonita Silvaninha,
Sem temor,
Entre as turbas, leviana...
– Silvana!
Não percas a tua flor:



Que é condão de formosura,
Meu amor,
Qual de afeto benfadado...
Cuidado!
Não percas a tua flor. –

E a bonita Silvaninha,
Sem temor,
Ouve a serpe que lhe engana...
– Silvana!
Não percas a tua flor:

Quanta angústia nos abismos...
Meu amor,
Volve a Deus, e ao lar amado...
Cuidado!
Não percas a tua flor:

E a bonita Silvaninha,
Que terror!
Perde o mimo... e chora insana...
– Silvana!
Que te resta? Agora... a dor!

XV

DESCONFIANÇA

“Quando me for desta terra,
Vou pelos ares voando,
Para que os matos não digam
Que já me viram chorando.”

– Olha, Maria, não sabes
O que me vai cá por dentro...
Às vezes tenho vontade
De me empurrar pelo centro...
Por causa da tirania
Com que me tratas, Maria!
– O que lhe falta? Não tem
Cavalo de montaria?...
– Maria!

– Anda-se a pé muito bem...
– Ingrata, cruel, tirana,
Escuta meu coração:
Não sairei a cavalo,
Nem com os pés sobre o chão...

“Quando me for desta terra,
Vou pelos ares voando,
Para que os matos não digam
Que já me viram chorando!”

Armarei a minha rede
Onde corra fresco vento,
Que me sufoca a lembrança
De teu falso juramento...
Daquele ditoso dia
De nosso encontro, Maria...
– Somente quer me deixar?
Já tardava... eu bem sabia...
– Maria!

– Tudo o faz desconfiar...
– És a culpada, não sabes
Que é medroso o coração?
Tem pena, pois se mudares,
Se eu não morrer de paixão,
“Quando me for desta terra,
Vou pelos ares voando,
Para que os matos não digam
Que já me viram chorando!”

XVI

VIOLA

Viola, minha viola,
Nas tuas cordas douradas
Noite e dia toco e canto
Cantigas apaixonadas.

É meu destino a viola,
Qual meu destino o cantar...
Viola, minha viola,
Viola que sabe amar.

Quando aponta a estrela d'alva,
O toque desta viola
É tão meigo, tão suave
Que as dores d'alma consola.

E à noite quantos suspiros
Em desafogo ao penar!...
Viola, minha viola,
Viola do suspirar.

Ai, quando largo o trabalho,
Te reclinas no meu peito;
Pois nas horas do remanso
É ele sempre o teu leito...

E quantas, quantas carícias,
Esposa terna e leal!
Viola, minha viola,
Viola, não tens rival!

Se à festa vamos, que enlevos,
Que delírio o mais ardente,
Que ao povo todo enfebrecer...
Quase louca torna a gente!...

Ninguém nos vence no coco,
Muito menos no baião...
Viola, minha viola,
Viola duma função!

Mas, se as penas me visitam,
Quem vem curar-me o desgosto?
Quem me alivia a saudade
Do coração ao sol posto?

Quem meu espírito conforta
Nas calmarias fatais?
Viola, minha viola,
Viola, teus doces ais!
Pois, quantas vezes na vida
Tu me salvaste da morte...

Pois, quantas vezes perdido
Tu me apontaste o meu norte!

Quantos carinhos e mimos,
Que só eu posso entender!
Viola, minha viola,
Viola do meu viver!

Então, ó minha viola,
Já não sorris prazenteira!
Que são horas de infortúnio...
Quanta angústia verdadeira!

Como gemes e soluças,
Quando soluço a carpir!
Viola, minha viola,
Viola do meu sentir!

E que segredos se escapam
De teu seio na toada,
Como os perfumes do mato
Ao despontar da alvorada...

O pranto rola nas cordas
Como os orvalhos na flor...
Viola, minha viola,
Viola do meu amor!

E por isso não te esqueço,
Ó companheira querida,
Que és a minha confidente,
O meu consolo na vida!

Quando eu morrer que me enterrem
Contigo no frio chão
Viola, minha viola,
Viola do coração!

XVII

A LAVANDEIRA

Trago ao rio minha trouxa
Quando vem nascendo o sol,
E me sento dentro d'água...
Minha saia a tiracol...
 Lava, lava, e mais ligeira
 Bate, bate, lavandeira.

Roupa grossa, roupa branca,
Na barrela... Embarrelei!
A de cores, a mais fina,
Já na tábua ensaboei:
 Lava, lava, e mais ligeira
 Bate, bate, lavandeira.

E o sabão corre na tábua...
Desce a espuma, ao poço vai;
Cuidadosa esfrego o pano,
Que já sobe e logo cai:
Esfrega o passo, ligeira,
Bate, bate, lavandeira.
E no poço, me parece,
Vejo o peixinho ralhar,
Pois, a roupa ensaboando,

Vim suas águas turvar...
Ensaboar, e mais ligeira
Bate, bate, lavadeira.

Peixinhos, não tenho culpa,
É destino este viver:
Todo o dia, sem descanso,
Alheias roupas bater!
Lava, lava, e mais ligeira
Bate, bate, lavadeira.

O pano grita na tábua...
Pode gritar, meu senhor;
Agora, se quer, descanse
Estendido no quarador!
Estende o pano, ligeira,
Eia, vamos, lavadeira.

Que lindo peito de rendas
Deste fino cabeção!
É de dona Mariquinhas,
Da mulher do capitão!
Estende o pano, ligeira
Eia, vamos, lavadeira.

Esta chita certamente
Muito dinheiro custou;
Que vestido bem talhado,
Como a moça o rabeou!
Estende o pano, ligeira,
Eia, vamos, lavadeira.

Minha gente, esta camisa
Nunca teve um só botão!
Leva a culpa... paciência...
Ora vejam que rasgão!
Estende o pano, ligeira,
Eia, vamos, lavadeira.

Que bonito casaquinho...
Vamos... nada de invejar;
Enche a cuia, molha a roupa
No quarador a secar:
Molha a roupa, e mais ligeira,
Eia, vamos, lavadeira.

Sacudi água na roupa,
Enquanto fica a quarar,
Vou comer alguma cousa,
Que são horas de almoçar:
Eia, almoça, e mais ligeira
Bate, bate, lavadeira.

Já devo à dona, já devo,
Se não me engano, um tostão,
Que por conta da lavagem
Eu tomei na precisão...
Eia, vamos, e ligeira
Bate, bate, lavadeira.
Para o resto do dinheiro
Quanto emprego!... Vou fumar...
É bom fumar dentro d'água,
Logo a roupa a enxaguar:

Enxagoa, e mais ligeira
Bate, bate, lavandeira.

Ai, paninhos faladores...
Que segredos muita vez!
Quanta história me não contam
De seu dono, meu freguês...
Não te importes!... E ligeira
Bate, bate, lavandeira.

Mas, nada descobro, nada...
No que faço muito bem;
Se eu falasse, a sua roupa
Quem me daria? Ninguém!
Pois não fales, e ligeira
Bate, bate, lavandeira.

Arre lá! É meio-dia,
Preciso a roupa estender!
Que sol quente! Fica pronta,
Se de tarde não chover:
Estende a roupa, ligeira,
Eia, vamos, lavandeira.

Ontem na casa do rico
Quantas histórias ouvi!
Como a dona se queixava...
Quantas cousas aprendi!
Tudo esqueças, e ligeira,
Eia, vamos, lavandeira.

Vou dobrar agora a roupa,
Que descamba já o sol;
Tomara que nada falte,
Que dê certo com o rol:
 Dobra, dobra mais ligeira,
 Eia, vamos, lavandeira.

Entrouxei contando tudo...
Três patacas e um vintém;
Vou levar a roupa... Agora
Quem me ajuda? A Rita vem...
 Toma a trouxa... Anda ligeira...
 Vamos, vamos, lavandeira.

Assim na vida labuto
Para ganhar o meu pão;
E de bater tanta roupa
Já me dói o coração;
 Mas, na aurora derradeira,
 Descansarás, lavandeira.

XVIII

OS BATALHÕES DA PÁTRIA (1866)

Ei-la... desperta, enrubecida, a pátria...
Do longo sono, do remanso e paz,
E brada irada: – Eia, às armas, filhos,
Que sofro injúrias de inimigo audaz!
Torpe caudilho de meu sul na plaga
O bem qu'hei feito com traições me paga...

Me rouba e fere... que pesado guante!
Meus foros calca... meus lauréis de glória!
Me insulta os brios... me nodoa a história...
Quantos ultrajes à nação gigante –
Alerta! As armas, batalhões da pátria!
Vingança, ou morte! Carregai! Avante!

Alerta! Às armas! – Como troa o raio
Nas serranias se a procela é forte,
Soa este brado nos corações brasílios...
– Vingança! – o eco respondeu – e morte!
Erguem-se os bravos... Que não marcha e freme
Se a mãe, se a pátria enrubecendo geme,
Sob as afrontas de cruéis tiranos?!
Todos se aprestam... que rumor nos lares...
E surgem como na amplidão dos mares
Altivas ondas, nos bulções insanos!
Avante! Às armas, batalhões da pátria!
Vingança, ou morte! Carregai, imanos!

Avante! Às armas! – Do Amazona ao Prata
Fera estremece a colossal nação;
As hostes rugem de milhões de bravos,
E marcham... marcham... que fervor então!
O esposo à esposa abandonou, marchando,
O pai ao filho, que ficou chorando...
Que a voz da pátria na aflição se escuta!
Quanto heroísmo! Da falange brava
É a alma como do vulcão a lava...
Cratera o peito... que a pesar enluta!
Avante! À guerra, batalhões da pátria!
Vingança, ou morte! Carregai! À luta!

Avante! À guerra! – A legião desfila...
Ao campo marcha, irreguieta, infensa...
Qual da montanha borrascosa linfa
Por sobre o vale a despenhar-se imensa!
Ou qual a nuvem lampejando irada,
De tempestades... e d'horror pejada,
Que ao longe leva destruição... ruína!
– Tremei, tiranos! Da vingança a hora
Ei-la iminente... Pagareis agora
Tamanha afronta... desleal, ferina! –
Avante! Avante, batalhões da pátria!
Vingança, ou morte, que nos seja a sina!

Avante! Avante! – Lá se trava o prélio...
Cintila a espada... os clarins ecoam...
Fuzila infausta a granadeira, enquanto
Canhões, bombardas sem cessar retroam!
Referve a luta, do comando às falas
Voam das filas multidões de balas...
Por entre o fumo do combate horrendo!
Quanto denodo! Paissandu baqueia...
Eis que tremula na vencida ameia
Nosso estandarte... que vitória ingente!
Avante! À luta, batalhões da pátria!
Vingança, ou morte! Carregai... à frente!
Avante! À luta! – O entusiasmo cresce
Entre as fileiras, que o triunfo exalta,
Brilha nos olhos do guerreiro exímio,
Pula no peito, que o valor esmalta:
– Eia, soldados... da vingança a taça
Ora esgotemos d'Uruguai na praça...

Que além espera de Lopez o bando! –
Lá chegam prestes... Os Morrões se acendem...
Mas os covardes d'Uruguai se rendem...
Ei-los vencidos... a cerviz curvando!
Vitória! Avante, batalhões da pátria!
Vingança, ou morte! Ao Paraguai nefando!

Vitória! Avante! – Os batalhões avançam
Ao som dos hinos, de lauréis ornados:
– Tremei, tiranos, paraguaios bárbaros...
Eis que já bramem os canhões raiados!
Bate-se o nauta... em Paraná, nas águas,
Quantas proezas... no lutar que fráguas...
Quanta bravura... que fragor pasmoso!
Poucos brasílios... multidão de imigos...
Surpresa nossa... da traição perigos...
Logo abordagem... pelejar raivoso!
Eia, coragem, batalhões da pátria!
Vingança, ou morte! Combater famoso!

Eia, coragem! – Braço a braço a luta...
De peito a peito! Emudecera o vento...
O rio para... as florestas pasmam
Ante o combate, de valor portento!
Morte... gemidos... maldições... espanto...
Por toda parte desespero e pranto...
Quando o triunfo nos sorri fagueiro
Riachuelo... que brilhante feito!...
Oh, quanta glória de infundir respeito
Em nossos fastos se tornou luzeiro!
Vitória! Salve, batalhões da pátria!
Vingança! Avante! Carregar fagueiro!

Vingança! Avante! – Estremecem os prados
Já sob as patas dos corcéis ardentes...
Prossegue o prélio.. .D’Iataí na margem
Novo triunfo aos batalhões valentes!
Três mil imigos duro chão tateiam...
Morrem... se entregam... de terror fraqueiam...
À luz do gládio, que os cegou vivaz!
– Vingança! Avante! Uruguaiana, eis vinda
Da liberdade tua aurora... e linda
Ora desponta... nunciando a paz!
Marcha! Avante, batalhões da pátria!
Vingança, ou morte! Carregai fatais!

Marchai! Avante! – Como rolam vagas
Na tempestade sobre a fulva areia,
Eis que arremetem do Brasil as hostes...
Treme o contrário... o combater receia!
Rendem-se os bárb’ros... Estigarríbia ousado
Depõe as armas... ei-lo aos pés curvado
De nosso chefe, com pavor de morte!
Seis mil selvagens prisioneiros – fora
Da horda imiga! – Derrotada chora,
Nação infame da infernal coorte! –
Vitória! Salve, batalhões da pátria! –
Ora se escute desde o sul ao norte.

Vitória! Salve, deste vasto Império
Diletos filhos, de sua honra esteio!
Pátria, exultemos: Uruguaiana é livre...
Vencido o bando que feriu-la veio!
Sim, exultemos, cidadãos, saudando

Os nossos bravos, que ao Brasil vingando
 São como o raio que invencível cai!
 Ei-los que marcham... Paraguai cruento,
 Fugi covarde... que o canhão sedento
 De vosso sangue... castigar-vos vai!
 Marchai! Avante, batalhões da pátria!
 Vingança, ou morte! Eia, sus! Marchai!

Fugi, selvagens, que a legião brasílica
 Vos bate à porta! – Batalhões... passai!
 Vencendo os muros d’Humaitá soberba,
 Nas longas ruas d’Assunção entrai!
 E aí, qual sempre, com esforço e brío...
 Que o sangue corra do perverso em rio..
 Vingue-se a pátria... seu pendão hasteei!
 Quebrem-se os ferros dos irmãos escravos
 Brade a falange dos guerreiros bravos,
 Contento, ufana: – Meu Brasil vinguei!
 Avante! Avante, batalhões da pátria!
 Vingança, ou morte! O Paraguai vencei!

Avante! Avante, marciais fileiras,
 Que inda a vingança nossa honra exora!
 Ainda a injúria do caudilho ousado
 Das nossas glórias o padrão descora –
 Ei-los que marcham... com vigor... ferinos...
 Por entre os louros... ao soar dos hinos...
 Nossa bandeira desfraldando ovante!
 Anjos brasílios, do celeste Império
 Ora animai-os... Junto ao trono etéreo
 Rogai por eles... do bom Deus perante!

Coragem, bravos! Batalhões da pátria,
Vingança, ou morte! Batalhões, avante!

XIX

O BEM-TE-VI

A sós contigo no prado...
Ai, Rosa, quanta ventura!
Como doce corre a tarde,
Nos campos que formosura;
Como enleva a natureza...
Ai, Rosa, quanta ventura!

– Bem... te... vi! –
Não queiras fugir, não cores...
Não é gente – é o Bem-te-vi.

Não fujas... Comigo escuta
Os suspiros do regato,
Da brisa gemer de amores
Entre a folhagem do mato:
Aprende comigo, Rosa,
Os suspiros do regato...

– Bem... te... vi! –
Não queiras fugir, não cores...
Não é gente – é o Bem-te-vi.

Ninguém nos vê, nem escuta...
Somos sós nesta campina,
Entre o perfume das flores,
Junto à fonte cristalina;

Tu, formosa... eu, venturoso...
Somos sós nesta campina.

– Bem... te... vi! –
Não queiras fugir, não cores...
Não é gente – é o Bem-te-vi.

Vamos sentar-nos juntinhos
Ali na mata sombria;
Quero contar-te os meus sonhos
De toda a hora do dia:
Anda... que a tarde é suave
Ali na mata sombria.

– Bem... te... vi! –
Não queiras fugir, não cores...
Não é gente – é o Bem-te-vi.

Olha, Rosa; nada temas...
És o meu amor primeiro!
Não tenho falas que pintem
Afeto tão verdadeiro;
Talvez que um beijo... não chores...
És o meu amor primeiro!

– Bem... te... vi! –
Não queiras fugir, não cores...
Não é gente – é o Bem-te-vi.

Ai, que endoideço... não ouves
Meu coração palpitando?
Ouve-o agora num amplexo...
Os olhos baixas corando?

Duvidas... quero que sintas
Meu coração palpitando!

– Bem... te... vi! –
Não queiras fugir, não cores...
Não é gente – é o Bem-te-vi.

Ai, Rosa... Rosa, eu te amo
Apaixonado em delírio...
A teu lado sou ditoso,
Por não ver-te... que martírio!
Escuta... sou teu... e sempre
Apaixonado em delírio.

– Bem... te... vi! –
Não queiras fugir, não cores...
Não é gente – é o Bem-te-vi.

Tu foges? Medrosa corres
Me deixando aqui sozinho?!
Espera... Rosa! – Fugiu-me...
Bem-te-vi, mau passarinho!
Fez com que ela fugisse
Meu deixando aqui sozinho!

– Bem... te... vi!
– Viu o que?... Tu nada viste...
Que aleivoso Bem-te-vi!

XX

LUCIANA

Foi nas plagas cearenses,
Na terra de meu nascer;
A praia do Mucuripe
O caso viu suceder:
Para não gastarmos tempo
Vou logo a história dizer.

– O que fazes, Luciana? –
Pergunta pobre velhinha,
Debaixo dos cajueiros,
Na sua rude casinha:
– Vou juntar a minha roupa –
Responde logo a netinha.

E o sol na serra longínqua,
Já seu farol não se via;
E o sino gemendo triste,
No toque d’Ave-Maria;
E a velha já de joelhos
Na sua reza dizia:

– Valei-me, Virgem celeste,
Da vida no fim do dia;
De minha fraca netinha,
Ai, sede, Senhora, o guia:
Valei-nos, Virgem celeste,
Rainha do céu, Maria! –

Ao mesmo tempo a menina,
A Luciana, a faceira,
Falava ao seu namorado,
Moço de face trigueira:
– Manoel, à meia-noite...
Debaixo da pitombeira. –

Manoel amava muito
A criança leviana;
Para casar-se depressa
Fugia com Luciana...
Nascera um para o outro...
Mas no mundo tudo engana!

– Menina, que estás fazendo
Debaixo do cajueiro?
– Que tempo voltei vizinha!
Eis-me aqui pelo terreiro...
– Luciana, tu falavas...
– Eu cantava no canteiro!

A avozinha é impertinente...
Nem pode a gente cantar!
– Minha filha, a pobre moça
Precisa considerar...
Que este mundo é penedia,
Perigoso o naufragar.
Tu és a luz dos meus olhos,
Inda quero, filha, ver;
És o meu entendimento,
Não queiras me enlouquecer...

Luciana, és minha vida...
Tenho medo de morrer!

Era noite: moça e velha,
Depois do fogo atizar,
Perante o santo registro
O terço foram rezar:
“Ai, sede, Virgem Maria,
Nosso arcanjo tutelar!”

– Fecha a porta, Luciana! –
Logo a porta se fechou:
– Deus te guarde, minha neta –
E a menina se deitou:
Para não gastarmos tempo...
A madrugada chegou.

Já segunda vez o galo
Por toda a praia cantava;
O vento sem piedade
Da casa a palha puxava;
Na areia carpia a vaga;
O mar ao longe roncava.

E Luciana saíra,
Vencendo grande terror,
Mas debalde murmurava:
– Manoel... vem, meu amor! –
Somente escuta gemidos
Da viração no rumor.

E terceira vez o galo
Por toda a praia cantou...
– Manoel... tu me enganaste! –
Ai, Manoel não voltou!
Era o dia amanhecendo...
Sinais – o sino dobrou.

Coitada da Luciana,
Ai triste da velha avó!
Só no céu há f'licidade,
Angústias no mundo só!
Manoel deixara a vida...
Descera seu corpo ao pó!

– Por que choras, Luciana,
Por que não queres comer?
– Avozinha, estou doente...
Talvez perto de morrer!
– Minha neta, não te agoures...
Quem nos virá socorrer!

E Luciana chorando
A cor do rosto perdia...
E a velha curtindo mágoas,
Rezando passava o dia:
“Valei-nos, Virgem celeste,
Rainha do céu, Maria!”
A rosa-de-todo-ano,
Esquecida no canteiro,
Ressecava como os cravos,
Pendurados no craveiro

Por entre o seco folhiço
Caído do cajueiro.

Eis que na choça o mistério
A mão do tempo rasgou...
Uma noite... Luciana
Do filho o choro escutou...
E o soluço dolorido
Que a pobre velha soltou.

– Oh, filha... cruel, tirana,
Vieste me desonrar!...
– Ai, perdão para o meu crime...
Eu esperava casar...
– Ingrata... que me mataste –
A velha estava a arquejar.

Em breve gemeu o sino,
Da pobre velha os sinais;
O povo da vizinhança
Levou-a à terra voraz...
Chorando com Luciana,
Com ela soltando ais.

– Meu Deus, meu Pai, meu Arrimo...
A morte... e o vosso perdão!
Assim a triste exclamava...
Ajoelhada no chão...
– Vê teu filhinho... coitado! –
Diziam todos então.

O choro da criancinha
A desgraçada acalmou...
Gemendo sempre penosa
A cruz da vida aceitou...
E nunca mais um sorriso
Seu pranto amargo estancou.

O jangadeiro trazia-lhe
Um peixe sempre do mar:
– Deus te pague, jangadeiro! –
Agradecia a chorar:
Ai, que todos tinham pena
Daquele grande pesar.

E seus soluços ouvindo,
E vendo tamanha dor,
Murmurava muitas vezes
Na palhoça o pescador:
– Ninguém dê antes de tempo
Primícias do seu amor!

Té que um dia, Luciana
À fria cova baixou:
Seu filho... o juiz dos órfãos
Ao potentado alugou...
Para não gastarmos tempo
A história aqui se acabou.

XXI

O FILHO DO VAQUEIRO

– Papai, também quero
No campo correr,
Por montes e vales,
Nos altos penhascos,
Nos verdes panascos,
Sem nada temer;
Papai, também quero
No campo correr.

Papai, também quero
A rês campear,
Com véstia e perneiras,
Com minha aguilhada
De ponta afiada,
Que sei manejar;
Papai, também quero
A rês campear.

Papai, também quero
Contigo sair,
Com meu guardapeito
De pel'de veado,
No ruço montado,
Sem dele cair;
Papai, também quero
Contigo sair.

Papai, também quero
Viver no sertão,

Fechar a carreira,
Dar campo no gado,
Correr no talhado
Em meu campeão;
Papai, também quero
Viver no sertão.

Papai, também quero
A rês derrubar;
Que importa o perigo?
A rês eu vencendo,
Meu sangue correndo
Não faz-me pesar;
Papai, também quero
A rês derrubar.

Papai, também quero
Vaqueiro hoje ser,
Vestido de peles...
Dos campos na lida,
Que dita... que vida...
Lutar é viver!
Papai, também quero
Vaqueiro hoje ser.

Papai, também quero
Saltar no curral;
Do leite das vacas
Encher o meu pote,
Domar o boiote,
Curá-lo do mal;

Papai, também quero
Saltar no curral.

Papai, também quero
No campo correr!
– Cresceu o menino,
Agora, vaqueiro,
Seu filho primeiro
O mesmo a dizer:
– Papai, também quero
No campo correr!

XXII

O COCO

Folgue, folgue, minha gente,
Que uma noite não é nada;
A boca da noite o coco,
O coco de madrugada.

Quebra o coco, menina...

– Duro está!

Ai, com força no coco...

– Saltará...

Ai, com jeito no coco...

– Quebro já!

Lê, lê, lê, lê, coco, iaíá!

O coquinho está na porta,
Não é zombaria, não;
Gentes, venham ver o coco,
Que se vai para o sertão.

Quebra o coco, menina...

– Duro está!

Ai, com força no coco...

– Saltará...

Ai, com jeito no coco...

– Quebro já!

Lê, lê, lê, lê, coco, iaiá!

A boca da noite o coco
Alegra a quem está doente,
O coco de madrugada,
É bom coco, acorda a gente.

Quebra o coco, menina...

– Duro está!

Ai, com força no coco...

– Saltará...

Ai, com jeito no coco...

– Quebro já!

Lê, lê, lê, lê, coco, iaiá!

Você diz que é bom o coco,
Coco bom não é assim;
Quem quiser ver um bom coco,
Saia andando, atire em mim.

Quebra o coco, menina...

– Duro está!

Ai, com força no coco...

– Saltará...

Ai, com jeito no coco...

– Quebro já!
Lê, lê, lê, lê, coco, iaiá!

O coquinho de sabido
Nasceu alto e bem seguro,
Cuidando que eu não sabia
Quando o coco está maduro.

Quebra o coco, menina...
– Duro está!
Ai, com força no coco...
– Saltará...
Ai, com jeito no coco...
– Quebro já!
Lê, lê, lê, lê, coco, iaiá!

Eu estava bem calado,
Não bulia com ninguém,
Comigo bolem, no coco,
Agora queiram-me bem.

Quebra o coco, menina...
– Duro está!
Ai, com força no coco...
– Saltará...
Ai, com jeito no coco...
– Quebro já!
Lê, lê, lê, lê, coco, iaiá!

XXIII

O BARGADO

Sentado junto à fogueira,
O vaqueiro no sertão
Conta à família estas lendas,
Que alegram sempre o serão.

I

– Eu mesmo vi o Bargado,
Aquele boi famanaz,
Zombando das valentias,
Qual se fora satanaz.

Desde boiote, é verdade,
Dizia aqui toda a gente,
Não encontrara cachorro
Que pudesse por-lhe o dente.

Pois sempre destabocado
Carregara opinião...
E nunca teve vaqueiro
Que lhe chegasse ferrão!

Garrotinho, foi capado,
E abandonou o curral,
Pela catanga e mocambos,
Pelos fechados do val.

E no serrote do Melo
Escondeu-se no penhasco,

Donde avistava seus campos
De grande e verde panasco.

E lá morou muitos anos;
De noite descia ao pasto,
E por sinal que era vivo
Apenas deixava o rasto.

Mas, depois tornou-se afoito
Descendo mesmo de dia:
E se um vaqueiro encontrava...
Um deles, certo fugia!

Que o Bargado era exp'riente,
Sem ver de que não corria:
Quando um medroso açoitava...
Isto muito o divertia.

Espinhos duros, ferinos,
Teve e tem surucucu,
Pois houve quem se trepasse
Entre os ditos, quase nu!

Quantos casos engraçados...
Quem nos poderá contar?
Quanta carreira bonita
De quem sabe campear!

E o Bargado caçando
Lá de cima do serrote...
Ou embaixo na carreira
Pulando como caçote!

Que de balde o mais valente
Lhe botava o campeão,
E os cachorros mais ligeiros...
– Rompe-Ferro, arriba, cão!

II

Uma vez, ele pastava
Ali na Vargem-do-Cisco,
Descoberto foi de longe
Pelo caboclo Francisco.

E Francisco alvoroçado
Correndo saiu aos topes,
A contar o sucedido
A seu amo José Lopes.

Chegando à casa depressa,
Não falou, disse gritando:
– Meu amo, vi o Bargado
Ali na vargem pastando...

Agora mesmo deixei-o
Entre um magote de gado,
Bem junto à ponta de cima,
Como quem vai ao talhado.

José Lopes chamou logo
Seu filho Pantaleão,
E lhe gritou: – Bota a sela
No meu cavalo alazão!

Sela também o Rucinho,
E montando no melado,
Vai chamar o Chico Gomes
Para irmos ao Bargado.

E Antônio Paz e o Pereira;
Da Baixa-Verde o compadre
Que traga seus dois cachorros...
E dá lembrança à comadre. –

Em pouco tempo arrumados
Saíram fazendo linha,
Pedindo frescas notícias
A toda gente vizinha.

Ia o Góes no Carrapixo,
Nesse animoso cardão,
Que nunca dera carreira
Que boi não visse no chão.

Logo adiante toparam
José da Silva Ferraz:
– Não sabe novas, amigo,
Do barbatão famanaz?

– Não vi, senhores, se o visse
Eu não daria passada,
Que seria grande a lida,
E o proveito talvez nada.

– Não diga tal, que o Menezes,
Que é dono desse Bargado,

Deu-o a quem puder pegá-lo,
O caso está conversado.

– Mas, quem puder saia a campo,
Que já saí uma vez,
E despenquei-me no mundo
Correndo durante um mês! –

A vaqueirada sorriu-lhe
Com ares de mangação:
– Senhores, dessa carreira
Foi testemunha o sertão!

Perdi então um cachorro
Que me custou seis mil réis,
Que, todo o povo dizia,
Era minhas mãos e pés.

Portanto, meus camaradas,
Vá pegá-lo quem quiser,
Que para mim o Bargado
Tem pautas com Lucifer.

– Pois vamos desencantá-lo,
Responderam numa voz,
O famanaz hoje morre,
Ou mortos ficamos nós! –

De rédeas dando, partiram
Cada qual mais animado,
Com pouco largando o limpo
Enfiaram no fechado.

E viram num tabuleiro,
No meio lá dos carrascos,
A malhada do Bargado,
Seu rasto de grandes cascos.

Contente grita o Pereira:
– Vai aqui o boi de fama;
Aqui dormiu esta noite,
Por sinal deixou a cama!

E se escancharam no rasto...
No outro dia que alvoroço
Quando o Bargado avistaram
Deitado junto de um poço!

Calados tomam chegada,
Como estava conversado,
Mas os cachorros latiram...
Eis arrancando o Bargado!

– Arriba, Veloz, arriba!
Arriba, arriba, Leão!
Corta-Vento, Rompe-Ferro,
Ei! Feroz! Arriba, cão!

E, ligeiro, José Lopes,
A correr gritando foi:
– Coragem, meus camaradas,
Duro! Duro! Morra o boi! –

Chico Gomes empurrou-se...
Parecia veloz vento!

Antônio Paz, e o Pereira...
Como voa o pensamento!

Que zoadá na catinga,
Zoadá de furacão!
Ninguém se lembra da morte...
– Rompe-Ferro! Arriba, cão!

Mas, depressa o boi sumiu-se
Correndo no costumado!
Num boqueirão fica o Lopes
Gritando: – Vai-te, malvado!

Chico Gomes despejou-se
De bem alta ribanceira,
E ficou todo esfolado...
Mais esfolado o Pereira!

Góes perdeu a sua faca,
Procurou de balde a espora...
Da Baixa-Verde o compadre
Também teve a sua tora!

E iguais a estes, mil casos,
Muita carreira perdida,
Muito arranhão, muita queda,
Do Bargado na batida!

Que aquele boi era o demo
Em pessoa neste mundo,
Quando à gente arremetia,
Ou correndo furibundo!

III

Houve quem pedisse, em carta,
De Pajeú bom vaqueiro,
Que desse volta ao Bargado,
Que fosse o mais catingueiro.

Veio um cabra curiboca,
Do nariz achamurrado,
Que nunca dera carreira
Que não visse o resultado!

Montava castanho escuro
Com fama de corredor;
Trazia sua aguilhada,
Lodaças de vencedor!

Chegado que foi – ao vê-lo,
disse o povo admirado:
– Este, sim, é decidido...
Agora cai o Bargado! –

O cabra ouvindo, responde:
– É mais que certa a vitória!
Quando vim da minha terra
Não foi pra contar história!

Quero ver somente o rasto
De quatro dias atrás...
Depois me deixem sozinho,
Com estes cães sem rivais. –

Botou-se carne no fogo,
No prato muito pirão,
Ele sentou-se, e esqueceu-se
De levantar-se do chão!

No outro dia ainda cedo,
Já pronto se levantou,
E seus alforjes enchendo,
No seu cavalo montou...

Dizendo: – Meus camaradas,
Do Bargado é vinda a hora! –
E acompanhando seu guia
Saiu, saiu, foi-se embora.

Muitos dias campearam
Correndo por monte e Prado,
Só no fim duma semana
O cabra viu o Bargado.

Encontrou-se de repente
Com ele, de cara a cara...
Mas, nos primeiros arrancos
O cabra perdeu a vara!

E na catanga embrenhou-se,
Pega não pega o afamado,
Que não corria, voava
No chão o mais despenhado!

Aqui medonho serrote,
Ali o mato espinhoso...
Buracos, rios, e grotas
Pulava o cabra raivoso!

Tirando fogo nas pedras
Os cascos do campeão...
Garrancho e galhos quebrando...
– Arriba, cão... riba, cão!

Pois se doido estava o bicho,
Mais doido o campeador;
Não tinha medo dos troncos,
Nem se lembrava da dor!

Topando um pau derrubado
Junto à beira dum riacho,
O cabra o passou por cima,
Correndo o cavalo em baixo!

E caiu... caiu na sela,
Nos estribos se firmou,
E pela raiva corado,
Sempre correndo, falou:

– Corra, corra, boi de fama,
Que depressa há de cansar;
Quando vim da minha terra
Foi pra vê-lo à venda dar!

E abarcando com as pernas
O castanho campeão,
Aos cachorros grita: – Pega...
Arriba, cão! Riba, cão!

Arriba, cão! Come-Fogo!
Arriba, cão! Ferrabraz! –
Mas, cansados os cachorros
Não puderam correr mais.

O cavalo já de fraco
Ia afrouxando a carreira,
O Bargado andava longe,
Não deixando... nem poeira!

Que restava, pois, ao cabra?
Ficara desmastreado...
Morto à fome, morto à sede,
Sem notícias do Bargado!

Voltou então para casa
Com seu guia a maginar...
Que história lá contaria
Para seu brios salvar.

E mal pisava no pátio,
Da fazenda do Bonfim,
Muita gente reunida
Ao vê-lo gritou assim:

– Pegou, pegou o Bargado?
Venha contar a função;
Foi a casco de cavalo,
Foi a vara de ferrão?

– Nem a casco de cavalo,
Nem a vara de ferrão,
Nem a dente de cachorro,
Que aquilo não é boi, não!

É feitiço... é lobisomem...
É o demo certamente,
Que de boi tomou figura
Para vir tentar a gente!

– Ah! Cuidava que o Bargado
Era qualquer barrigudo? –
O cabra tornou: – Senhores,
Dou licença, digam tudo!

Mas, este que está falando,
Bois de fama já venceu...
Liso-Grande, Pintadinho...
Muito novilho judeu –

Diz Baixinho João Maria,
Vaqueiro lá da Mutamba:
– Pelos olhos eu conheço
Quem é bom dentro do samba!

– Digam tudo o que quiserem...
É demônio aquele boi!
E falando assim o cabra
De madrugada se foi

E o povo ficou dizendo,
Se tratava no Bargado:
– Aquele? Ninguém o vence...
É de certo excomungado!

IV

Vinte e cinco! Principia
Aquela seca fatal!
Os olhos-d'água secaram
Em montes, campos e val.

As folhas estorricadas
Caíram lastrando o chão;
O pasto sumiu-se em breve...
Apareceu a aflição...

A fome, a sede, e a peste
Por entre a gente, e no gado!
Muito curral se fechando,
De reses despovoado.

Então, magro e sem alento,
Desceu Bargado o serrote:
Que a miséria o flagelava,
E lhe abaixara o cangote.

Queria matar a sede
Embora topasse a morte,
Embora fosse agarrado
Pelos rigores da sorte.

E cego de sede enfia
Numa gangorra segura,
E pondo a boca à cacimba
Alivia da secura.

A vista, pois, recobrando,
Quando a sede saciara...
Viu-se preso! Que a porteira
Um vaqueiro lhe fechara!

Airado correu à cerca,
Um buraco não achou!
Quis pular, mas não podia...
Seus contrários esperou.

Estes não tardaram muito,
Alegres vieram vê-lo!
E trepados na gangorra
Falaram logo em comê-lo!

– Adeus, adeus, camarada...
Dizia José Moreira;
Onde foi aquela,
Que me fez perde carreira? –

E João de Góes exclamava:
– É você o boi de fama?
As proezas mostre agora,
Diga lá como se chama! –

Mas, nenhum saltava dentro...
Tinham medo mesmo assim!
Té que veio um bacamarte
Para ao Bargado dar fim!

E morreu o boi de fama!
Seu nome ficou na história,
E seus feitos valorosos
Do povo guarda a memória.

Que nunca pôde pegá-lo
Vaqueiro deste sertão!
Morreu, sim; mas foi vencido
De bala, seca e traição.

XXIV

CANTIGA TRISTE

Topei um dia de inverno
Nas terras do padecer;
Meus olhos desde a alvorada
No rosto pranto a chover!

Suspira triste e sentida
A brisa do coração,
Da minha vida nos céus
Negrumes da cerração.

Troveja meu rouco peito
No mais penoso gemer,
Minh'alma toda estremece,
Sinto minh'alma tremer

E relampeia-me o tino,
Até dos olhos a luz;
Coriscos, raios na vista...
Misericórdia, Jesus!

Oh, cruz e fera tormenta,
Oh, tempestade fatal!
Das faces os rios enchem,
Quanta enxurrada no val...

Que leva a verde ramagem,
As esperanças d'amor,
Os sonhos doces, alegres,
Deixando sulcos e dor.

Ai, quem me salva da chuva,
Que já meu rosto inundou,
Ai, quem me salva da cheia,
Que já meu riso afogou?!

Nos ares perdi meus gritos!
Ninguém me salva, ninguém!
Quem padecer tenha pena
De quem padece também.

XXV

A CASA DE JOÃO

Era de tarde, ao poente
Já descia o sol então,
Quando cheguei ao terreiro
Da pobre casa de João.

Ah, que singela casinha!
Bem coberta de palmeira,
Paredes tinha de taipa,
As portas eram de esteira.

Mas, tudo sempre enfeitado
Pelas ramas de melão...
Que verdura nas cortinas
Da pobre casa de João!

Cercada de boas-noites,
D'alvos búzios ladrilhada,
À sombra dos cajueiros,
Perto duma encruzilhada...

Ali morava a pobreza,
E a mais ditosa afeição...
Ai, quanto mimo e carinho
Na pobre casa de João.

Era bonita e risonha
A virtuosa Maria,
No meio de três filhinhos,
Três sorrisos de alegria.

E ao lado de seu consorte,
Que amava no coração;
Ai, vida deliciosa
Na pobre casa de João.

Na adolescência, enlevado
Se unira João à Maria;
Era seu amor primeiro,
Nela o mesmo acontecia.

E ricos de f'licidade,
Sem possuir um tostão,
Foram morar na casinha,
Na pobre casa de João.

No fim do ano um filhinho
Na rude choça nascia...
Joãozinho chamou-se logo,
Noutro ano vem – Luzia.

E no terceiro o Cazuza,
Para os dois mais um irmão:
Quanto menino galante
Na pobre casa de João!

De manhã as criancinhas
Com seus pais acordam rindo;
À noite, depois da reza,
Bem sossegados dormindo.

E os dois esposos contentes,
Lidando, ganham seu pão;

Não entrava pois a fome
Na pobre casa de João.

Nem o frio, que o não sente
Amante casal unido;
Nunca tivera desgostos
Maria com seu marido...

E ele nunca sofrera
Os espinhos da ambição:
Ai, cuidados não moravam
Na pobre casa de João!

E, pois, ao vê-los risonhos
Naquela ditosa calma,
Eu fitei no céu os olhos
Dizendo no fundo d'alma:

Dai, Senhor, que ainda eu goze
De tão mimosa afeição...
Dai-me a paz, dai-me a ventura
Da pobre casa de João.

XXVI

*“Passarinho que cantais
Do primeiro de janeiro
Canta, canta a liberdade
Que eu choro meu cativo!”*

CATIVEIRO

Passarinho, vai-te embora
Deste raminho fronteiro,
Que em meu rosto cor da noite,
De prantos cai um chuvaireiro...

Vai cantando a liberdade,
Que eu choro meu cativoiro.

És ditoso; alegre e solto,
Tu cantas o ano inteiro;
Não te escute o desgraçado,
Cuja vida é o desespero!

Vai cantando a liberdade,
Que eu choro meu cativoiro.

Tua lei é o teu desejo,
Sempre assim desde janeiro!
Minha lei – capricho alheio...
Meu caminho o mais fragueiro!

Vai cantando a liberdade,
Que eu choro meu cativoiro.

Tens os filhos no teu ninho,
Linda esposa, amor primeiro...

Ai de mim, que na ventura
Nunca sou nem derradeiro!

Vai cantando a liberdade,
Que eu choro meu cativoiro.

Entre os teus nos verdes prados,
Tu divagas prazenteiro;
Eu só nas lidas do campo,
Ou gemendo no terreiro...
 Vai cantando a liberdade,
Que eu choro meu cativo.

Quando é noite, tu descansas
Sobre o teu ramo altaneiro,
E eu por entre os meus soluços,
Ferido neste espinheiro...
 Vai cantando a liberdade,
Que eu choro meu cativo.

De manhã, quando despertas,
Vens banhar-te no ribeiro,
E eu de enxada ao ombro marchou
Mais triste pra o cafeeiro!
 Vai cantando a liberdade,
Que eu choro meu cativo.

Como invejo a tua vida,
Teu destino lisonjeiro!
Bem quisera ser – não posso...
No riso teu companheiro!...
 Vai cantando a liberdade,
Que eu choro meu cativo.

Ou me leva pelos ares,
Onde voas sobranceiro;
Mas, me prendem férreos laços...

Antes fora o leve argueiro!
 Vai cantando a liberdade,
 Que eu choro meu cativoiro.

Bate as asas, vai-te embora...
 Voa ao céu, voa ligeiro;
 Pedes a Deus misericórdia...
 Que me salve justiceiro...
 Vai cantando a liberdade,
 Que eu choro meu cativoiro.

XXVII

A ENGOMADEIRA

Eu sou pobre engomadeira,
 Suando ganho o vintém...
 Chamam-me os moços – formosa,
 E os velhos querem-me bem...
 Ai, não é graça!
 Os velhos querem-me bem...

Não moro em rico palácio...
 A riqueza quem me deu?
 Mas, sorrisos entre os ferros
 Deus do céu me concedeu...
 Ai, não é graça!
 Deus do céu me concedeu.

Mas, entre os ferros amigos...
 Os ferros do meu labor;
 Estes, sim... me dão ventura...

Receio os ferros de amor...

Ai, não é graça!

Receio os ferros de amor.

Sem eles, lido contente,
Entre cantigas sem fim;
Que me importa o mais da vida?

Se feliz sou mesmo assim?

Ai, não é graça!

Se feliz sou mesmo assim?

Cedo acordo e no engomado

Logo a roupa vou molhar,

Armo a corda no terreiro

Para estendê-la a enxugar...

Ai, não é graça!

Para estendê-la a enxugar.

E ferros no fogareiro,

Que está cheio de carvão...

Forro a mesa, almoço e logo

Uma calça por tostão!

Ai, não é graça!

Uma calça por tostão.

Mas, que calça engomadinha!

Lustrosa e alva a brilhar...

Nem uma dobra, um cisquinho...

Meu rosto posso mirar...

Ai, não é graça!

Meu rosto posso mirar.

E assento a mão no trabalho...
Suando ganho o vintém...
Ao freguês um ditozinho...
Nunca dei mais a ninguém!
Ai, não é graça!
Nunca dei mais a ninguém

Uma calça tão lustrosa,
Camisa como esta vai...
Ao moço torna ditoso...
Suspiros, paixões e ai...
Ai, não é graça!
Suspiros, paixões e ai.

Que as meninas endoidecem
Quando virem meu freguês...
E contudo... por tão pouco
Quantos gozos muita vez!
Ai, não é graça!
Quantos gozos muita vez.

Três vinténs esta camisa...
Pois é caro, ó meu senhor?
Roupa assim encanta as moças...
Três vinténs lhe custa amor...
Ai, não é graça!
Três vinténs lhe custa amor.

Meu Jesus! Que ferro quente!
Quase a camisa tostou...
Vou esfriá-lo depressa

Neste duro paletó...

Ai, não é graça!

Neste duro paletó.

E entretanto a engomadeira

Que sabe tanto agradecer...

Sempre esquecida e mal paga...

Se o freguês sabe pagar...

Ai, não é graça!

Se o freguês sabe pagar.

Mas, devo calar-me, devo...

Que todos querem-me bem;

É minha sina a pobreza...

Suando ganho o vintém:

Ai, não é graça!

Suando ganho o vintém.

XXVIII

O MEDROSO DE AMOR

Moreninha, não sorrias

Com meiguice, com ternura;

Este riso de candura

Não desfolhes...

Não sorrias!

Que eu tenho medo de amores,

Que só trazem desventura!

Moreninha, me não olhes,

Como agora apaixonada;

Este olhar – toda enlevada –
Não desprendas...
Me não olhes!
Pois que assim derramas fogo
Em minh'alma regelada!

Moreninha! vai-te embora...
Com teus encantos maltratas;
Eu fui mártir das ingratas
Quando amei...
Oh, vai-te embora!
Hoje fujo das mulheres
Com medo das insensatas!



XXIX

O JORNALEIRO

I

– Adeus, Rosa... – Antônio, adeus... –
E abraçados a chorar...
E os meninos soluçando,
Qual junto soluça o mar.

Só não chora o pequenino...
Engateando sorria,
E inocente ao pai aflito
Seus bracinhos estendia...

Dizendo talvez, quem sabe?
Naquela muda linguagem:
– Quero ver-lhe sempre o rosto...
Não me roube a sua imagem...

E os outros gritando todos:
– Pai, me leve... Eu vou também...
– Não posso, filhos, não posso...
– O papai não me quer bem!

E queres deixar, meu filho,
Tua mãe aqui sozinha?
Que dirá o Pai celeste
Vendo-a só nesta casinha?

Nem é bom pensarmos nisso...
Deus castiga o filho ingrato!

Ah, cresçam para ajudar-me
Nos trabalhos lá no mato...

– Pois me traga uma boneca...
– Pois me traga um berimbau...
– Nada quero... pai, me leve...
Oh, papai, não seja mau!

– Uma cousa bem monita
A todos trarei, filhinhos;
Não deem cuidados em casa,
Andem muito direitinho...

Ouvi-me, Deus de bondade,
Ouvi-me, divina Essência,
Estes pobres vos entrego...
Guardai-os na minha ausência!

Adeus, filhos, até breve...
Adeus, Rosa... – Antônio, adeus... –
E chorando parte Antônio,
Deixa a esposa e os filhos seus.

II

Quem o triste caminheiro,
Que às costas leva um surrão,
E nos pés as alpargatas,
E seu cacete na mão?

Quem o triste caminheiro,
Que além segue suspirando,

Naquela praia deserta
A sua choça deixando?

Era Antônio, o jornalista!
Vai longe ganhar o pão
Para a esposa, para os filhos...
Ai, cordas do coração!

Suar ao cabo da foice,
Suar ao cabo da enxada...
Todo o dia, sem descanso
Desde o romper da alvorada...

Naquela serra distante,
Naquelas serras azuis...
Que na casinha da praia
Seus filhinhos deixa nus...

Que no rigor dos invernos
O trabalho é tão vasqueiro...
Porém nunca nas montanhas
Onde impera o cafeeiro.

Deus te leve, pobre Antônio,
Deus te seja sempre a luz,
Deus te ampare em tuas lidas...
Com Deus volte, com Jesus.

III

É vinda a névoa da noite;
A sericóia gritava...

E a pobre gente da serra
Já do roçado voltava.

– Boa noite! – Boa noite...
O que queres, caminheiro?
– Eu venho de longes praias;
Senhor, eu sou jornaleiro...

Lá deixei mulher e filhos
Curtindo fome talvez...
E procuro aqui serviço
Que me ocupe todo o mês.

– O serviço neste sítio
Nunca falta, Deus louvado...
– Sei, senhor, e lhe prometo
Que o farei de seu agrado. –

E logo se arrancha Antônio,
O cansado caminheiro...
As barras vinham quebrando
E ele pronto no terreiro.

E trabalha sem descanso,
Sem descanso a suspirar...
Ai, muitas vezes cantando,
Como quem canta a chorar:

“Onde vais cortando os ares,
Onde vais, ó, passarinho?
Vou caçar as borboletas
Para levá-las ao ninho.

Que lá me espera a consorte,
Que lá me espera o filhinho...
Ai, triste de mim, coitado,
Ai, triste do passarinho!”

E mais ligeira descia
Sua enxada a capinar...
E em seu rosto mais orvalho,
Ou da lida, ou do pesar...

E o dia sucede à noite,
A noite sucede o dia...
Eram limpos três roçados,
O quarto se principia...

E na serra o pobre Antônio,
Porém não seu pensamento!
Ai, longe dele voava
Qual voa ligeiro o vento!

IV

Chegamos, minh'alma, às praias...
Eis no deserto areal
A rude casa de palhas
Afrontando o vendaval.

Aos lados a branca areia,
As vagas do mar em frente,
Atrás os matos, e em cima
A velar o Onipontente.

E à sombra daquelas palhas,
Uma alma toda esperança,
Fervente prece nuns lábios,
Muito amor, muita bonança!

Que Rosa, com seus filhinhos,
Com seu Antônio a viver,
É feliz! Naqueles ermos
Nada falta ao seu querer.

Mas, agora, coitadinha,
O seu marido esperando,
Saudosa fita o caminho,
Dias que faltam contando.

E torcendo o fuso, entoa
As modas da mocidade,
Vendo os filhos nos folguedos
Risonhos, de sua idade.

E na lida muitas vezes
Cantando, reza também:
“Glória ao Padre, glória ao Filho,
Glória ao Esp’rito Santo, amém”

V

É vinda a aurora almejada...
Como desponta formosa!
Acordam cantando as aves,
Sorrindo desperta Rosa.

E sorrindo corre à fonte
Com seus filhinhos queridos...
Já se banham, já se vestem
Com seus melhores vestidos.

Até a rude casinha
Parece rir-se também...
Ah, varrida fora cedo,
Que seu dono perto vem...

Que Rosa espera o consorte
Nas horas daquele dia,
Matar no peito a saudade,
Plantar no peito a alegria.

E por isso entre os meninos,
Qual curiosa criança,
A vista alonga na estrada
Palpitando de esperança.

– Mamãe, parece... repare...
Ao longe um vulto... vi bem...
– Aonde, menino, aonde?
– Não vê cantando o vem-vem?

– Mas, o vulto não se move...
É ramo talvez de ubaia...
– Mamãe, agora... não ouve?
Ouvi cantar lá na praia...

E as horas passam nas asas
Dos euros que vêm dos mares...

Ó, salve, tarde saudosa,
Tristezas, prantos, pesares!

E Rosa vendo o sol posto
Joelhou-se junto ao mar:
“Oh, dai-me, Virgem Maria,
Que Antônio volte a seu lar!”

VI

Quem aquele caminheiro
Coberto de pó, sorrindo,
Que da praia pisa a areia
Quando a noite vem caindo?

Era Antônio, o jornaleiro,
Que vai findar a jornada
No seio de seus filhinhos,
De sua Rosa adorada.

– Mamãe, não ouve distante...
Gritando agora o tetéu?...
– Filhinho, teu pai, ó filho,
Suplica ao Pai lá do céu.

E murmurando contente
Vem Antônio no caminho:
– Que lindo vestido à Rosa...
Que mimos para o filhinho...

Meu Jesus, quanto alvoroço
Quando eu mostrar a Joanhinha

Esta boneca, chorona
Se lhe aperto a cinturinha...

E ledo chega a seus lares...
Manoel primeiro o viu,
E sua Rosa e seus filhos
Num abraço reuniu...

Oh, cena, cena tocante!
Quem descrevê-la pudera?
Oh, quanto sorriso e lágrimas
O jornaleiro trouxera!

VII

– Antônio, quantas saudades...
– Que penas, ai, minha Rosa...
– Homem, que tal a jornada?
– Louvado Deus, foi ditosa.

E desatando as correias
De seu pesado surrão...
Rodeado dos meninos,
Os mimos reparte então...

Contando casos da lida
Das serras donde viera...
– Papai, papai, que me trouxe:
– Espera, filhinho, espera.

– Que lindo vestido, gente!
– Ó, papai, é minha a broa?

– Olha, Chico, que anzolzinho
Para eu pescar na lagoa.

Eis que Antônio de repente
Por Joaquinha perguntou...
– Deus é pai, – responde Rosa;
Antônio, Deus a levou!

– Morreu! – Exclama dorido...
E de angústia descorava:
– Pois não temos tantos filhos? –
Assim Rosa o consolava.

– Sempre a dor segue à alegria
Eis a vida... Oh, que destino!
– Não te maldigas, Antônio...
Foi vontade do Divino!

Para tamanha pobreza
Cinco filhos!... Poucos são,
Deus é bom... Era um anjinho.
Foi pedir nosso perdão!

– Sei, mulher, mas dói-me n'alma... –
E Rosa torna ao esposo:
– Maria não chores... vem à reza,
Que precisas de repouso.

E ajoelhada a família,
Fervorosa solta um canto,
Dando graças ao Eterno
Por entre suspiro e pranto:

“Glória ao Padre, glória ao Filho,
Ao esp’rito Santo também;
Glória a Vós, ó Mãe, ó Virgem,
Senhora dos céus, amém.”

XXX

A VITÓRIA DA PÁTRIA
GUERRA DO PARAGUAI – 1870

Que vejo e ouço? Como alegre o povo
Saúda a pátria, num fervoroso hino!
Como a natura se esmerou nas galas...
Oh, quanto júbilo... que fulgor divino!
Que altivos brados! Do triunfo os louros
Da pátria enxugam o magoado pranto!
Anjos da glória, bafejai-me a mente,
Com vosso hálito perfumai meu canto!

Brilhante feito! Quando ufano ainda
– Riachuelo! – murmurava o mar!
Vingada a pátria... o brasileiro império...
Mais uma palma nos lauréis do lar!
É justa a causa que ao prazer excita...
De tanta festa... de entusiasmo tanto!
Anjos da glória, bafejai-me a mente,
Com vosso hálito perfumai meu canto!

E abri-me os olhos; não me basta o eco
Que tu, ó brisa do combate, espalhas...
Eu quero ver-vos, marciais vitórias,
Por entre a esteira de fatais metralhas!

Eu quero ver-vos... Que painel tremendo...
O som das armas... pavoroso espanto...
Anjos da glória, bafejai-me a mente,
Com vosso hálito perfumai meu canto!

Cena imponente! As guerrilheiras hostes
Buscam-se iradas... que furor nas alas...
Chocam-se... travam-se... que lutar imano!
Por entre o fumo, o sibilar das balas!
Lavra o incêndio nos corações brasílios...
– Eia, soldados! – que inaudito encanto...
Anjos da glória, bafejai-me a mente,
Com vosso hálito perfumai meu canto!

Quanta bravura! Dos adustos ermos
Leões parecem a pelejar sedentos!
Luz o relampo dos canhões... rasgando
Do fumo as nuvens... que painéis cruentos!
Jorros de sangue... o agonizar da morte...
Que após envolve do combate o manto...
Anjos da glória, bafejai-me a mente,
Com vosso hálito perfumai meu canto!

Jorros de sangue... o fuzilar medonho
De mil bombardas, maldições, gemidos...
E os nossos bravos a clamar: – Vingança!
E os vis imigos de pavor transidos!
Debalde fogem – já vencer não pensam...
– Pagai, selvagens, do Brasil o pranto!
Anjos da glória, bafejai-me a mente,
Com vosso hálito perfumai meu canto!

Fogem debalde... a cavalaria os segue...
A ira imensa que gerou a afronta!
Té que ressoam deste império os hinos...
Vitória!... ó, bravos, para nós desponta!
O sangue infame do caudilho ingrato,
Eis, lava a nódoa no brasílio manto!...
Anjos da glória, bafejai-me a mente,
Com vosso hálito perfumai meu canto!

E a noite umbrosa da sangrenta luta
Troca-se em dia... alvorecer brilhante!
E então que vejo? – O pavilhão brasílio,
Ei-lo orgulhoso a tremular pujante...
Por entre os bravos, do triunfo os hinos,
E dos guerreiros entre o doce pranto!...
Anjos da glória, bafejai-me a mente,
Com vosso hálito perfumai meu canto!

Oh, sim, vencemos! Minha pátria, exulta!
Ó, vinde, bravos das ações d'outrora!
Riachuelo... Itororó... erguei-vos...
O grande feito festejai agora!
Eia, exultemos! Quanto esforço e brio,
Quanto heroísmo no combate, oh, quanto!...
Anjos da glória, bafejai-me a mente,
Com vosso hálito perfumai meu canto!

Sim, exultemos!... Minha pátria, podes
Erguer a fronte... que ela toque o céu!
Já o vil sicário não te cospe a injúria...
Ó, povo, exulta, que o Brasil venceu!

– Salve, vitória! – Que entusiasmo... é tanto...
Que a voz me falta, e prosseguir não posso...
Ecos da pátria, repeti meu canto!

XXXI

MINH'ALMA

Minh'alma é a pobre velhinha,
Coitadinha,
Que na rua estende a mão,
Com fome e sede... oh, tormento...
Sem alento,
Curvada no seu bordão!

– Por piedade uma esmola...
Ai, uma esmola de amor!
– Perdoe; – responde a donzela
Com desumano rigor!

E tropeçando a velhinha,
Coitadinha,
Vai noutra porta bater;
E suplicante e penosa,
Soluçosa,
De novo pede a gemer:

– Por piedade uma esmola...
Ai, uma esmola de amor!
– Perdoe; – responde a donzela
Com desumano rigor!

Que escárnio sofre a velhinha,
Coitadinha,
Que esmagadora irrisão!
As suas crenças deixando...
Se arrastando
Vai por entre a ingratidão.

– Por piedade uma esmola...
Ai, uma esmola de amor!
– Perdoe; – responde a donzela
Com desumano rigor!

E em desespero a velhinha,
Coitadinha,
Maldiz a sorte fatal;
E depois extenuada,
Na calçada,
Caiu em duro poial!

– Por piedade uma esmola...
Ai, uma esmola de amor!
– Perdoe; – responde a donzela
Com desumano rigor!

E no poial a velhinha,
Coitadinha,
Que não pode caminhar,
Gasta o dia mendigando...
E passando
Quem não a quer escutar!

– Por piedade uma esmola...
Ai, uma esmola de amor!
– Perdoe; – responde a donzela
Com desumano rigor!

Ninguém atende a velhinha,
Coitadinha...
Já descendo vê-se o sol;
E nem sequer um agrado,
Um olhado,
Colhera desde o arrebol.

– Por piedade uma esmola...
Ai, uma esmola de amor!
– Perdoe; – responde a donzela
Com desumano rigor!

E veio a noite, e a velhinha,
Coitadinha,
Deitou-se no frio chão,
Que não tem um lar amigo,
Doce abrigo
À sombra de um coração!

Que debalde suplicava,
Ai, uma esmola de amor!
– Perdoe; – disseram-lhe sempre...
Sempre gemidos e dor!

XXXII

O TOPADOR

I

– Vaqueiros desta fazenda,
Vaqueiros deste sertão,
Vinde ver meu touro Liso
Como cava agora o chão;
Vinde vê-lo destemido,
Vinde vê-lo folgazão!

E trepados os rapazes
Nas estacas do curral,
De seu amo a fala ouviam
Em silêncio sepulcral,
Pois não tinham visto ainda
Em braveza um touro igual!

E o preso novilho urrava,
Cada urro era um trovão,
Que gerava medo n'alma,
Resfriando o coração...
Não se atrevia a domá-lo
Dos campos o valentão.

Na terra afiava as pontas,
À terra pôs-se a cavar,
Inchadas ventas de raiva
Não cessavam de soprar...
Parecia em seu assanho
O mundo inteiro afrontar.

Pois nunca deixara o mato,
Sempre livre em seu viver!
Muita gente, muito esforço
Para ao curral o trazer!
Ei-lo agora em campo raso;
Ei-lo pronto pra vencer!

II

– Vaqueiros desta fazenda,
Vaqueiros deste sertão,
A quem topar o novilho
Dou meu cavalo alazão... –
Dizia o dono abastado
Daquela situação.

E todos, todos calados,
Medrosos de tal ação:
– Vaqueiros, eia, coragem!
Ganha mais um patacão
Aquele que der uns topes
Neste Liso barbatão!

– Senhor amo, não podemos... –
Um responde em fraca voz; –
Dar um ensino no Liso,
Neste novilho feroz...
Estrepar-se em suas pontas
Nenhum quer, nenhum de nós!

– Quero eu! – Todos procuram
Quem se atreve assim falar;

Era um rapaz amarelo
Bem novato no lugar;
– Quero eu! Este novilho,
Senhores, vou despachar!

Deem-me véstia de bom couro,
Custosa de se rasgar;
Uma agulhada ferina,
Custosa de se quebrar;
Dê-me licença, meu amo,
Para o seu Liso ensinar!

Pasmaram todos, pasmaram,
Escutando o valentão:
– Ou é doido o rapazinho, –
Houve quem dissesse então,
Ou deu o sangue ao demônio
Em noite de S. João!

E o amo gritou: – Avante!
O prometido darei...
Cavalo de minha sela,
O melhor dos que montei... –
O rapaz contente exclama:
– Sem demora o ganharei!

III

E aparelhado e ligeiro,
Do curral dentro pulou;
Vendo sua valentia,

Brabo Liso o procurou...
Arrimado na aguilhada
O rapaz destro o saltou!

O touro volta escumando,
Furioso em seu ardor;
Arremete ao valoroso,
Ele espera-o sem terror,
E o chapéu então lhe bate
Sobre os olhos sem temor.

E veloz, em seu toutiço
Pondo a vara de ferrão,
Ele pula... sobre o touro,
Que feri-lo busca em vão...
Ei-lo agora bem montado
Em seu novo campeão!

Ei-lo ufano, ei-lo sorrindo
Sem o mais leve pavor...
Os vaqueiros batem palmas,
E brada o rico senhor:
– Basta, basta de peleja,
Já deu mostras do valor!

Mas, o rapaz não atende...
Que lhe importa este falar?
Os olhos ardentes volve,
Sem o seu rosto corar...
Nada vê, e nada escuta...
Quer o novilho topar.

E desce... e empunhando a vara
Três vezes logo o topou!...
Irado o Liso, e ferido,
Surdo gemido soltou...
Mas, depois desalentado
Da luta o campo deixou!

IV

E o rapaz vitorioso
Com seu amo foi falar;
Este deu-lhe o prometido,
Que não sabe ele faltar,
E também lhe deu a honra
De sua mão apertar...

Entre aplausos, que os vaqueiros
Gritavam: – Viva o rapaz! –
Alguns, porém, arredados
Diziam: – Pelos sinais,
Tem pautas... de suas veias,
Deu o sangue a Satanaz.

E deste modo pensando
Veem o bravo com terror,
Enquanto a fama nos campos
Vai cantando o seu louvor;
Enquanto o amo dizia:
– O rapaz é topador!

XXXIII

NO CAFEZAL

Que folias, que mistérios
Na colheita do café!
Que toadas, que sorrisos...
Quem não ama este bazé?...

– Olé!

Maria, não quer um cesto
Para botar seu café?

– Quero um cestinho bem leve,
Feito de fino cipó...
– Tome lá... mas, vamos juntos?
Pois não receia andar só?

– Olé!

Sacode no chão o cesto...
Onde bota o seu café?

– Que cesto... pesa uma arroba,
È fresco... pode guardar!
– Maria, com estes modos...
O mundo pode falar!

– Olé!

Fez a carinha de choro...
Não vai apanhar café?

– Me despache... é meio-dia.

Ai, Jesus, que mangação!

– Escolha, teimosa, escolha

Em paga da ingratidão.

– Olé!

Achou um cesto bonito

Para levar ao café!

– Vou-me embora... ó, Marcolina,

Já uma quarta espanou?

– Maria, não se demore...

– Ó Marcolina, aqui estou!

– Olé!

Marcolina, mais um pouco

Na medida do café!

– De cheia vai derramando

Minha quarta... pois quer mais?

– Marcolina, estou zangado...

O que disse hoje ao Tomás?

– Olé!

Dá-me as costas? Falta muito...

Não assento o seu café.

– Acredita? São histórias

Deste mundo falador...

– Assentei a sua quarta;

Mas, é firme o seu amor?

– Olé!

Marcolina, não responde...
Caminha para o café?

– Lá vem gente... vou-me embora
Para outra quarta apanhar...

– Pois, sim, vá... hoje à tardinha
Consigo quero falar.

– Olé!

Senhor João, boa colheita;
Onde achou tanto café?

– Meio alqueire de lavagem,
Quem dirá que não lasquei?

– É cabra destabocado...
Quatro iguais nunca topei!

– Olé!

Quem canta, quem é o fama
Lá da apanha do café?

– O cabra que está ralhando,
Não conhece? É o Tubarão!

– É famanaz, quem o vence
Junto ao pinho, no baião?

– Olé!

Mariana, a flor da selva...
Pois só traz este café?

– Meu senhor, a capoeira
Quem suporta... pois não vê?

– Ah, senhora Mariana,
Bem preguiçosa é você!

– Olé!

Que moxoxo... não sou causa
Dessa falta de café!

– Pois não sabe? Salteada
A minha carreira achei...

– Coitada da Mariana...
Meia quarta? Uma assentei.

– Olé!

Largaram todos a apanha?
Já não acham mais café?

– É tarde... está chuviscando...
– Meça este... – Meça o meu...
– Esperem, não me atrapalhem...
Já mediu? – Agora o seu!

– Olé!

Vão-se embora? Não me deixem
Tão sozinho no café!

– Tenho fome. – Estou cansado...
– Já são horas de jantar...
– Mas, à noite ao som do pinho
Quem se enfada de sambar?

– Olé!
Também vai-se, Marcolina?
Cedo larga hoje o café?

– Lá no samba falaremos...
Comigo não fique mal!
– Não se esqueça! – Todos partem,
Quem ficou no cafezal?

– Olé!
É Maria... diz baixinho:
– Venha ver o meu café...

.....

Que folias, que mistérios
Na colheita do café!
Que toadas, que sorrisos...
Quem não ama este bazé?

– Olé!
Quem me invejar, tome um cesto,
Venha cá, venha ao café!

XXXIV

OUTRORA E HOJE

Quando eu era pequenino,
Que inda andava em camisão
As faceiras me diziam:
– Venha cá, meu coração!

Agora como estou grande:
– Saia daqui, paspalhão!

Atiravam-me boquinhas...
Que suave munição!
Nos abraços não falemos,
Contá-los não pude então!
Agora como estou grande:
– Arrengo do pidão!

No seu colo me botavam...
Eu era manjericão;
Dum lado me carregavam...
Eu era nenen chorão:
Agora como estou grande:
– Arre lá! Viva no chão!

Me davam doces cocadas,
Também doce de mamão...
Me chamavam maridinho,
Seu namorado pimpão...
Agora como estou grande,
De mim fazem mangação!

Faceiras, aí, não me matem,
Tenham de mim compaixão;
Outrora me davam doces;
Seus doces guardando vão...
Agora como estou grande,
Faceiras, quero afeiçãõ!

Em paga dou mil cantigas,
Que aprendi pelo sertão;
Em paga dou mil carícias...
Em paga meu coração:
Agora como estou grande,
Quero amores... não sei, não!

XXXV

O REGRESSO

Eia, vamos, meu castanho,
Galopa a bom galopar!
Té que enfim! Enfim chegamos
À minha terra, ao meu lar!
Oh, que enlevos de ventura...
Que mimos, que formosura!...
Vejo, por entre a verdura,
Minha casinha a alvejar!...
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

Que longo tempo o da ausência...
Quanta cousa se mudou!
Aqui deixei verde mata...
Quem derrubou-a e queimou?
Que milho o deste roçado...
Quase todo apendoado!
De quem será este gado?
Oh, que prazer! Onde estou?
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

Não havia esta casinha...
De quem será? Quem a fez?
Esta marca eu bem conheço..
É lá de casa o pedrês!
E já vi este magano...
É decerto o Mariano!
Aquele é o Chico Serrano...
Aquela parece a Inês!
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

Quanta gente no riacho...
No riachinho tão meu!
– Adeus, comadre. – Ai, por isso
Lindo o dia amanheceu!
Meu compadre, que tardança!
Já ninguém tinha esperança
De vê-lo mais... Que mudança...
Por que tanto emagreceu?!
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

– Magro estou, comadre Inácia?...
– Ora, gentes, quem não vê?...
– Saudades... foram saudades...
– Isto me diz vosmecê!
– Como está meu afilhado?
– Bem gordinho, Deus louvado!
Ontem dei no malcriado...
– Ai, comadre... não lhe dê!
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

– Maria, adeus! Ó, bonita,
Já não me conhece mais?
– Não fale assim... eu casei-me...
Não vê aquele rapaz?...
- Casou-se, sim? É casada?
Que rapariga vexada!...
– Ai! de esperar já cansada,
Aproveitei o Tomás!
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

– Totonha, adeus! – Que me trouxe?
– Eu lhe trouxe o coração!
E você o que guardou-me?
– Vejam, vejam... não sei, não!
– Pois eu cumpri a promessa...
Eis-me de volta... – Ora essa!...
Mas que demora... que peça!
Nos homens que ingratidão!
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

– Lá vem o meu bonitinho...
– Tia Rosa, como está?...
Tome lá este rosário...
– Deus do céu lhe pagará!
– Aquela é minha afilhada?
Zé Pequeno na aguada...
E a Mariana entoada
Cantando vai acolá!...
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

E todavia os meus campos
Pela cidade troquei!
Por tanto tempo a ventura
Pela amargura deixei!
Aqui afetos... carinho...
E lá?... Perfídias... espinho...
Té que meti-me a caminho,
Té que pra os matos voltei!
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

No pátio dentro da casa...
Vem-se encontrar o Leão...
Velho rafeiro... que pulos...
Que prazer que sente então!
Latindo salta a meu lado...
E rincha e marcha apressado
O meu castanho no prado,
Prado de seu coração!
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

Aqui a fonte, a cascata
Onde sempre me banhei,
Ali a verde colina
Onde muito passeei;
A várzea, a mata frondosa.
A laranjeira mimosa...
Além... morava a formosa,
Morena que tanto amei!
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

E por entre conhecidos,
Entre sorrisos sem fim,
Da linda casa paterna
Ao alpendre chego... alfim!
Oh, que ditoso momento!
Que imenso contentamento!
Não tem força o entendimento...
Não se pinta um quadro assim!
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus!

XXXVI

SONHO

Que sonha o filho do povo
Na tipóia de algodão,
Na casinha de palmeiras,
Dormindo junto ao fogão?
Que sonha o filho do povo
Na tipóia de algodão?

Vê por sorte recrutado
O rico junto de si;
Nobre altivo, humilde pobre,
Soldados... iguais ali...
Vê por sorte recrutado
O rico junto de si!

Igualdade! Os brasileiros
Iguais à face da lei,
Servindo todos à pátria

Sem isenção de uma grei...
Igualdade! Os brasileiros
Iguais à face da lei!

Livre o branco, livre o preto,
Não mais tanta abjeção,
Não mais – senhor, nem escravo;
Acabada a escravidão...
Livre o branco, livre o preto,
Não mais tanta abjeção!

O pobre sabendo ao menos
O nome seu escrever;
Obrigado embora à escola...
É liberdade o saber!
O pobre sabendo ao menos
O nome seu escrever!

Castigado o despotismo,
O caprichoso mandão,
Que acabrunha o povo imbele,
Sem temor, sem compaixão...
Castigado o despotismo,
O caprichoso mandão.

Castigado o delinquente
Nos ricos paços também,
A virtude premiada
Daquele que ouro não tem...
Castigado o delinquente
Nos ricos paços também.

Sonha ver... eis que o desperta
Da polícia a férrea mão!
É inocente... que importa?
Vai gemer numa prisão!
Sonhava... quando o desperta
Da polícia a férrea mão!

XXXVII

O VEM-VEM

Já foge a tarde... não volve,
Como o perfume da flor,
Levando minha ventura,
Enlevo do meu amor;
Que de balde a vista espraio
Além...
Não vejo a ingrata... enganou-me!
– Vem... vem...

Bom passarinho... não cantes,
Tua esperança é mendaz...
Consente que eu chore a sorte
Sem piedade e falaz!
Que de balde a vista espraio
Além...
Ela não surge... enganou-me!
– Vem... vem...

Traído e só... desprezado
Na aurora das ilusões!
Já não desfolho o sorriso

Das suaves afeições...
Que de balde a vista espraio
Além...
Mentiu-me a ingrata... esqueceu-me!
– Vem... vem...

E este amor era-me a vida,
O meu presente a florir;
A saudade do passado...
O sonho de meu porvir!...
Ora embalde a vista espraio
Além...
E a minha vida não volve...
– Vem... vem...

Já me corre amargo pranto,
Minhas faces a sulcar...
Que farei só neste mundo?...
Resta-me apenas chorar!
Que de balde a vista espraio
Além...
E a f'licidade não volta...
– Vem... vem...

E a sombra desce do monte,
Ao poente desce o sol...
Ai, nos gozos desta vida
Foi breve o meu arrebol...
Que de balde a vista espraio
Além...
Já perdi de todo a crença...
– Vem... vem...

Adeus, prados... adeus, bosques...
Que a folha vai-se mirrar...
Perdido o viço... desmaia...
Ai, já começa a murchar!
É noite quase... e não surge
D'além...
Adeus, vida; adeus, ternura...
– Vem... vem...

XXXVIII

CORAÇÃO DE MULHER

Ao meu amigo Joaquim Serra

– Ligeiro corre, ginete! –
E o ruço quase a voar; –
Que além daquela campina
À noite devo chegar!

E o sol descia ao poente,
E o gado vinha a berrar,
E do curral nas estacas
Era o vaqueiro a cantar:

“Ai, manacá da campina,
Por que deixas o sertão?
– A f'licidade me espera,
Me leva meu coração.”

E perto a filha do amo,
A Jardilina passou,

E só por vê-la o vaqueiro
Mais terno continuou:

“Ingrata, ingrata, teu ramo
No campo vai murcheçar...
– É meu destino este afeto,
Também destino é morrer!”

E Jardilina suspira...
Seu lindo seio se ergueu;
E reparando o vaqueiro
No canto triste gemeu:

“Coitada, ó sorte, coitada!
Aonde teu viço, ó flor?
– Abandonou-me o tirano,
Ai crua sina este amor!”

E suspirando o vaqueiro
Assim a lenda findou;
Viera o gado, era noite,
Logo a porteira fechou.

Mais tarde... – Corre, ginete –
No ruço o demo a voar; –
Que me pertence a ventura
Antes do galo cantar.

– Ai, teu ginete me mata,
Que é duro seu caminhar...
– Agora para, ginete! –
E o ruço logo a parar.

– Que tens, que choras, criança? –
E Jardimina a gemer,
E de seu pranto nas gotas
Sua beleza a descer.

A rósea face descora,
Dos olhos perde-se a luz,
E de sua alma os pesares
Gemido louco traduz!

Que já o galo cantara
Primeiro canto, talvez;
Depois ouviu-se o segundo...
Depois cantara outra vez.

– Perdida nestes espinhos...
Pois já me queres deixar?
– Ligeiro corre, meu ruço! –
No ruço o demo a voar.

E o sol doirando a colina,
Descendo o sol ao sertão,
Um velho encontra gemendo
Da casa na solidão.

– Aí, só e triste, coitado... –
Dizia o velho a chorar;
E seu vaqueiro em soluços
Saía pra campear.

– Ingrata filha, sem pena
Tu me deixaste a morrer...

Aí, filha desnaturada,
Que não devera nascer! –

E o tempo sempre voando,
Qual sabe o tempo voar;
Chorando sempre o vaqueiro
Nos campos a campear.

– Licença vos peço, ó amo!
– Vaqueiro, podes falar!
– Já nada falta nos campos...
– Vaqueiro, estás a sonhar?...

– Não sonho, senhor meu amo...
Vaqueiro, estás a sonhar!
– O caso conto... licença?...
– Vaqueiro, podes falar.

– Achei o que eu procurava,
De nossos campos a flor...
– Que val a flor sem perfume?
– Mas dá perfumes a dor.

– Que não a vejam meus olhos...
– Perdão, ó pai, meu senhor!
E chora o pai, chora a filha,
E o seu vaqueiro... de amor!

E o sol descia ao poente,
E o gado vinha a berrar,
E do curral nas estacas
Era o vaqueiro a cantar:

“Ai, manacá da campina,
Por que deixas o sertão?
– A f’licidade me espera,
Me leva meu coração.”

E Jardilina suspira...
O velho põe-se a cuidar;
E um dia disse: – Vaqueiro,
Com ela... queres casar?

– Seria, sem ver a morte,
O paraíso alcançar!
– Tu queres, filha? Consinto... –
E Jardilina a corar.

E Jardilina corando
Com seu vaqueiro casou,
E aquela triste balada
Não mais o moço cantou.

E assim viveram cem anos,
Se não errei no contar,
Ditosos, sempre ditosos
Depois daquele penar.

XXXIX

CIÚMES

– Junto ao caminho o que fazes
Esta noite assim sozinha?
– Ai... fui ver a minha tia...

– Maria!

Pois deixaste só, ingrata...

Tua mãe, pobre velhinha?

– Eu deixei... está fiando

No terreiro da casinha.

– Maria, cruel Maria,

Sentido!

– Como está o senhorzinho

Saído!

– Por teus passeios à noite,

Não sabe? vivo penando...

– Teus ciúmes?... Quem diria...

– Maria!

Não brinques; ai, falo sério,

Gemendo, quase chorando!

– Fala sério?... Senhor tolo,

Pois andava o procurando!

– Maria, cruel Maria,

Formosa!

– Não me abrases... também vivo,

Zelosa!

– Foi só por mim que saíste?

Ó, anjo, ó, linda! És a aurora...

– Como ele está! que alegria...

– Maria!

Não sorrias, feiticeira,

De quem sofre, geme e chora!

– Ora, adeus... estou zangada...
Não ralhou?... pois vou-me embora!

– Maria, cruel Maria,
 Meu amor!...
– Que ternura! Pois escute:
 Não, senhor!

XL

O GENERAL TIBÚRCIO

Tibúrcio! Salve, Tibúrcio,
Nossa glória marcial
Quem tanto elevou o nome
De sua terra natal?...
No combate mais renhido,
Soldado entrou destemido
Deixou o imigo vencido,
Saiu depois – general!

Que o digam seus companheiros
Das batalhas – do lidar;
Os velhos soldados sempre
De noite contam no lar:
– Ninguém mais bravo, mais forte
Que o moço filho do norte
Era o terror – era a morte
Do Paraguai – a lutar!

E além de estranha bravura,
Que talento, que instrução!

Se discorria – era um sábio!
Quando lutava – um leão!
Sabia coisas incríveis!
Também vencer impossíveis!
Quantas empresas temíveis
Não lhe devemos então!

Que o prove a estrada do Chaco,
Que ainda nos faz tremer!
Aquele trabalho imenso
Num contínuo combater!
Sublime temeridade!
No meio da mortandade,
Subiu à posteridade,
Ali, o bravo – a vencer!

Que Tibúrcio tinha n'alma
Da Ibiapaba a extensão,
Onde nascera... e nas veias
O sangue de Camarão!
E qual a grande montanha,
Sua coragem tamanha
Não desmentiu na campanha...
Provou-a na Redenção!

E em toda a parte – que o bravo
Do Osório era o rival!
O velho chefe o fitava
Como se fita um igual!
Louvava as suas proezas,
Amava-lhe as gentilezas...

E para as grandes empresas
Mandava-o o seu marechal! –

Assim os velhos soldados,
Os voluntários, no lar,
Contam do bravo Tibúrcio
As valentias sem par;
E enquanto a fama na história
Lhe escreve a lenda de glória,
Do povo guarda-a a memória!...
Canta-a a musa popular.

Dizendo todas nos hinos
Da gratidão eternal:
– Salve, Tibúrcio, o valente,
Salve, o moço general...
Que lutou a vida inteira
Pela nação brasileira...
Honrando a pátria natal!...
Honrando sua bandeira!

XLI

LEVIANA

Leviana, quem te entende
Quando tu falas de amor?
Se hoje dizes que me queres,
Amanhã quanto rigor!
Ai, não brinques, que te queimas
Nas vivas chamas de amor!

Tu contaste à Margarida,
Que não me tinhas amor,
E me volves, leviana,
Os teus olhos com langor...
Ai, não brinques, que te queimas
Nas vivas chamas de amor!

Ontem à tarde no riacho,
Me esperaste toda amor...
Hoje à Rita tu falaste
Contra mim, toda furor!
Ai, não brinques, que te queimas
Nas vivas chamas de amor!

Às vezes te encontro rindo,
Leviana, quanto amor...
Outras vezes, que mudança,
De mim foges com terror!
Ai, não brinques, que te queimas
Nas vivas chamas de amor!

E se fujo de encontrar-te...
Se não te falo de amor,
Tu choras, empalídeces,
Em teu rosto quanta dor!
Ai, não brinques, que te queimas
Nas vivas chamas de amor!

Se te busco, ó leviana,
Se te falo em meu amor,
Ai, me foges, me desprezas...

Que profundo dissabor!
Ai, não brinques, que te queimas
Nas vivas chamas de amor!

Sim, não brinques, que te queimas,
Pois ardente é sempre amor!
Não digas que me desprezas,
Tem pena de teu cantor!
Leviana! Mais não brinques
Nas vivas chamas de amor.

XLII

TERRA ALHEIA

*“A rolinha de cansada
Bateu o papo na areia,
E batendo foi dizendo:
Triste cousa é terra alheia.”*

Garça parda, garça branca
Que neste lago passeia,
Bate as asas, volve aos lares
De quem chora em terra alheia;
E voando vai dizendo:
– Triste cousa é terra alheia! –

Que a rolinha de cansada
O papo bateu na areia,
E batendo disse em prantos:
É cruel a terra alheia!
Aí, voando vai dizendo:
– Triste cousa é terra alheia! –

Minha vida, meus pesares
Conta aos meus, na minha aldeia;
Que sou a rola cansada
Soluçando em terra alheia:
E voando vai dizendo:
– Triste cousa é terra alheia! –

E se ouvires uns gemidos...
É a mãe que me pranteia!
Ai, suplica a sua bênção
Pra quem chora em terra alheia!
E voando vai dizendo:
– Triste cousa é terra alheia! –

E se ouvires uns suspiros...
Minha amada devaneia:
Dá-lhe um beijo em troca d'outro
Pra quem chora em terra alheia;
E voando vai dizendo:
– Triste cousa é terra alheia! –

E se vires à noitinha
Meus irmãos junto à candeia,
Ai, lhes conta a longa história
De quem chora em terra alheia:
E voando vai dizendo:
– Triste cousa é terra alheia! –

E se fores aos coqueiros...
A graúna lá gorjeia:
De seus hinos o mais terno

Pra quem chora em terra alheia!
E voando vai dizendo:
– Triste cousa é terra alheia! –

E a doce nota do sino,
Que ao sol posto tanto enleia...
Um raminho das campinas
De quem chora em terra alheia...
E voando vai dizendo:
– Triste cousa é terra alheia! –

E os descantes do vaqueiro
Quando à tarde não campeia...
Aí, consolos e lembranças
Pra quem chora em terra alheia:
E voando vai dizendo:
– Triste cousa é terra alheia! –

E voltai... que eu sou a rola
Que o papo bateu na areia...
E dá forças, dá-me alento...
Ao cansado em terra alheia!
E voando vai dizendo:
– Triste cousa é terra alheia! –

XLIII

O CIGANINHO

Menina, dá-me um ranchinho
No meio das tuas flores;
Ai, pobre do ciganinho
Requeimado dos calores.

E não te esqueças de mim...
Não digas aonde estou!
Ai, sim;
Não digas aonde estou!

Dá-me à noite um agasalho,
Que me salve do sereno:
Ai, de quem dorme ao orvalho
No mato desde pequeno.

E não te esqueças de mim...
Não digas aonde estou!
Ai, sim;
Não digas aonde estou!

Não tenho pai, coitadinho,
Não tenho mãe que me adore;
Ai, consola o ciganinho
Que já não tem quem o chore!

E não te esqueças de mim...
Não digas aonde estou!
Ai, sim;
Não digas aonde estou!

De manhã dá-me um cuidado,
Ao meio-dia... o remanso;
De tarde dá-me um agrado,
De noite basta – o descanso.

E não te esqueças de mim...
Não digas aonde estou!

Ai, sim;
Não digas aonde estou!

Segunda-feira – esperança,
Na terça e quarta um suspiro,
Na quinta e sexta – bonança...
Nos outros... basta o retiro.

E não te esqueças de mim...
Não digas aonde estou!
Ai, sim;
Não digas aonde estou!

Em paga não dou-te o ouro,
Que é bem pobre o ciganinho;
Mas tenho n'alma um tesouro
De muito afeito e carinho.

E não te esqueças de mim...
Não digas aonde estou!
Ai, sim;
Não digas aonde estou!

Em paga dou-te os segredos,
Perdidos na vida minha,
Cantigas, doces enredos,
Para cantar à noitinha.

E não te esqueças de mim...
Não digas aonde estou!
Ai, sim;
Não digas aonde estou!

Ai, não me cortes caminho,
Caminho das tuas flores;
Ai, pobre ciganinho...
Tem pena de suas dores.

E não te esqueças de mim...
Não digas aonde estou!
 Ai, sim;
Não digas aonde estou!

XLIV

CONSTÂNCIA SERTANEJA

“Chovam raios e coriscos,
Parta-se o mar em pedaços,
Hei de amar o meu benzinho
Com todos seus embaraços.”

Que me importa a tirania?
Que me importa o mundo inteiro?
Sete chaves, ferros, brenhas...
Vence amor se é verdadeiro!

Este amor nasceu-me forte,
Qual o mais forte penedo,
Entre flores e verduras,
À sombra dum arvoredão...

Que me importa, pois, o mundo?
Cairão seus embaraços,
Embora desabe a terra,
E o mar se parta em pedaços!

Eu nasci só para amar-te...
Cada qual para o que nasce;
Corre o rio... e suspendê-lo
Fora louco quem tentasse!

Que me importa a dura algema!
Abertos verás meus braços...
Embora desabe a terra,
E o mar se parta em pedaços!

Brilha o sol dourando o dia,
De noite a estrela é brilhante...
Dia e noite, vente ou chova,
Meu amor brilha constante!

Hei de amar-te sempre, sempre...
– Quem puder me embargue os passos!...
Embora desabe a terra,
E o mar se parta em pedaços!

XLV

AS FLORES

Que lindas flores no prado!
Quanta fragrância e primor...
Caminheiro, não te iludas,
Se oculta no riso a dor!

Cuidado, pois, caminheiro,
Cuidado nas verdes matas;
Entre as flores inocentes,
Vicejam flores ingratas...

Belas flores venenosas
Pelos ares, pelo chão...
Cujo perfume é suave,
Mas nos mata o coração!

Cuidado, pois, caminheiro;
Muita flor em seu hastil,
Esparge sorrindo ufana
O veneno mais sutil.

Quem ao vê-las não exulta,
Não se julga bem feliz!
Mas depois, o imprevidente
O seu destino maldiz!

Cuidado, pois, caminheiro,
Fugi da flor insensata,
Que nos ilude sem pena,
Que a f'licidade nos mata.

Há flores alvas, mimosas,
Contam velhos beija-flores,
Que falsas nos enlouquecem,
Pra zombar de nossas dores.

Cuidado, pois, caminheiro,
Cuidado na verde mata;
Entre as flores inocentes,
Viça a flor que nos maltrata.

Vaidosas lá se balouçam
Belas flores sem olor;
Ao vê-las quem não se enleva?
Mas, depois, que dissabor!

Cuidado, pois, caminheiro!
Apesar da linda cor,
Há flores que só nos causam
Muito tédio... em vez de amor!

Outras há, cujos espinhos
São muitas vezes fatais,
Se não matam, deixam dores
Nos seus eternos sinais.

Cuidado, pois, caminheiro,
Cuidado pelos caminhos,
Que belas flores vicejam
Muita vez por entre espinhos!

Encontrei já nesta vida,
Em dias talvez ditosos,
Lindas flores que matavam
Impulsos mais generosos!

Cuidado, pois, caminheiro,
Cuidado nas verdes matas;
Entre as flores inocentes,
Há belas flores ingratas!

Flores vi quase geladas...
Que apagavam d'alma a chama;
Outras vi deixando loucas
Pelo pó... verdosa rama!

Cuidado, pois, caminheiro;
Ai, que flores insensatas!
Outras há que sobem ledas
O cimo das verdes matas.

Como vê-se entre as donzelas...
Há flores de toda sorte –
Há lindas flores da vida,
Há flores lindas da morte!

Cuidado, pois, caminheiro...
Não busques formosas cores;
Mas da virtude o perfume
No seio das belas flores.

XLVI

O MUTILADO

A. J. Ribeiro de Carvalho

Salvina... terna Salvina,
Nas horas de Deus, amém,
Por que suspiras no vale,
Por que soluças também?
Ai, Salvina suspirava
Nas horas de Deus, amém...

Porque morria de amores,
De amor se morre também...
E soluçava no vale
Com saudades de seu bem!

Que da pátria ouvira Anselmo
Agudo grito de morte,
E corre aos campos da guerra...
Era um valente do norte!
– Adeus, Salvina, não chores...
– Ai, Anselmo... ai, triste sorte...
– É sorte, filha, ditosa
Para um valente do norte,
Dar o sangue à pátria, quando
Lhe escuta o grito de morte!

E Salvina amava a pátria...
Por isso torna num ai:
– É nossa mãe nossa pátria...
Pois vai, Anselmo, pois vai...
Mas, a fé que me juraste? –
Salvina torna num ai...
– Hei de amar-te eternamente...
– Pois vai, Anselmo, pois vai... –
E após adeus dolorido
Parte Anselmo, à guerra vai.

E choras, triste Salvina?
Por que suspiras também?
Ai, chora, suspira e geme
Com saudades de seu bem;

Sete dias se escoaram...
Setenta meses também?
Seis vezes floresce o mato,
Já novas flores lá vêm...
E Salvina sempre firme...
Sempre chorando também.

Té que um dia, entre os soluços,
Junto a si ouve no lar:
– Uma esmola ao mutilado...
Já não posso trabalhar!
Da guerra trouxe feridas,
Da guerra santa do lar...
E por elas o meu sangue
Soube, ó virgem, derramar,
Defendendo minha pátria...
Defendendo o nosso lar!

E Salvina soluçando
O mutilado fitou...
– Por que choras tanto, ó virgem?
– Por quem prantos me deixou...
– Onde foi quem tanto adoras?
– Amor da pátria o levou...
– Há quanto tempo soluças?
– Muito tempo já passou...
– E qual seu nome? – Era Anselmo... –
E o mutilado a fitou.

– Entre o fumo das bombardas
Vi-o gentil combater...

Era um guerreiro do norte
Sua pátria a defender:
Vi-o sem braço, sem perna,
Depois de tal combater...
Ah, quase morre! Se o visses
Fugiras para o não ver,
Que ficou horrendo o bravo
Sua pátria a defender!

E Salvina estremeando
Logo bradou a chorar:
– Ah, não morreu! Inda é vivo...
Ainda o posso escutar...
Beijar-lhe a fronte entre os louros,
E as cicatrizes beijar!
Mas, quando volta... não sabes?
– Findou-se a guerra do lar!
– E aonde o viste?... Que dita!
– Ei-lo a teus pés a chorar!

– Ei-lo a teus pés... mutilado...
Disforme... mas vencedor!
– Anselmo, Anselmo! – Oh, transporte...
Quantos extremos de amor!
– Mais belo voltas, coberto
Dos sinais de alto valor...
Que estas chagas são loureiros,
Cada loureiro uma flor...
Se outrora amava o Anselmo,
Hoje eu amo um vencedor!

E em breve, em breve, Salvina
Guiando Anselmo, seu bem,
Assim cantava esmolando,
Nas horas de Deus amém:
– Ao meu esposo uma esmola...
Ao mutilado um vintém!
E quem amar sua pátria
Um hino dê-lhe também! –
Ai, muita gente chorava
Nas horas de Deus, amém.

XLVII

A SERTANEJA

Sertaneja, sertaneja,
De minha ardente afeição...
É ela a flor mais formosa
Das campinas do sertão,
Ou como a tarde de inverno
Depois de longo verão...
Sertaneja, sertaneja,
Me roubaste o coração!

Já não campeio meu gado,
Saindo pra campear...
Que desde a hora em que vi-a,
Não me posso governar...
Se saio... no meu terreiro
Vou meu cavalo riscar!
Sertaneja, sertaneja,
Tem pena do meu penar!

E que prazer e receio
E ao mesmo tempo tremor,
Quando eu encontro-a sozinha
No passeio, ou no labor!
Dos lábios a voz me foge...
Do rosto foge-me a cor...
Sertaneja, sertaneja,
Ai, tudo por teu amor!

Oh, sim, que eu amo-a fervente,
Como dizer-lhe não sei...
É ela a estrela brilhante
Que nas trevas encontrei...
Coitado de mim, perdido,
Por fitá-la, me salvei.
Sertaneja, sertaneja,
Desde esse instante te amei!

De manhã quanta alegria
No seu rosto angelical,
À tarde que doce cisma
Na porteira do curral,
E à noite como ela canta
No terço de seu casal!
Sertaneja, sertaneja,
No mundo não tens igual!

E após o terço bendito,
Que ela canta com fervor,
Na ceia, quanto suspiro...
Voltando que dissabor!

Já não enxergo o caminho...
Caminho da minha dor.
Sertaneja, sertaneja,
Nos meus sonhos quanto ardor!

Ai, que ternura em sua alma,
Como dá a criação
Ao bezerrinho doente,
Que sem mãe berrava em vão...
Como o trata carinhosa,
Como é bom seu coração!
Sertaneja, sertaneja,
Também peço compaixão.

Sua voz é tão suave
Como a aragem da manhã,
E seu sorriso inocente
Qual de criança louçã...
É seu rosto cor-de-rosa...
Os lábios cor de romã...
Sertaneja, sertaneja,
Dos anjos tu és irmã!

E seus olhos? São as chamas,
Seco prado o peito meu!
Por isso quanto fitou-me,
Queimou-se meu peito... ardeu!
Como são aqueles olhos?...
Se dizê-lo não sei eu!...
Sertaneja, sertaneja,
O teu olhar me perdeu!

E louco, louco de amores,
Vou pedir a sua mão...
Que meus gados esquecidos
E abandonados estão...
Casados... que paraíso
Faremos deste sertão!
Sertaneja, sertaneja,
Aceita meu coração!

XLVIII

BALADA

– Quando cavares, coveiro,
A cova da minha amada,
Procura um bom cajueiro...
Quero-a ao pé dele enterrada...

Para que seu lindo rosto,
Para que seus seios nus...
Deem formosura e gosto,
Do cajueiro, aos caju. –

Não esqueceu-se o coveiro,
Pois foi a cova cavada
Junto do bom cajueiro,
Onde enterrou minha amada.

E o cajueiro – o mais lindo
Tornou-se do cemitério...
E, antes do tempo vindo,
De flor cobriu-se, oh! mistério!

E após as flores formosas,
Os cajus... continuamente!
Que frutas deliciosas...
Que eflúvio mago, atraente!

– Mal desponta a rubra aurora,
Abre-me a porta, coveiro,
Que me espera a amada agora
Naquele bom cajueiro!

As belas cores rosadas
De seus lábios, de seu rosto,
Vejo no fruto estampadas...
Dos beijos sentindo o gosto...

Também da pele o perfume,
Das carnes a maciez...
De seus olhares o lume...
Dos gozos a embriaguês...

Que aquele corpo faceiro,
Gentil, mimoso, adorado,
Passou-se pra o cajueiro,
No fruto está transformado!

Enquanto terna e saudosa,
Do sabiá sob a imagem,
Ai, su'alma afetuosa
Conta na verde ramagem.

Por isso à luz d'alvorada,
 Abre-me a porta, coveiro,
 Que me espera a minha amada
 Naquele bom cajueiro!

XLIX

OS SENTIDOS

*“Ai, bem vejo com meus olhos / Tua andares me ofendendo.
 Mas eu faço que não vejo... / É mundo – vamos vivendo!”*

Ai, bem vejo com meus olhos,
 E sempre por entre a dor,
 Noutros olhos os teus olhos,
 Que para mim se volvendo,
 Eu via doidos de amor!
 Mas, gemendo,
 Vejo e faço que não vejo...
 É mundo – vamos vivendo!

De teus lábios eu escuto,
 Em vez das notas do céu,
 Palavras, entre as palavras,
 Que me vão n'alma doendo,
 Cobrindo-a de negro véu!
 Mas, gemendo,
 Ouço e faço que não ouço...
 É mundo – vamos vivendo!

De teus afagos de outrora
 Onde o doce e grato odor?

Agora sinto as agruras
Que me vão enlouquecendo...
Agruras de teu rigor!
Mas, gemendo,
Sinto e faço que as não sinto...
É mundo – vamos vivendo!

E, pois, me mata o desgosto...
Quem pode gostar de fel?
E se ainda um gosto tenho
É de ver-te padecendo,
Vingar-me de ti, cruel!
Mas, gemendo,
Gosto e faço que não gosto;
É mundo – vamos vivendo!

E nesta noite medonha,
Noite de trevas sem fim,
Se apalpo, cego de angústia,
Encontro sangue vertendo,
Espinhos teus, ai de mim!
Mas, gemendo,
Ai, faço que os não apalpo...
É mundo – vamos vivendo!

L

A SORTE

*“Vem comigo ver a sorte
Que Deus tem para nos dar:
Piabas soltas no rio...
Té na pancada do mar.”*

– Olá de casa – Ó de fora...
– Com meu bem quero falar,
Para ver comigo a sorte
Que Deus tem para nos dar:
 Piabas soltas no rio...
Té na pancada do mar.

– Minha faceira morena,
Vamos no mundo girar,
Vamos logo ver a sorte
Que Deus tem para nos dar:
 Piabas soltas no rio...
Té na pancada do mar.

– Ai, querido de minh'alma,
O que veio cá buscar?
Vamos logo ver a sorte
Que Deus tem para nos dar:
 Piabas soltas no rio...
Té na pancada do mar.

– Já não posso... vá-se embora,
Que meu pai pode acordar...
– Foge... vamos ver a sorte
Que Deus tem para nos dar:
 Piabas soltas no rio...
Té na pancada do mar.

– Ai, querido de minh'alma,
Não lhe posso acompanhar...
– Ai, tirana... é boa a sorte

Que Deus tem para nos dar:

Piabas soltas no rio...

Té na pancada do mar.

– Amorzinho de minh'alma,

Não me queiras maltratar...

– Eu te adoro... É doce a sorte

Que Deus tem para nos dar:

Piabas soltas no rio...

Té na pancada do mar.

– A coruja está piando...

Que vontade de chorar!

– É feliz, menina, a sorte

Que Deus tem para nos dar:

Piabas soltas no rio...

Té na pancada do mar.

– Ai, querido... se eu soubesse

Que me havia de largar...

Não quisera ver a sorte

Que Deus tem para nos dar:

Piabas soltas no rio...

Té na pancada do mar.

– Marrequinha da lagoa,

Não me queiras escapar,

Vem voando ver a sorte

Que Deus tem para nos dar:

Piabas soltas no rio...

Té na pancada do mar.

– Minha mãe te chama, Rosa;
Que resposta devo dar?
– Que saiu pra ver a sorte
Que Deus tem para nos dar:
 Piabas soltas no rio...
Té na pancada do mar.

– Ai, querido, vamos, vamos,
Já não posso mais ficar...
– Vamos, sim... Que linda sorte
Tinha Deus para nos dar:
 Piabas soltas no rio...
Té na pancada do mar.

LI

AS MOÇAS

*“Quem quiser escolher moça,
 Escolha por seu andar;
Pois a moça que é velhaca,
 Pisa no chão devagar...”*

Quem quiser escolher moça,
Venha ouvir o meu cantar;
Veja que a moça velhaca,
Pisa no chão devagar...
 Veja... veja...
Repare no seu andar!
Da menina que de tarde
Canta e põe-se a suspirar,
E a toadinha mais triste

Escolhe para entoar...

Fuja, fuja
Quem não quer logo chorar.

Da vaidosa, que só vive
Para o corpinho enfeitar,
Que não larga o liso espelho,
Seu cabelo a pentear...

Fuja, fuja
Quem não quer se arruinar.

Da que dorme té sol fora,
Indo cedo se deitar...
Que se esquece do trabalho,
E o dia leva a cuidar...

Fuja, fuja
Quem não quer se desgraçar.

Não se enganem, meus amigos,
Antes ouçam meu dizer;
Quem não souber a cantiga,
Nem procurá-la saber...

Fuja, fuja
Se não bota-se a perder.

Aprendi à minha custa
Nos livros de Salomão...
Quando quis escolher moça
Tive mais uma lição...

Fuja, fuja
Quem não quer ter compaixão.

Ninguém se fie na dengosa,
Na que dança a serenar,
Na menina que parece
tudo... tudo ignorar...

Fuja, fuja
Quem não quer se amofinar.

Da que não perde sentidos,
De medo sempre a tremer;
Da que ri-se muito pouco,
E dores finge a gemer...

Fuja, fuja
Quem não quer se arrepende.

Da menina cavilosa,
Que sabe caluniar;
Da que olha indiferente,
Como quem não sabe olhar...

Fuja, fuja
Quem não quer ver-se algemar.

Da beata que, rezando,
Não tira as contas da mão,
Que não perde uma novena,
A missa, o terço, o sermão...

Fuja, fuja
Quem não dá pra sacristão.
Mas, como nem todos podem
Estas cousas bem julgar,
Quem quiser escolher moça
Repare no seu andar...

Que a velhaca
Pisa no chão devagar.

LII

A PENITÊNCIA

- Onde vai, Mariazinha?
Venha cá...
- Deus me livre! É penitência,
Não vou lá!

- Confessei-me ao senhor padre,
Meus pecados lhe contei...
- O que fez Mariazinha?
- Já não me lembro... não sei!

- Pois você contou ao padre...
Venha cá!
- Não devo mais ouvi-lo,
Não vou lá!

- Escutá-lo – disse o padre, –
É arriscar-me à perdição!
- Não foi comigo, menina...
- Eu bem sei se foi, ou não!

- Comigo não foi... escute,
Venha cá!
- Não quero perder minh'alma...
Não vou lá!

- Eu contei nossos amores,
Té aquilo... que aflição!
- Podia guardar segredo...
- Não valia a confissão!

- E o que disse o senhor padre?
Venha cá!
- Sabe o que mais? Vá-se embora...
Não vou lá!

- Me disse: - Fugi de vê-lo,
Oh, fugi da tentação!
- E qual foi a penitência?
- Uma foi... não vê-lo, não!

- É porque cuidou o padre...
Venha cá!
- Case comigo... pois antes
Não vou lá!

- Tenho medo do inferno,
Já não quero mais pecar!
- Terno amor Deus não castiga...
- Mas se ele me castigar?...

- Acredite... não castiga,
Venha cá!
- Sua tensão não conhece,
Não vou lá!

- Por mostrar-me arrependida
Do padre tive o perdão...
- Oh, diga... pois o tal padre...
- Não peque... não fale, não!
-
- E para que confessou-se?...
Venha cá!
- Por que salvar-me desejo...
Não vou lá!
-
- Mas, Virgem Nossa Senhora,
Não vê-lo mais prometi!
- Maria... Mariazinha!
- Assim terno... nunca o vi!
-
- Não me fuja... escute, ingrata,
Venha cá!
- Deus me livre! É penitência...
Não vou lá!

LIII

A SECA DO CEARÁ

1878

Minha pátria! Lar querido...
Que imensa desolação!
Cai-me o pranto dolorido
No luto do coração;
Que a minha terra adorada,
Por fera seca assolada,
Ora vejo amortalhada

Na amargura, na aflição!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Das selvas onde a verdura,
Onde os prados do sertão?
A vertente d'água pura
Que banhava a viração?...
Eis tudo seco, e mirrado!
Nem mais selva, nem mais prados
Sobre o solo requeimado
Por sol de infando verão!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

E sobem vistas cansadas
Se embebem no céu sem fim,
As chuvas, sempre esperadas,
Procuram... suplicam, sim!
Mas, volvem do firmamento,
Só trazendo o desalento...
Que as nuvens varrera o vento,
Varrendo a esperança assim!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

O gado que nédio outrora
Urrava escarvando o pó...

É múmia que geme e chora...
Nos ossos a pele só!
De sede e fome expirando,
Penoso a vista espraiando
Vai a campina lastrando...
Em vão de seu dono o dó!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Soluça o triste vaqueiro
Vendo o corcel se finar,
Das lides o companheiro,
Ginete do campear;
Depois o curral fechando,
Sai a pé, sai esmolando...
Pois o gado se acabando,
Mais não tem que vaquejar!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

A lavoura desaparece,
Como foge a criação;
Já o abastado empobrece,
O pobre suplica o pão;
E todos nivela a sorte...
Vem a peste, surge a morte,
Ninguém se julga mais forte...
É tudo – consternação!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Os sertanejos descendo
Em bandos ao litoral...
Sem mantimentos... comendo,
Bravia raiz letal...
Ai, choram... São retirantes...
Andrajosos, mendigantes...
Esparsos... agonizantes...
Perdendo o sopro vital!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Transforma-se em necrotério
O meu amado torrão;
Da morte no vasto império
Só reina a – putrefação!
Os corpos sem sepultura...
Ao tempo... sem compostura...
Do bruto, da criatura
Os restos em confusão!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Negreja o feral recinto
Nuvens de vis urubus...
Coveiro imundo e faminto,
Que apenas deixa ossos nus;
E quando baixa ao relento,
Eis o morcego sedento
A sugar minguado alento
Dos moribundos... Jesus!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Aqui loucos, esfaimados,
Cruéis filhos, cruéis pais!
Entre os seres desalmados,
Virtudes celestiais!
A mãe que delira e freme,
Se o filho com fome geme,
Porque seus peitos espreme...
E os peitos não vertem mais!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Ali vê-se radiando
Os afetos filiais...
Fracos entes carregando
Os seus amigos leais!
E da casa no terreiro
Uivando o fiel rafeiro...
Noutra parte, o bandoleiro
Devora restos mortais.

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

E além... o casal deserto!
Que a família abandonou...
Velho pai de passo incerto
Em breve à campa baixou;
Após a consorte... o filho...
Que importa do moço o brilho?
Tudo caiu sob o trilho,
Que o infortúnio rojou!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Magros sobejos da morte,
Buscando à morte escapar,
Emigram pra o sul e norte...
Ei-los na praia a embarcar!
Oh, quadros tristes, penosos!...
O desterro... os ais saudosos...
Que transes angustiosos...
No barco... à proa... no mar!...

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Revogai tamanha pena...
Clemência, Senhor, perdão!
Se a culpa não foi pequena,
Grande há sido a expiação!

Em ruínas sepultada,
Eis minha pátria adorada...
Escutai a malfadada
Que vos pede compaixão!

Não mais, não mais tanto horror!
Misericórdia, ó Senhor!

LIV

O ABOLICIONISTA

1862

Sou com todo o entusiasmo
Soldado abolicionista!
Da falange remidora
Meu nome escrevi na lista;
E nos santos Evangelhos
De minh'alma, pondo a mão,
Jurei dar a própria vida
Pra acabar a escravidão!
Sim, jurei, sentando praça
Nas hostes da abolição!

Que importa que me condene
O desumano negreiro?
Quem seus irmãos compra e vende
Eu desprezo sobranceiro!
Amo somente o que é nobre,
Amo somente o que é são;
E darei por isso a vida
Pra acabar a escravidão!

Sim, jurei, sentando praça
Nas hostes da abolição!

Enquanto houver um cativo
Na minha pátria adorada,
Não darei costas à luta,
Não largarei a estacada!
Meu cartucho derradeiro
Queimarei na grande ação;
E darei a própria vida
Pra acabar a escravidão!
Sim, jurei, sentando praça
Nas hostes da abolição!

Antes, porém, da batalha
Vitoriosa e final,
Jamais cesse o tiroteio...
Não durma quem é leal:
Avante, meus camaradas!
Ninguém descansa ora, não,
Que eu darei a própria vida
Pra acabar a escravidão!
Sim, jurei, sentando praça
Nas hostes da abolição!

Pouco a pouco embora! Avante!
Ah, sob o nosso estandarte
Proteção ao flagelado...
Sejamos seu baluarte!...
Derrocando o cativo,
Eduque-se a multidão!

Que eu darei a própria vida
Pra acabar a escravidão!
Sim, jurei, sentando praça
Nas hostes da abolição!

E vós, fugi de vergonha,
Sanhoso espumando, ó mar...
Quando forem traficantes
Nossos irmãos embarcar!
Na praia deixando a vítima
Da mas nefanda opressão!
Que eu darei a própria vida
Pra acabar a escravidão!
Sim, jurei, sentando praça
Nas hostes da abolição!

Já cintila a estrela d'alva...
Perto o dia em que o Brasil
Ai mundo dirá: – Não tenho
Mais elemento servil!
Os prantos do cativo
Mais não banham meu torrão!”
Ah, darei a própria vida
Pra acabar a escravidão!
Sim, jurei, sentando praça
Nas hostes da abolição!

Que danças então, que festas
Ao redor de mil fogueiras,
Onde arderão os malditos
Troncos, chicotes, coleiras...

Ao som dos hinos dos livres,
Ao som da minha canção!...
Ah, darei a própria vida
Pra acabar a escravidão!
Sim, jurei, sentando praça
Nas hostes da abolição!

Ó pátria, pátria, que glória!
Que prazer, que f'licidade!
Não corarás mais de pejo
No meio da humanidade:
Sim, jurei, sentando praça,
Nas hostes da abolição!...
Pra acabar a escravidão!
Ah, darei a própria vida
Ergueremos nossas fronte,
Fitando a civilização!...

LV

AI DE MIM!

Se à meia-noite nos ares
Ouvires triste gemer...
Ai de mim!
Curtindo cruéis pesares,
Gemendo gasto o viver!

Ai de mim...
E choro assim!

Por que nasci?! Ou criança...
Por que, meu Deus, não morri?

Ai de mim!
Não perderia a esperança...
Minha esperança perdi!

Ai de mim...
E choro assim!

E como as folhas ao galho,
Estremecido eu a amei...
Ai de mim!
Às folhas molha o orvalho...
Chorando seus pés banhei...

Ai de mim...
E choro assim!

E abrasa o sol no estio...
E cai a chuva no pó...
Ai de mim!
Amei-a com desvario...
Nunca de mim teve dó!

Ai de mim...
E choro assim!

Os meus sorrisos lhe dava...
A quem mais dei meu olhar?
Ai de mim!
Então, meu Deus, não sonhava
Agruras deste penar!

Ai de mim...
E choro assim!

E como a sombra da palma,
A palma sempre a seguir...
Ai de mim!
Acompanhava-a minh'alma...
E hoje volta a carpir!...

Ai de mim...
E choro assim!

Minha viola, um suspiro
Mais triste... qual meu cantar...
Ai de mim!
Que vou-me a longe retiro...
Que não me vejam chorar...

Ai de mim...
E choro assim!

Gemendo na despedida...
Ninguém dá-me os prantos seus!
Ai de mim!
Adeus, amores da vida...
Ingrata... cruel... adeus!

Ai de mim...
E choro assim!

LVI

O GENERAL SAMPAIO

NA RECEPÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DO
GENERAL ANTÔNIO DE SAMPAIO, NA CIDADE DE FORTALEZA

Sombrio descambava o sol no ocaso!
E os bravos do Brasil abandonavam
O seio de seus pais, da esposa e filhos...

E partem, partem, que aflitivos brados
Da pátria escutam... As valorosas hostes
Lá voam aos campos dos sangrentos prélios!

Salve, guerreiros! Eia, avante! Avante!
Que importa o espinho duma ausência, quando
Ferida a pátria por seus filhos clama?

E cai a noite procelosa, horrenda!
Trava-se a luta... Que bravura imensa...
Trincheira o peito – cada braço um raio!

E quem aquele que à metralha afronta,
Que se embriaga nos clarins da pugna,
Guiando os bravos da vitória à senda?

Ainda, ainda da batalha os ecos –
Sampaio! – dizem a recordar atônitos
Heróicos feitos de imortal renome!

Eis raia a aurora dos ditosos hinos!
Triunfa a pátria, a natureza exulta...
Mas, entre os risos, que sentido pranto!

Aonde o chefe denodado, exímio?...
Onde Sampaio, da bravura o símbolo?
Pois já não guia da vitória as hostes?

Fatal destino lhe quebrara a espada
Da luta em meio... Voa ao céu su'alma...
Baqueia o corpo, – mais se eleva o nome!

Astro brilhante que tombou no ocaso!
Águia dos prélios, –devassava o espaço
Quando fuzila da procela o raio!

E a frente ardente de lauréis cingida...
Olhar de gênio... coração de fogo...
Eis tudo quedo, regelado, extinto!

Ai, que saudade do Brasil nas hostes!
Mas, não choremos! Não se chora o bravo
Que a vida imola nos altares pátrios!

Sim, não choremos! Da vitória os cantos,
Do bravo os feitos, da nação as glórias,
Ouçam-se apenas desde o sul ao norte!

Que vale a vida quando a pátria geme?!
Honra ao soldado que lutando expira...
Vai entre louros reviver na história!

Honra a Sampaio, ao lidador ilustre!
Irmãos, ouvi-me: – Do general na campa,
Em vez de prantos, – entusiasmos e c'roas...
Em vez de sombras, – muita luz e flores!

LVII

ALDA

I

Ai, lindas noites da serra,
Noites de alegres serão!
Que saudades das histórias
Que escutei junto ao fogão...
Ainda eu era criança,
Era a imagem da esperança,
Qual hoje o sou da saudade
Dos dias da f'licidade,
Daqueles dias de então!

Na casinha da ladeira
Tia Rosa, a benzedeira,
Ai, quanta história contou!
Sentado junto à fogueira,
Eu prazenteiro fitava
A velha quando falava...
Parece que vendo-a estou!
E ao mesmo tempo lá fora
O frio vento gemia.

Na folhagem luzidia...
E o nevoeiro caía
Em torno do nosso lar!
E soluçava a cascata,
E carpia a verde mata,
E o pirilampo a passar;

Enquanto a rã coaxava
No meio do tremedal;
E a sericóia cantava,
Da chuva dando sinal;
E o corujão sobre as casas,
Batendo talvez as asas
Com medo do temporal!
E a tia Rosa fumando,
A leda história contando,
Da casa a gente escutando...
Na roda tudo a escutar...
Ai, lindas noites da serra,
Alegres noites do lar!

Muita lenda graciosa
Nos contava a ria Rosa;
Porém a de Alada formosa
Foi a melhor para mim;
Pertence à minha Aratanha,
À serra dos meus amores...
Um bardo sou da montanha;
Devo sabê-la... era assim:

II

Morena virgem dos cabelos negros,
Alda formosa,
Um mimo era de candura – o lírio
Das verdes matas da montanha umbrosa.

Eis a rainha dos viçosos vales,
Da serra então;

Seu doce riso enlouquecia a mente...
Seu olhar matava de febril paixão.

Quando falava emudecia a selva
Para escutá-la!
A branda aragem de uma tarde estiva
Não lhe vencia na doçura a fala!

Que majestade no seu porte altivo...
No seu pisar...
Se passeava pelo prado, a relva
Jamais queixou-se de seu leve andar.

Que mãos mimosas... que mimoso corpo...
Não se imagina!
Banhou-se... e chora apaixonado o rio
Descendo triste da gentil colina!

Quando cantava – o sabiá canoro
Vinha aprender;
Quando um suspiro lhe agitava o seio,
De inveja as auras iam além gemer.

Se a face rubra da morena virgem
Banhava o pranto...
Quanto soluço na floresta! À serra
Logo envolvia da tristeza o manto.

Porém se um riso desfolhava a rosa
Dos lábios seus...
Quanta alegria! Os passarinhos todos
Batiam asas... que prazer, meu Deus!

Que a flor morena dos cabelos negros,
Alda formosa,
Um mimo era de candura – o lírio
Das verdes matas da montanha umbrosa.

– Era assim a virgem Alda,
A virgem Alda era assim! –
A tia Rosa contava,
E eu dizia dentro em mim:
– Quem me dera a virgem Alda,
Que tão formosa era assim! –
Mas, baixinho suspirava
Para ouvir da história o fim.

III

– Nesta serra se escondera –
Proseguia a tia Rosa –
Uma fada muito feia,
Muito má, muito invejosa,
Que só da grota saía,
De sua grota sombria,
Em noite tempestuosa,
Vestida sempre de penas
Da coruja pavorosa!
Um dia viu a maldita
A virgem Alda mimosa,
E de inveja alucinada
Ficou logo furiosa!

– Ai, que fada abominável! –
Disse eu à tia Rosa...

– Era, sim... A tal fadinha
Com seu funesto poder,
Por inveja, por vingança,
O que havia de fazer?...
Fechou o peito da virgem
Para amor, ou bem-querer!
Gelou o seu coração...
Dizendo: – Alda, ó vaidosa,
Não terás uma afeição!
Nenhum mancebo da terra,
Louco embora de paixão,
Ai, poderá derreter-te
O gelo do coração!
Fugirás de todos eles,
Eles de ti fugirão;
Porque no gelo não brota,
Não viça a flor da afeição! –
E a fada riu-se voando,
E Alda ficou chorando
Sem uma consolação!

IV

Havia no cimo da serra verdosa
Ardente cantor;
Poeta inspirado das selvas virentes,
Poeta de amor...

Cismando viu Alda na margem do lago...
Nas relvas em flor
Vestida das cores do lírio saudoso,
Das mágoas a cor.

E logo o poeta nos ternos enlevos
A lira vibrou;
E logo abrasado, nas chamas da vida,
Assim descantou:

“Formoso lírio da serra,
Virgem do meu coração,
Escuta meus ternos cantos,
Ungidos pela afeição!
Que te consagro esta lira,
Onde brilha a inspiração;
E dou-te as c’roas de louro,
Que ofertou-me a multidão;
O meu nome, a minha glória,
Meu corpo e alma e paixão!”

E Alda, a morena dos negros cabelos,
Ouvindo a canção...
– Poeta, – lhe disse – quisera... não posso
Votar-te afeição...
Que fada maldita gelou-me sem pena
O meu coração! –
E Alda chorava... Chorando o poeta
Ficou desde então!

V

– Ninguém de certo duvida, –
Nos contava tia Rosa, –
Que não há somente feias,
Há muita fada formosa!

Ignorantes e sábias...
Também má, também bondosa;
Iguais não são nos poderes...
Há fada mais poderosa.
Uma destas veio à serra,
Veio à serra passear,
E Alda vendo donosa,
E vendo o bardo a chorar...
Adivinhou o mistério
Daquele grande pesar;
Tudo soube e compassiva
Prometeu remediar!

E procurando o poeta,
Que descantava a chorar
No cimo das serranias,
Num rochedo a soluçar...
Lhe disse a fada bondosa:
– Oh, cala a nênia chorosa,
Já não há desolação!
Entoa agora, ó poeta,
Apaixonada canção,
Que a virgem Alda escutando-a
Será presa da paixão;
Pois o fogo de teus cantos
Derreterá sem demora
Gelo de seu coração! –
E falando assim a fada
Roçou na lira inspirada
A varinha de condão.

VI

O bardo da serra coberta de névoas,
Em frente aos abismos, nas rochas em pé,
Cercado de matas, c'roado de louros,
Entoa seus cantos de amor e de fé:

“Ó, virgem morena dos negros cabelos,
De olhares ardentes, de riso infantil...
Eu te amo! Não fujas! Sou teu! És rainha...
E o trono este peito, que bate febril!

Eu te amo! Não fujas! Se amar-me não podes...
Me espera este abismo... donzela, sem ver;
Eu quero lançar-me nos antros medonhos...
Eu quero fitar-te... fitar-te e morrer!

Mas, ah, se esta chama que o peito me queima
Teu peito gelado já pôde aquecer...
Ai vem... não me fujas! pois quero jurar-te
Em frente aos abismos... amar-te e viver!

Ai vem! Não me fujas! Não tardes, vem, Alda,
Que Deus nos espera no seu grande altar!
À luz das estrelas – luzeiros do templo...
No meio das selvas... que adornos sem par!

E os coros das aves, no céu afinados,
Nas verdes ramagens, nas balsas, no ar...
As auras, os rios, as flores, ó, Alda
Ai, vem nos esperam... vem tudo gozar!

Ai, vem, que gelada vivias... Tens frio...
E eu sinto no seio, mulher, um vulcão...
Amor sem limites... igual o espaço...
Que incêndio tornou-se no meu coração!

Sim, corre, não tardes! Rainha do trono
Que tenho no peito, que bate febril!...
Ó, virgem morena dos negros cabelos,
De olhares ardentes, de riso infantil!”

E o bardo da serra coberta de névoas,
Em frente aos abismos, nas rochas em pé,
Cercado de matas, c’roadado de louros,
Cantava estes cantos de amor e de fé!

VII

E Alda, a virgem donosa,
Estremecia a escutar
A trova ardente, que a fada
Fizera o bardo entoar;
E pouco a pouco sentia
Que o gelo se derretia,
Que seu peito se aquecia
Docemente a palpitar.

Em breve o sangue fervendo
Ao coração lhe correu...
Enquanto as mãos esfriavam
O seu rosto se acendeu...
Os olhos despendem raios...

Outras vezes nos desmaios,
Como a onda preguiçosa
Desenrolando no chão!

No riso quanta ternura...
E dentro d'alma a ventura,
Misturada de tristura...
O pejo, o pranto, a paixão!

E as cores do lírio deixando, vestiu-se
Da névoa sem mancha, da névoa do céu;
Os negros cabelos dispersos no colo,
À virgem morena serviam de véu!

Das flores da serra, que lindos enfeites!
Trançara a grinalda de branca cecém...
No seio tremiam mimosas coiranas
Que nascem nos rios dos montes d'além!

E assim a donzela dos negros cabelos,
Dos olhos ardentes, do riso infantil...
Vestida de noiva surgiu na colina,
Formosa, tremente, corada e febril!

E eis sobe na rocha dos grandes abismos...
– O bardo os fitava cismando de pé!
E disse: – Poeta! Cantor da montanha,
Ouvi os teus cantos de amor e de fé!

Ouvi os teus cantos, sentindo em meu peito,
Não frios do gelo, da febre o calor!

Dormia... desperto! Que aurora d'enlevos!
Minh'alma enlouquece nas lavas d'amor!

E agora... sou tua! Vivamos... Amemos...
Nas selvas, nos ares, do céu n'amplidão!
Nas selvas o colmo... no colmo as delícias...
É a senda este abismo d'atérea mansão!

Oh, sim, que minh'alma casou-se à tu'alma...
Oh, sim, que meu corpo teu corpo já é!...
Amemos... vivamos! cantor da montanha...
A noiva te espera... te espera de pé! -

E o bardo em delírios, cercado de névoas,
C'roado de louros... e o bardo gentil...
– Eu te amo! – responde – Sou teu! És rainha...
E o trono este peito, que bate febril! –

VIII

Ferindo as cordas da lira,
O bardo desprende então
As notas da f'licidade,
De seu noivado a canção...
Mas, eis que a fada perversa
Trovejando maldição,
Surgiu como alucinada
Do meio da escuridão!
Oh, transe horrível... penoso!
Naquele instante horroroso
Alda abraçou-se ao cantor...

Um abismo... noutro abismo!
Se neste a morte pairava,
Naquele gemia amor!
E a fada louca de inveja,
Com ironia infernal,
Fremete disse: – Vem, Alda,
Para o leito nupcial...
Bardo inspirado, não tardes...
Oh, viva o lindo casal! –

E os empurrou a maldita
Para o abismo fatal!

– Ó, tia Rosa!... – não diga! –
Exclamamos numa voz!
– Mas surgiu a boa fada...
– Isto sim! – Dissemos nós. –

– E a boa fada nos ares
O bardo e Alda aparou...
E à invejosa, à maldita,
Nos antros arremessou...
Oh, que medonho estampido!
A serra toda abalou!

IX

Depois a fada bondosa,
Por entre raios de luz,
Ao cimo verde da serra
O bardo e Alda conduz;

Ali singela casinha
Rodeada de verdura,
Era na grata espessura
Um mistério de ventura,
Mimoso ninho de amor!
Era o ninho da formosa,
O ninho do seu cantor!

Passarinhos de mil cores
Voejavam gorjeando,
Da casinha em derredor...
Vizinho prado e mil flores,
Um lago fascinador...
E perto a gruta sombria
No meio da névoa fria...
Da folhagem luzidia...
Ai, lindo sonho de amor!

E a fada disse chegando:
– Aqui fiquem-se adorando...
E não os veja ninguém!

E para que nunca sofram
Mágoas que a vida contém...
Neste colmo da montanha
Encantados ficarão...
Eternamente nos estos
Da mocidade e paixão...
Sem um cuidado... ditosos...
Nos sonhos mais deleitosos...
Nos gozos do coração! –

E tia Rosa, acendendo
O seu cachimbo ao tição,
Concluía: – Ainda vivem
Da serra na solidão
Os dois amantes esposos...
Mas encantados estão! –
E assim findava esta lenda,
Deixando doce impressão!

E não mentia... é verdade!
Não mentia a ria Rosa!
Entre as névoas d'Aratanha
Da minha serra formosa,
O perdido caçador...
Ouve ainda nos retiros
Doces frases e suspiros,
E cantos dum trovador...
É Alda – a noiva mimosa...
É seu esposo cantor...
São mistérios da ventura
Dos encantados de amor.

LVIII

MEU CORAÇÃO

Um coração devoluto...
Um coração para dar!
Quem quiser... que me procure...
Me fale... quem pode amar;
Que tenho dentro do peito...
Oh, ninguém ser ria, não!

Um coração devoluto...
Ai, muito bom coração!

E que mistérios de afeto
Não possui este infeliz!
Há pouco tempo of'reci-o,
A linda moça não quis!
Por isso ei-lo esquecido...
Não encontrou compaixão!
Um coração devoluto...
Ai, muito bom coração!

Formosa, virgem formosa,
Não acharás outro igual!
Um coração de poeta
Não tem no mundo rival!
Quanta inocência e candura
Entre as chamas da paixão!
Um coração devoluto...
Ai, muito bom coração!

Extremoso e dedicado,
Cheio de crenças... de fé...
E tu por outro o deixaste,
Por outro que assim não é!
Que mal fizeste, pagando
Afetos com irrisão...
Um coração devoluto...
Ai, muito bom coração!

Meu coração não se vende,
Mas dá-se por um olhar,
Que o coração de poeta
Não pode o outro comprar!
Pois ele é nobre... orgulhoso...
Porém se entrega à afeição...
Um coração devoluto...
Ai, muito bom coração!

Se tu, morena, o quisesses
Por um sorriso dos teus...
Eu t'ò daria chorando
De agradecido, meu Deus!
Pois dói-me vê-lo esquecido,
Do peito na solidão...
Um coração devoluto...
Ai, muito bom coração!

Entretanto o desditoso
É um tesouro de amor!
Capaz de extremos de afeto,
De ternura e de valor!
Tão firme como o rochedo,
Que não teme o furacão...
Um coração devoluto...
Ai, muito bom coração!

Saudoso como nos montes
Da Ave-Maria o sinal:
Suave como os arroios
Que deslizam pelo val;

Singelo, puro, inocente,
Qual da criança a oração...
Um coração devoluto...
Ai, muito bom coração!

Aceita-o, pois, ó morena,
Dou-t'ó cheio de fervor...
Sorrindo quando sorris,
Chorando por tua dor...
Amando... te amando sempre...
Com enlevo e doce unção!
Um coração devoluto...
Ai, muito bom coração!

Se, porém, o rejeitares...
Quem, meu Deus, o quererá?!
Um coração de poeta...
Que não se vende, se dá!
Donzelas, tragam carinhos...
Que vou fazer um leilão;
Do coração devoluto...
Ai, muito bom coração!

LIX

A ABOLIÇÃO

1887

Salve, salve, liberdade!
Não mais o vil cativoiro!
Livre exulte a humanidade
Neste império brasileiro!

Neste império brasileiro
Não mais escravos, não mais;
Todos livres no terreiro,
No meio dos cafezais!

Nos paços da cristandade
De livres encham-se as salas,
Que o fogo da liberdade
Se acenda e queime as senzalas.

Se acenda e queime as senzalas
E ensanguentados grilhões!
Da f'elicidade as opalas
Cintilam nos seus clarões!

Não mais de nossa bandeira
As cores... enegrecidas!
Nesta terra brasileira
Somente frentes erguidas!

Somente frentes erguidas,
De livres – tocando o céu!
E do azorrague as feridas
Da cicatriz sob o véu!

Que chorem debalde ignavos
Os desumanos senhores,
Do vício e ócios – escravos,
Escravos de seus credores.

Escravos de seus credores...
O chão aprendam cavar;
Que o reguem com seus suores
Pra nova planta brotar.

A nova plantar – igualdade!
Planta de amor, de Jesus...
Que abraçou a humanidade,
Abrindo os braços na cruz.

Abrindo os braços na cruz,
Cristo não fez exclusão:
Raiou a aurora da luz...
Salve, salve, redenção!

Salve, sim, sol radiante,
Que surge neste nação!
Salves! Ergue-se e rola avante
A onda da abolição!

A onda da – abolição
Já lava a pátria gentil!
Morre a treva – escravidão...
A luz inunda o Brasil!...

LX

O EMIGRANTE

Vou deixar a minha terra,
Vou para os matos d'além...
Que aqui não acho serviço

Para ganhar meu vintém!
Vou soluçando saudoso
Do Ceará, do meu bem!...

Mas, que fazer? Se os filhinhos
Precisam roupa... estão nus...
Se a mulher pede um vestido...
Se vejo a fome, ó Jesus?...
Se aqui não acho remédio...
Se o vejo só no Purus?...

Que espere, me dizem todos,
Que passem tempos tão maus:
De que me servem conselhos...
E do futuro os mingaus?
Aqui não prospera o pobre...
Me empurro para Manaus.

Lá moverei estes braços,
Inertes agora... à toa,
Pra não imitar a ema,
Que tem asas e não voa;
Pois não me falta coragem
Para remar a canoa!

Irei, sim, como nos ares
O bando dos maranhões,
Eu pecapara atrás d'água,
Largando os secos sertões;
Ai, procurar noutras plagas
Alívios às privações!

Que importa a febre – as maleitas?
Perigos... onde os não há...?
Só morre o homem na hora!
Mas, quantas farturas lá!
Quem não se arrisca não ganha...
Sem ganhos, quem viverá?...

E é dever de quem precisa,
Por longe alcançar o pão,
Se o não tem dentro de casa,
Se o não tem no seu torrão...
Deus ajuda a quem procura
Cumprir sua obrigação.

Vou, pois, às outras paragens,
Como vai o passarinho
Buscar comer para os filhos,
Que choram dentro do ninho...
Como volta ele contente
Trazendo cheio o biquinho!

Assim, ó terra querida,
Em Deus espero voltar,
Para em teu seio mimoso
Das fadigas descansar,
Comendo o meu pão ganhando
Em tão longínquo lidar.

Que eu te amo tanto, ó pátria,
Como não posso dizer;
De teu sertão nas campinas

Nasci e espero morrer:
De ti me arrancam somente
Hoje a pobreza e o dever...

Agora adeus, ó meus campos,
Adeus, brancos areais,
Que vou lutar pela vida
Nos desertos matagais...
Que eu vou enxugar meus prantos,
Com choros dos seringais!...

LXI

O SANTO BISPO

À MEMÓRIA DE D. LUÍS ANTÔNIO DOS SANTOS,
PRIMEIRO BISPO DO CEARÁ

Dom Luís – o santo Bispo!
Quem por ele não chorou,
Quando do rei a vontade
Desta terra o arrancou...
Do meio de seu rebanho,
Que tanto, tanto ele amou?!

Vê-lo partir – quem podia?
Suplicava a multidão.
– Meus filhos, fico, – dizia
Não posso deixar-vos, não! –
Mas, do rei a teimosia,
Pertinaz, resiste então;

Que o novo cargo era acesso...
Da virtude o galardão!
Que importava ao santo o prêmio?
Preferia este torrão,
Onde a flor da f'licidade
Brotava no coração.

E obedeceu... que era força!
Quantos olhos a chorar!
O pobre povo na praia,
A sua mão a beijar,
Ai, soluçava sentido,
Vendo o seu Bispo embarcar!

E memorando seus feitos
Ficou – chegando-lhe a vez:
– O nosso primeiro Bispo...
Quanto por nós ele fez!
Pelo bom Deus enviado
Para o rebanho salvar,
Que se achava tresmalhado,
Quanto teve de lutar!
Quanto espinho e precipício...
Quantos montes a galgar...
Quanta ovelha desgarrada,
Nas brenhas, obstinada,
Para ao redil seu chamar!
Mas, ajudado da graça
Do divino Redentor,
Não recuava um só passo...
Tudo vencia o pastor!

Então... os templos vazios
Vimos cheios de fervor!
E a pobre órfã um asilo
Teve abundante de amor:
Teve o levita uma escola,
Teve o pobre a sua esmola,
Teve consolo a aflição...
E quando veio o flagelo,
O tempo da provação...
Da seca, de fome e peste...
De imensa desolação...
Teve o padre um grande exemplo!
Um grande exemplo o cristão...
Que o santo Bispo lá via,
Junto ao leito da agonia,
Nos infectos hospitais,
A confessar bexigosos,
A consolar desditosos,
Por entre dores mortais!

Mas partiu... chorando embora!
Conclui o povo a chorar,
Quando seus feitos memora,
Nas horas do recordar,
Acrescentando: – Impossível
Outro no mundo encontrar! –
E novas do santo Bispo
Sempre, sempre a perguntar!
Té que ressoa nos ares
Triste dobre funeral
Nunciando a sua morte...

Ai que notícia fatal!
Que lá não fora ditoso...
E voara – inda saudoso,
Para a mansão sideral...
Que mais não temos no mundo
O nosso amigo leal...
Mas, um santo, que nos ama,
Na corte celestial! –
.....
Ai que tristeza e prantos
Trouxe a notícia fatal!...

LXII

DESPEDIDA

“Adeus, adeus, vou-me embora,
Degredos levo na mão,
Se por mim se formam guerras...
Já me vou... descansarão!”

Adeus, ó vargem formosa
Dos verdes carnaubais...
Vou armar a minha rede
Entre suspiros e ais.

Vou-me embora, vou-me embora,
Para não voltar mais, não!
Ai, para terras estranhas
Degredos levo na mão!

Que não achei nestes prados
Quem de mim tivesse dó...
Ao sol e chuva, ao relento,
Sem amor... gemendo só!

Debalde pedi carinhos...
Nunca vi a compaixão!
Mesmo assim, formam-se guerras...
Já me vou... descansarão!

Vou-me embora soluçando,
Não riam do sofrimento,
Antes digam, digam todos:
Deus te leve a salvamento.

E de mim se esqueçam logo...
Meu rasto varram no chão!
Que amor firme procurando,
Degredos levo na mão.

Adeus, campos, adeus, flores,
Corações sem pena, adeus...
Sombrias nuvens e mágoas,
E também os prantos teus.

Que pra sempre vou-me embora,
Degredos levo na mão...
Se por mim se formam guerras...
Já me vou... descansarão!

NOTAS

Explico somente aqui os vocábulos populares que não encontrei nos dicionários, ou que aí têm acepção diversa da que os emprega o povo.

I – O Pobre Infeliz

1 – *Cabeção*. Parte superior da camisa da mulher: de ordinário a mulher do povo veste-se de saia e camisa, ficando, pois, descoberto o cabeção; fazem-no de fazenda mais fina.

2 – *Mais um puxado*. É mais um cômodo que se faz na casa em continuação à sua coberta.

3 – *Caritó*. Pequena prateleira ao canto da sala ou alcova.

4 – *Jirau*. Leito de varas sobre forquilhas cravadas no chão; serve para guardar as panelas, os pratos, os legumes, etc.

5 – *Paçoca*. *Carne-seca* pilada com farinha e cebolas.

6 – *Macaxeira*. É nos Estados do Norte a mandioca doce que nos do Sul chama-se aipim.

II – O Vaqueiro

7 – *Catinga*. Mato espesso e garranchoso do sertão: vem esta palavra do indígena – *caatinga* – mato rasteiro.

8 – *Grota*. Gruta, barranco.

9 – *Campear*. Andar a cavalo no campo em procura ou tratamento do gado.

10 – *Véstia*. Jaleco de couro curtido que usa o vaqueiro.

11 – *Perneiras*. Calças de pele que usa o sertanejo quando monta a cavalo.

12 – *Guarda-peito*. Pedaco de pele que se ata ao pescoço e cintura; resguarda o peito ao vaqueiro e serve-lhe de colete.

13 – *Guiada*. Aguilhada, vara-de-ferrão.

14 – *Mocambos*. Moutas grandes do sertão, em que se esconde o gado.

15 – *Boto o cavalo*. Arremeço o cavalo.

16 – *Fechada a carreira*. Acelerada, rápida.

17 – *Escancha-se no rasto*. Põe-se no rasto, isto é, segue-o sem desviar-se.

18 – *Campeão*. Cavalo em que campeia-se: veja-se a nota 9.

19 – *A rês derrubada*. Usa-se no sertão, após a carreira, derrubar a rês para amansá-la ou peá-la, ou por brincadeira. Sem desmontar-se, o vaqueiro ao aproximar-se dela segura-lhe pela cauda e a derruba, nisto empregando um modo especial, que não depende de muita força. Diz-se: “Derruba-se a rês com jeito e não com força, e nem é para todos o derrubá-la.”

20 – *A história do campo*. Campo: este termo é empregado pelos vaqueiros em diversos sentidos: aqui significa – trabalho campestre, vaquejada, os sucessos da viagem pelas campinas no tratamento do gado: a *história do campo* – a história do que neste lhe aconteceu. – *Pedir campo* – é pedir auxílio; se o vaqueiro precisa procurar uma rês na fazenda vizinha, *pede campo* ao que a administra e este infalivelmente vai ajudá-lo, cumprindo assim um dever do sertão.

21 – *Papai, a Mimosa...* É costume dar nome ao gado, principalmente às vacas leiteiras e aos bois do trabalho: são muito empregados os seguintes: – Mimosa, Graciosa, Pintadinho, Bargado, Espaço, Surubim, Noite-Escura, Serigado, etc.

22 – Se é tempo de seca. Em meses de rigorosa seca, nos sertões do Norte, falta água e pastagem ao gado; para salvá-lo o vaqueiro abre cacimbas, corta ramos e faz *retiradas*, isto é, muda-o para lugar melhor.

23 – *Ferra*. O ato de marcar os bezerros. No Norte dá-se em paga ao vaqueiro a terça ou quarta parte das crias, o que acontece anualmente no fim do inverno, em maio ou junho. Então *faz-se a ferra*, marcando-se com a letra ou sinal do vaqueiro o bezerro que lhe cabe *por sorte*, com eles se exprimem. Este *ano tive tantos bezerros de sorte*, isto é, ganhei ou tocaram-me tantos bezerros.

X – Cajueiro Pequenino

24 – Esta canção foi escrita sobre a copla popular:

“Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
Eu também sou pequenino,
Carregadinho de amor.”

25 – *O tempo-será*. Brinquedo de crianças que também se chama *manja*.

XI - O Velho Caboclo

26 – *Boré*. Instrumento musical dos índios.

27 – *Pajé*. Augúrio, médico e ao mesmo tempo sacerdote das tribos.

28 – *Tapuia*. Raça indígena que habitava o Norte; tinha muitas tribos com várias denominações. Os tupis eram os senhores do Sul.

29 – *Cauim*. Vinho de mandioca.

30 – *Torém*. Instrumento musical e dança.

31 – *Taba*. Aldeia.

XII – O Pobre Cristão

32 – *Louvado seja, etc. É um cumprimento do povo. – Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo; – a que se responde – Para sempre.*

XIV – A Vivandeira

33 – A vivandeira, entre nós, é a amásia do soldado, que o acompanha à guerra, em destacamentos, por toda a parte, arrostando as maiores fadigas. Em viagem muitas vezes seu traje é pitoresco: tomam a farda e boné do amante, carregam-lhe mesmo a granadeira, enquanto o cruel, em mangas de camisa e chapéu de palha, conduz o correame, marmita e mais acessórios. Assim viajam centenas de léguas, sofrendo, além das agruras do caminho, os caprichos e maus tratos de seu homem, sempre firmes, sem desejo de uma *deserção*.

34 – *Cabeção*. Veja-se a nota 1.

35 – *Marmita*. Vaso de folha que serve de panela.

36 – *Jurar bandeira*. Assentar praça; o juramento do soldado ao entrar para o exército.

37 – *A pedra bateu-me, etc.* Fechar um olho em sinal de namoro.

38 – *Calando baioneta*. Isto é, esquivando-se, desprezando-o, dando-lhe as costas.

39 – *Faxina*. Serviço que presta o soldado fora do quartel, acompanhando presos que se ocupam no fornecimento d'água às repartições ou obras públicas. *Estar de faxina*: estar ocupado neste mister.

40 – *Plantão*. É a polícia interna do quartel. *Estar de plantão*: vigiar a *companhia* (aposento) a fim de prevenir desordens entre os camaradas que ali descansam, etc.

XV – Tristão de Alencar

41 – *Tristão Gonçalves* Pereira de Alencar, conhecido depois da revolução do Equador por Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, era natural da cidade do Crato, oriundo de uma família da extrema de Pernambuco. Tomou parte ativa no movimento político que teve lugar naquela cidade, então vila e cabeça da 2ª Ouvidoria da Província, o qual tinha por fim ligar o Ceará à causa de Pernambuco, insurgido contra a monarquia portuguesa. Preso e remetido para os cárceres da Bahia, voltou à sua terra natal após a revolução que inaugurou o sistema constitucional em Portugal. Promoveu o movimento da Independência, começado no Icó, e que fez instalar um governo provisório na Fortaleza, do qual foi um dos membros mais prestigiosos. À frente das forças expedicionárias do Ceará foi em comissão ao Maranhão cooperar na rendição de Caxias, tendo toda a glória desse feito d'armas, pois que fora ele quem promoveu e dirigiu essa cruzada libertadora. Voltando à sua província, levantou o estandarte da revolta, proclamando a independência do Ceará, o qual entrava na Confederação do Equador como um dos cinco Estados que o deviam compor. Traído por alguns dos chefes de seu exército, foi batido pelas forças imperiais no arraial de Santa Rosa, à margem do Jaguaribe, em 31 de outubro de 1824, e na mesma ocasião assassinado por José Leão da Cunha, seu antigo camarada de armas, que o perseguia na debandada. Seus restos, barbaramente mutilados, estiveram insepultos até que os recolheu e fez sepultar a caridade de um transeunte.

42 – *Filgueiras*. José Pereira Filgueiras: acompanhou Tristão nos movimentos da Independência e na expedição de Caxias, como um dos seus chefes; tinha muita força muscular e era dotado de grande coragem: seu nome é célebre na história da Província do Ceará.

43 – *Andrada e Gonçalo*. O Coronel João de Andrada Pessoa Anta e o Padre Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque Mororó, ambos da Província do Ceará: aqui tomaram parte na República do Equador e foram condenados à morte pela comissão militar. Gonçalo era dotado de notável inteligência: distinguiu-se como escritor público, orador sagrado, jurisconsulto e poeta lírico.

XVI – Meu Roçado

44 – *Brocar*. Cortar o mato fino com a foice; é o primeiro trabalho no roçado. O segundo – *derrubar*, cortar os troncos grossos com o machado. O terceiro – *picar*, rolar o derrubado para facilitar o incêndio. O quarto – *queimar*. O quinto – *encoivarar*, queimar em fogueiras (*coivaras*) os ramos que escapam do incêndio geral. O sexto – *cercar*. O sétimo – *plantar*. O oitavo – *limpar*, capinar. E o último – *apanhar*, colher.

45 – *Uru*. Bolsa de palha de palmeira, buriti ou carnaubeira.

46 – *Rendas*. Aluguel da terra. *Paguei tanto de renda do meu roçado*, isto é, paguei tanto pelo aluguel da terra em que planto.

47 – *Estaleiro*. Leito de paus sobre forquilhas de seis a oito palmos de altura, em que põe-se a secar ao sol o milho, a carne, etc.

XVII – O Sambista

48 – Quase todos os versos desta canção copiei entre o povo: cabe-me, pois, somente a sua correção e ordem.

49 – *Sambista*. Homem que frequenta os sambas.

50 – *Samba*. Função do povo, em que bebe-se, canta-se e dança-se.

51 – *Choradinho*. Música e dança popular.

52 – *Baião*. Música, canto e dança.

53 – *Branca*. Aguardente: chama-se também – *teimosa, bicha, pilóia*, etc.

54 – *Atirar*. Tirar para a dança, fazer-se substituir. O dançante para em frente à pessoa que escolhe para o substituir, faz uma pirueta e vai sentar-se; aquela pessoa sai e faz o mesmo. Se atira na viola ou violeiro, este deixa de tocar e descansa um pouco, interrompendo a festa.

55 – *Codório*. Porção de aguardente; outros dizem – *trago*.

XVIII – A Jangada

56 – Ouvi a primeira quadra desta canção entre pescadores e ampliando-a escrevi as demais.

57 – *Borifar a vela*. Isto faz o jangadeiro para diminuir-lhe a elasticidade e conseguir assim que a jangada receba maior impulso do vento.

XXI – O Boiadeão

58 – Escrevi-a sobre uma outra dos sertões do Norte.

59 – *Boiadeão*. Boiada grande.

60 – *Ê cou mansão, ê cou, ê cão*. Avante, eia, vamos, etc. Este estribilho é textual.

61 – *Ferrabraz e Roldão*. O livro mais lido em nossos sertões, é uma história anônima de Carlos Magno: obra burlesca, de que fazem uso as classes ignorantes.

62 – *Encourado*. Vestido com a roupa de peles curtidas de que usa o vaqueiro. Vejam-se as notas, 10, 11, 12.

63 – *A obrigação*. A família. Como deixou sua *obrigação?* Como deixou sua família?

64 – *Temero*. Temário.

XXII – Chiquinha

65 – *Cabeção*. Veja-se a nota 1.

XXVIII – O Anjinho

66 – É costume entre o povo festejar a morte da criança. Logo depois do enterro, faz-se uma função e nesta, ao som da viola, entoa-se *a desafio* louvores ao anjinho e aos pais deste, enquanto dança-se a bom dançar e perto estoura a roqueira ou bacamarte. Dizem que feliz é quem morre em tenra idade, porque livra-se do futuro sofrimento e talvez da perdição eterna, e que o anjo vai ao céu advogar a causa de seus pais.

67 – *Aluá*. Bebida de farinha de milho torrado com água adoçada.

XXXI – A Graciosa

68 – *Catinga*. Veja-se a nota 7.

69 – *Campear*. Veja-se a nota 9.

70 – *Logrador*. Corrupção de *logradouro*. É uma seção da fazenda de criação, em lugar mais remoto da sede da mesma, em que se faz curral, aguada, etc. Para maior conforto do gado, vai o vaqueiro tratá-lo ali, principalmente as vacas paridas. A grande fazenda tem seus *logradouros*.

71 – *Tombador*. Terreno desigual, escarvado, cheio de barrocas.

XXXII – A Mulatinha

72 – Foi-me inspirada por esta copla popular:

“O amor da mulatinha
É como a pomba ferida,
Nos ares perdendo o sangue,
Na terra acabando a vida.”

XXXIII – Na Eira

73 – A colheita do café no Ceará é feita pelo braço livre; os escravos, que ainda infelizmente possui esta província, (*) apenas chegam para o serviço doméstico. Grande número de famílias dos lugares circunvizinhos afluí às montanhas para a colheita, e nesta emprega-se, fazendo-a por empreitada, isto é, recebendo a paga pelos alqueires colhidos, etc. Reina então completa liberdade; homens, mulheres, crianças, todos trabalham satisfeitos, cantando, gracejando, rindo; e à noite – que animadas funções! O fazendeiro, no empenho de aumentar o número de seus operários, é o primeiro a provocá-los à alegria, a promover a festa. Que vantagens – quanta poesia no trabalho livre! Comparai-o com o do escravo: naquele, o lavrador vê-se cercado de amigos e manifestações de vivo prazer, enquanto neste, somente vê inimigos, ódio, dor, lágrimas e abjeção!

74 – *Imbé*. Cipó forte.

(*) Isto era escrito em 1864.

XXXV – Minha Casinha

75 – *Catolezeiro*. Arbusto que dá o catolé, pequeno coco.

76 – *Estaleiro*. Veja-se a nota 74.

77 – *Carnaubeira*. Palmeira do Norte do Brasil. Suas palmas dão excelente cera para velas e servem para chapéus, esteiras e coberta de casas; seu tronco é próprio para a construção; a raiz

– igual a salsaparrilha; e a fruta alimenta o gado e os indigentes nas grandes secas – torrada imita o café e é usada.

78 – *Enxamear*. Encher de pedaços de pau e barro as paredes das casas de taipa.

XL – O Pacto

79 – Superstição do interior do Brasil. Para ter *pautas* (pacto) com o demônio vai-se na véspera do dia de S. João, à meia-noite, a uma encruzilhada e, antes de cantar o galo, evoca-se o espírito maligno, que aparece na figura de um bode preto e se lhe oferece em troca da riqueza ou sabedoria; feito pacto, o homem fica amarelo, inimigo da cruz e de tudo que é santo, e lá sai a servir-se do preço de sua perdição, até que, em um belo dia, estoura e... vai-se.

XLIV – O Recruta

80 – *Jurar bandeira*. Veja-se a nota 36.

81 – *Oiticica*. Árvore gigantesca dos sertões do Norte.

XLV – Arrufos

82 – *Tomar chá*. Gracejar, zombar: *quer tomar chá comigo?... quer zombar de mim?*

XLVI – O Rapaz da Guia

83 – *Aboiar*. Cantar à frente do gado, toada pouco variada e triste; serve para guiar e pacificar as reses e sobre estas exerce muita influência, quando saudosa e em viagem.

- 84 – *Espaço*. Veja-se a nota 21.
85 – *Mocambeira*. Veja-se a nota 14.
86 – *Catinga*. Veja-se a nota 7.
87 – *Surubim*. Veja-se a nota 21.

XLVIII – Os Padres da Companhia

- 88 – *Tapuia*. Veja-se a nota 28.

XLIX – O Primeiro Amor

- 89 – *Cabeção*. Veja-se a nota 1.
90 – *João-galamarte*. Brinquedo de crianças: é o mesmo que o *arreburrinho* de que Moraes em seu dicionário dá o significado.
91 – *Fadinho*. Canto, dança e música popular.
92 – *Baião*. Veja-se a nota 52.

L – A Cruz do Vale

93 – No interior do Brasil encontra-se muitas vezes, à margem do caminho, grandes cruzes de madeira, algumas já carcomidas, outras em bom estado, muitas em ruína e quase todas enfeitadas de verdes raminhos pela mão do religioso viandante. Sua história é quase sempre a mesma: ali cometeu-se um crime – a cruz o recorda – e as miserandas almas vêm comemorá-lo à noite, antes do canto do galo. Foi ouvindo um desses contos que escrevi estes versos.

LII – As Formas de Governo

94 – *A prole dos fuzilados*. Refiro-me aos mártires da Liberdade; os patriotas fuzilados publicamente nas comissões políticas de 1824.

95 – *Lopes*. Presidente da República do Paraguai.

LV – O Malassombrado

96 – *Envermelhecer a lua e entristecer a candeia*. São sinais, segundo a crença popular, do aparecimento das almas penadas, ou de grande infortúnio.

97 – *Terço*. A terça parte do rosário: a família, reunida reza-o à noite ante o registro do santo da sua devoção e depois entoia cânticos (benditos) religiosos.

LVI – A Infância

98 – *Caipora*. Corrupção talvez do indígena – *caa-pora* – caboclo bravo. Dizem as velhas que o caipora é um caboclinho de cabelos duros, que habita as florestas, domina as feras, fuma constantemente e passeia montado num caititu. Se encontra o transviado, pede-lhe fumo e se ele o nega, agarra-o na garupa de seu caititu, leva-o para as grotas, a fim de servir-lhe de pasto em seu selvagem banquete.

99 – *Tempo-será*. Veja-se nota 25.

100 – *Do boi a dança ou bumba-meu-boi*. Folguedo do povo, próprio do dia de Reis, 6 de janeiro. É uma farsa com um boi artificial, mascarados, etc., em que se dança e canta-se: representam-na de porta em porta, nos terreiros, recebendo a paga conforme a generosidade do dono da casa.

LIX – O Caipora

101 – *O Caipora*. Veja-se a nota 98.

102 – *Uru*. Veja-se a nota 45.

LXI – Amor Conjugal

103 – *Pega*. Recrutamento.

LXIII – O Sapateiro

104 – *Sola-e-vira*. Duas solas do sapato. Sapato de *sola-e-vira* – De duas solas.

LXVI – A Escrava

105 – Oferecendo este lenda à Exma. Sra. D. Maria Bárbara Gomes de Sousa Gaioso, dirigi-lhe a seguinte carta:

SENHORA – Soube que havíeis instituído na capital da Paraíba uma sociedade com o fim de libertar os escravos, e agora tive o inefável prazer de ler o vosso discurso inaugural.

Comoveram-me as vossas palavras; ecoaram-me n’alma, como os plangentes suspiros do coração amante da mãe saudosa de seu filho – e a ideia que vo-las ditou, Senhora, sendo uma daquelas a que mais culto presto, alistou-me no grêmio dos vossos mais entusiastas admiradores.

A caridade, essa sublime virtude, única fonte da felicidade terrena, vos guia em socorro da miseranda vítima do cativo, do oprimido pelo mais feroz egoísmo e torpe ambição, do escravo, que descreveis nestas singelas frases, que na memória guardei para repeti-las nas minhas canções à multidão indiferente:

“O escravo, dizeis, não é pessoa, é cousa, é objeto possuído; ou melhor, o escravo, se tem filhos, não são seus; se tem mulher, não é sua; esses entes queridos pertencem ao seu senhor, que os vende, que caprichosamente lhos arranca dos braços: o escravo

não respira o ar que respiram até os irracionais; não come quando tem fome, não bebe quando tem sede, não dorme quando está exausto de fadiga, não ri quando exulta de triste contentamento, não sofre mesmo quando o coração lhe estala de desespero. O escravo só faz tudo isto quando o senhor consente.”

Provera a Deus, Senhora, que não fosse cópia da verdade este quadro que apresentastes, banhado de vossas lágrimas e sim um capricho de imaginação, uma imagem fugitiva dos sonhos d'alva.

Mas, ah, assim é o escravo entre nós; é assim que o brasileiro, o cristão, o civilizado reduz à abjeção o filho de sua crença, de sua pátria, à semelhança sua e de seu Deus: é assim que o esposo avilta ao esposo, uma mãe a outra mãe, um filho a outro filho, o homem ao próprio homem!

Que mágoa não vos pungiu, Senhora, que pranto não orvalhou vossas faces ao presenciar cenas tão repugnantes quanto dolorosas!

Rasgou-se aos vossos olhos o véu desse mistério horrível, vistes essa chaga de nossa sociedade – e então soltastes aquele brado angélico, associando os corações piedosos para debelá-la! Conquistastes o primeiro interno e encetais a vossa missão divina.

Ânimo, pois, Senhora, sede o santelmo desses naufragos do infortúnio! A vitória... o vosso triunfo, dependem do acerto na escolha do remédio.

Esse remédio existe, esse remédio podeis empregar. É ele uma revolução; não uma revolução sangrenta, não uma luta fratricida, não o assassinio, o desespero e a desolação de uma guerra civil e sim uma revolução pacífica, moral e santa cujas armas poderosas são os conselhos e exemplos maternos na educação da criança, cujo campo é o lar e cujos militantes são as mães de família.

Faltava uma voz de mulher que despertasse esse invencível exército soltando o primeiro brado; vós, Senhora, o soltastes; instituístes uma sociedade simbolizando-a com o amor maternal na denominação que lhe destes de – S. João Evangelista – de vosso filho... desse João Evangelista que eu hoje tanto amo por ter despertado tão santa ideia; agora é mister prosseguir, continuar a revolução, implantar a semente nos corações maternos, cultivá-la depois com desvelo; é mister constância, é mister coragem!

Sim: – constância e coragem! – e se algum dia tocar-vos o desânimo, lembrai-vos, esposa carinhosa e mãe extremosa que no vosso país centenas de esposas e ternas mães choram na escravidão, vendo-se a si e aos entes queridos sob mil baldões, vendidos, separados, açoutados... privados de amar e até de soltar em desaforo à sua dor as gotas de seu pranto! Lembrai-vos, cristã, lembrai-vos, brasileira, da sorte de um milhão e quinhentos mil cristãos e brasileiros, que vivem no desespero porque são – escravos! E lembrai-vos de... João Evangelista!

Então, mais entusiastas ainda prosseguireis nessa revolução sublime, aproximando a aurora da liberdade na pátria, o instante em que alegre e admirado o mundo inteiro poderá dizer: – o Brasil não tem escravos!

Assim não morrereis na terra; vivereis eternamente no coração grato do liberto e de todos. E voando ao céu antes desse dia almejado, de lá contemplareis entre os serafins, chorando de contente, a realização de vosso sonho, a liberdade... a ventura suprema de tantas famílias hoje infelizes... ouvindo ao mesmo tempo dizer a multidão agradecida: – Tudo devemos ao anjo da caridade que descansa no seio do Eterno.

Perdoai-me, Senhora, este impulso do meu coração; admiro-vos e nestas palavras procuro apenas significar-vos essa admiração que em mim causais com a vossa virtude e com o

passo que destes em prol da desventura e da reabilitação moral de nossa pátria, encarada por esta face.

Agora permiti que vos ofereça a minha lenda – A ESCRAVA – a história de uma dessas filhas do infortúnio, que todos os dias encontramos, com o corpo retalhado pelo azorrague nefando do cativo e com o desespero n' alma. Escrevi-a numa hora de recolhimento, talvez com pranto... condoído de tantos infelizes, como escrevi essas canções de igual fim, que impressas correm no seio do povo, procurando corações neste século de egoísmo e indiferença!

Compreendereis, estou certo, esta triste lenda, aceita-a, pois, Senhora; consenti que assim prove a veneração e estima que vos consagro e que assim proteste a minha adesão à missão divina de que vos encarregastes. Aceitai-a e escreverei o meu nome na lista de vossos consócios.

– Ceará – Março de 1864. –

LXVII – O Voluntário do Norte

106 – Esta canção é uma fiel reprodução das cantigas do povo; sua fraseologia, metrificacão, sentimento, tudo enfim é verdadeiramente popular.

107 – *Cabra*. Indistintamente, entre o povo, chama-se cabra a qualquer homem, sem ofendê-lo; *o cabra é bom! É mau! é temero!* isto é, o homem é valente.

108 – *Maçaranduba*. Árvore: o *cerne* é rijo e vermelho; emprega-se este termo como sinônimo de cacete, talvez por ser usado o desta madeira.

109 – *Está ralhando*. Ralhar é ostenta força, desafiar, provocar. *Está ralhando no terreiro*; está desafiando para a

luta; *ralhar junto à viola*, diz-se do cantador que desassombrado canta, inspirado, orgulhoso e destemido.

110 – *Bala e onça*. Empregados como sinônimos de valente e invencível.

111 – *Famanaz*. Muito afamado.

112 – *Peia*. É empregado aqui em vez de chicote.

113 – *Chiquerador*. Tira de couro torcida (relho) amarrada na ponta de um cacete que serve de chicote.

114 – *Curiboca*. Homem de cor escura, entre caboclo e negro.

115 – *Topetudo*. É empregado também como sinônimo de valente, talvez pelo uso de topete nos valentões do sertão.

116 – *Brabo e corado*. Sem medo; corado pela bravura.

117 – *Troços*. Restos; cousa desprezada por não prestar.

118 – *Destabocado*. Desenfreado, destemido.

119 – *Gerais*. *Destes gerais*, isto é, destes campos indistintamente; significa outras vezes – lugares longínquos e ermos: – *perdi-me naqueles gerais*.

120 – *Cismar*. Estorcer-se no chão, após um golpe ou nas lascas da morte.

121 – *Já não pia*, isto é, já não desafia e ameaça; já não fala e nem insulta.

LXIX – Esta Noite

122 – Escrevi esta canção sobre a copla popular:

“Esta noite à meia noite,
Meia noite já seria,
Vi cantar e vi chorar
Como quem se despedia.”

LXX – Ninando

123 – *Caipora*. Veja-se a nota 98.

124 – *Quebranto*. Doença que os olhos maus, segundo crê o povo, causam à criança: esta emagrece, definha e se *convenientemente*, isto é, por meio de uma *feitiçaria*, não se trata, morre; se isto acontece, não se desacredita o *feitiço do curandeiro*, – veio tarde apenas.

125 – *Nas horas de Deus, amém*. É textual e muito usado este verso.

* * *

NOVAS LENDAS E CANÇÕES**I – Cantemos!**

126 – Esta canção foi o despertar de uma longa letargia moral. Acabava de publicar o primeiro livro de – *Lendas e Canções*, em 1865, quando fui assaltado de uma febre tífica, sobrevivendo-me quase a cegueira. Preso ao leito das dores por muitos meses, ergui-me para assistir ao passamento de meu extremoso Pai.

Durante dois anos não escrevi um verso; e por isso tremia-me a mão e vacilava-me o espírito, ao encetar a nova coleção.

“A Felicidade” foi a segunda poesia, e, como a primeira, revela o estado de minh’alma, então submersa em profunda tristeza.

III – Os Pescadores

127 – *Jangada*. Embarcação dos pescadores do Norte.

128 – *Maceió*. Pequeno lago da praia, formado d'água da chuva ou das marés.

129 – *Embira*. Fibra de diferentes plantas, de que fazem cordas.

130 – *Fumo*. Tabaco preparado para se fumar.

V – Desgraça

131 – A quadra que serve de epígrafe a esta canção, e as de outras, do mesmo modo colocadas e em grifo, são textuais – ouvi-as entre o povo.

VIII – Prelúdio

132 – Com pequenas diferenças, é este sempre o exórdio das cantigas de função, seguindo-se o desafio.

133 – *Cantador*. É mais usado do que cantor.

134 – *Rojão*. Marcha regular no serviço do campo ou em qualquer. Não muito apressado e nem vexado. *Aguenta o rojão*, continua como vai. *Gostei de seu rojão*, etc. É também *rojão* o toque de viola que se prolonga sem muito esforço – *o baião* mais fácil. (V. Morais).

135 – *Serenar na dança*. Dançar de um modo brando, suave e de propósito vagaroso: *a mulata está serenando...* Serena! – brada-lhe o namorado ao vê-la dançar assim.

136 – *Cabra*. Nota 107.

137 – *Destalado*. Desapegado, independente, sem família.

138 – *Samba*. Nota 50.

139 – *Baião*. Nota 52.

140 – *Nas horas de Deus, amém*. Nota 125.

XI – Forasteiro

141 – Eis um quadro verdadeiro do trabalho agrícola nas montanhas do Ceará. Na minha província a planta não brota bafejada pelo gemido e orvalhada pelo pranto do escravo e sim ao som das cantigas do homem livre. Veja-se a nota 83.

142 – *Loação*. Remancho, delonga no trabalho. *Lodador*, – remanchão. *Está loando* – nada ou quase nada está fazendo.

143 – *Capitão*. Tratamento que o povo dá a qualquer homem importante, embora tenha este patente superior. *Senhor Capitão* – diz sempre o jornaleiro falando com o lavrador abastado.

144 – *Prosas*. Parolas, lábias.

145 – *Famanaz*. Nota 111.

146 – *Velacho*. Apelido, sobrenome alcunha, título, distintivo, etc.

147 – *Espanar a foice...* sacudir, manejar a foice com desembaraço. *Já espanou um alqueire de café?* Já colheu e sacudiu na eira um alqueire, etc.

148 – *Batimento*. No trabalho agrícola *limpar* é capinar com a enxada; *bater* é cortar com a foice o mato mais crescido, nas *capoeiras*, o que não pode fazer-se com a enxada. Diz-se também *roçar*.

149 – *Jitirana*. Herva trepadeira.

XII – Saudades do Sertão

150 – É fiel este quadro da vida nos sertões do Ceará, isto é, nos lugares de criação de gado.

151 – *Mimoso e panasco*. Das espécies de capim dos nossos campos, no sertão.

152 – *Mocambeiro*, a. De mocambo: nota 14.

153 – *Catingueiro*, a. De catinga: nota 7.

154 – *Ipueira*. Alagado, no campo.

155 – *Campeão*. Nota 18.

158 – *Sagonho*. Arisco, bravio, manhoso. *Boi sagonho* – indomado, ou manhoso, etc.

157 – *Vaquejada*. Trabalho do *vaqueiro*, pastor ou criador do gado vacum.

158 – *Crumatã*. O mesmo que curimatã, peixe.

159 – *Traíra*. Peixe pequeno d'água doce.

160 – *Lazarina*. Espingarda.

161 – *Jaçanã*. Ave aquática.

162 – *Caco*. *Tabaco* em pó.

163 – *Cornimboque*. Ponta de chifre preparada para guardar o *caco* ou rapé.

164 – *Ferro*. Marca. V. a nota 23.

165 – *Caruara*. Bezerro enfezado.

166 – *Aboiar*. Nota 83.

167 – *Sariema*. Ave. Noutras províncias, *seriema*.

168 – *Guieiro*. Rapaz da guia. Nota 83.

169 – *Caçulo*. O último filho. Este menino é o meu caçulo.

170 – *Coco*. Dança e canto popular.

171 – *Quarador*. Lugar em que se bota ao sol a roupa ensaboadá.

172 – *Cabeção*. Nota 1.

173 – *Rabear o vestido...* Sujar a parte inferior do vestido, arrastando-a na lama, etc.

174 – *Quarar*. V. *Quarador*. Nota 171.

178 – *Registro*. Estampa de santo.

176 – *Terço*. Reza.

177 – *Véstia, perneira e guarda-peito*. Notas 10, 11 e 12.

178 – *Dar campo*. Nota 20.

XXIII – O Bargado

179 – Reunindo e estudando algumas lendas sertanejas de igual assunto, escrevi esta. Aproveitei o que havia de melhor naquelas e, conhecedor dos costumes do nosso sertão, procurei tornar este quadro o mais verdadeiro possível.

180 – *Surucucu*. Arbusto espinhoso. Há uma cobra com este nome.

181 – *Campear*. Nota 9

182 – *Caçote*. Anfíbio da família dos sapos.

183 – *Pautas*. Pacto. Veja-se a nota 79.

184 – *Tabuleiro*. Planície coberta de areia. Há grandes *tabuleiros* nas proximidades das praias do Ceará.

185 – *Escanchar-se no rasto...* Nota 17.

186 – *Tora*. Porção não pequena de qualquer cousa.

187 – *Achamurrado*. Grosso e baixo. Malfeito.

188 – *Lodaças*. Lábias, astúcias, parolas e gabolices.

189 – *Vara*. *Vara-de-ferrão*. Aguilhada.

190 – *Dar à venta...* Diz-se dos animais que ofegam de cansados.

191 – *Vinte e cinco*. Refere-se à grande seca de 1825 no Ceará.

192 – *Cangote*. Usado em vez de *cogote*.

193 – *Gangorra*. Cercado da cacimba ou poço de bebida de animais.

194 – *Búzio*. Marisco.

XXVI – Cativoiro

195 – A copla que serve de epígrafe a esta canção é muito usada pelos escravos e foi numa senzala que a ouvi e copiei.

XXVII – A Engomadeira

196 – *Os ferros* – Instrumentos: – ferro de engomar.

197 – *Engomado*. Caldo de goma em que se mete a roupa antes de passar os ferros para alisá-la.

XXIX – O Jornaleiro

198 – Leia-se no prólogo algumas linhas a respeito.

199 – *Engatear*. Engatinhar.

200 – *Sericóia*. Ave. No Sul chamam *saracura*.

201 – *As barras vinham quebrando...* Começava a clarear o céu anunciando a aurora.

202 – *Vem-vem*. Ave.

203 – *Tetéu*. À pág. 140 das *Cenas Populares* [outra edição que não de nossa Coleção] descrevo esta avezinha dos alagadiços.

204 – *Vadiar*. Brincar.

205 – *Novato*. De novo. Novato no lugar... que há pouco tempo chegou.

206 – *Deu o sangue em noite de S. João...* Leia-se a nota 79.

XXXIII – No Cafezal

207 – Leia-se a nota 73. A cada pessoa confia-se uma *carreira* (rua de cafeeiros) e esta se queixa quando a encontra *salteada*, isto é, colhido adiante o café por outrem.

208 – *Bazé*. Patuscada, pagode.

209 – *Meio alqueire de lavagem quem dirá que não lasquei?*
– isto é, quem dirá que não apresentei meio alqueire com sobras?

210 – *Destabocado*. Nota 118.

211 – *Apanha do café*. Colheita.

212 – *Junto ao pinho* (viola). Na função.

213 – *Está ralhando*. Cantando ao desafio.

XXXIV – Outrora e Hoje

214 – A primeira letra é de cantiga do povo, o mais é ampliação.

XL – O General Tibúrcio

215 – Esta lenda foi publicada no dia da inauguração da estátua do ínclito general cearense Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, na cidade de Fortaleza, em 8 de abril de 1888.



APÊNDICE

*Caricatura de Juvenal Galeno,
por Carlus, para a Tribuna do
Ceará, 1º de outubro de 1995*

ESTUDO CRÍTICO E BIOGRÁFICO DE JUVENAL GALENO

Dimas Macedo¹

“Ainda não se fez com a devida profundidade o estudo crítico, de corpo inteiro, da personalidade de Juvenal Galeno (1836-1931) como poeta e escritor. Há a seu respeito uma bibliografia bastante grande, mas de natureza partitiva. Apreciaram algumas faces de cristal, mas a gema não foi aquilatada em seu conjunto. É um tema a desafiar a argúcia de crítico novo, voltado para as coisas brasileiras, e bem poderia servir de motivo a uma tese de doutoramento ou licenciatura em uma das nossas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Fica aqui a lembrança e espero que ela não caia no vazio”.

Com estas palavras, o conhecido historiador cearense Renato Braga (1905-1968) encerrou a introdução que, em 1969, escreveu para a 2.^a edição dos *Folhetins de Silvanus* (1891), de autoria de Juvenal Galeno. São palavras que, a despeito do tempo, continuam no gozo de sua plena eficácia, mesmo em que pese a algumas iniciativas mais ou menos ousadas de quase uma dezena de estudiosos que posteriormente enveredaram pelo conhecimento do assunto.

Entretanto, se a empresa não foi até hoje realizada, com era de se esperar, isto decorre, possivelmente, da complexidade da obra de Juvenal Galeno que, ao contrário do que comumente se pensa, ostenta múltipla e variada faceta. Além de poeta de decisiva inspiração social, Juvenal Galeno foi igualmente contista e

¹ Membro da Academia Cearense de Letras.

teatrólogo. A ele são atribuídos os títulos de “Criador da Poesia Popular” (Freitas Nobre, 1943) e de “Pioneiro do Folclore no Nordeste do Brasil” (F. A. de Andrade, 1949), mas até hoje os comentadores de sua obra não souberam ou não quiseram nela divisar uma literatura de antecipação que, na condição de vanguarda, procurou se contrapor à aristocracia fundiária e à ideologia burguesa vigentes no tempo e no espaço em que foi produzida.

Juvenal Galeno não foi unicamente o poeta popular e ingênuo de “Cajueiro Pequeninino” e de outros poemas que todos nós conhecemos. Vivendo em pleno apogeu do romantismo, lógico seria que ele viesse a assimilar algumas influências da atmosfera romântica. Mas destas influências estéticas ele logo se libertaria, para, conscientemente, no plano das ideias, executar o mapeamento literário das contradições políticas e socioeconômicas da sociedade na qual vivenciou o seu processo de inquietação.

Quem se der ao trabalho de velejar por sua obra, nela não deve buscar unicamente o sentido popular do qual, em verdade, encontra-se toda revestida. Pelo contrário. A obra de Juvenal Galeno deve ser vista dentro do contexto social, político e econômico no qual foi concebida, isto para que assim possamos aquilatar o quanto ela representa para a história da literatura brasileira e, em particular, para a história da literatura cearense.

Nesta ligeira contribuição que ora oferecemos à compreensão da personalidade e da obra de Juvenal Galeno, preferimos enveredar por uma revisão crítica e biográfica de tudo o que foi possível consultar, acerca desse grande poeta cearense, buscando-se com isso, em primeiro lugar, tatear as condições nas quais elaborou as suas manifestações, para, somente ao depois, em futura investigação, poder penetrar na sua produção literária propriamente dita, a qual, aliás, continua a merecer trabalho de melhor concentração, impossível de ser levado a efeito num pronunciamento transitório como é o presente.

Neto, pelo lado materno, do português Manoel José Theófilo e de Dona Maria Samico Theófilo e, pelo lado paterno, de Josefa Rodrigues da Silva e de Albano da Costa dos Anjos, nasceu Juvenal Galeno da Costa e Silva na cidade de Fortaleza, Ceará, aos 27 de setembro de 1836. Foram seus pais, os abastados agricultores José Antônio da Costa e sua mulher Dona Maria do Carmo Theófilo e Silva. Ligando-se, por laços de parentesco, às mais expressivas elites culturais do Estado, era ele, pelo lado paterno, primo do historiador Capistrano de Abreu (1853-1927), e, pelo lado materno, dos escritores Clóvis Beviláqua (1859-1944) e Rodolfo Marcos Theófilo (1853-1932).

No sítio Boa Vista, de propriedade de sua família, localizado na serra da Aratanha, transcorreu parte de sua meninice. Ali, segundo Manoel Albano Amora (*Pacatuba, Geografia Sentimental*, 1972), “O menino Juvenal foi contemporâneo de fatos muitos antigos, observador de costumes, auditor de estórias, integrante de blocos infantis da manja na sua montanha verde e florida. A apanha do café, as festas dos apanhadores, a abertura de roçados, a vida dos campônios, a escuta de lendas transmitidas pelos caboclos nos alpendres da casa em noites sombrias tiveram sempre os seus olhos e ouvidos como elementos receptivos. As paisagens, as coisas, os acontecimentos e até as narrativas de cenas imaginárias ficaram-lhe na alma e haveriam de esplender em versos”.

Para o Sítio Boa Vista, na Aratanha, foi conduzido ainda em tenra idade, mais precisamente aos três meses de nascido, mas ali, como quer Mont’Alverne Frota (*Entre o Timbira e o Pastor Serrano*, 1978), já chega “com a visão dos verdes mares de Fortaleza e das Jangadas e barcos do Aracati. Cedo, torna-se bom serrano empolgado com o amanhã da terra, com os folgedos, com a ceifa, com a vida rural, com a paisagem da

montanha, das quebradas, dos regatos e com o drama dos pescadores de que iria ser o mais famoso cantor cearense”. E prossegue Mont’Alverne Frota: “o vate da Aratanha recolheu para a sua arte a cobiça do caricato, as eleições fraudulentas, o arbítrio dos potentados, dando-nos o grande painel da vida social do sertão, da praia e da serra”.

Em 1846, como afirma João Clímaco Bezerra (1913-2006), em seu imprescindível *Juvenal Galeno* (Rio de Janeiro, Editora Agir, 1959), encontrava-se o grande bardo cearense matriculado numa escola primária de Pacatuba, onde realizou o aprendizado de algumas letras. Com o pai, é possível que tenha assimilado alguns rudimentos de latim, o suficiente, entretanto, para habilitar-se no conhecimento de outras disciplinas que mais tarde cursaria no Liceu do Ceará.

A outra parte da infância viveu-a o Poeta na cidade de Fortaleza, onde foi aluno de latim do Cônego Antônio Nogueira Braveza (1807-1881), e onde, aos 26 de novembro de 1849, ainda mal despertado para a adolescência, fundou o jornal *Sempreviva*, destinado à leitura do sexo feminino.

Com treze anos de idade, apenas, na oportunidade em que fez circular o primeiro número de referido jornal, coerente seria esperar que o empreendimento não lograsse maiores resultados, mesmo porque, vivendo ainda sob a tutela dos pais, no ano seguinte estes o destinariam a acompanhar o tio Marcos José Theófilo (1821-1864) até a cidade de Aracati, localidade onde o pai do futuro romancista Rodolfo Theófilo passaria a exercer a Medicina, mais precisamente na direção da farmácia de propriedade do comerciante José Teixeira de Castro.

A mudança para a cidade de Aracati, como assegura o Barão de Studart (1856-1938), no *Diccionario Biobibliográfico Cearense* (1913), não chegou a lhe prejudicar os estudos,

porquanto ali existia uma Escola Pública destinada ao ensino de latim, regida pelo prof. Porfírio Sérgio de Sabóia (1826-1904), estabelecimento no qual se matriculou o menino Juvenal, passando, a partir de então, a ter como colegas de turma os futuros sacerdotes Leôncio Cândido do Carmo Chaves, Glicério da Costa Lobo e Antônio Sabóia de Sá Leitão, tendo este último, como sabemos, se dedicado também à carreira jurídica.

Ainda em Aracati, ao mesmo tempo em que frequentava as aulas do professor Sabóia, Juvenal cuidava igualmente de ouvir as lições de um outro seu contemporâneo de adolescência, Manoel do Rego Medeiros (1829-1866), o qual, de futuro, viria a assentar o seu nome nas páginas da história eclesiástica de Pernambuco, como regente da Mitra Arquidiocesana de Olinda e Recife.

Contudo, pouco tempo ali demorou, pois, já em 1853, encontrava-se matriculado no Curso de Filosofia do Liceu do Ceará, tornando-se colega de Joaquim de Oliveira Catunda (1834-1907), futuro Senador da República e autor dos célebres *Estudos de História do Ceará* (1886), um dos clássicos da historiografia cearense. Com o referido escritor fundou e fez circular em Fortaleza o jornal *Mocidade Cearense*, também de efêmera duração, devido, principalmente, à transferência de Catunda para o Rio de Janeiro ainda em meados de 1853.

E, com efeito, realizados alguns preparatórios no Liceu, entre eles os clássicos exames de humanidades, retornou Galeno para o sítio Boa Vista, na Serra de Aratanha, no qual, durante algum tempo, esteve absorvido pelas atividades agrícolas, causando decepção ao pai, que queria vê-lo seu substituto na gerência de suas propriedades, tudo fazendo para torná-lo íntimo do ambiente rural, procurando nele difundir, fundamentalmente, o gosto pelas vantagens advindas da gestão da cultura cafeeira,

isto “numa época em que o café assumia expressiva importância na economia cearense”.

Mas o ambiente rural não o seduziu com as benesses do latifúndio. Antes, nele despertou profundas reflexões em torno das disparidades econômicas verificadas no seio da sociedade rural. Entretanto, atendendo aos apelos do pai, e não obtendo consentimento deste, como diz a maioria dos seus biógrafos, seguiu para o Rio de Janeiro, não propriamente com o fim de desfrutar os encantos da Capital do Império, mas objetivando, entre outras coisas, adquirir maiores conhecimentos sobre a cultura do café no Vale do Paraíba.

No Rio, como adianta João Clímaco Bezerra, desembarcou Juvenal Galeno em 1855, trazendo na bagagem carta de recomendação de Rufino José de Almeida que apresentava-o a Paula Brito (1809-1861), proprietário da *Marmota Fluminense*. Ali, Juvenal Galeno travou relações como Machado de Assis (1839-1908), então exercendo as funções de tipógrafo, bem como com Quintino Bocaiúva (1836-1912), Mello Moraes (1816-1882), Teixeira de Sousa (1812-1861) e Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882).

Seduzido pelo convívio das letras, passou a escrever poesias e a publicá-las na *Marmota Fluminense*, reunindo-as, posteriormente, em livro, que intitulou *Prelúdios Poéticos* e que fez publicar pela Tipografia Americana, de José Soares Pinho, em 1856. Este livro, apesar de divulgado no Rio de Janeiro e de pouco haver expressado as nossas tradições, é considerado por alguns historiadores como o marco inicial da literatura cearense, opinião, aliás, que não é esposada pelo ensaísta e crítico Sânzio de Azevedo (1938), em seu *Aspectos da Literatura Cearense* (1982), que prefere considerá-lo como o momento inaugural do romantismo no Ceará, o que nos parece perfeitamente correto.

Trata-se de uma autêntica raridade bibliográfica, que parece

não ter sido compulsada pela quase totalidade dos estudiosos da obra literária de Juvenal Galeno, com exceção apenas do já citado Sâncio de Azevedo, que lhe dedicou um capítulo do seu livro acima referido, e de José Aurélio Câmara (1921-1974), que a seu respeito se reporta com a segurança de o haver compulsado.

As poesias enfeixadas em *Prelúdios Poéticos*, assegura José Aurélio Câmara, “não permitem prever ainda a lira inconformada do grande poeta social em que se transmutaria Juvenal Galeno, e só palidamente, através de três ou quatro composições poéticas, deixaram entrever no autor o seguro e incomparável paisagista folclórico da vida cearense”, tratando-se, como esclarece Sâncio de Azevedo (1982), de um livro “encharcado de lirismo, trescalando a influência dos românticos brasileiros e franceses da época”, onde “o subjetivismo, a tristeza, as comparações, a adjetivação, a linguagem, enfim, tudo aí remete para a Escola de Lamartine (1790-1869) e de Musset (1810-1857), sem a menor sombra de dúvida”.

Vendo seu nome na capa de um livro e já desfrutando do convívio dos principais intelectuais brasileiros, Juvenal Galeno, no entanto, regressou ao Ceará em 1857, passando a sua existência a transcorrer entre o sítio Boa Vista, na serra de Aratanha, e a cidade de Fortaleza. Ainda por esse tempo ingressou como alferes nos quadros da Guarda Nacional e passou a se encher de amores, e de fervores densos, por Maria da Justa, “senhora de peregrina beleza física e moral, invejavelmente educada e rica de pecúnia”, a qual, posteriormente, com o nome de Dona Sancha, seria por ele satirizada num dos seus folhetins publicados no jornal *A Constituição*.

Maria da Justa, segundo o registro de Renato Braga, “foi a grande paixão da mocidade do poeta. Era sua prima. Amou-a perdidamente. Porém, Maria da Justa se casou com o aristocrata

Luís Seixas Corrêa, o Dom Paio”, que o poeta tão habilmente satirizou nos seus *Folhetins de Silvanus*, cuja primeira edição, em livro, é de 1891. Assim, prossegue Renato Braga, “não foi sem motivo que Juvenal Galeno contraiu matrimônio aos 40 anos, no dourado entardecer que preludia a velhice. Casou-se quando se apagaram as chamas do incêndio que consumiu os bosques florentes de seu coração de moço e fez brotar da coivara, sobre as cinzas daquele, outro amor que lhe engrinaldaria a vida de jasmims e bem-me-queres”.

Ainda por essa época, talvez por influência paterna, ingressou nas fileiras do Partido Liberal, em cujo jornal passou a colaborar. Em 1858 foi eleito suplente de deputado provincial e, em 1859, tomou posse como membro da Assembléia Provincial Cearense, oportunidade em que passou a fazer oposição ao então Presidente da Província, João Silveira de Sousa. No poder Legislativo Cearense, entre outras realizações, apresentou e defendeu projeto de criação de uma Escola Prática de Agricultura, que inclusive despertou a curiosidade da imprensa, mas que terminou não sendo levado em consideração.

Desiludido, abandonou a militância política, passando, a partir de então, a combater os seus desmandos e as suas irregularidades. Entretanto, não se desligou dos quadros do Partido Liberal, ao qual continuou servindo, pelo menos até 4 de julho de 1863, data em que seu nome aparece na imprensa de Fortaleza como integrante do diretório de referido partido, na então vila de Maranguape.

De 1857 a 1862, segundo documenta José Aurélio Câmara em “Novas Poesias de Juvenal Galeno” (Revista *Aspectos*, nº 2, 1968), o autor de *Prejúdios Poéticos* continua a escrever e a publicar poesias ainda impregnadas de certa tonalidade romântica, assegurando-nos ainda o citado historiador que, somente a partir

de 1863 as suas poesias publicadas na imprensa passariam a assumir forte coloração política.

Em maio de 1859, como sabemos, deu-se o encontro de Juvenal Galeno com Gonçalves Dias (1823-1864), o qual, segundo a maioria dos estudiosos, seria responsável pela total reformulação da sua maneira de poetar, vez que, a partir de então, a conselho do autor de *Os Timbiras* (1878), Juvenal Galeno teria passado a imprimir à sua poesia uma feição decididamente popular, contrapondo-se à estética do romantismo, na época ainda em pleno florescimento.

O encontro entre Juvenal Galeno e Gonçalves Dias, ocorrido a princípio na serra de Aratanha e prolongado na cidade de Fortaleza, é referido por alguns estudiosos da obra de Juvenal Galeno como sendo o marco inicial da literatura cearense, o que nos parece até certo ponto um exagero despropositado. Conta-se que Juvenal Galeno teria mostrado ao grande poeta maranhense algumas das suas composições e este o havia aconselhado a prosseguir no cultivo da chamada poesia popular.

Mas Gonçalves Dias, diga-se, a bem da verdade, não chegou propriamente a provocar em Juvenal Galeno o gosto pelo cultivo da poesia popular, isto porque o poeta cearense, desde as suas primeiras poesias, já demonstrava inclinação à pesquisa e à interpretação das lendas e canções do seu povo. Entretanto, se alguma influência realmente houve, esta talvez possa ser constatada no fato de Juvenal Galeno, posteriormente ao encontro com Gonçalves Dias, ter escrito e publicado um poema de feição indianista, isto, é claro, além de um punhado de poesias esparsas onde deixaria patente os estigmas de tal influência.

Dolor Barreira (1898-1967) que, em conferência histórica sobre a vida e a obra do poeta (*Anais da Casa de Juvenal Galeno*, Fortaleza, 1958), tentou estabelecer relação de dependência da

poética de Juvenal Galeno à criação literária de Gonçalves Dias, seria também contestado pelo crítico e ensaísta Ribeiro Simas, o qual, em artigo publicado num dos números da revista *Aspectos* (Fortaleza, 1977), chegou a desfazer outros equívocos nos quais vinha incorrendo a maioria dos estudiosos do assunto.

Assim, em face da argumentação de Ribeiro Simas, corroborada por Sânzio de Azevedo e José Aurélio Câmara, correto de ora em diante seria afirmar que Gonçalves Dias, em verdade, não concorreu para uma mudança radical na maneira de poetar de Juvenal Galeno. No máximo, é possível que tenha corrido com uma ou outra sugestão para o aperfeiçoamento de sua poesia. Pensar o assunto de maneira diversa seria aceitar a despersonalização desse extraordinário poeta cearense que, ao contrário de outros escritores do seu tempo, soube muito bem pesquisar, nas contradições do seu ambiente nativo, o material tão necessário à confecção de sua escritura literária.

Contudo, não se pode obscurecer o fato de que a convivência com Gonçalves Dias foi proveitosa para Juvenal Galeno. Proveitosa, principalmente, por haver difundido no gosto do poeta cearense a confirmação das suas aptidões para trabalhar temas populares e nativistas vigentes na ambiência telúrica de sua província.

Gonçalves Dias que, em 1859, integrante da famosa Comissão Científica de Exploração, desembarcou em Fortaleza, daqui rumou com destino à Pacatuba, onde chegou, provavelmente, aos 11 de maio de referido ano, logo estabelecendo contato com Juvenal Galeno, a quem convidou para um banquete em Fortaleza, juntamente com seus companheiros de estudo. Galeno atendeu de pronto ao convite do amigo e, em função do evento, deixou de comparecer a uma revista do Batalhão de Reserva do Exército a que pertencia, irritando o Comendador João Antônio

Machado (1824-1882), então Comandante Superior da Guarda Nacional da Comarca de Fortaleza, que imediatamente determinou o seu recolhimento à prisão.

Posto em liberdade, após seis dias, tratou de documentar o episódio, investindo com audácia, na oportunidade, contra o seu superior hierárquico, cujo título de oficial da reserva ridicularizou no poema *A Machadada*, publicado em Fortaleza pela Tipografia Americana, de Teotônio Esteves de Almeida, em 1860, e em cujo prefácio escreveu o seguinte: “rogo ao leitor que, ao ler esta obra, escrita com o inocente fim de immortalizar-me, não talhe carapuças, e nem as encapele em alguém: não, isto seria malfeito, e talvez um pecado tão grande, que nem o Santo Padre perdoaria”. E a ironia prossegue, tanto no prefácio, quanto no poema, no qual revela as suas idéias liberais e anarquistas, vez que conduz ao plano do ridículo a instituição militar a que pertencia.

A Machadada, advirta-se, revela pela primeira vez o sentido crítico e contestador de sua produção literária, isto, pois, Juvenal Galeno, antes de ser encarado como poeta popular, deve ser considerado autor de uma obra de decisiva inspiração social, em cuja confecção soube muito bem utilizar a palavra como instrumento de denúncia. É como poeta social que ele deve ser reabilitado e posto em lugar de destaque nos quadros da poesia brasileira. É preciso que não mais se proclame ser ele, unicamente, um poeta popular, pois se assim continuarmos a entender o fenômeno Juvenal Galeno, estaremos concorrendo para obscurecer aquela que é a face mais expressiva de sua produção.

Nos anos de 1860, 1861 e 1862, segundo informações biográficas de João Clímaco Bezerra, Juvenal Galeno “colabora assiduamente” nos periódicos fortalezenses *Pedro II* e *A Constituição*. Este, entretanto, convém assinalar, com respaldo do Barão de

Studart (*Para a História do Jornalismo Cearense*, 1924), somente seria fundado em 1863, pela facção dissidente do Partido Conservador, e nele Juvenal Galeno só viria a colaborar muitos anos depois, assinando os terríveis *Folhetins de Silvanus*, em sua primeira versão. De tudo, entretanto, é correto afirmar que, por essa época, o poeta colaborou em *O Cearense*, órgão do Partido Liberal, assinando poesias, mais precisamente entre 1857 e 1865, bem como na *Revista Popular*, do Rio de Janeiro, com poemas, entre 1859 e 1861.

Em novembro de 1861, Juvenal Galeno aparece em público como teatrólogo, vez que então é levada à cena, em Fortaleza, a comédia *Quem Com Ferro Fere Com Ferro Será Ferido*, a qual, a despeito do tempo, ainda permanece inédita, constituindo-se hoje em texto de difícil acesso, tanto que os comentadores da obra de Galeno a ele têm se reportado apenas de oitiva, o que nos impede de aqui acrescentar algo em torno do assunto. Entretanto, podemos pensar que, se o próprio autor não o imprimiu, talvez o considerasse produção de menor qualidade. Não resta dúvida, contudo, de que se trata de uma faceta nova na criação literária do poeta, a qual, como se sabe, não chegou posteriormente a despertar-lhe maiores atenções.

A partir de 1861, com a publicação de *A Porangaba*, Juvenal Galeno torna-se poeta indianista, registrando-se assim, indiscutivelmente, a influência de Gonçalves Dias sobre a obra literária de Galeno. Trata-se de um poema perfeitamente enquadrado na estética do romantismo, onde a figura do índio ocupa posição de relevo. Aliás, essa influência indianista da obra de Gonçalves Dias sobre essa fase da criação poética de Juvenal Galeno se reflete igualmente em outras poesias de autoria do bardo cearense, ainda hoje esparsas na imprensa da Capital cearense. Assim, segundo José Aurélio Câmara, foi banhado por uma “inequívoca

influência gonçalviana” que Juvenal Galeno concebeu o poema intitulado *A Porangaba*, “descrição em versos de uma lenda que disse ter ouvido de um velho caboclo que escutara dos seus pais, e este a seus maiores”. É um poema no qual aflora “o murmúrio dos rios e o mistério das florestas, o canto dos pássaros e o rugir do jaguar, o coro dos guerreiros selvagens e o pranto da índia amorosa, o chapinhar das igaras e o troar dos borés, as artes dos curupiras e as sentenças de Tupã”.

Com a publicação de *Lendas e Canções Populares*, em 1865, Juvenal Galeno reformula completamente o conteúdo e a estética de sua produção, atingindo assim a sua maturidade plena de escritor, transmutando-se também no poeta social e multidimensional que hoje todos conhecemos e admiramos.

Mas este êxito, na verdade, alcançou pela decisiva postura na defesa do povo, na concepção de uma literatura carregada de forte atmosfera ideológica, na qual os anseios dos dominados são decantados em poemas que representam verdadeiras lendas. Com efeito, já na nota de introdução que escreveu para *Lendas e Canções Populares*, Juvenal Galeno exprimia:

“Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império — pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados —, em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos.

Se consegui, não sei; mas para consegui-lo procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouvi e decorei

seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias — aprendi seus costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos de sua alma —, com ele sorri e chorei, — e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava.”

E assim, depois de narrar a sua peregrinação pela miséria dos desamparados, pela ambiência domiciliar dos reduzidos à ruína pela cupidez do latifúndio opressor e devorante, Juvenal Galeno prossegue com este aliciante auto de denúncia:

“Chorei a sorte do povo, que nas ruas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhes expliquei; vendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade — e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores —, preparando-o assim para a reivindicação de seus foros, para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbítrio”.

Este protesto de Juvenal Galeno, como se pode perceber claramente, ainda hoje continua plenamente atual, prova de que, aliás, ou as estruturas sociais brasileiras não mudaram durante o percurso de um século, ou o poeta, abraçando a chamada poesia social, fez a decidida opção que nem as correntes literárias do seu tempo, nem as que vieram posteriormente tiveram a coragem de reconhecer.

Com a publicação de *Lendas e Canções Populares*, acrescenta-se, Juvenal Galeno consolida definitivamente a sua posição de escritor, inscrevendo o seu nome como um dos momentos mais altos da história literária do Ceará e do Brasil. Trata-se, em verdade, de um livro todo ele aberto à exposição das misérias do povo e da sua humana condição, sendo, no mais, um inventário

costurado por um sopro de excepcional grandeza literal e contudística.

Entretanto, não para por aí o registro de sua fecunda produção: nomeado Inspetor Literário da Comarca de Fortaleza, ainda no ano de 1865, sete anos depois, Juvenal Galeno publicaria *Canções da Escola* (1871), obra que na época alcançaria a maior repercussão, sendo adotada, por deliberação do Conselho de Instrução Pública do Ceará, como matéria de uso obrigatório nos estabelecimentos de ensino primário da Província do Ceará.

No mais, acrescenta-se que, ainda no ano de 1871, Juvenal Galeno daria a público o seu livro de contos, intitulado *Cenas Populares*, com o qual revelaria a sua vocação de retratista genuíno de costumes. Trata-se de uma seleção de oito trabalhos de ficção curta, reveladores, segundo Florival Seraine (In: *Cenas Populares*, 3ª edição, 1969), “de um estilo que se caracteriza especialmente pela descrição de aspectos sugestivos da natureza e da cultura rurais”.

A esse livro, como não podia deixar de ser, seguiu-se, no ano seguinte, 1872, o inventário intitulado *Lira Cearense*, editado em Fortaleza, pela Tipografia do Comércio. Em suas páginas, cuja impressão custou ao seu autor a experiência de sua habilidade artesanal, vibram, segundo a expressão de Franklin Távora (1842-1888), “as mesmas cordas simpáticas, às quais deve Juvenal Galeno a popularidade de que goza entre as classe rústicas do Ceará” (In: *Escritores do Norte do Brasil – Juvenal Galeno*, 1892). Para tanto, acrescenta o mesmo romancista, o autor de *Lendas e Canções Populares* procurou adaptar as suas poesias “ao ritmo e toada das canções com que se deleitam os vaqueiros no campo, o agricultor trabalhando no seu roçado, o pescador cortando as ondas em sua jangada veloz”.

Em 19 de maio de 1876, Juvenal Galeno seria nomeado Juiz Municipal e de Órfãos da Câmara de Pacatuba, município onde posteriormente passaria a residir, mais precisamente após o seu casamento com Maria do Carmo Cabral. Entretanto, mesmo domiciliado em Pacatuba, jamais deixou de participar ativamente da vida literária de Fortaleza, cidade onde fixaria residência definitiva, a partir de 1887. Por esse período, esclareça-se, Juvenal Galeno emprestaria a tradição do seu nome para a criação do chamado *Clube Literário*, sendo, em 4 de março de 1887, um dos responsáveis pela fundação do *Instituto do Ceará*.

Após estabelecer-se em Fortaleza, Juvenal Galeno passaria a participar mais intensamente do epicentro da vida cultural do Ceará. Fazendo-se, na sua Província, um dos arautos da campanha abolicionista, cuidou igualmente de alargar, pela imprensa, a sua inconfundível expressão de escritor insubmisso e popular.

Em 1889, foi designado Diretor da Biblioteca Pública do Ceará, cargo em que permaneceria até 1908, quando foi aposentado por força da cegueira que o surpreendeu, deixando-o pelo resto da vida a meditar os segredos da sabedoria popular que, desde a juventude, aprendeu a pesquisar e a desenvolver. Desse profundo e tormentoso recolhimento, acrescente-se, resultariam posteriormente as edições de *Medicina Caseira* e *Cantigas Populares*, somente impressas em 1969, mais de três décadas, portanto, após o falecimento do poeta, ocorrido em Fortaleza, aos 7 dias de março de 1931.

Em 1891, como sabemos, Juvenal Galeno publicaria o seu livro de sátiras sociais e políticas, astuciosamente intitulado *Folhetins de Silvanus*, cujo conteúdo o situaria em posição de confronto perante a melhor e a mais refinada sociedade de Fortaleza. Em 1894, dando prosseguimento a seu processo de agitação cultural, veria o seu nome arrolado entre os fundadores

do *Centro Literário*, agremiação da qual posteriormente se desligaria para, aos 27 de setembro de 1896, receber o diploma de Padeiro-Mor da Padaria Espiritual, sociedade literária cearense que, na última década do século dezanove, alcançou a maior repercussão, principalmente pelo achincalhamento dos valores burgueses que resolveu consignar em seus estatutos.

Por essa época, o nome de Juvenal Galeno já se achava impresso, irreversivelmente, nas páginas da história literária do Ceará, sendo, posteriormente, incorporado ao patrimônio mais vivo e permanente da tradição folclórica do Brasil. Experimentando, ainda em vida, a consagração pública que nenhum outro escritor cearense jamais conheceu, duas décadas após sua morte, Juvenal Galeno seria proclamado o *Patrono dos Operários do Ceará*, prova de que, no meio do povo, o seu discurso encontrou a sua maior dimensão, projetando-o definitivamente como um poeta de fala revolucionária e singular.

Juvenal Galeno fez da sua tarefa de poeta do povo o apostolado maior de sua devoção. Mesmo relegado à incompreensão do ambiente provinciano, soube ele extrair das contradições sociais de sua Província nativa o pano de fundo imprescindivelmente necessário à tessitura do seu projeto literário, sendo todo ele, como vimos, recortado por um sopro de criatividade e indignação.

Depois de Juvenal Galeno, é correto afirmar, nenhum outro momento da poesia cearense foi tão comprometido com as desgraças e os infortúnios das maiorias espoliadas pela estratificação das posturas burguesas. Nenhum outro escritor cearense, de forma tão persistente e resoluta, foi mais longe do que Juvenal Galeno na tentativa de restaurar as verdadeiras bases sociais da nossa tão decantada literatura, nem, por outro lado, conseguiu ultrapassar o conteúdo revolucionário da sua projeção de escritor, mesmo porque, conforme advertência de Renato Braga, “Juvenal

Galeno é único na literatura cearense”. E como único é possível que não venha a ser repetido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Manoel Albano. **Pacatuba – Geografia Sentimental**, Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1972.

ANDRADE, Francisco Alves de. **O Pioneiro do Folclore no Nordeste do Brasil**, Fortaleza, 1949.

AZEVEDO, Sânzio. **Aspectos da Literatura Cearense**, Fortaleza, Edições UFC/Academia Cearense de Letras, 1982.

BARREIRA, Dolor. “Juvenal Galeno”. *In: Anais da Casa de Juvenal Galeno*, Tomo II, Ano II, Fortaleza, 1958.

BEZERRA, João Clímaco. **Juvenal Galeno**, Rio, Editora Agir, 1959

BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**, Fortaleza, Imprensa Universitária, 1962.

BRAGA, Renato. “Introdução”, *In: Folhetins de Silvanus*, 2.^a ed., Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1969.

CÂMARA, José Aurélio. “Novas Poesias de Juvenal Galeno”, *In: Aspectos*, Fortaleza, n.º 02, 1968.

CATUNDA, Joaquim de Oliveira. **Estudos de História do Ceará**, Fortaleza, Tipografia de *O Libertador*, 1886.

FROTA, Francisco Marialva Mont’alverne. **Entre o Timbira e o Pastor Serrano**, São Luiz, Edições Sioge, 1978.

GALENO, Juvenal. **Prelúdios Poéticos**, Rio, Tipografia Americana, 1856.

----- **A Machadada**, Fortaleza, Tipografia de Teotônio Esteves, 1860.

----- **Porangaba**, Fortaleza, Tipografia Cearense de José Oliveira, 1861

- **Lendas e Canções Populares**, Fortaleza, Tipografia de João Evangelista, 1865
- **Canções da Escola**, Fortaleza, Departamento de Instrução Pública, 1871
- **Cenas Populares**, Fortaleza, Edição do Autor, 1871
- **Lira Cearense**, Fortaleza, Tipografia do Comércio, 1872
- **Folhetins de Silvanus**, Fortaleza, Tipografia Universal, 1891
- **Medicina Caseira**, Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1969
- **Cantigas Populares**, Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1969
- NOBRE, Freitas. **O Criador da Poesia Popular**, São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, 1939.
- SERAINÉ, Florival. “Apresentação” à 3ª edição de **Cenas Populares**, Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1979.
- SIMAS, Ribeiro. “Dois Poemas de Juvenal Galeno”, *In: Aspectos*, n.º 11, Fortaleza, 1977.
- STUDART, Guilherme (Barão de). **Para a História do Jornalismo Cearense/1824-1924**, Fortaleza, Tipografia Moderna, 1924.
- TÁVORA, Franklin. “Escritores do Norte do Brasil – Juvenal Galeno”. *In: Lendas e Canções Populares*, Fortaleza, Gualter Silva Editor, 1892.

A poesia vem do povo
e para o povo deve ser
desolvida. Eis por que
os poetas pobres que falam
a língua do povo, como Juvenal
Galeno, sempre me foram sim-
páticos.

Minha visita a esta Casa
constitue um dos pontos altos
de minha visita ao Ceará.

Grato.

Érico Veríssimo

10 de Março de 1957

